

Nora Roberts

*escrevendo como*

J.D.  
ROBB



Vingança

MORTAL

**B**

BERTRAND BRASIL

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



## VINGANÇA MORTAL

J. D. ROBB

SÉRIE MORTAL

*Nudez Mortal*

*Glória Mortal*

*Eternidade Mortal*

*Êxtase Mortal*

*Cerimônia Mortal*

*Vingança Mortal*

*Natal Mortal*

*Conspiração Mortal*

*Lealdade Mortal*

*Testemunha Morta*

Nora Roberts

escrevendo como

j. d. robb

VINGANÇA

MORTAL

2ª EDIÇÃO

*Tradução*  
Renato Motta

**B**  
**BERTRAND BRASIL**

Copyright© 1997 by Nora Roberts

Título original: *Vengeance in Death*

Capa: Leonardo Carvalho

Editoração: DFL

2006

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

R545v Robb, J. D., 1950-

Vingança mortal / Nora Roberts escrevendo como J. D. Robb;

2 ed. tradução Renato Motta. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand

Brasil, 2009.

406p.

Tradução de: *Vengeance in death*

ISBN 85-286-1201-5

1. Ficção americana. I. Motta, Renato. II. Título.

CDD – 813

06-2715 CDU – 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela: EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 1º andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (0XX21) 2585-2070 – Fax: (0XX21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

*Atendemos pelo Reembolso Postal.*

*A vingança é minha;  
Eu farei justiça, diz o Senhor.*

— ROMANOS 12:19

*A vingança está no meu coração,  
e a morte nas minhas mãos.*

— SHAKESPEARE



## CAPÍTULO UM

A ocupação de desvendar assassinatos exigia tempo, paciência, habilidade e tolerância à monotonia. A tenente Eve Dallas tinha tudo isso. Sabia que o ato de matar não exigia nenhum desses fatores. Muitas vezes uma vida era tirada por impulso, acesso de raiva, divertimento ou simplesmente burrice. Foi esse último item, na opinião de Eve, que levava um sujeito chamado John Henry Bonning a atirar um tal de Charles Michael Renekee pela janela do décimo segundo andar de um prédio na avenida D.

Eve estava com Bonning na sala de interrogatório e calculou que ia levar no máximo mais vinte minutos para arrancar-lhe uma confissão, outros quinze para fichá-lo e redigir seu relatório. Era capaz de chegar em casa cedo.

— Qual é, Bonning?... — Era o velho papo da tira veterana com o bandido veterano, falando de igual para igual. Era a praia dela. — Faça um favor a si mesmo. Confesse tudo logo, e então você poderá alegar legítima defesa ou insanidade temporária. Podemos encerrar esse assunto antes da hora do jantar. Ouvi dizer que hoje vão oferecer um rodízio de massas na carceragem.

— Mas eu nem toquei nele! — Bonning apertou os lábios gordos e tamborilou sobre a mesa com os dedos compridos e rechonchudos. — O babaca pulou!

Dando um suspiro, Eve se sentou sobre a pequena mesa de metal da Sala de Interrogatório A. Não queria que Bonning resolvesse apelar para os seus direitos e reivindicasse um advogado, pois isso ia melar o bom andamento dos trabalhos. Tudo o que precisava fazer era impedi-lo de dizer as palavras fatídicas: "Quero um representante", encaminhá-lo na direção para a qual já estava pendendo e, depois, era só correr para o abraço.

Traficantes de drogas químicas, especialmente os de segunda classe como Bonning, eram sempre tapados. O problema é que, cedo ou tarde, ele ia acabar reclamando que estava sem acompanhamento jurídico. Era um jogo de troca-troca, tão antigo quanto o próprio crime de assassinato. Apesar de o ano de 2058 já estar quase chegando ao fim, o jeito de lidar com assassinatos continuava basicamente o mesmo.

— Ele pulou — repetiu Eve. — Saiu correndo e decolou para fora da janela, de repente. Ora, eu fico me perguntando, por que será que ele faria uma coisa dessas?

Bonning apertou o cenho, lançando a testa larga parecida com a de um gorila em pensamentos profundos, até dizer:

— Será que além de filho da puta ele era maluco? Pode ter sido isso...

— É, pode ser. Sua tentativa foi boa, Bonning, mas não vai dar para classificá-lo para a segunda fase do bolão que o pessoal aqui da polícia faz para eleger o melhor "enrolador de tiras".

Ele levou trinta segundos refletindo se ela estava de gozação com ele, até que seus lábios se

abriram em um sorriso.

— Engraçado... muito engraçado mesmo, Dallas.

— É, ando até pensando em fazer bico como comediante em algum bar por aí. Enfim, voltando ao meu trabalho aqui, acho que vocês dois estavam fabricando um pouco de Erótica em um laboratório portátil na avenida D, e Renekee, como era um filho da puta maluco, se sentiu incomodado com alguma coisa e pulou pela janela, atravessando o vidro, mergulhou doze andares e quicou no teto de um táxi que passava, fazendo os passageiros, inocentes turistas de Topelka que estavam no banco de trás, quase se cagarem nas calças com o susto; depois, o doidinho rolou de lado e caiu no chão com os miolos escorrendo pela calçada.

— Puxa, e olha que ele quicou mesmo! — comentou Bonning, dando um sorriso leve ao se lembrar da cena. — Quem diria, né?

Eve não queria enquadrá-lo em assassinato em primeiro grau e percebeu que, se tentasse acusá-lo de homicídio em segundo grau, o advogado de defesa ia pleitear homicídio simples. Um traficante que apagava outro não fazia a Justiça cega levantar a pontinha da venda e sorrir de alegria. Bonning ia conseguir uma pena maior pela parafernália de drogas ilegais do que por homicídio. Mesmo combinando as duas condenações, porém, ia cumprir no máximo três anos.

Eve cruzou os braços sobre a mesa, inclinou-se para a frente e perguntou:

— Bonning, eu tenho cara de otária?

Aceitando a pergunta ao pé da letra, Bonning estreitou os olhos e fez uma avaliação cuidadosa do rosto a sua frente. Ela possuía olhos castanhos grandes, mas não pareciam bondosos. Tinha uma boca bonita, com lábios cheios, mas não sorria. Terminando de olhar, respondeu:

— Não. Você tem cara de tira.

— Boa resposta. Agora, pare de me tratar como idiota, Bonning. Você e seu sócio tiveram uma discussão, você ficou puto e encerrou a relação pessoal e profissional que tinha com ele lançando sua bunda caída pela janela. — Levantou a mão para impedir que Bonning tornasse a negar o crime. — Essa é a minha versão. Você se enfureceu, talvez por algum problema com a divisão dos lucros, com os métodos que usavam ou, quem sabe, por causa de alguma mulher. Ambos ficaram de cabeça quente. Você tinha que se defender, certo?

— Todo homem tem direito de se defender — concordou Bonning, balançando a cabeça para a frente e sentindo que começava a gostar da história. — Mas a gente não chegou a se pegar não... ele simplesmente resolveu voar.

— E onde foi que você arrumou esse lábio sangrando e o olho roxo? Por que as juntas dos seus dedos estão arranhadas?

Bonning não se abalou e exibiu um sorriso cheio de dentes.

— Briga de bar, tenente.

— Foi mesmo? Quando? Onde?

— Ora, quem é que consegue se lembrar dessas coisas?

— Pois é melhor você se lembrar. E com detalhes, Bonning, porque vamos fazer testes no sangue que colhemos de seus dedos gordinhos e vamos achar o sangue de Renekee misturado com o seu. Vamos fazer o teste de DNA nele para confirmar, e vou acusar você de crime premeditado. Sabe que isso significa prisão de segurança máxima sem direito a condicional.

Os olhos dele piscaram depressa, como se o cérebro estivesse processando os novos e assustadores dados.

— Ah, qual e, Dallas, isso e papo furado seu!... Você não vai convencer ninguém de que eu fui até lá pensando em matar o tãpinha. Éramos velhos amigos.

Com os olhos fixos nele, Eve pegou o comunicador, avisando:

— Essa é a última chance que tem para se ajudar. Vou chamar minha assistente e mandá-la trazer o resultado dos testes. Vou indiciar você por assassinato em primeiro grau.

— Mas não foi assassinato! — Ele queria acreditar que ela estava blefando. Não dava para avaliar bem aqueles olhos, pensou, passando a língua sobre os lábios. Nem dava para ver o que se passava por trás daqueles olhos de tira. — Foi um acidente — argumentou, inspirando com força. Eve simplesmente balançou a cabeça para os lados. — Foi sim, nós nos atracamos um pouco e ele... acabou perdendo o equilíbrio ao esbarrar no peitoril e voou de cabeça pela janela.

— Agora você está me insultando! Um homem adulto não voa de cabeça ao esbarrar no peitoril de uma janela de um metro de altura! — Ligando o comunicador, Eve chamou: — Policial Peabody!

Em poucos segundos, o rosto redondo e sóbrio de Peabody surgiu na tela do comunicador.

— Sim, tenente!

— Preciso do resultado dos exames de sangue de Bonning. Mande-os direto para a sala A e avise ao promotor que temos um assassinato em primeiro grau.

— Ei, ei, ei!... Espere um instantinho! — Bonning passou as costas da mão sobre a boca. Lutou consigo mesmo por um instante, tentando se convencer de que ela jamais iria conseguir enquadrá-lo em pena máxima. O problema é que a tenente Dallas tinha fama de conseguir esmagar contra a parede insetos muito maiores do que ele.

— Você teve a sua chance, Bonning. Peabody...

— Ele voou em cima de mim, como você disse. Foi ele que veio para cima de mim. Ficou maluco... Vou lhe contar como tudo aconteceu, a merda toda. Quero fazer um depoimento formal.

— Peabody, espere um pouco antes de cumprir as ordens anteriores. Informe ao promotor que o sr. Bonning está se oferecendo para apresentar um depoimento a respeito da... merda toda.

— Sim, senhora. — Peabody permaneceu séria.

Eve enfiou o comunicador de volta no bolso, tornou a cruzar as mãos na ponta da mesa e sorriu com simpatia.

— Vamos lá então, Bonning. Conte-me como aconteceu tudo.

Cinquenta minutos depois, Eve entrou em sua apertada sala na Central de Polícia de Nova York. Ela realmente parecia uma policial, não apenas pelo coldre pendurado no ombro com a arma a mostra, nem pelas botas gastas e os jeans desbotados. A palavra "tira" estava impressa em seus olhos, olhos que não deixavam passar nada. Tinham um tom de uísque e raramente mostravam medo. Sua face era quadrada, tinha maçãs do rosto salientes que acompanhavam uma boca surpreendentemente generosa e uma covinha no queixo.

Caminhava a passos largos, com estilo elegante, mas sem pressa. Satisfeita com o seu trabalho, passou os dedos pelos cabelos castanhos com corte despojado enquanto se sentava a sua mesa.

Ia preencher o relatório, enviar cópias a todas as partes interessadas e dar o dia por encerrado. Do lado de fora da janela estreita, o tráfego estava em estado caótico. O ronco pesado dos ônibus aéreos e o constante zumbir das hélices dos helicópteros para controle de tráfego já não a incomodavam mais. Afinal, tudo aquilo era o acompanhamento da canção tema de Nova York.

— Ligar! — ordenou ao computador e bufou de raiva quando a máquina permaneceu implacavelmente apagada. — Droga, não comece com isso! Ligar! Vamos, acenda essa tela logo, sua velharia filha da mãe!

— A senhora precisa informar a sua senha — avisou Peabody, que entrava na sala.

— Mas eu achava que esse troco já estava aceitando novamente comando de voz.

— Estava mesmo, mas tornou a pifar. Acho que vão acabar de consertar o sistema até o fim dessa semana.

— Mas que pé no saco! — reclamou Eve. — Quantos números mais vou ter que guardar de cor?

Dois-cinco-zero-nove! — E expirou com força ao ver que a máquina acendeu, fazendo um ruído estranho. — Seria bom se eles instalassem logo o novo sistema que prometeram para o departamento. — Ela enfiou um disco na unidade.

— Salve esses dados com o nome de Bonning, John Henry, caso número 4572077-H. Envie uma cópia de tudo para o comandante Whitney.

— Foi muito legal... você resolveu tudo bem depressa com Bonning, Dallas.

— Sabe qual é a diferença entre o cérebro daquele cara e um grão de ervilha? É que a ervilha é bem maior. O idiota varejou o sócio pela janela por causa de uma briga idiota envolvendo vinte fichas de crédito. E ele ainda estava tentando me convencer que foi legítima defesa e que atacou o outro para salvar a própria vida. O cara era cinquenta quilos mais leve do que ele e vinte centímetros mais baixo. Que babaca! — completou, com um suspiro de resignação.

— Podia ao menos inventar que o baixinho estava com uma faca na mão ou o ameaçou com um taco de beisebol.

Recostou-se, massageou o ombro e sentiu-se agradavelmente surpresa por sentir que quase não havia tensão ali para ser dissipada.

— Todos os nossos casos podiam ser tão fáceis como esse. — Suspirou.

Ouviu sem prestar atenção o ronco e o zumbido do tráfego aéreo que começavam a aumentar fora de sua janela. Um dos bondes aéreos de conexão estava proclamando em altos brados as tarifas baixas, a praticidade e o conforto para o passageiro:

"Bilhetes semanais, mensais ou anuais! Associe-se ao BONDE FÁCIL, seu meio de transporte aéreo tradicional, amigo e confiável. Comece e termine o dia de trabalho com estilo."

*Se você gosta do estilo lata de sardinha*, pensou Eve. Com a garoa típica do mês de novembro que caíra o dia todo, ela imaginava que os nos no tráfego, tanto o de rua quanto o aéreo, seriam terríveis. Um final perfeito para o dia de trabalho.

— Já chega! — sentenciou, pegando o casaco de couro surrado. — Estou saindo fora e dentro do horário pelo menos uma vez na vida! Tem algum plano quente para o fim de semana, Peabody?

— Humm... O de sempre. Vou derrubar homens como se fossem moscas e depois abandoná-los, deixando-os todos com o coração partido e a alma aos prantos.

Eve lançou um sorriso gaiato para a sua ajudante, que continuava séria. *A forte e confiável Peabody*, pensou. *Uma policial perfeita, desde os fios do cabelo curto e escuro, com franja reta, até a sola dos sapatos rigorosamente dentro dos regulamentos.*

— Você é realmente muito fogosa, Peabody — brincou Eve. — Consegue fazer da vida uma

eterna festa.

— Sim, essa sou eu, uma legítima baladeira de plantão. — Com um sorriso seco, Peabody colocou a mão na maçaneta no exato instante em que o *tele-link* tocou. As duas olharam com cara feia para o aparelho. — Puxa, Dallas, por trinta segundos podíamos ter escapado dessa ligação e já estaríamos descendo pela passarela aérea.

— Deve ser o Roarke ligando para me lembrar que temos convidados importantes para um jantar de gala lá em casa. — Eve atendeu a ligação. — Aqui fala Dallas, da Homicídios.

A tela se encheu de cores escuras e dispersas que se uniam e separavam em um padrão psicodélico estranho e incômodo. Uma música em tom grave e ritmo lento saía pelo alto-falante. Por instinto, em uma reação automática, Eve ligou o rastreador de ligações e notou a mensagem de "Não foi possível identificar o local da chamada" que surgiu na base da tela.

Peabody pegou na mesma hora o seu *tele-link* portátil, saiu de lado a fim de se colocar fora do campo de visão da pessoa que ligara e acionou o controle central no instante em que uma voz se fez ouvir:

— Dizem por aí que você é a melhor policial da cidade, tenente Dallas. Você realmente é tão boa assim?

— Ô seu engraçadinho... não se identificar e usar misturadores de sinal para entrar em contato com uma oficial da polícia é atividade ilegal, sabia? Considere-se informado de que a sua ligação será rastreada pelo CompuGuard e tudo esta sendo gravado.

— Sei disso. De qualquer modo, já que eu acabei de cometer o que a sociedade chama de assassinato em primeiro grau, não estou muito preocupado com detalhes incômodos, como violações eletrônicas. Fui abençoado pelo Senhor.

— Ah, foi? — *Que beleza*, pensou Eve, *aquilo era só o que faltava para completar o seu dia*.

— Sim. Fui chamado para realizar o trabalho Dele e lavei minhas mãos no sangue do Seu inimigo.

— E Ele tem muitos inimigos? Isto é, eu achava que Ele simplesmente os esmagava sozinho, sem precisar convocar você para fazer o trabalho sujo.

Houve uma pausa, uma longa pausa, durante a qual tudo o que se ouviu foi a melodia fúnebre.

— Já devia esperar uma atitude irreverente e petulante de sua parte. — A voz estava mais agressiva agora, com menos equilíbrio. A raiva mal conseguia ser controlada. — Como uma mulher sem Deus conseguiria compreender o conceito de retaliação divina? Vou baixar as coisas para o seu nível. Uma charada. Aprecia charadas, tenente?

— Não. — Olhou com o rabo do olho para Peabody e viu um frustrado balançar de cabeça. — Mas aposto que você aprecia.

— Elas relaxam a mente e confortam o espírito. O nome desta pequena charada é "Vingança". Você encontrara o primeiro conterrâneo aninhado no colo do luxo, no alto da torre de prata ao pé da qual um rio escuro corre e uma cachoeira despenca de grandes alturas. Ele implorou por sua vida, e depois implorou por sua morte. Como não se arrependeu de seu imenso pecado, já foi condenado.

— Por que motivo você o matou?

— Porque esta é a tarefa para a qual nasci.

— Deus lhe disse que você nasceu para matar? — Eve continuava tentando rastrear a ligação e lutava para esconder a frustração. — Diga-me... como foi que Ele lhe revelou isso? Ligou para o seu *tele-link*? Enviou-lhe um fax? Talvez tenha se encontrado com você em algum bar...?

— Não duvide de minhas palavras! — Sua respiração tornou-se audível, mais ofegante e trêmula. — Acha que por ser uma mulher com cargo de autoridade e melhor do que eu? A dúvida não se manterá por muito tempo. Fui eu que a procurei, tenente, lembre-se de que este ato foi *meu*. As mulheres podem guiar e confortar o homem, mas o homem foi criado para proteger, defender e vingar.

— Foi Deus quem lhe falou tudo isso também? Acho que isso prova que Ele é homem, afinal... e com um ego gigantesco.

— Você vai estremecer diante Dele, e diante de mim.

— Ah, é?... Sei... — Torcendo para que ele a estivesse vendo com toda a clareza, Eve examinou as unhas com desconfiança. — Nossa, já estou até tremendo de medo!...

— Minha missão é sagrada. É terrível e divina. Está em Provérbios, tenente, capítulo 28, versículo 17: "Se um homem carregar o fardo do sangue de outro, deverá fugir a vida toda até encontrar a própria morte; e que ninguém o ajude." Os dias de fuga deste homem terminaram hoje... e ninguém o ajudou.

— E se você o matou, em que isso o transforma?

— Na ira de Deus. Você tem vinte e quatro horas para provar que é boa no que faz. Não me desaponte!

— Não vou desapontá-lo, babaca! — murmurou Eve quando ele desligou. — Conseguiu algo, Peabody?

— Nada. Ele misturou os sinais e enganou o sistema rastreador muito bem. Não deu para

descobrir nem se estava ligando do planeta ou fora dele.

— Está aqui no planeta — resmungou, ajeitando-se na cadeira. — Quer ficar bem perto, para poder apreciar.

— Talvez seja apenas um maluco.

— Não, acho que não... Fanático, sim, mas não maluco. Computador, faça uma busca de todos os prédios comerciais e residenciais em Nova York que tenham a palavra *luxo* no nome, vista para o East River ou para o Hudson. — E tamborilou com os dedos sobre a mesa. — Detesto jogos de adivinhação.

— Pois eu adoro! — Franzindo as sobrancelhas, Peabody se inclinou sobre os ombros de Eve, olhando para a tela com atenção enquanto o computador trabalhava.

*Motel Nos Braços do Luxo*

*Luxo — Cristais e Pratarias*

*Mesa & Luxo — Restaurante*

*Torres do Luxo*

Eve deu um pulo, ordenando:

— Apresente arquivo visual das Torres do Luxo!

*Processando...*

As imagens surgiram... Era um edifício prateado, muito alto, em cujo revestimento externo de aço se refletiam os raios de sol e o rio Hudson que cintilava placidamente. No lado oeste, uma cascata gigantesca se lançava com muito estilo sobre um complexo decorativo cheio de tubos e canais.

— Achamos!

— Não pode ser assim tão fácil — observou Peabody.

— Ele queria que fosse fácil. — *Porque*, pensou Eve, *alguém já estava morto*. — O cara quer



brincar e precisa se exibir. Não consegue nenhum dos dois, se nós não entrarmos na brincadeira. Computador, quero acesso aos nomes das pessoas que residem no último andar das Torres do Luxo.

*Processando... A cobertura pertence ao Grupo Brennen, é a residência nova-iorquina de Thomas X. Brennen, de Dublin, na Irlanda. Ele tem quarenta e dois anos, é casado, tem três filhos, presidente e diretor-geral do Grupo Brennen, atuando na área de entretenimento e comunicações.*

— Vamos até lá conferir, Peabody. Ligamos para a emergência no caminho.

— Quer que eu solicite reforço?

— Antes, vamos dar uma olhada no local. — Eve ajustou a correia do coldre e vestiu o casaco de couro.

O tráfego estava horrível, como Eve suspeitara, e elas foram andando e parando, arrastando-se por ruas molhadas, e os veículos que circulavam acima delas pareciam abelhas desorientadas. Carrocinhas de comida se apertavam sob imensos guarda-sóis e, aparentemente, estavam com pouco movimento. Nuvens de vapor subiam de suas grelhas, obscurecendo a visão e lançando um fedor de gordura no ar.

— Peça a telefonista para contatar a residência de Brennen, Peabody. Se isso for um trote e ele estiver vivo, e melhor que a história fique apenas entre nós.

— Certo — disse Peabody, pegando o *tele-link*. Aborrecida com a lentidão do tráfego, Eve ligou a sirene. Se tivesse colocado a cabeça para fora e berrado, teria dado no mesmo. Os carros permaneceram juntinhos, como amantes, e não se moveram nem um centímetro para lhe dar passagem.

— Ninguém atende — anunciou Peabody. — Na caixa postal há uma mensagem avisando que ele ficará fora por duas semanas, a começar de hoje.

— Vamos torcer para que ele esteja enchendo a pança de cerveja em um pub de Dublin. — Eve olhou pelo retrovisor, analisou o engarrafamento e resolveu tomar uma medida drástica. — Temos que ir por via aérea!

— Ai, tenente, não nesse carro!... — Peabody, a intrépida policial, rangeu os dentes e apertou os olhos, aterrorizada ao ver que Eve colocou o veículo em modo vertical. O carro estremeceu, estalou e conseguiu se elevar vinte centímetros do solo, despencando novamente no chão com

um baque que reverberou nos ossos das duas ocupantes.

— Que droga de carro! Seu monte de bosta! — reclamou Eve, usando o punho dessa vez, agredindo os controles com tanta força que arranhou as mãos. O carro voltou a se elevar, de forma vacilante, balançou para os lados e finalmente continuou a subir, decolando enquanto Eve socava o acelerador sem parar. Durante a subida, o veículo arrancou a ponta de um dos imensos guarda-sóis que cobriam os carrinhos de lanche, provocando a ira do vendedor, que se pôs a perseguir o carro de Eve com fúria, em altos brados, por meio quarteirão.

— O Zé Mané do vendedor quase conseguiu agarrar o para-choque dessa lata velha, viu só? — Mais divertida do que chateada, Eve balançou a cabeça. — Um cara calçando botas turbinadas quase conseguiu ultrapassar um carro da polícia. Onde é que esse mundo vai parar, Peabody?

Com os olhos fechados e recusando-se a abri-los, Peabody não moveu um músculo e balbuciou:

— A senhora está interrompendo minhas orações, tenente.

Eve manteve a sirene ligada e conseguiu levá-la em segurança até a entrada principal das Torres do Luxo. A aterrissagem foi tão brusca que Eve sentiu os dentes de baixo se chocarem com os de cima como castanholas, e o carro não abalroou o para-lama de um reluzente XR11 conversível movido a jato por questão de centímetros.

O porteiro surgiu na calçada como uma bala, exibindo no rosto um misto de insulto e horror enquanto abria com cortesia a porta do calhambeque bege que acabara de parar junto do meio-fio e avisava:

— Madame, a senhora não pode estacionar esta... coisa aqui.

Eve desligou a sirene e exibiu o distintivo, afirmando:

— Ah, posso sim!

A boca do empregado ficou rígida enquanto ele olhava para a identificação.

— Se a senhora tiver a bondade de encaminhar o seu veículo para a nossa garagem, tenente...

Talvez o motivo de Eve agir do modo que agiu em seguida foi o fato de aquele porteiro a fazer lembrar de Summerset, o mordomo que desfrutava da afeição e da lealdade de Roarke, e aturava o desprezo de Eve. Ela colocou o rosto próximo ao do empregado, com os olhos brilhando, e falou:

— O carro fica onde eu o coloquei, meu chapa. Quanto a você, a não ser que queira que minha auxiliar o enquadre por obstrução ao trabalho de uma agente da lei, e melhor me levar até a cobertura de Thomas Brennan.

— Isso não vai ser possível — reagiu ele, inspirando com força. — O sr. Brennen está fora.

— Peabody, anote o nome deste... cidadão e a sua identidade, e providencie para que ele seja transportado até a central de polícia para ser fichado.

— Sim, tenente.

— A senhora não pode me prender! — Suas botas impecavelmente engraxadas executaram passos nervosos de dança sobre a calçada. — Estou desempenhando minhas funções!

— Mas está interferindo nas minhas, e tente adivinhar qual trabalho o juiz vai considerar mais importante... o seu ou o meu?

Eve observou com interesse o modo como a sua boca se moveu antes de se fechar, formando uma linha fina que transmitia desaprovação. Ora, ora, pensou, ele era o próprio Summerset, sem tirar nem por, embora fosse uns dez quilos mais gordo e uns oito centímetros mais baixo do que o suplício de sua existência.

— Muito bem. Mas a senhora pode estar certa de que vou entrar em contato com o chefe de polícia e com o meu supervisor de segurança para contar-lhes a respeito de sua conduta... — Olhou novamente para o distintivo, completando: — ...Tenente.

— Sinta-se a vontade para fazer isso. — Fazendo sinal para Peabody, Eve seguiu o porteiro, que caminhou com o corpo duro como uma tábua até a entrada do prédio, onde ativou um androide, deixando-o assumir a portaria.

Por trás das brilhantes portas prateadas, no saguão das Torres do Luxo, havia um magnífico jardim tropical, com palmeiras altas, hibiscos coloridos e pássaros que chilreavam. Uma imensa piscina envolvia uma fonte murmurante com formato de uma mulher com curvas generosas, nua até a cintura e segurando um peixe dourado.

O porteiro digitou um código no painel de um elevador cilíndrico todo de vidro e gesticulou para que Eve e Peabody o acompanhassem. Sentindo-se pouco à vontade com aquele tipo de transporte nada privativo, Eve manteve-se no centro da cabine, enquanto Peabody ficou com o nariz quase colado no vidro durante toda a subida. Sessenta e dois andares acima o elevador se abriu, dando acesso a um saguão um pouco menor do que o do térreo, mas não menos luxuoso. O empregado parou diante de uma tela de segurança colocada do lado de fora de portas duplas em arco revestidas de aço polido.

— Porteiro Stobie acompanhando a tenente Dallas, da polícia de Nova York, e sua auxiliar.

— O sr. Brennen não se encontra em casa no momento — informou uma voz com um típico sotaque irlandês, quase musical.

— Trata-se de uma emergência policial — interferiu Eve, empurrando o porteiro para o lado

com o cotovelo. — Nosso acesso é imperativo!

— Um momento, tenente. — Ouviu-se um leve zumbido enquanto o rosto de Eve e sua identificação foram registrados por um scanner, seguido por um suave estalo de fechaduras que se abriam. — Entrada permitida. Por favor, saibam que esta residência está protegida pelo sistema SCAN-EYE.

— Comece a gravar, Peabody. Para trás, Strobie! — Eve colocou uma das mãos na porta e a outra na arma, e empurrou-a com o ombro.

O cheiro a atingiu em cheio e a fez soltar um palavrão. Eve já sentira tantas vezes o cheiro de morte violenta que não havia dúvidas.

O sangue manchava as paredes revestidas de seda azul na sala de estar, formando uma pichação apavorante e incompreensível. Viu o primeiro pedaço do corpo de Thomas X. Brennen jogado sobre o carpete macio. Sua mão decepada estava com a palma virada para cima e os dedos recurvados na direção dela, como se a estivessem convidando a seguir em frente ou expressando súplica. A mão fora cortada na altura do pulso.

Eve ouviu Strobie emitir um som de terror que lhe ficou preso na garganta e sentiu que ele cambaleou para trás, voltando para o saguão em busca do ar com perfume floral. Pegando a arma com a mão firme, ela a balançou de um lado para outro, cobrindo todo o aposento. Seus instintos lhe diziam que o que acontecera no apartamento já havia terminado e o autor já estava a salvo, longe dali, mas quis se manter dentro do regulamento, caminhando lentamente sobre o carpete, desviando-se das manchas de sangue sempre que conseguia.

— Se Strobie já acabou de vomitar, pergunte-lhe em que direção fica a suíte principal.

— No fim do corredor, à esquerda — informou Peabody —, mas o porteiro continua lá no saguão, botando as tripas pra fora.

— Arrume um balde para ele e depois vigie o elevador e a porta de entrada.

Eve seguiu pelo corredor. O cheiro foi ficando mais forte, mais penetrante. Ela começou a respirar pela boca, por entre os dentes. A porta da suíte não estava trancada. Pela porta encostada dava para ver o brilho de lâmpadas artificiais e ouvir os sons majestosos de Mozart.

O que restara de Brennen jazia estirado sobre uma cama imensa, cercada por quatro colunas sofisticadas e um baldaquino espelhado. Um dos braços fora acorrentado a cabeceira da cama. Eve imaginou que os pés estivessem em algum lugar do espaçoso apartamento.

Sem dúvida as paredes eram totalmente a prova de som, pois o homem certamente berrara alto e por muito tempo antes de morrer. Quanto tempo teria levado, perguntouse enquanto analisava o corpo. Quanta dor um homem era capaz de suportar antes que o cérebro se desligasse e desistisse de lutar?

Thomas Brennen deveria ter descoberto o tempo exato, com todos os segundos.

Estava completamente despido e uma das mãos e os dois pés haviam sido amputados. O olho que lhe restara estava virado para cima, como se fitasse com uma expressão de horror cego a imagem refletida de sua forma mutilada. Ele fora estripado.

— Meu Jesus Cristo! — sussurrou Peabody da porta do quarto. — Santa Mãe de Deus!

— Preciso do meu estojo de trabalho. Vamos lacrar tudo e dar o alarme. Descubra onde está a família dele. Entre em contato com a Divisão de Detecção Eletrônica, se possível direto com Feeney, e peça para ele ligar o misturador de sinais antes de fornecer qualquer outro detalhe sobre o caso. Aliás, vamos manter os detalhes em segredo o máximo que pudermos.

— Sim, senhora. — Peabody teve que engolir em seco duas vezes para não colocar o almoço para fora.

— Vá pegar Stobie e mande-o ficar de bico calado, senão ele vai sair espalhando o que viu aqui para todo mundo.

Quando Eve se virou, Peabody notou um lampejo de pena em seus olhos, mas de repente aquilo passou e seu olhar era novamente duro e frio quando ela disse:

— Vamos à luta! Quero eletrocutar esse filho da puta !

Já era quase meia-noite quando Eve chegou, depois de se arrastar pelos degraus da frente. Seu estomago parecia estar em carne viva, os olhos ardiam e a cabeça rugia. O fedor de morte violenta parecia estar grudado nela, mesmo depois de ter se esfregado tanto sob o chuveiro do vestiário, antes de ir para casa, que quase arrancara fora uma camada de pele.

O que ela mais queria era mergulhar no esquecimento, e fez uma prece desesperada e sincera para que o que sobrara de Thomas Brennen não aparecesse a sua frente ao fechar os olhos para dormir.

A porta se abriu antes que ela tivesse a chance de alcançar a maçaneta. Summerset apareceu diante dela com a silhueta recortada contra a luz fulgurante do lustre as suas costas. Seu corpo alto e ossudo parecia tremer de insatisfação.

— Seu atraso é imperdoável, tenente. Os convidados já estão se preparando para ir embora.

*Convidados?* Sua mente sobrecarregada lutou com a palavra antes de Eve se lembrar. Um jantar de gala?... Será que ela ainda ia ter de receber convidados em um jantar sofisticado, depois de tudo pelo que acabara de passar?

— Não enche o saco! — reclamou, passando direto pelo mordomo.

— Como esposa de Roarke, espera-se que a senhora cumpra certas obrigações sociais. — Seus dedos esqueléticos a seguraram pelo braço. — Entre essas obrigações está a de anfitriã, ajudando seu marido a receber pessoas em jantares importantes como o desta noite.

A fúria derrotou a sensação de fadiga em menos de um segundo. Seu punho se fechou, ao lado do corpo.

— Sai da minha frente antes que eu...

— Querida Eve!...

A voz de Roarke conseguiu transmitir boas-vindas, divertimento e precaução em apenas duas palavras, e interrompeu a trajetória do punho fechado de Eve, antes de ele atingir o alvo planejado. Olhando de cara feia, ela se virou e o viu na porta da sala de estar. Não foi a sua roupa preta e formal que a fez perder o fôlego. Eve já sabia que seu marido tinha um corpo musculoso e esbelto, capaz de fazer o coração de qualquer mulher parar de bater, não importa o que ele vestisse... ou não vestisse. Seus cabelos balançavam de leve, pretos como a noite e quase encostando nos ombros, emoldurando um rosto que ela sempre associava a alguma pintura renascentista. Roarke tinha um físico admirável, olhos mais azuis do que cobalto, a boca moldada para sussurrar poesia, dar ordens e levar uma mulher a loucura.

Em menos de um ano ele penetrara em suas defesas, destrancara o seu coração e, o mais surpreendente de tudo, conquistara não apenas o amor dela como também a sua confiança.

E ainda conseguia deixá-la perturbada.

Eve o considerava o primeiro e único milagre de sua vida.

— Cheguei atrasada. Desculpe. — A frase parecia mais um desafio do que um pedido de desculpas e foi lançada com a força de uma bala. Ele aceitou a frase com um sorriso descontraído e a sobranceira arqueada.

— Tenho certeza de que foi algo inevitável. — Estendeu-lhe a mão. Quando Eve atravessou o saguão para tocar nele, Roarke sentiu-lhe a mão rígida e fria. Em seus olhos com a cor de uísque notou fúria e cansaço. Ele já se acostumara a ver as duas coisas em seu olhar, mas ela também estava pálida e isso o deixou preocupado. Percebeu que as manchas escuras em seus jeans eram de sangue ressecado e torceu para que não fosse o dela.

Dando em sua mão um apertão afetuoso e íntimo, ele a levou aos lábios, com os olhos fixos nos dela.

— Você está muito cansada, tenente — murmurou com um vestígio do mágico ritmo irlandês na voz — Nossos convidados já estão se retirando. Quero apenas alguns minutos seus para as

despedidas... pode ser?

— Claro... tudo bem. — Começou a se sentir mais calma. — Desculpe-me por ter estragado a sua noite. Sei que era um jantar importante. — Atrás dele, na sala de estar magnificamente mobiliada, ela viu umas dez ou doze pessoas, homens e mulheres elegantes, vestidas de modo formal, cobertas de joias cintilantes e sedas sussurrantes. Um sinal de relutância deve ter transparecido em seu rosto sem que ela conseguisse evitar, pois Roarke riu, dizendo:

— São apenas cinco minutos, Eve. Duvido muito que isso seja mais duro de enfrentar do que o que você viu esta noite, o que quer que tenha sido.

Empurrou-a com delicadeza em direção a sala. Roarke era um homem que se sentia tão a vontade em ambientes ricos e cheios de mordomias quanto em meio ao fedor de becos violentos. Sem perder a pose, apresentou a esposa aos que ela ainda não conhecia, deu-lhe as dicas dos nomes dos convidados aos quais ela já fora apresentada anteriormente e, ao mesmo tempo, foi encaminhando os convidados para a saída com toda a classe.

Eve sentiu o aroma de perfumes caros e vinhos finos, além do cheiro agradável das toras de macieira que ardiavam discretamente na lareira. Por baixo de tudo, porém, a lembrança sensorial do sangue e dos coágulos permanecia em seu nariz.

Roarke se perguntou se Eve tinha consciência de sua presença incrivelmente marcante, ali em pé entre os brilhos e as joias, com o seu casaco de couro surrado, os jeans manchados e os cabelos curtos despenteados que circundavam um rosto pálido, com olheiras e ar cansado, e um corpo sinuoso que tudo aguentava com firmeza, em uma mostra de pura força de vontade.

Ela era, pensou ele, a coragem em forma de gente.

Quando a porta se fechou atrás do último convidado, no entanto, ela balançou a cabeça, desabafando:

— Summerset tem razão... eu não estou preparada para a missão de ser a esposa de Roarke.

— Mas você é a minha esposa de verdade.

— O que não significa que sou boa no papel. Deixei você na mão... devia ter... — Parou de falar, porque a boca de Roarke já estava pressionada contra a sua, quente e possessiva, até desfazer os nos que sentia na nuca. Sem perceber, Eve já colocara os braços em torno da cintura dele e se deixou ficar ali, largada.

— Pronto — murmurou ele. — Assim é melhor... esses são os meus negócios. — Levantou o seu queixo, passando o polegar de leve sobre a covinha em seu queixo. — Esse é o meu trabalho. Você tem o seu.

— Mas era um lance importante. Uma fusão de duas empresas ou algo assim, não era?

— A fábrica Scottoline. Na verdade, foi mais uma transferência de controle acionário, mas isso só deve ser resolvido na semana que vem. Deu tudo certo, mesmo sem a sua encantadora presença a mesa do jantar. De qualquer modo, você devia ter avisado. Eu já estava preocupado.

— Esqueci... nem sempre consigo me lembrar, ainda não estou acostumada com isso. — Enfiou as mãos nos bolsos e caminhou por toda a extensão da sala, voltando em seguida. — Realmente ainda não me acostumei. Às vezes penso que sim, mas então percebo que não. Especialmente quando entro em uma sala lotada de multimilionários e me sinto uma mendiga.

— Nada disso, você parecia uma policial. Creio que vários dos nossos convidados ficaram muito impressionados com a ponta da arma que viram saindo do coldre, por dentro do seu casaco, bem como com as manchas de sangue em seus jeans. Sangue, aliás, que não é seu, eu espero...

— Não. — De repente, ela sentiu que não se aguentava mais em pé. Foi em direção a escada, subiu dois degraus e se sentou. Como era Roarke que estava ao seu lado, permitiu-se cobrir o rosto com as mãos.

— Foi tão ruim assim? — perguntou ele, sentando-se ao seu lado e passando o braço sobre os seus ombros.

— Muitas vezes nós dizemos que já vimos algo tão horripilante ou até pior, e quase sempre é verdade. Dessa vez não dá para falar isso. — Seu estômago continuava embrulhado. — Nunca vi nada pior.

— Quer me contar? — Ele conhecia as coisas com as quais ela convivia e já assistira pessoalmente a muitas delas.

— Não, por Deus, não... não quero nem pensar no assunto, pelo menos por algumas horas. Não quero pensar em nada.

— Nisso eu posso ajudar...

— Aposto que pode. — Pela primeira vez em varias horas, ela sorriu.

— Vamos começar logo, então — propôs ele, levantando-a no ar e colocando-a no colo.

— Não precisa me carregar não. Estou bem.

— É que talvez isso faça eu me sentir mais viril. — Lançou-lhe um sorriso, enquanto começava a subir as escadas com ela nos braços.

— Nesse caso... — Ela enroscou os braços em volta do pescoço dele e deixou a cabeça repousar sobre seu ombro firme. Aquilo era gostoso.

Muito gostoso... — O mínimo que eu posso fazer, depois de ter deixado você na mão esta noite, é



fazer com que você se sinta mais viril.

— Sim, isso é o mínimo — concordou ele.

## CAPÍTULO DOIS

A clarabóia que ficava acima da cama ainda estava às escuras quando ela acordou. E acordou toda suada. As imagens em seu sonho eram borradas e confusas. Feliz por ter escapado do pesadelo, Eve não tentou lembrar os detalhes.

Como estava sozinha na cama imensa, permitiu-se um rápido e violento tremor.

— Acender luzes! — comandou. — Luminosidade baixa. — Suspirou ao ver que a escuridão diminuía. Proporcionou a si mesma um instante antes de olhar as horas.

Cinco e quinze da manhã. Que ótimo, pensou, contrariada, sabendo que não conseguiria mais pegar no sono. Não sem a presença de Roarke ao seu lado para ajudar a apagar seus pesadelos. Perguntou a si mesma se algum dia iria parar de se sentir sem graça por ter se tornado tão dependente dele para coisas como aquela. Um ano atrás, ela nem mesmo sabia que Roarke existia. Agora, ele era parte da sua vida, tanto quanto as suas mãos... o seu coração.

Arrastou-se para fora da cama, pegando um dos roupões de seda que Roarke vivia comprando para ela. Enrolando-se nele, virou-se para o painel da parede e ligou o sistema de busca eletrônica, perguntando:

— Onde está Roarke?

Ele estava na área da piscina, no andar de baixo.

Até que um mergulho não era má ideia, pensou. Ia malhar um pouco antes, decidiu, para aliviar os resíduos do pesadelo.

Com o objetivo de evitar um encontro com Summerset, pegou o elevador, em vez de descer pelas escadas. O sujeito estava em toda parte, surgindo das sombras, sempre com a cara franzida e uma fungada de desprezo. Uma continuação do confronto da noite anterior não era a sua ideia de um bom começo de dia.

O ginásio de Roarke mais parecia uma academia de ginástica bem equipada e oferecia todas as opções. Ela podia lutar com um androide boxeador, levantar pesos ou simplesmente relaxar e deixar as máquinas fazerem o trabalho de flexionar-lhe os músculos. Despindo o roupão, vestiu uma malha de ginástica. Queria dar uma corrida, uma corrida longa, e depois de calçar os tênis com amortecedor ao ar e solado fino, programou o tipo de terreno no telão.

Escolheu a praia. Era o único lugar, fora da cidade grande, em que se sentia completamente à vontade. As paisagens rurais, as áreas desérticas e os cenários fora do planeta provocavam-lhe um certo desconforto.

Começou com passadas leves, sentindo as ondas que quebravam ao seu lado e apreciando a alvorada que começava a surgir no horizonte. Gaivotas giravam e guinchavam acima de sua

cabeça. Respirou o ar salgado dos trópicos e, à medida que seus músculos se aqueciam e pareciam ficar mais flexíveis, aumentou o ritmo. Alcançou seu melhor desempenho depois dos primeiros dois quilômetros e sentiu que a mente se esvaziava.

Ela já estivera naquela praia muitas vezes desde que conhecera Roarke. Estivera ali tanto holograficamente quanto de verdade. Antes daquilo, a maior quantidade de água que vira de perto fora o rio Hudson.

As vidas mudam, refletiu ela. E a realidade também.

Quando completou oito quilômetros de corrida e seus músculos começaram a doer, sentiu um movimento atrás dela, *com* o canto do olho. Roarke, com os cabelos ainda molhados do mergulho, surgiu correndo ao lado dela, acompanhando-lhe o ritmo.

— Está indo para algum lugar ou fugindo de lá? — quis saber ele.

— Simplesmente correndo.

— Levantou cedo, tenente.

— É que estou com o dia cheio.

Roarke levantou uma sobrancelha ao notar que ela acelerou ainda mais. Sua mulher era dona de um estilo competitivo, que ele julgava saudável, e facilmente conseguiu alcançá-la novamente.

— Pensei que hoje fosse o seu dia de folga — comentou ele.

— E era mesmo. — Ela diminuiu a velocidade, parou e se curvou para a frente, fazendo alongamentos. — Agora não é mais. — Levantou a cabeça até o olhar se fixar no dele. Não era só a sua vida agora, lembrou, nem a sua realidade apenas. Era a vida e a realidade dos dois. — Você tinha planejado algo especial para hoje?

— Nada que não possa ser reprogramado. — O fim de semana na Martinica com o qual ele planejara surpreendê-la ia ter de esperar. — Minha agenda está vazia para as próximas quarenta e oito horas, caso precise de mim para alguma coisa.

Ela expirou com força. Aquela era outra das mudanças que haviam acontecido em sua vida... o fato de compartilhar o seu trabalho com alguém.

— Talvez eu realmente precise de você, mas vou dar um mergulho antes.

— Vou acompanhá-la.

— Pensei que você tivesse acabado de sair da água.

— Posso tornar a entrar. — Passou o dedo de leve pela covinha de seu queixo. O exercício

trouxera um pouco de cor ao seu rosto e brilho à sua pele. — Mergulhar duas vezes não é ilegal. — Pegou a mão dela, a fim de levá-la para fora do ginásio, em meio ao ar com cheiro de flores da área da piscina.

Palmeiras e videiras em flor cresciam de forma abundante, espalhando-se em torno de uma piscina de formato irregular, cujas margens eram enfeitadas com pedras lisas e cascatas que escorriam de forma preguiçosa.

— Tenho que vestir um maiô.

Ele simplesmente sorriu e segurou as pontas soltas da malha que ela usava, perguntando:

— Por quê? — Suas mãos habilidosas alisaram seus seios enquanto despiam a malha e faziam-na levantar as sobancelhas.

— Que tipo de esporte aquático você tem em mente?

— Qualquer coisa que funcione para deixá-la bem. — Segurou o rosto dela com as duas mãos, inclinando-se para beijá-la. — Eu amo você, Eve.

— Eu sei. — Ela fechou os olhos e encostou a testa na dele. — É tão estranho, isso...

Nua, ela se virou e mergulhou na piscina ainda escura. Ficou submersa, nadando junto do fundo. Seus lábios se abriram ao notar que a água começou a clarear aos poucos, até assumir um tom de azul bem claro. Aquele homem tinha o dom de adivinhar o que seu espírito precisava, antes mesmo dela. Deu vinte voltas na piscina antes de se deixar ficar boiando, descontraída. Quando voltou a colocar os pés no fundo, os dedos dele se uniram com os dela.

— Agora estou bem relaxada.

— Está mesmo?

— Sim, tão relaxada que me sinto capaz de enfrentar qualquer tarado que tente tirar vantagens de mim.

— Que bom, então... — Puxou-a pelo pulso, virando-a de frente para ele, até ficarem cara a cara.

— Que bom, então... — ecoou ela, enlaçando-o com as pernas e deixando que ele a segurasse por trás para continuar flutuando.

Quando suas bocas se uniram, os últimos vestígios de tensão desapareceram. Ela se sentia solta, fluida e com uma leve carência. Levantando a mão, passou os dedos por entre os cabelos dele, uma linda massa escura, molhada e sedosa. O corpo dele estava firme e frio de encontro ao dela, e se encaixava de uma forma que ela estava aprendendo a deixar de questionar. Ela pareceu

ronronar enquanto as mãos dele percorriam-lhe o corpo, transmitindo uma leve sensação de posse.

Então, de repente, ela estava dentro d'água, enroscada nele e encasulada no azul pálido daquela água. Quando sua boca fechou-se sobre um de seus seios ela tremeu com um calafrio de emoção pelo choque de se sentir sem ar. E sentiu os dedos que a invadiram, cobrindo-a e penetrando-a, levando-a a um orgasmo que a fez estremecer mais ao tentar voltar à superfície.

Ela sugou o ar com força assim que voltou à tona, sentindo-se desorientada e delirante, e então sentiu o ar tornar a escapar-lhe dos pulmões quando a boca experiente dele substituiu os dedos.

Aquele ataque a todos os seus sistemas, simultaneamente, era exatamente o que ela estava precisando. Aquele desamparo. A avidez do homem ao seu lado. O fato de ele conhecê-la tão bem, compreendê-la por inteiro e fornecer-lhe tudo o que necessitava era um mistério que ela jamais desvendaria.

Sua cabeça tombou para trás, largada, pousou na borda lisa da piscina, e ela se permitiu simplesmente usufruir daquele momento, imersa no prazer que ele lhe oferecia.

Lentamente e com malícia, os lábios dele foram subindo, a princípio em sua barriga, depois no torso, nos seios, até se banquetear na garganta, que pulsava depressa, com força.

— Você consegue prender o ar por muito tempo — ela conseguiu balbuciar, e então estremeceu mais uma vez quando ele, aos poucos, centímetro por centímetro, foi deslizando para dentro dela.  
— Ah, meu Deus!...

Ele olhou para ela, notou o rubor que lhe invade o rosto e os pontos mais vermelhos que sinalizavam o prazer que a envolvia. Seus cabelos estavam molhados, puxados para trás da cabeça, deixando em destaque as suas feições. E aquela boca rígida e teimosa, muitas vezes tão séria, tremeu diante dele. Apertando-a pelos quadris, ele a levantou e se lançou mais fundo dentro dela, tão fundo que o forte impulso a fez gemer.

Esfregando os lábios junto dos dela, mordiscou-os de leve enquanto continuava a se mover dentro dela, com um controle admirável que torturava a ambos.

— Solte-se, Eve, e goze!

Ele notou o instante em que aqueles olhos sagazes de policial pareceram ficar cegos, como se estivessem turvos, e ouviu a respiração dela parar para logo em seguida ser liberada de uma vez só, como uma explosão de choro. Embora o seu próprio sangue estivesse a ponto de ferver, ele manteve os movimentos de forma dolorosamente lenta. Extraíndo-se bem devagar, um pouco de cada vez e tornando a avançar, ele manteve o ritmo até o soluço convulsivo que ela lançava se transformar no seu nome.

O orgasmo dele foi longo, profundo e perfeito.

Ela conseguiu levantar as mãos da água e agarrou-o pelos ombros, pedindo:

— Não me solte, senão vou afundar como uma pedra.

Ele riu de leve, ainda pressionando os lábios ao lado de sua garganta, onde sua pulsação continuava a dançar loucamente.

— O mesmo vale para mim. Você devia se levantar cedo assim com mais frequência.

— Vamos acabar nos matando. É um milagre não termos nos afogado.

— Podemos fazer isso. — Ele inspirou o perfume da pele dela na água.

— Acha que vamos conseguir chegar aos degraus para sair da água?

— Se você não tiver muita pressa...

Eles foram saindo da água lentamente, cambaleando ao pisar nos degraus de pedra que levavam à borda.

— Café! — pediu Eve, baixinho, e quase tropeçou nas próprias pernas ao esticar a mão para pegar dois roupões confortavelmente felpudos.

Ao se virar, trazendo um deles na mão e tentando vestir o outro, Roarke já programara o AutoChef, ordenando duas xícaras de café puro, bem forte. O sol já começava a surgir acima do vidro curvo que delimitava a área de lazer, colorindo-o com tons de ouro pálido.

— Está com fome? — perguntou ele.

— Morrendo de fome! — disse ela, provando o café e soltando um pequeno gemido ao sentir o efeito revitalizante da cafeína em seu organismo. — Só que vou tomar uma ducha antes.

— Vamos lá para cima, então.

De volta à suíte principal, Eve levou a xícara de café para o boxe do banheiro. Quando Roarke entrou junto com ela em meio aos jatos fortes da ducha romana, ela estreitou os olhos e advertiu:

— Se você mandar baixar a temperatura da água, eu te mato!

— A água fria abre os poros e faz o sangue circular mais rápido.

— Você já cuidou disso. — Colocou o café sobre a prateleira, ensaboando-se em meio ao vapor. Ela saiu antes e, ao entrar no cilindro secador de corpo, balançou a cabeça ao ouvir Roarke ordenar que a água baixasse doze graus. Só de pensar naquilo sentiu um calafrio.

Eve sabia que Roarke esperava que ela lhe contasse a respeito do caso que a atrasara na noite

anterior e ia lhe roubar a folga daquele dia. Gostou de ver que ele esperou até ela se acomodar na sala de estar da suíte, com uma segunda xícara de café na mão e um prato cheio de omelete com presunto e queijo pronto para ser devorado.

— Eu realmente sinto muito por não ter aparecido no jantar de ontem à noite.

Roarke provou suas panquecas amanteigadas e perguntou:

— Eu também vou ter que me desculpar com você todas as vezes em que for chamado com urgência para resolver negócios e isso atrapalhar os nossos planos?

Ela abriu a boca para falar alguma coisa, mas desistiu e balançou a cabeça, respondendo:

— Não. O caso é que eu já estava me encaminhando para a porta, a fim de ir para casa. Eu não havia esquecido o compromisso, mas o *tele-link* tocou exatamente nessa hora. Era uma transmissão criptografada, cheia de sinais misturados que não conseguimos rastrear.

— O Departamento de Polícia de Nova York tem um equipamento patético.

— Não é tão patético assim... — murmurou ela. — O cara é que era profissional. Até você ia passar o maior sufoco tentando rastreá-lo.

— Agora você está me insultando...

— Bem... — Deu um sorriso forçado. — Talvez você tenha uma chance para tentar localizá-lo. Como ele entrou em contato pessoalmente e de forma específica comigo, é provável que torne a me procurar em casa.

Roarke pousou o garfo sobre o prato e pegou o café; eram dois gestos casuais, mas todo o seu corpo entrou em estado de alerta.

— Ele procurou você, especificamente?

— Sim, queria falar direto comigo. Veio com um papo furado a respeito da missão religiosa que lhe fora confiada. Em resumo, está fazendo o trabalho do Senhor, e parece que o Chefão gosta de charadas. — Eve passou a gravação completa da chamada para Roarke e notou quando os seus olhos se estreitaram e ficaram mais brilhantes. Ele raciocinava depressa, refletiu ela, ao ver que sua boca já exibía um ar sombrio.

— Você verificou as Torres do Luxo?

— Exato, fui direto à cobertura. Ele deixou parte da vítima logo na entrada, na sala de estar. Os restos dele estavam espalhados pelo quarto.

Colocando o prato de lado, ela se levantou e começou a andar de um lado para outro enquanto passava as mãos pelos cabelos, dizendo:

— Foi terrível, Roarke, uma coisa pavorosa! Ainda pior por ter sido preparada para ser algo bem assustador; não foi um ato provocado por descontrole. A maior parte do trabalho foi de uma precisão impressionante, quase cirúrgica. O relatório preliminar do legista indica que a vítima foi mantida viva e consciente durante todo o processo das mutilações. O assassino encheu a vítima de drogas ilegais, o bastante para mantê-la consciente sem diminuir a dor. E pode acreditar, a dor deve ter sido indescritível. Ele foi estripado.

— Santo Cristo! — reagiu Roarke, soltando o ar dos pulmões de uma vez só. — Essa é uma antiga punição para crimes religiosos ou políticos. Uma morte lenta e dolorosa.

— E uma lambança também... — completou ela. — Seus pés foram decepados e uma das mãos foi cortada na altura do pulso. Ele ainda estava vivo quando seu olho direito foi arrancado. Essa foi a única parte de seu corpo que não encontramos na cena do crime.

— Encantador... — Apesar de ter estômago forte para essas coisas, Roarke perdeu o apetite. Levantando-se, foi em direção ao closet, explicando: — Foi um ato de "olho por olho".

— Isso significa vingança, não é? "Olho por olho..." É citação de alguma peça?

— Uma citação da Bíblia, querida. A mãe de todas as peças literárias. — Pegou um par de calças pregueadas, em estilo bem casual, no cabide giratório.

— De volta a Deus... Tudo bem, então... Trata-se de um lance de vingança. Talvez seja algo religioso, ou talvez simplesmente pessoal. Podemos descobrir o motivo quando acabarmos de analisar os dados da vítima. Consegui que a mídia ficasse de fora, pelo menos até entrarmos em contato com a família do morto.

— Ele tinha filhos? — perguntou Roarke enquanto vestia as calças e pegava, em seguida, uma camisa branca de linho.

— Sim, três filhos.

— Você tem um trabalho miserável, tenente.

— É por isso que eu adoro o que faço. — Passou as mãos pelo rosto. — Sua mulher e filhos estão na Irlanda, eu acho. Preciso encontrá-los ainda hoje.

— Na Irlanda?

— É... parece que a vítima era um conterrâneo seu. Você, por acaso, não conhecia um sujeito chamado Thomas X. Brennan, conhecia? — Seu sorriso desapareceu quando ela notou o olhar de Roarke, que fitou um ponto indeterminado com ar sombrio. — Você o conhecia, então! Eu nem poderia imaginar.

— Ele tinha quarenta e poucos anos? — perguntou Roarke, sem mudar o tom de voz. — ...Um



metro e sessenta e cinco, mais ou menos, cabelo alourado?

— Pode ser... trabalhava na área de comunicações e entretenimento.

— Tommy Brennen. — Com a camisa ainda na mão, Roarke sentou-se no braço da poltrona e xingou: — Assassino filho da puta!

— Sinto muito. Nem me ocorreu que ele poderia ser um amigo seu.

E não era... — Roarke balançou a cabeça para afastar as lembranças. — Pelo menos não era há mais de dez anos. Eu o conheci em Dublin. Ele armava golpes pela Internet enquanto eu aplicava alguns contos-do-vigário. Nossos caminhos se cruzaram algumas vezes, dividimos alguns ganhos e bebemos algumas cervejas. Há uns doze anos, Tommy se enrabichou com uma jovem de boa família, com antepassados irlandeses de tradição. Caiu de quatro por ela e decidiu entrar na linha. Entrar mesmo, de vez... — acrescentou Roarke com um sorriso torto. — Cortou todas as relações que tinha com os elementos menos... nobres dos tempos de sua juventude. Eu sabia que ele mantinha residência em Nova York, mas ficamos longe um do outro por todo esse tempo. Creio que sua mulher não sabe nada a respeito de suas atividades do passado.

Eve se sentou no outro braço da poltrona e disse:

— Pode ser que uma dessas atividades do passado, ou um daqueles elementos pouco nobres, seja responsável pelo que lhe aconteceu. Roarke, eu vou começar a cavoucar o passado. Se cavar muito fundo, quanto vou descobrir a respeito de você?

Aquela era uma preocupação importante, sem dúvida. Para Roarke nem tanto, mas ele sabia que, para Eve, as descobertas jamais pareceriam algo trivial.

— Jamais deixei o rabo de fora, tenente. Além disso, conforme eu já disse, nós não éramos muito chegados. Nunca mais tive contato com ele, não o via há muitos anos, embora me lembre bem de sua figura. Ele tinha uma bela voz de tenor — murmurou Roarke. — Tinha bom humor, uma boa cabeça e planejava formar uma família. Era bom com os punhos, e muito rápido, mas jamais procurou encrencas, que eu me lembre.

— Procurando ou não, ele as encontrou. Sabe onde está a sua família?

— Não. — Balançou a cabeça para os lados. — Mas posso conseguir essa informação para você bem depressa.

— Eu agradeceria. — Eve se levantou enquanto ele vestia a camisa elegante. — Roarke, eu sinto muito pela morte de seu amigo e imagino o quanto essa perda significa para você.

— Apenas uma lembrança marcante. Uma música compartilhada... um pub cheio de fumaça em uma noite de chuva. Eu sinto por ele também. Vou até o escritório. Espere dez minutos, por favor, que eu já volto.

— Claro.

Eve se vestiu com calma. Tinha a leve impressão de que Roarke ia precisar de mais do que dez minutos. Não por causa dos dados que ficou de buscar para ela. Com o seu equipamento e sua habilidade, levaria metade desse tempo para isso. Mas ela suspeitava que ele ia precisar de mais alguns instantes sozinho para tentar lidar com as lembranças do pub cheio de fumaça.

Ela jamais perdera alguém chegado. Talvez porque, compreendeu naquele momento, deixara poucas pessoas se aproximarem dela a ponto de se tornarem importantes. De repente surgiu Roarke, e ela não teve escolha. Ele invadira a vida dela de forma sutil, elegante e inquestionável. E agora... refletiu, passando o dedo sobre a aliança de casamento com formas entalhadas em ouro, ele se tornara vital.

Eve desceu pelas escadas dessa vez, caminhando através das imensas salas da casa linda e imensa. Não precisava bater na porta do escritório antes de entrar, mas fez isso, e esperou até que a porta deslizasse para o lado, convidando-a a entrar.

As telas protetoras de privacidade que havia nas janelas estavam levantadas e a luz do dia entrava livremente. O céu do outro lado dos vidros tratados estava nublado, indicando que a chuva ainda não terminara. Roarke estava sentado à mesa antiga, de madeira envernizada, em vez de usar o console sofisticado. O piso estava coberto de tapetes antigos de valor inestimável que ele adquirira em suas viagens.

Eve enfiou as mãos nos bolsos. Já estava quase acostumada à grandiosidade da vida que levava agora, mas não sabia como lidar com a dor de Roarke, aquele seu pesar contido e quieto.

— Escute, Roarke...

— Imprimi tudo para você — disse e entregou-lhe uma folha de papel por sobre a mesa. — Acho que assim fica mais fácil. A esposa e os filhos dele estão em Dublin neste momento. As crianças são pequenas ainda, dois meninos e uma menina. Nove, oito e seis anos.

Inquieto demais para se manter sentado, ele se levantou e se virou de costas para Eve, analisando a vista privilegiada de Nova York, que estava calma àquela hora, com algumas lâmpadas ainda acesas e o céu quase estático. Ele imprimira imagens da família de Brennen — a mulher, muito bonita e com olhos brilhantes, e as crianças com rostinhos corados. Aquilo o perturbara mais do que ele previra.

— Financeiramente, eles estão muito bem amparados — disse quase para si mesmo. — Tommy cuidou disso. Pelo visto, transformou-se em um bom marido e pai.

Eve atravessou o aposento e levantou uma das mãos, pensando em tocá-lo, mas deixou cair. Droga, ela não servia mesmo para essas coisas, pensou. Não sabia se o seu apoio ia ser bem

recebido ou rejeitado.

— Não sei o que posso fazer por você — disse por fim.

— Encontre a pessoa que fez isso — disse ele, virando-se, com os olhos mais azuis do que nunca e um ar furioso que acompanhava o pesar. — Sei que posso confiar em você para isso.

— Sim, pode mesmo.

— Tenente Dallas, sempre pronta para defender os mortos, sempre preparada. — Um sorriso surgiu em seus lábios, curvando-os de leve. Passou a mão pelos cabelos dela e levantou a sobrancelha quando ela o agarrou pelo pulso, com força.

— Você tem que deixar esse caso por minha conta, Roarke.

— E eu disse alguma coisa diferente disso?

— São as coisas que você não disse que estão começando a me incomodar. — Ela o conhecia muito bem, o suficiente para saber que ele tinha um jeito especial de resolver as coisas, com meios questionáveis e, provavelmente, utilizando esquemas próprios. — Se você está com alguma ideia sobre investigar essa história sozinho, pode parar antes mesmo e começar! O caso é meu e sou eu que vou lidar com ele.

— Naturalmente... — Ele passou as mãos pelos braços dela, subindo e descendo, de um jeito que a fez estreitar os olhos. — De qualquer modo, você vai me manter informado, não vai? Além do mais, sabe que estou disponível para qualquer coisa que precise.

— Acho que posso começar a correr atrás com minhas próprias pernas. E acho que seria melhor se você ficasse afastado deste caso. Bem afastado!

— Não — disse ele, com satisfação, beijando-lhe a ponta do nariz.

— Roarke...

— Você preferia que eu mentisse para você, Eve? — Pegou o resto das folhas que deixara sobre a mesa, entregando-lhe tudo. — Vá trabalhar agora. Tenho algumas ligações a fazer. Acho que até logo mais terei a lista completa de todas as pessoas associadas a Tommy, tanto em nível profissional quanto pessoal, seus inimigos, seus amigos, suas possíveis amantes, sua situação financeira e assim por diante — disse, e foi conduzindo-a para fora do escritório enquanto falava. — Vai ser mais fácil para mim conseguir todos esses dados, e isso vai lhe dar uma ideia mais clara da situação.

Ela conseguiu se manter firme, antes que ele a empurrasse porta afora, e avisou:

— Não posso impedi-lo de juntar todos esses dados, mas não pise fora da linha, meu chapa, nem

um centímetro!

— Você sabe o quanto eu fico excitado quando você se mostra assim... durona.

Eve conseguiu segurar uma gargalhada e fez uma cara quase séria.

— Sem essa, Roarke — murmurou, e enfiou as mãos nos bolsos enquanto se afastava do escritório.

Ele a acompanhou com os olhos e esperou até vê-la desaparecer na escada. Cauteloso, virou-se para o monitor de segurança e ordenou que uma das câmeras se focasse nela. O riso desapareceu dos seus olhos enquanto ele a via descendo as escadas e pegando o casaco que Summerset deixara pendurado na coluna em que o corrimão terminava.

— Você está se esquecendo de levar um guarda-chuva — sussurrou Roarke para si mesmo, e simplesmente suspirou ao vê-la sair sob a garoa com a cabeça desprotegida.

Ele não lhe contara tudo. Como poderia? De qualquer modo, como poderia ter certeza de que era algo relevante? Precisava de mais dados antes de se arriscar a envolver a mulher que amava na lama do seu passado cheio de pecados.

Saindo do escritório, foi direto para o seu sofisticado centro pessoal de comunicações, que era não só caríssimo como ilegal. Encostando a palma da mão no sensor, identificou-se em voz alta e entrou. O equipamento daquela sala secreta não tinha registro e todas as atividades que ele desempenhasse não seriam detectadas pelo poderoso sistema de vigilância da polícia, o CompuGuard. Ele precisava de informações específicas a fim de planejar o próximo passo e, sentando-se ao console todo preto em forma de "U", começou a trabalhar.

Invadir o sistema do Departamento de Polícia de Nova York era moleza para ele. Enviando um silencioso pedido de desculpas à sua mulher, acessou todos os seus arquivos, relatórios, analisou os laudos e os vídeos do médico-legista.

— Cena do crime na tela um — comandou, recostando-se na cadeira. — Relatório da autópsia na tela dois, relatório da investigadora principal do caso na tela três.

O horror do que havia sido feito a Brennen surgiu na tela, fazendo os olhos de Roarke se tornarem frios e focados. Pouco restara do rapaz que ele conhecera em outra vida, em Dublin. Depois de ler o relato formal e conciso de Eve sem demonstrar emoção, avaliou os complexos termos médicos do relatório inicial do legista.

— Copiar tudo em um novo arquivo, sob o nome Brennen, código Roarke, a ser acessado apenas pela minha voz. Desligar!

Virando-se para o lado, pegou o *tele-link interno* e pediu:

— Summerset, venha até aqui, por favor.

— Já estou indo.

Roarke se levantou e caminhou até a janela. O passado podia voltar a assombrá-lo e ele sabia disso. Na maioria das vezes, ele ficava escondido em algum canto, como um fantasma, esperando para atacar. Será que foi o passado que voltara para destruir Tommy Brennen, perguntou-se. Ou seria apenas uma questão de má sorte ou momento errado?

A porta se abriu para o lado e Summerset, magro e todo de preto, como sempre, entrou no aposento.

— Há algum problema? — perguntou.

— Thomas Brennen.

Os lábios de Summerset se franziram e então seus olhos se iluminaram, formando a sombra de um sorriso.

— Ah, sim... — lembrou-se. — Aquele jovem *hacker* que adorava canções de protesto e uma boa cerveja.

— Ele foi assassinado.

— Ora, sinto muito saber disso.

— Aqui em Nova York — continuou Roarke. — Eve é a investigadora principal no caso. — Roarke notou a boca de Summerset, que ficou rígida e sem expressão. — Foi torturado, mantido vivo para suportar toda a dor e depois estripado.

Levou um instante para acontecer, mas o rosto de Summerset, normalmente pálido, ficou ainda mais branco quando ele sentenciou:

— Coincidência.

— Talvez, é o que espero. — Roarke cedeu ao desejo, pegou um cigarro fino em uma cigarreira laqueada e o acendeu. — Mas a pessoa que fez isso ligou direto para a minha mulher e a envolveu no caso, logo de cara.

— Ela é uma policial — disse Summerset, com infinito desdém na voz.

— Ela é minha mulher! — devolveu Roarke, com uma pontada de irritação na voz. — Se não for coincidência, vou contar tudo a ela.

— Você não pode se arriscar a fazer isso. Não existe prazo de prescrição para assassinato, mesmo quando ele é justificável.

— Isso vai depender dela, não é? — Roarke deu uma tragada longa e se sentou na beira do console. — Não vou deixá-la investigando às cegas, Summerset. Não quero deixá-la nessa posição, nem por mim, nem por você. — O pesar voltou aos seus olhos enquanto ele olhava para a brasa na ponta do cigarro. — ...E nem pelas recordações. Fique preparado porque vem chumbo grosso pela frente.

— Não sou eu que vou pagar, se a lei significar mais para ela do que para você. Sei perfeitamente que o que você fez precisava ser feito... tinha que ser feito, e deveria ser feito.

— Eve também vai chegar a essa conclusão — disse Roarke, com a voz mais baixa. — Antes de planejarmos qualquer coisa, precisamos reconstituir os fatos. Quanto você se lembra daquela época e das pessoas que estavam envolvidas?

— Não me esqueci de nada.

Roarke avaliou o queixo firme de Summerset, seus olhos duros, e concordou com a cabeça, dizendo:

— Era com isso que eu estava contando. Mãos à obra, então.

As luzes no monitor piscavam como estrelas. Ele adorava olhar para elas. Não importava que o cômodo fosse pequeno, sem janelas, nem que houvesse um ruído baixo e constante da máquina que trabalhava, pois a luz daquelas pequenas estrelas o guiava.

Já estava pronto para seguir em frente e dar início à próxima rodada. O menino que ainda vivia dentro dele adorava competições, e o homem que se formara a partir do menino se preparava para realizar o trabalho sagrado.

Suas ferramentas já estavam cuidadosamente preparadas. Abrindo o frasco com água que fora benzida por um bispo, espargiu-a com reverência sobre a arma a laser, as facas, o martelo e os pregos. Instrumentos de vingança divina, equipamentos de retribuição. Atrás deles estava uma imagem da Virgem, esculpida em mármore branco como símbolo de sua pureza. Seus braços estavam abertos, como se abençoasse o que estava diante dela, e seu rosto era lindo e sereno, demonstrando aceitação.

Ele se inclinou e beijou os pés de mármore.

Por um momento pareceu ver um brilho de sangue em sua mão, que estremeceu.

Impressão apenas. Sua mão estava limpa e branca. Já lavara todo o sangue de seu inimigo. A marca de Caim era uma maldição sobre os outros, mas não sobre ele. Afinal, ele era um cordeiro de Deus.

Iria se encontrar cara a cara com outro inimigo, em breve, e precisava ser forte para preparar a armadilha usando a máscara da amizade.

Ele jejuara, fizera o sacrifício, limpava o coração e a mente de todo o mal terreno. Agora, mergulhava as pontas dos dedos em uma pequena vasilha com água benta e os levava à testa, ao coração, em seguida ao ombro direito e finalmente ao esquerdo. Ajoelhou-se, segurando com força o escapulário que usava. Ele havia sido abençoado pelo próprio papa e sua promessa de proteção contra o mal lhe servia de conforto.

Tornou a guardá-lo, então, com todo o cuidado, sob a seda de sua camisa, onde repousaria junto de seu peito aquecido pela crença.

Seguro e confiante, levantou os olhos para o crucifixo que estava pendurado acima da mesa firme que exibia as armas necessárias à sua missão. A imagem do Cristo que sofria brilhava em prata de encontro a uma cruz de ouro. Uma peça para ricos. A ironia de possuir uma imagem feita de metais preciosos representando um homem que pregava a humildade não o alcançou.

Acendeu as velas, cruzou as mãos e, deixando a cabeça pender sobre o peito, rezou com a paixão daqueles que têm fé e também a paixão dos loucos.

Pediu graças e se preparou para matar.

## CAPÍTULO TRÊS

A sala de registros da Divisão de Homicídios, na central de polícia, fedia a café velho e urina fresca. Eve foi caminhando por entre as mesas entulhadas, sem prestar atenção aos detetives que trabalhavam em seus *tele-links*. Um androide de manutenção passava um pano úmido sobre o piso muito antigo de linóleo.

A baia de Peabody era mal iluminada, apertada e ficava no canto dos fundos. Apesar de seu tamanho e localização, era incrivelmente organizada e limpa, como a própria Peabody.

— Alguém por aqui se esqueceu de onde ficam os banheiros? — perguntou Eve em um tom casual, e Peabody se virou na mesa de metal amassada nas pontas que lhe servia de local de trabalho.

— É que o detetive Bailey trouxe um mendigo para interrogar a respeito de uma facada que ele testemunhou. O mendigo não gostou muito de ser detido e expressou a sua insatisfação esvaziando a bexiga sobre os sapatos novos de Bailey. Pelo que ouvi, a citada bexiga estava muito cheia.

— Isso aqui é um paraíso mesmo! Chegou algum relatório novo do pessoal do laboratório sobre a morte de Brennen?

— Acabei de cobrar deles. Deve estar chegando a qualquer momento.

— Então vamos começar a analisar as gravações dos discos de segurança obtidos nas Torres do Luxo e no apartamento de Brennen.

— Com relação a isso, temos um problema, tenente.

— Você esqueceu de recolhê-los? — perguntou Eve, jogando a cabeça meio de lado.

— Não, trouxe tudo o que havia lá. — Peabody pegou um pacote lacrado contendo apenas um disco. — A câmera do sistema de segurança das torres e do andar da cobertura, durante as vinte e quatro horas que antecederam a descoberta do corpo de Brennen, bem como o SCAN-EYE no apartamento da vítima estavam desligados e não havia mais nenhum disco além deste aqui.

— Eu devia ter imaginado que ele não seria tão idiota a ponto de se deixar gravar. — Eve balançou a cabeça e pegou o pacote lacrado. — Você rastreou as ligações feitas e recebidas pelo *tele-link* de Brennen?

— Está tudo aqui. — Peabody entregou a Eve outro disco, cuidadosamente etiquetado.

— Vamos para a minha sala. Depois de rodar isto, vamos ver o que conseguimos. Tenho que ligar para Feeney — continuou Eve, já saindo da sala de registros. — Vamos precisar da Divisão de Detecção Eletrônica neste caso.



— O capitão Feeney está no México, tenente... gozando o seu período de férias.

— Merda, eu havia esquecido! — Eve parou e fez uma cara feia. — Ele ainda vai ficar fora mais uma semana, não é?

— Um pouco mais. Está aproveitando as delícias da *villa* de sua propriedade, junto ao penhasco, senhora. Local para o qual, aliás, a sua dedicada auxiliar ainda não foi convidada a conhecer.

— Ué... você tem vontade de conhecer o México, Peabody? — Eve levantou uma sobrancelha.

— Já fui ao México, Dallas. Tenho vontade agora é de conhecer um *caballero* de sangue quente com quem eu possa me atracar.

Dando uma risada, Eve destrancou a sala e prometeu:

— Se conseguirmos resolver este caso depressa, Peabody, posso arranjar isso para você. — Jogou os discos sobre a mesa bagunçada e tirou o casaco. — De qualquer forma, vamos precisar de alguém da Divisão de Detecção Eletrônica. Veja quem eles conseguem nos emprestar, mas quero alguém competente, e não um curioso de segunda classe.

Peabody pegou o comunicador para fazer a requisição enquanto Eve se instalava atrás da mesa e colocava o disco de Brennen para rodar em seu equipamento.

— Ligar! — ordenou ela, lembrando-se de falar a senha. — Reproduzir o conteúdo do disco!

Havia apenas uma ligação para o exterior, na véspera do assassinato de Brennen. Ele ligara para a mulher e conversara um pouco com os filhos. O papo doméstico e íntimo de um homem se comunicando com a família que planejava rever no dia seguinte fez Eve sentir uma tristeza insuportável.

— Preciso entrar em contato com sua esposa — murmurou. — Que maneira infernal de começar o dia! É melhor resolver logo isso, antes que a notícia vaze para a mídia. Deixe-me a sós por dez minutos, Peabody.

— Sim, senhora. A Divisão de Detecção Eletrônica vai nos enviar o detetive McNab.

— Ótimo! — Quando a porta se fechou e Eve se viu sozinha, respirou fundo e fez a ligação.

Quando Peabody voltou, dez minutos depois, Eve estava tomando café em pé, olhando para fora pela estreita janela de sua sala.

— Eileen Brennen está vindo para Nova York, trazendo os filhos. Ela insiste em ver o marido. Não desmontou ao ouvir a notícia. Às vezes é pior quando as pessoas mais chegadas não se desestruturam e aguentam firme. Dá para ver nos seus olhos que eles estão certos de que houve um engano. — Flexionou a musculatura dos ombros, como se estivesse tentando tirar um peso

dali. — Vamos ver o disco da segurança. Podemos ir devagar até recebermos mais informações.

Peabody tirou o lacre do disco e o colocou no sistema. Segundos depois, ela e Eve estavam olhando para a tela do computador, sem compreender.

— Que diabo é isso? — quis saber Eve.

— É... Não sei bem. — Peabody franziu as sobrancelhas diante das figuras que se moviam na tela. Vozes se elevaram de forma solene, falando algo em uma língua estranha. No centro da tela havia um homem de batina e dois meninos de branco ao lado. Segurava um cálice de prata diante de um altar coberto de preto, enfeitado com flores e velas brancas. — Será que é um ritual? Talvez uma encenação?

— É um funeral — murmurou Eve, observando o caixão que brilhava em frente à plataforma onde estava o altar. — Uma missa de corpo presente. Já estive em uma certa vez. É um ritual católico, eu acho. Computador, identifique a cerimônia apresentada no disco e a língua na qual está sendo celebrada.

*Processando... As imagens são de um Réquiem ou Ofício dos Mortos, uma cerimônia litúrgica católica. A língua empregada é o latim. Esta parte da missa mostra o cântico de ofertório, um ritual no qual...*

— Tá bom, já chega! Onde foi que você arranhou esse disco, Peabody?

— Na sala da segurança das Torres do Luxo, Dallas. Estava codificado, marcado e etiquetado.

— Ele trocou os discos — resmungou Eve. — O filho da mãe trocou os discos só para zoar da nossa cara. Continua brincando conosco e é muito bom nisso. Computador, pare de rodar o arquivo e copie o disco! — Enfiando as mãos nos bolsos, Eve se balançou para a frente e para trás, apoiada nos calcanhares. — Ele está se divertindo à nossa custa, Peabody, e vai ter que pagar por isso. Ordene uma varredura geral na sala da segurança do edifício, feita pelos nossos técnicos, e confisque todos os discos do dia do crime.

— Todos os discos?

— Todos os discos, de todos os andares e de todas as salas. E quero um relatório dos guardas que interrogaram os outros ocupantes do edifício de porta em porta. — Guardou no bolso a cópia que o computador liberou. — Agora vou ver o que está provocando esse atraso no relatório inicial do laboratório.

O *tele-link* tocou nesse exato momento e ela o atendeu:

— Aqui fala a tenente Dallas.

— Você foi muito rápida, tenente... estou impressionado.

Eve só precisou piscar para que Peabody desse início ao rastreamento da transmissão. Sorriu suavemente para as cores que ondulavam lentamente em sua tela. Dessa vez um coral fornecia a música de fundo, e entoava uma peça na língua que agora ela sabia ser o latim.

— Você teve um trabalhão com Brennen. Parece-me que se divertiu bastante.

— Oh, sim, eu me diverti, certamente. Tommy era um grande cantor, sabia? E ele cantou só para mim. Ouça...

De repente a sala se encheu de berros pavorosos e inumanos, gritos chorosos que percorreram a espinha de Eve como gelo derretendo.

— Foi lindo, tenente... ele implorou pela sua vida, e depois implorou para que eu acabasse com ela. Mantive-o vivo por quatro horas, a fim de lhe dar tempo suficiente para que ele se lembrasse dos pecados do passado.

— Seu estilo precisa melhorar um pouco no quesito sutileza, meu chapa. E quando eu agarrá-lo, pode estar certo de que vou impedi-lo de alegar insanidade mental. Vou pegá-lo de jeito, e vou pleitear uma jaula especial na prisão do satélite Attica Dois. As instalações de lá fazem qualquer prisão aqui do planeta se parecer com um clube de lazer.

— Eles também prenderam João Batista, mas ele conheceu a glória do Paraíso.

Eve tentou se lembrar das histórias da Bíblia, que conhecia muito pouco, e perguntou:

— Esse cara é aquele que perdeu a cabeça por causa de uma dançarina, certo? Você está disposto a perder a sua para uma policial?

— Salomé era uma meretriz — reagiu ele, em um tom de voz tão baixo que Eve foi obrigada a chegar mais perto para ouvir melhor. — Ela representava o Mal sob uma forma atraente. Ele resistiu à tentação e foi martirizado sem máculas.

— E você também quer ser martirizado? Quer morrer pelo que chama de fé? Eu posso ajudá-lo... basta me dizer onde você está.

— Você me desafia, tenente, de uma forma que eu não esperava. Uma mulher com mente forte e centrada é um dos grandes prazeres que Deus nos proporciona na vida. E você recebeu o nome de Eve... como Eva... a mãe de toda a humanidade. Se ao menos o seu coração fosse puro, eu poderia até admirá-la.

— Pois pode guardar a admiração para si mesmo.

— Eva também mostrou que tinha um espírito fraco, e provocou a perda do Paraíso para todos os seus filhos.

— Sei... e Adão foi um tremendo covarde que não assumiu a responsabilidade junto com ela. Agora, a aula de catecismo acabou. Vamos encerrar logo esse papo.

— Estou louco para encontrá-la, embora isso ainda vá levar algum tempo.

— Vai ser mais cedo do que pensa.

— Talvez, talvez... enquanto isso, trouxe-lhe outra charada. Dessa vez é uma corrida. O próximo pecador ainda está vivo e continua candidamente desinformado a respeito da punição que está chegando. Pelas suas palavras e pela lei de Deus ele será condenado. Preste atenção: "O homem fiel gozará de abundantes bênçãos, mas o que se apressa a enriquecer não ficará impune." Este aqui já ficou impune por tempo demais.

— Impune por qual crime?

— Pelos crimes de sua língua mentirosa. Você tem vinte e quatro horas para salvar uma vida, se essa for a vontade de Deus. Sua charada é: "Ele tem a pele clara e no passado viveu graças à sua sagacidade. Agora suas habilidades diminuíram, pois, como Dicey Riley, ele está dando sopa. Mora onde trabalha e trabalha onde mora, e todas as noites serve àqueles que mais inveja. Atravessou as espumas, mas se fecha em um lugar que o faz lembrar de casa. A não ser que você o encontre antes, sua sorte termina amanhã de manhã. É melhor correr."

Eve ainda ficou olhando para a tela por um bom tempo depois que ela apagou.

— Sinto muito, Dallas, mas não conseguimos descobrir de onde foi feita a ligação. Talvez o detetive eletrônico consiga alguma coisa quando chegar.

— Quem diabos é esse tal de Dicey Riley? — murmurou Eve. — E o que ele quis dizer com "está dando sopa"? Será que era sopa de verdade? Comida, talvez... restaurantes. Restaurantes irlandeses.

— "Restaurante" e "irlandês" são conceitos contraditórios.

— Hein?

— Nada, só uma brincadeira de mau gosto. — Peabody deu um sorriso leve. — Disse isso só para aliviar a tensão.

— Certo. — Eve deixou-se afundar na cadeira. — Computador, quero uma lista impressa com os nomes e a localização de todos os restaurantes irlandeses da cidade. — Fez girar a cadeira. — Peabody, entre em contato com Tweezer, a mulher que chefia os peritos. Ela supervisionou a varredura eletrônica que foi feita no apartamento de Brennen. Diga-lhe que eu preciso de

alguma coisa para poder trabalhar... qualquer coisa. Envie alguém até as Torres do Luxo para pegar todos os discos da sala de segurança. Vamos agitar!

— Já estou agitando — concordou Peabody, saindo pela porta.

Uma hora depois, Eve estava debruçada sobre o relatório do laboratório. Havia muito pouco, quase nada para avaliar.

— O canalha não deixou nem mesmo um pentelho para os técnicos recolherem. — Esfregou os olhos. Precisava voltar à cena do crime, decidiu, caminhar pelo ambiente, tentar visualizar tudo o que acontecera. Tudo o que vinha à sua mente era o sangue, a carnificina, o estrago.

Ela precisava clarear a visão.

A citação bíblica viera novamente do Livro dos Provérbios. Tudo o que Eve podia supor era que o próximo alvo era alguém que desejava enriquecer. Esse objetivo limitava sua busca a todas as almas pecadoras que viviam na cidade de Nova York.

Vingança era o motivo. Traição por dinheiro?, perguntou-se ela. Alguém relacionado com Brennen? Pegou a lista que Roarke fizera e analisou os nomes das pessoas associadas a Thomas Brennen, inclusive amigos.

Não havia amantes, refletiu. E Roarke teria descoberto, se existissem. Thomas Brennen fora um marido fiel, e agora sua mulher estava viúva.

Ao ouvir a batida no umbral da porta, olhou para cima e franziu de leve as sobrancelhas diante do homem que sorria. Vinte e poucos anos, avaliou, com um rosto bonito, ainda de menino, e uma queda por roupas da moda.

Sua altura não chegava a um metro e setenta e cinco, mesmo com as botas com suspensão a ar em amarelo-néon. Usava uma calça bag em jeans e um paletó com punhos desfiados. Seu cabelo tinha um tom dourado brilhante e formava um rabo-de-cavalo que ia quase até a cintura. Tinha meia dúzia de pequenas argolas presas ao longo da orelha esquerda, como piercings.

— Você bateu na sala errada, meu chapa. Esta é a Divisão de Homicídios.

— E você deve ser a tenente Dallas. — Seu sorriso contagiante formou covinhas nos dois lados do rosto. Seus olhos eram verde-escuros. — Sou McNab, da Divisão de Detecção Eletrônica.

Ela não gemeu, como gostaria de ter feito. Conseguiu exprimir a decepção apenas com um suspiro e estendeu-lhe a mão. *Minha nossa* foi tudo o que conseguiu pensar enquanto ele a cumprimentava com a mão cheia de anéis.

— Quer dizer então que você é um dos ajudantes de Feeney?

— Sim. Fui designado para a divisão dele há seis meses. — Olhou em volta da sala apertada e mal iluminada. — Aqui na Divisão de Homicídios vocês devem estar com o orçamento bem apertado, hein? Nossos armários na Divisão de Detecção Eletrônica são maiores do que isto aqui — disse, e olhou por sobre o ombro, renovando o sorriso fulgurante ao ver Peabody chegar e se colocar ao seu lado, junto da porta. — Ora, não há nada mais bonito do que uma mulher de farda!

— Peabody, este é McNab.

Peabody o analisou de cima a baixo com um olhar crítico, observando os brilhos e reflexos.

— Essa é a roupa que vocês usam para trabalhar na sua divisão?

— É que hoje é sábado — explicou McNab, com descontração. — Quando recebi o recado, em casa, resolvi dar um pulinho até aqui para ver qual era o lance. De qualquer modo, a gente trabalha com roupas informais por lá.

— Dá para notar. — Peabody tentou forçar a passagem para entrar na sala apertada e encostou nele, estreitando os olhos ao vê-lo sorrir de satisfação.

— Com três pessoas nessa sala apertada a gente não pode nem se mexer, senão acaba cometendo algum pecado. Eu topo! — Saiu um pouco de lado para deixar Peabody passar e a seguiu com os olhos, analisando suas curvas com interesse.

*Nada mal, pensou McNab. Nada mal mesmo.*

Quando tornou a levantar os olhos e deu de cara com o olhar duro de Eve, pigarreou. Conhecia a reputação de Eve Dallas. Ela não tolerava gracinhas.

— O que posso fazer pela senhora, tenente?

— Estou com um homicídio para solucionar, detetive, e talvez tenha outro nas mãos amanhã, por essa hora. Preciso que você rastreie algumas ligações. Quero a localização exata. Quero descobrir como é que esse babaca está interferindo nas nossas linhas.

— Então eu sou o homem certo. As chamadas foram para esse *tele-link*? — Ao ver que Eve fez que sim com a cabeça, aproximou-se da mesa. — A senhora se importa se eu me sentar em sua cadeira para ver o que posso fazer?

— Vá em frente Eve — e se levantou, deixando o lugar vago para ele. — Peabody, preciso ir ao necrotério de tarde, a fim de tentar evitar um choque para a sra. Brennen, e também para conseguir algumas informações dela. Vamos dividir a lista de restaurantes entre nós duas. Precisamos encontrar alguém que more no local de trabalho, tenha emigrado da Irlanda, tenha

se estabelecido em Nova Yorke, além disso, possua uma possível ligação com Thomas Brennen. Consegui uma lista dos amigos mais próximos de Brennen e também de seus sócios. Precisamos pesquisar todos esses nomes, com urgência. — Entregou a Peabody uma cópia da lista.

— Sim, senhora.

— Verifique também qualquer pessoa chamada Riley ... ou Dicey.

McNab parou de cantarolar baixinho o que parecia ser a música-tema de todos os detetives eletrônicos que Eve conhecia e exclamou:

— Dicey Riley? Essa é boa! — disse, rindo.

— Será que eu não entendi a piada, McNab?

— Não sei. Só sei que "Dicey Riley" é uma antiga canção muito executada nos pubs irlandeses.

— Pubs? — Os olhos de Eve se estreitaram. — Você é irlandês, McNab?

— Sou de origem escocesa, tenente! — Eve percebeu que um brilho rápido passou por seus olhos, indicando que ele fora insultado. — Meu avô nasceu nas Terras Altas. Era um *highlander*.

— Que bom para ele. O que significa essa canção? Ela fala sobre o quê?

— Fala de uma mulher que bebe demais.

— É sobre bebida, e não comida?

— Sobre bebida — confirmou ele. — A bebida é o velho vírus irlandês.

— Merda! Bem, de qualquer modo, muitos dos lugares da lista são pubs — disse Eve, olhando para o papel em sua mão. — Vamos dar uma olhada em todos os bares irlandeses da cidade.

— A senhora vai precisar de uma força-tarefa de vinte homens para cobrir todos os pubs de Nova York — disse McNab, de forma casual, antes de voltar ao trabalho.

— Preocupe-se apenas em descobrir a localização das chamadas — ordenou Eve. — Peabody, solicite os nomes e endereços dos pubs. O emissário já voltou com os discos das Torres do Luxo?

— Está chegando.

— Ótimo! Vamos dividir os bares geograficamente. Eu pego os do sul e os do oeste, você visita os do norte e do leste. — Quando Peabody saiu, Eve se virou para McNab, dizendo: — Preciso de uma resposta rápida.

— Não vai dar para ser assim tão rápido não. — Seu rosto de menino adquirira um ar sombrio.

— Já pesquisei em vários níveis e não encontrei nada. Agora estou tentando estabilizar um sinal de dispersão para fixá-lo na última ligação que chegou. Leva tempo, mas é a melhor maneira de rastrear uma conexão feita através de um misturador de sinais.

— Então consiga isso em menos tempo! — decretou Eve. — Entre em contato comigo assim que tiver sucesso.

— Mulheres!... — murmurou ele, olhando para cima nas costas de Eve assim que ela saiu da sala. — Sempre querendo milagres.

Eve visitou uns dez bares a caminho do Instituto Médico Legal. Encontrou dois proprietários e três empregados que moravam em cima ou atrás da loja em que trabalhavam. Ao estacionar no terceiro andar do instituto, ligou para Peabody.

— Como estamos? — perguntou.

— Achei dois possíveis alvos até agora, tenente, e meu uniforme vai feder a fumaça e uísque pelos próximos seis meses. — Fez uma careta. — Nenhum dos dois conhece Thomas Brennen, e ambos afirmam não ter um inimigo sequer no mundo.

— É, eu estou conseguindo a mesma coisa. Continue investigando, porque o nosso tempo está se esgotando.

Eve desceu as escadas e digitou seu código no painel de segurança para entrar. Evitando passar pela área de espera, cheia de flores, foi direto para o necrotério.

O ar ali estava frio e tinha um cheiro sutil de morte. As portas podiam ser de aço e estar lacradas, mas a morte sempre arrumava um jeito de se fazer presente.

Eve havia deixado Brennen na sala de autópsia B, e, já que era pouco provável que ele tivesse se levantado e trocado de sala, foi para lá que ela se dirigiu, exibindo o distintivo para o scanner.

*A autópsia do sr. Thomas X. Brennen ainda está sendo realizada. Por favor, observe as normas relacionadas à saúde e segurança enquanto estiver no ambiente. Está autorizada a entrar, tenente Eve Dallas.*

A fechadura deu um estalo e se abriu com um chiado, deixando sair um jato de ar gelado. Eve entrou e viu a figura ágil e atraente do dr. Morris, o legista, que retirava de um crânio aberto, com todo o cuidado, o cérebro de Brennen.



— Desculpe por ainda não termos terminado, Dallas. Recebemos uma enxurrada de novos hóspedes que chegaram sem fazer reserva. As pessoas estão... rá-rá-rá... se matando para entrar aqui.

— O que tem para mim?

Morris conferiu o peso do cérebro e o colocou dentro de uma cuba cheia de fluido. Ele usava uma trança que lhe descia até a cintura, fazendo uma curva suave pelo guarda-pó imaculadamente branco. Por baixo, usava uma malha colante em um tom forte de roxo.

— A vítima era um homem muito saudável. Tinha cinquenta e dois anos e quebrou a tíbia quando criança, uma fratura da qual se recuperou muito bem. Fez sua última refeição entre quatro e quatro horas e meia antes de morrer. Almoço, eu diria. Ensopado de carne, pão e café. Foi colocada uma droga no café.

— Que droga?

— Um calmante leve. Tranquilizante de venda liberada. Ele devia estar bem relaxado, talvez sentindo um leve zumbido. — Morris digitou alguns dados em um aparelho portátil e continuou conversando com Eve, diante dos restos brancos e mutilados. — O primeiro golpe deve ter sido a amputação da mão. Mesmo com o tranquilizante no organismo, o ataque deve ter provocado um choque em seu sistema e grande perda de sangue.

Eve se lembrou das paredes do apartamento, todas respingadas de vermelho. Imaginou que as artérias cortadas haviam pulsado e ejetado sangue com força, como mangueiras abertas.

— Quem quer que o tenha atacado conseguiu estancar o sangue cauterizando o cotoco do braço.

— Usando o quê?

— Meu palpite seria uma máquina de soldar. — Fez uma careta. — Foi um trabalho bem sangrento. Veja aqui como tudo ficou carbonizado e ressecado do cotoco até o cotovelo. Deve ter doído.

— E muito — murmurou Eve, enfiando os polegares nos bolsos da calça. — O que você está me dizendo é que Brennen basicamente apagou logo depois do primeiro ataque, o que explica a ausência de sinais de luta no apartamento.

— Ele não teria forças nem para espantar uma barata bêbada. A vítima foi amarrada pelo outro pulso. As drogas administradas eram uma combinação de adrenalina e digitálicos. Isso manteve o coração batendo e o cérebro funcionando enquanto ele acabava de ser retalhado. — Morris bufou com tristeza. — E ele foi bem retalhado, sem dúvida. A morte não chegou muito depressa e não foi nada tranquila para esse irlandês.

Os olhos de Morris permaneceram tranquilos por trás dos óculos especiais. Gesticulou com a

mão cheia de spray selante para uma pequena bandeja de metal, dizendo:

— Encontrei aquilo dentro do seu estômago, junto com o almoço.

Eve franziu as sobrancelhas ao olhar para a bandeja. O objeto parecia um medalhão e tinha o tamanho de uma moeda de cinco dólares. Com fundo branco, trazia uma imagem esmaltada em um tom forte de verde. Do outro lado havia duas linhas com a forma de parênteses que se cruzavam em uma das pontas.

— Um trevo de quatro folhas — explicou Morris. — Símbolo de boa sorte. Seu assassino possui um senso de humor cruel e distorcido. Quanto à figura engraçada na parte de trás, não faço a menor ideia do que seja.

— Vou levar esse objeto comigo. — Eve guardou o medalhão em um saco especial e o lacrou. — Pretendo pedir ajuda à dra. Mira para resolver este caso. Precisamos de um perfil. Ela vai entrar em contato com você, Morris.

— É sempre um prazer trabalhar com a dra. Mira e com você, tenente. — O comunicador no pulso do médico tocou. — Aqui é o Palácio da Morte. Morris falando...

— A sra. Brennen acabou de chegar e pediu para ver o corpo do marido — informou uma voz.

— Encaminhe-a para a minha sala, vou vê-la em seguida. — Virou-se para Eve. — Não vai nos servir de nada ela ver o pobre coitado nesse estado. Você não quer lhe fazer algumas perguntas?

— Sim.

— Pode usar a minha sala pelo tempo que quiser. A sra. Brennen poderá ver o corpo em vinte minutos. Até lá ele já estará mais... apresentável.

— Obrigada, Morris — disse Eve, encaminhando-se para a porta.

— Dallas!

— Sim?

— O Mal é... ora, você sabe que eu não costumo usar essa palavra pesada para qualquer coisa, ela é meio embaraçosa. — Encolheu os ombros. — O fato, porém, é que o sujeito que fez esse trabalho... Acho que Encarnação do Mal é a única expressão que encontro para enquadrá-lo nisso.

A expressão do médico ainda ecoava na cabeça de Eve quando ela se viu cara a cara com Eileen Brennen. Era uma mulher sofisticada e bem-vestida. Embora seus olhos estivessem secos, seu rosto estava pálido como cera. Suas mãos não tremiam, mas também não conseguiam

permanecer paradas. Ela revirava a cruz de ouro que trazia pendurada no pescoço em uma corrente fina que ia até a cintura, puxava a ponta da blusa para se ajeitar e passava os dedos através dos ondulados cabelos louros.

— Quero ver o corpo que a senhora encontrou, tenente. Insisto em vê-lo! Tenho esse direito.

— A senhora vai vê-lo, sra. Brennen, já estamos providenciando. Se eu pudesse, porém, ter alguns minutos da sua atenção antes de vê-lo, isso nos seria muito útil.

— Mas como eu posso saber se é ele? Como posso saber que é o meu Tommy até vê-lo?

Não adiantava nada oferecer ajuda.

— Sra. Brennen, nós já identificamos o seu marido. Temos as impressões digitais, o DNA e a identificação visual feita pelo porteiro das Torres do Luxo. Sinto muito, não foi um engano. Por favor, sente-se. Deseja alguma coisa? Água, talvez?

— Não, não quero nada. — Eileen sentou-se com um movimento rápido e nervoso, as mãos se retorcendo. — Ele ficou de ir para Dublin, ao nosso encontro. Hoje. Ficou a semana passada em Nova York apenas para concluir alguns negócios. Era para chegar em casa hoje, depois de aterrissar em Londres na noite passada.

— Então a senhora não esperava por ele antes disso.

— Não. Ele não ligou a noite passada. Devia ligar para nós ao chegar a Londres, mas às vezes ele está muito ocupado e deve ter esquecido. — Abriu a bolsa, tornou a fechá-la e repetiu o movimento inúmeras vezes. — Nem me preocupei com ele... nem me preocupei — disse novamente, fechando a mão em torno da cruz com tanta força que as pontas da joia desapareceram entre os dedos.

— Então a senhora não tentou entrar em contato com ele.

— As crianças e eu saímos para jantar e depois fomos a um centro de diversões. Chegamos em casa tarde e Maize parecia chateada com alguma coisa. Coloquei-a na cama e fui dormir logo em seguida. Fui para a cama simplesmente porque estava cansada e nem estranhei o fato de Tommy não ter ligado de Londres.

Eve deixou que ela se acalmasse um pouco, e então se sentou à sua frente, em uma das poltronas macias do dr. Morris.

— Sra. Brennen, a senhora saberia me dizer algo a respeito dos negócios que obrigaram o seu marido a permanecer em Nova York?

— Não... não sei muito a respeito disso. Nem compreendo essas coisas. Minha profissão é ser mãe. Tenho filhos para criar e três casas para administrar. Possuímos uma casa de campo, na

Irlanda. Não entendo nada de negócios. Por que deveria? — perguntou com a voz embargada.

— Tudo bem. Saberia me dizer se o seu marido mencionou alguém que tivesse ligação com ele? Alguém que o estivesse ameaçando ou perturbando de alguma forma?

— Tommy não tem inimigos. Todos gostam dele. É um homem justo e tem bom coração. Pode perguntar a qualquer um que o conheça. — Fitou o rosto de Eve com os olhos azul-claros enquanto se inclinava para a frente. — É por isso que vocês devem estar enganados. Deve haver algum mal-entendido. Ninguém faria mal a Tommy. E nas Torres do Luxo a segurança é muito boa. Esse foi um dos motivos de ele ter escolhido esse condomínio para servir de residência para nós aqui em Nova York. Há tantos crimes pela cidade, e Tommy queria que eu e as crianças estivéssemos a salvo.

— A senhora conheceu o seu marido em Dublin?

— Sim — disse Eileen, e piscou distraída. — Conhecemo-nos há mais de doze anos, em Dublin.

— Ele ainda tem algum amigo daquela época, talvez um sócio...?

— Eu... ele tem tantos amigos. Eu... — Passou a mão sobre os olhos. — Sempre alguém ligava para ele quando estávamos aqui. E às vezes ele ia a um pequeno pub com os amigos quando estávamos em Dublin. Não gosto muito de pubs, por isso eu ia poucas vezes. Mas ele gostava, e ia com certa frequência.

— Que pub era esse?

— O nome do estabelecimento? O Porquinho Rico, eu acho. — Subitamente, Eileen agarrou o braço de Eve. — Preciso vê-lo agora, por favor!

— Certo. Dê-me apenas um momento, volto já. — Eve saiu da sala do legista e pegou o comunicador. — Peabody?

— Sim, tenente.

— O Porquinho Rico. Há algum pub na nossa lista com esse nome?

— Espere um instante... Não, senhora. Nada com "porquinho" no nome.

— Foi só uma ideia. Continue investigando, vou manter contato. — Virando-se para o outro lado do corredor, entrou em contato com o dr. Morris. — Ela quer ver o marido, ele já está pronto?

— Melhor do que isso não vai poder ficar... vou deixar vocês entrarem.

— Sra. Brennen! — chamou Eve, tornando a abrir a porta da sala. — Se a senhora tiver a bondade de me acompanhar...

— Estamos indo vê-lo?

— Sim.

Eve segurou o cotovelo de Eileen, tanto para servir de apoio quanto para guiá-la. Seus passos ecoavam pelo corredor de azulejos brancos. Quando chegou à porta, Eve sentiu que o braço da visitante ficou rígido. Ouviu-a respirar fundo e prender a respiração.

Entraram. Morris fizera o possível, mas não havia como disfarçar os traumas maiores que o corpo sofrera. Era impossível suavizar a morte.

Eileen expirou com força e deu um soluço, apenas um. Tornou a inspirar com força e, com gentileza, afastou a mão que a segurava, dizendo: — É o meu Tommy. Este é o meu marido. — Chegou mais perto, aproximando-se com cuidado da figura coberta até o pescoço por um lençol branco, como se estivesse com medo de acordá-lo. Eve não disse nada ao vê-la passar as pontas dos dedos sobre o rosto do marido. — Como é que eu vou contar isso para as crianças, Tommy? Como vou fazer para contar isso a elas?

Olhou para trás, na direção de Eve, e, embora estivesse com os olhos rasos d'água, parecia determinada a segurar as lágrimas.

— Quem seria capaz de fazer uma coisa dessas a um homem tão bom?

— O meu trabalho é responder a essa pergunta, sra. Brennen. A senhora pode confiar, pois vou descobrir.

— Descobrir o assassino não vai trazê-lo de volta para mim e para as crianças. Vai ser tarde demais, não é verdade?

A morte, pensou Eve, fazia tudo parecer tarde demais.

— Isso é tudo o que posso lhe oferecer, sra. Brennen.

— Não sei se vai ser o bastante, tenente Dallas. Não sei se vou conseguir aceitar que isso seja o suficiente. — Ela se inclinou, beijando os lábios do marido com carinho. — Eu sempre amei você, Tommy. Desde o início.

— Venha comigo agora, sra. Brennen. — Eileen não ofereceu resistência quando Eve a puxou pelo braço. — Vamos lá para fora. Quer que eu entre em contato com alguém aqui da cidade?

— Eu... há uma amiga minha... Katherine Hastings. Ela mora... ela possui uma loja na Quinta Avenida. Mulher com Classe é o nome da loja.

— Vou ligar para ela e pedir que venha encontrá-la aqui.

— Obrigada. Eu preciso de alguém...

— Quer um pouco d'água agora, ou um café?

— Não, vou apenas me sentar um pouco. — E quase desabou sobre uma cadeira de espaldar reto na sala de espera. — Preciso apenas descansar um pouco os pés. Vou ficar bem. — Olhou para cima, com os olhos azuis marejando-se de lágrimas não vertidas. — Vou ficar bem. Tenho as crianças, entende? Preciso ficar bem.

Eve hesitou por um segundo e então pegou o pequeno saco transparente, lacrado, que estava em seu bolso.

— Sra. Brennen, a senhora já viu este objeto?

— Não. — Eileen se concentrou no medalhão, admirando-o como se fosse uma peça de arte muito rara. — Isto é... é claro que eu já vi um trifólio antes, mas não esmaltado em uma moeda.

— Trifólio?

— Claro, é esse o nome que damos a essa planta na Irlanda. Aqui o nome é trevo.

— E quanto a esse símbolo? — Mostrou o verso do medalhão.

— Um peixe. — Fechou os olhos. — Um símbolo cristão. Poderia ligar para Katherine agora? Não quero mais ficar aqui.

— Agora mesmo. Fique sentada e descanse um pouco.

Eve ligou para Katherine Hastings, explicando-lhe o que aconteceu em poucas palavras. Enquanto falava, ficou dando uma olhada na lista de pubs. Não havia Porquinho Rico nem Trevo de Quatro Folhas, nada com peixe nem relacionado com igreja. Mas viu três estabelecimentos com "trifólio" no nome. Imediatamente pegou o comunicador.

— Peabody, concentre-se primeiro nos pubs que tiverem "trifólio" no nome.

— Trifólio, tenente?

— Sim. É só um palpite, mas faça isso.

Eve entrou no Trifólio Verde às três da tarde. A multidão da hora do almoço — se é que ali havia tanto movimento assim — já diminuía e ela encontrou o pequeno e escuro pub quase deserto. Dois clientes com olhar triste sentavam-se inclinados um para o outro, jogando cartas diante de duas tulipas de chope com colarinho largo, junto a uma mesa nos fundos. Embora não houvesse licença para jogo ao lado do alvará, Eve ignorou as pilhas de fichas de crédito que viu ao lado das tulipas de chope.

Uma jovem de avental branco e bochechas rosadas assobiava enquanto limpava as mesas. Sorriu para Eve e, ao falar, demonstrou um pouco do adorável sotaque da terra natal de Roarke.

— Boa tarde para você, senhorita. Quer ver o cardápio? A essa hora, infelizmente, temos apenas sanduíches para oferecer.

— Não, obrigada. — Não havia ninguém servindo no bar, mas Eve se sentou em um dos bancos altos em frente ao balcão, exibiu o distintivo e viu os olhos da garçonete se arregalarem.

— Eu não fiz nada. Não sou ilegal no país. Tenho documentos.

— Não sou da Imigração. — Pelo ar de alívio que notou no rosto da garota, Eve concluiu que os documentos eram recentes e, provavelmente, falsos. — Vocês têm quartos para alugar aqui? Algum dos empregados, ou o proprietário, mora nos fundos da loja?

— Sim, senhora. Há três quartos. Um nos fundos e dois em cima do pub. Eu mesma moro em um deles. Tudo conforme o código de habitação para esta área.

— Quem mais mora aqui, senhorita... como é o seu nome?

— Maureen Mulligan.

— Mais alguém mora lá em cima, Maureen?

— Bem, Bob McBride morava, até o mês passado, quando o patrão o despediu por ociosidade. Bob levava horas para pegar uma cerveja, entende, a não ser que o destino fosse a sua própria boca. — Tornou a sorrir, começando a esfregar o tampo do balcão com disposição. — Temos agora o Shawn Conroy, que se mudou para o quarto dos fundos.

— E ele está lá agora?

— Olhei ainda há pouco e ele não estava por lá não... aliás, já devia estar aqui comigo, trabalhando. Seu turno começou há meia hora.

— Você poderia me mostrar o quarto onde ele mora, Maureen?

— Ele não está em apuros com a polícia, está? Shawn bebe um pouquinho, mas trabalha direito e faz o melhor que pode.

— Eu quero justamente me certificar de que ele não está em apuros. Ligue para o seu patrão se quiser, Maureen, mas me leve até os fundos.

Maureen mordeu o lábio inferior e transferiu o peso do corpo de um pé para outro, dizendo:

— Bem, se eu ligar para ele vou ser obrigada a contar que Shawn ainda não apareceu para pegar no serviço, e isso vai lhe causar problemas, não é? Posso mostrar-lhe o quarto, se a senhora

quiser ver. Shawn não usa drogas, tenente — continuou, enquanto abria uma porta atrás do bar. — O patrão não tolera drogas nem indolência. Sem ser isso, não há mais nada por aqui que possa provocar a demissão de um empregado, mas qualquer uma dessas duas coisas significa "Rua!" no ato. — Destrancou a porta com uma chave grande e antiga que pegou em uma argola presa à cintura.

Não havia muito o que ver, apenas um beliche, uma cômoda barata, ma mesinha de cabeceira e um espelho rachado. Tudo, porém, estava surpreendentemente limpo. Uma rápida olhada dentro do closet fez Eve se certificar de que Shawn não fizera as malas às pressas e fora embora.

Foi até a cômoda e abriu uma das gavetas. Shawn tinha duas cuecas limpas e duas meias descasadas.

— Há quanto tempo ele está nos Estados Unidos?

— Shawn? Deixe ver... pelo menos há dois ou três anos, eu acho. Vive falando que vai voltar para Dublin, mas...

— É de onde ele veio? — perguntou Eve, interrompendo-a. — Shawn é de Dublin?

— Sim, ele me contou que nasceu e foi criado lá, e veio para a América só para fazer fortuna. Se bem que a fortuna ainda não deu as caras para Shawn — continuou, com um sorriso largo. Seu olhar se desviou para a garrafa vazia sobre a mesinha de cabeceira. — Aquele ali deve ser o motivo. Shawn gosta da bebida mais do que ela gosta dele.

— Sei... — Eve também olhou para a garrafa, e então seu olhar se fixou no objeto que viu ao lado da garrafa vazia. Seus músculos se enrijeceram quando ela pegou o medalhão com a figura esmaltada. — O que é isto, Maureen?

— Não sei. — Maureen virou um pouco a cabeça para ver melhor e avaliar o trifólio verde com fundo branco e, atrás, a figura de um peixe. — Acho que é algo para dar sorte.

— Você já tinha visto isso antes?

— Não. Parece novo, não parece? Brilha tanto... Shawn deve ter acabado de ganhar de alguém. Vive em busca de boa sorte.

— Sei... — Eve fechou o punho com força em volta do medalhão. Receava que a sorte dele já tivesse acabado.



## CAPÍTULO QUATRO

— Preciso que você pense bem, com todo o cuidado, Maureen. Quero que fique calma e com a cabeça fresca. Encolhida sobre uma poltrona com o estofamento cuidadosamente remendado em seu quarto que ficava sobre o Trifólio Verde, Maureen passou a ponta da língua sobre os lábios para umedecê-los.

— Não vou para a cadeia nem ser deportada?

— Você não está em nenhum tipo de encrenca, eu lhe garanto. — Eve se inclinou para a poltrona. — Se me ajudar, Maureen, e se ajudar Shawn também, posso mexer alguns pauzinhos a fim de conseguir documentos verdadeiros para você. Nunca mais você vai precisar se preocupar com a Imigração.

— Não quero que nada de mal aconteça a Shawn, juro que não. Ele sempre foi muito legal comigo. — Peabody acabara de chegar, e os olhos de Maureen voaram para o lugar em que a ajudante de Eve se mantinha em pé, ao lado da porta. — É que estou um pouco nervosa, entende? Tiras sempre me deixam nervosa.

— Mas Peabody é mansa como um felino de estimação, não é, Peabody?

— Pareço até uma gatinha malhada, tenente.

— Ajude-nos, Maureen. Pense no que aconteceu ontem. Quando foi a última vez em que você viu Shawn?

— Acho que foi na noite passada, depois de encerrar o meu turno lá embaixo. Shawn começa a trabalhar no meio da tarde. Meu horário é de onze da manhã, hora em que abrimos o pub, às oito da noite. Tiro dois intervalos de meia hora. Shawn trabalha até meia-noite, quase sempre. Depois, retorna por volta de uma da manhã e pega o horário depois do expediente até... — Calou a boca de repente, parecendo um molusco assustado que fecha sua concha.

— Maureen — disse Eve, tentando demonstrar paciência. — Não estou preocupada com o fato de o pub de vocês funcionar depois do horário permitido. Fiscalizar isso não é função minha, não tem nada a ver com o meu trabalho.

— Bem, é que a gente funciona até depois do horário de vez em quando. — Ela começou a torcer as mãos de aflição. — Vou ser posta na rua se o patrão descobrir que contei aos tiras uma coisa como essa.

— Não vai não, porque ninguém vai incomodá-lo por isso. Muito bem, então você viu Shawn na noite passada, antes de terminar o seu turno, às oito.

— Foi... isso mesmo. Depois que terminei o serviço, subi para o meu quarto. Ele estava atrás do balcão e me disse algo como: "Maureen, querida, não deixe aquele rapagão roubar nenhum dos

beijos que você está guardando para mim."

Eve levantou uma das sobrancelhas e Maureen ficou vermelha como um pimentão, completando:

— Ele não quis dizer nada de especial, tenente. Foi uma brincadeira. Shawn tem uns quarenta anos e não rola nada desse tipo entre nós. É que eu conheço um rapaz, isto é... — Continuou torcendo as mãos, olhando nervosamente para Peabody. — Ele já é um homem, e nós temos nos encontrado ultimamente. Estamos começando a nos conhecer melhor, e Shawn sabia que eu ia me encontrar com ele na noite passada, por isso ficou me zoando.

— Muito bem. Então você viu Shawn pela última vez na hora em que saiu, às oito. Depois...

— Ah, espere um instante! — Maureen levantou as mãos como se tivesse se lembrado de algo. — Eu tornei a vê-lo depois disso, tinha até esquecido... bem, na verdade não o "vi". Ouvi sua voz quando voltei do encontro com Mike... esse é o nome do rapaz com quem tenho saído. Ouvi Shawn conversando com alguém no momento em que voltei para casa — disse, e abriu um sorriso, feliz como um cachorrinho que acaba de realizar o novo truque ensinado pelo dono.

— Com quem ele estava falando?

— Não sei. Quando a gente entra, é obrigada a passar pela porta do quarto de Shawn para vir aqui para cima. Já devia ser mais de meia-noite e Shawn estava descansando em seu intervalo, antes de começar o horário extra. O prédio é antigo e as paredes são muito finas, dá para ouvir o que as pessoas falam. Foi assim que eu ouvi Shawn conversando com outro homem em seu quarto.

— E deu para ouvir o que eles falavam?

— Não muito. Eu estava só passando pela porta, mas me lembro que fiquei satisfeita por notar que Shawn parecia feliz. Estava rindo e comentou algo a respeito de "ser uma boa ideia"; depois, disse que topava, com certeza.

— Tem certeza de que ele estava conversando com um homem?

— Bem, foi mais uma impressão e não uma certeza. — Maureen franziu as sobrancelhas, pensativa. — Não cheguei a ouvir a voz da outra pessoa, só o murmúrio da conversa. Mas a voz parecia grossa, como a de um homem. Não ouvi mais nada porque subi e me preparei para dormir. Só tenho certeza de que uma das vozes era de Shawn. Era a sua risada. Ele tem uma risada forte e bem característica.

— Certo. Quem serve as mesas depois do seu turno?

— É a Sinead. Ela entra às seis horas da tarde. Trabalhamos duas horas juntas e depois ela cuida das mesas sozinha até a hora de fechar. Sinead Duggin é o seu nome e ela mora a alguns

quarteirões daqui, na rua 33, eu acho. O atendente de bar que ajuda Shawn na hora do movimento mais pesado é um androide. O patrão usa androides apenas nas horas de muito movimento, porque esses equipamentos têm manutenção muito cara.

— Certo, Maureen. Você notou alguém diferente, que começou a frequentar o pub nas últimas duas semanas e talvez tenha puxado conversa com Shawn?

— Chegam novos clientes de vez em quando, e alguns deles passam a vir sempre. Uns conversam com a gente, outros não. A maioria puxa assunto com Shawn, porque ele prepara drinques muito bons, entende? Só que não me lembro de ninguém em particular.

— Tudo bem. Pode voltar ao seu trabalho agora. Talvez precisemos tornar a conversar. Se conseguir se lembrar de mais alguma coisa, qualquer coisa, ou de alguém, quero que me procure.

— Certo. Mas eu lhe garanto que Shawn não fez nada de errado, tenente — acrescentou enquanto se levantava. — Ele não é mau, apenas um pouco tolo.

— Tolo... — refletiu Eve, virando o medalhão na mão enquanto Maureen saía o mais rápido possível — ...e com pouca sorte também. Vamos deixar um guarda de tocaia do lado de fora do bar, só para o caso de estarmos enganadas e Shawn ter ido apenas resolver algum assunto ou transar com alguma mulher. Quero visitar Sinead Duggin, para ver se ela é mais observadora do que Maureen.

— O cara das charadas falou que o prazo se esgotava amanhã de manhã.

Eve se levantou, guardou o medalhão e disse:

— Bem, acho que podemos dizer que ele não é um sujeito muito confiável.

Sinead Duggin acendeu um cigarro fino e prateado, estreitou os olhos verdes, tragou e soprou a fumaça com cheiro de jasmim na cara de Eve, informando:

— Não gosto de conversar com tiras.

— E eu não gosto de conversar com idiotas — afirmou Eve, com a voz mansa —, mas passo metade da vida fazendo isso. Pode ser aqui ou na central de polícia, Sinead. Depende de você.

Sinead encolheu os ombros magros e afrouxou um pouco o cinto do roupão que usava, para em seguida apertá-lo mais junto do corpo enquanto se virava e caminhava, descalça, de volta para o interior do conjugado onde morava.

O ambiente era entulhado de coisas, mas havia pouca mobília. Uma cama desfeita de onde ela

certamente se arrastara a fim de abrir a porta para Eve, duas cadeiras e duas mesas estreitas. Todas as superfícies, porém, inclusive o peitoril da janela, estavam cheios de pequenos objetos variados.

Obviamente, Sinead gostava de coisas. Objetos coloridos. Tigelas, pratos decorativos e bibelôs de cães e gatos. As cúpulas e franjas dos dois abajures de pé estavam cobertas de poeira. Tapetes pequenos estavam espalhados em toda parte, como peças de um quebra-cabeça esparramadas pelo chão. Sinead se sentou sobre a cama com as pernas cruzadas, pegou um imenso cinzeiro de vidro, tão pesado que poderia servir de arma, e bocejou longamente.

— Então, o que quer?

— Estou à procura de Shawn Conroy. Quando o viu pela última vez?

— Ontem, no pub. Eu trabalho à noite... — coçou o peito do pé, completando: — ...e durmo de dia.

— Com quem ele conversou ontem? Você o viu com alguém em particular?

— Só o pessoal de sempre. Gente que entra para beber alguma coisa. Shawn e eu damos o que eles querem. É um trabalho honesto.

Eve olhou para uma montanha de roupas que parecia estar há uma semana sobre uma cadeira. Tirou a pilha de lá e se sentou, pedindo:

— Peabody, abra aquelas persianas. Vamos deixar um pouco de luz entrar aqui dentro.

— Ai, que droga! — exclamou Sinead, cobrindo os olhos e estalando a língua de irritação quando as persianas subiram e o sol entrou com toda a força. — Assim você me mata! — Soltou um longo suspiro. — Escute, dona tira... Shawn é um bêbado, mas quando esse é o pior defeito de uma pessoa, até que não é nada mau.

— Shawn foi para o quarto no intervalo da meia-noite. Quem entrou lá junto com ele?

— Não vi ninguém entrar com ele não. Estava trabalhando. Cuido da minha vida. Por que está tão interessada? — Seus olhos foram se abrindo aos poucos enquanto abaixava a mão do rosto. — Por que está interessada? — repetiu. — Algo aconteceu com Shawn?

— É isso que estou tentando descobrir.

— Bem, ele estava numa boa na noite passada, isso eu posso lhe assegurar. Parecia muito satisfeito. Disse alguma coisa a respeito de um lance que pintara. Falou que muita grana ia chover na sua horta.

— Que espécie de lance era esse?

— Festas particulares, um troço com muita classe. Shawn tem uma queda por coisas cheias de classe. — Sinead apagou o cigarro e imediatamente acendeu outro. — Voltou do intervalo sorrindo como um gato que vê um monte de passarinhos. Disse que podia me colocar no esquema, se eu quisesse.

— Colocá-la no esquema?... Ia falar com quem?

— Não estava prestando muita atenção, porque Shawn é meio fanfarrão. Disse que ia cuidar do bar em um evento, servindo os melhores vinhos na festança de um figurão da alta sociedade.

— Dê-me um nome, Sinead. Ele estava contando vantagens, cheio de histórias mirabolantes, mas qual o nome que citou?

— Ai, que inferno! — Irritada, mas sem ter para onde fugir, Sinead esfregou a testa com os dedos. — Era um velho companheiro, segundo disse. Um cara de Dublin que tinha se dado bem aqui nos Estados Unidos. Roarke — disse, balançando o cigarro aceso. — Viu só? Foi por isso que eu achei que Shawn estava contando um monte de invencionices. O que um sujeito como Roarke ia querer de um tipo como Shawn?

Eve precisou usar toda a capacidade de se controlar para não dar um pulo da cadeira.

— Shawn disse que tinha conversado com Roarke?

— Ai, dá um tempo, não estou raciocinando direito, estou meio dormindo. — Bocejou mais uma vez quando um ônibus aéreo com escapamento defeituoso passou em frente à sua janela, fazendo barulho. — Deixe ver... Não, acho que ele disse que Roarke mandou um cara a fim de combinar tudo com ele. E a grana era alta. Disse que ia sair do Trifólio Verde, entrar na alta roda em pouco tempo e me levava junto, se eu quisesse. Sabe... Shawn e eu ficávamos um com o outro de vez em quando, sempre que pintava um clima. Nada sério.

— A que hora você fechou o pub? — Quando viu que os olhos de Sinead se desviaram dos dela, Eve rangeu os dentes, avisando: — Olhe, estou cagando e andando para o lance de vocês funcionarem fora do horário permitido. Preciso saber a que hora você viu Shawn pela última vez, e para onde ele foi depois disso.

— Já eram quatro da manhã. Ele disse que ia para a cama, pois ia se encontrar com o cara hoje para acertar tudo, e tinha que parecer apresentável.

— Ele está brincando comigo! — Eve bateu a porta do carro e deu um soco no volante. — É isso o que o filho da mãe está fazendo, brincando comigo, metendo o nome de Roarke no meio desse rolo. Droga!

Levantou a mão antes que Peabody tivesse chance de falar, e então ficou simplesmente olhando

para o lado de fora da janela. Sabia o que tinha que fazer. Não havia outra escolha. Usando o *tele-link* do carro, ligou para casa.

— Residência do sr. Roarke — atendeu Summerset, com um tom simpático, mas assim que a viu, seu rosto ficou duro como pedra. — Tenente...

— Coloque-o na linha! — ordenou ela.

— Roarke está atendendo a uma outra ligação nesse momento.

— Coloque-o na linha, seu magricela filho da mãe com cara de sapo. Agora!

A tela encheu-se com a cor azul do modo de espera. Vinte segundos depois, Roarke atendeu.

— Eve? — Embora curvasse os lábios, seus olhos não sorriram. — Há algum problema?

— Você conhece um sujeito chamado Shawn Conroy? — Um lampejo rápido surgiu em seus olhos azuis antes que ele respondesse.

— Conheci há muitos anos, em Dublin. Por quê?

— Você fez algum contato recentemente com ele, aqui em Nova York?

— Não. Não o vejo nem falo com ele há mais de oito anos.

— Agora me diga que você não é dono de um pub chamado Trifólio Verde — pediu Eve, respirando fundo.

— Está bem. Eu não sou dono de um pub chamado Trifólio Verde. — Deu um sorriso. — Por favor, Eve, você achou que eu fosse proprietário de um pub com um nome tão clichê como esse?

— Não, acho que não. — O alívio ajudou a tirar-lhe o peso do estômago. — Já esteve lá?

— Não que eu me lembre.

— Está planejando oferecer alguma festa?

— No momento não. — E virou a cabeça meio de lado. — Eve... Shawn está morto?

— Não sei. Preciso de uma lista dos imóveis que você possui em Nova York.

— Todos? — Ele piscou.

— Merda! — Ela apertou o cenho com dois dedos, lutando para pensar com clareza. — Olhe, comece com as unidades residenciais que estejam desocupadas no momento.

— Ah, isso é mais fácil. Retorno para você em cinco minutos prometeu Roarke, desligando.

— Por que unidades residenciais? — quis saber Peabody.

— Porque ele quer que eu encontre logo. Quer que eu apareça lá. Foi bem rápido dessa vez. Por que se dar ao trabalho de evitar seguranças, câmeras, pessoas? É só pegar um lugar vazio. Você entra, faz o trabalho e torna a sair. — Acionou o *tele-link assim* que ele tocou de volta.

— Estou com apenas três unidades desocupadas no momento — disse-lhe Roarke. — A primeira fica na avenida Greenpeace Park, número 82. Vou me encontrar com você lá.

— Fique exatamente onde está!

— Encontro você lá — repetiu ele, e desligou.

Eve nem se deu ao trabalho de praguejar e ligou o carro, saindo na mesma hora. Chegou ao local trinta segundos antes dele, mas não teve tempo de destravar a fechadura com seu cartão mestre.

O casacão preto longo que Roarke usava para se proteger do vento drapejava no ar enquanto ele andava, parecendo um chicote. Colocando a mão no ombro de Eve, beijoua de leve, apesar de sua cara feia.

— Eu tenho o código — informou, e o digitou.

A casa era alta e estreita para poder caber no terreno apertado. O teto também era muito alto. As janelas haviam sido tratadas para assegurar a privacidade e bloquear os raios ultravioleta. Eram gradeadas, de forma que a luz do sol lançava finas sombras sobre o piso de lajotas brilhantes.

Eve sacou a arma e fez um gesto para Peabody se colocar à sua esquerda, avisando a Roarke:

— Não esqueça que você está comigo. — Começou a subir os primeiros degraus da escada em curva. — Mais tarde vamos conversar a respeito disso.

— Claro que vamos. — E ele não ia mencionar, nem agora nem depois, a pistola ilegal, de nove milímetros, que carregava no bolso. Por que afligir a mulher que amava com pequenos detalhes?

Manteve, porém, a mão no bolso, segurando-a com firmeza enquanto observava Eve, que vistoriava cada um dos cômodos com olhos frios que vasculhavam todos os cantos.

— Por que um lugar como esse está vazio? — quis saber depois de se certificar de que estava realmente vazio.

— Não vai mais estar a partir da semana que vem. Estamos alugando a casa assim, toda mobiliada, para empresas que estão sediadas fora do planeta e não gostam de colocar os executivos em quartos de hotel.

Vamos fornecer todos os serviços, inclusive os de andróides e empregados humanos.

— Quanta classe!

— Tentamos fazer o melhor possível. — Sorriu para Peabody enquanto desciam as escadas, de volta. — Tudo limpo, policial?

— Nada aqui, a não ser duas aranhas sortudas.

— Aranhas? — Levantando uma sobrancelha, Roarke pegou sua pequena agenda eletrônica e digitou uma mensagem para lembrá-lo de entrar em contato com a firma de dedetização.

— Onde fica o próximo local? — perguntou Eve.

— A dois quarteirões daqui. Vou levá-la até lá.

— Você podia simplesmente me dizer qual é o código de entrada e depois ir para casa...

— Não, não podia. — Passou a mão com carinho pelos cabelos dela ao saírem novamente para a rua.

A segunda casa era um pouco afastada da rua e ficava na parte dos fundos de um terreno, atrás de árvores que exibiam galhos onde não se via uma folha sequer. Embora houvesse residências dos dois lados, os donos das moradias preferiram sacrificar os jardins em favor da privacidade, plantando uma cerca viva entre as casas.

Eve sentiu o sangue correr mais depressa. Ali, pensou, naquele espaço caríssimo, em uma casa revestida com material à prova de som e protegida de olhares curiosos, um assassinato poderia ser cometido de forma bem discreta.

— Ele gostaria dessa casa aqui — murmurou por entre os dentes. — Ela tem tudo para servir aos seus propósitos. Digite a sua senha — disse a Roarke, fazendo um gesto para Peabody e mandando que ela se movesse pela direita.

Eve se colocou na frente de Roarke e empurrou a porta destrancada. Foi o suficiente.

Na mesma hora sentiu cheiro de morte recente.

A sorte de Shawn Conroy acabara em uma sala de estar maravilhosamente decorada que ficava adiante de um saguão pequeno e elegante. Seu sangue manchou as rosas silvestres que enfeitavam o tapete antigo. Os braços estavam abertos, em atitude de súplica. As palmas de suas mãos haviam sido pregadas no piso de madeira.

— Não toque em nada! — exclamou Eve, agarrando Roarke pelo braço antes mesmo de ele conseguir passar pelo portal. — Você não pode entrar, senão vai comprometer a cena do crime. Dê-me a sua palavra de que não vai tentar entrar, senão eu tranco você do lado de fora. Peabody e eu temos que verificar o resto da casa.



— Não vou entrar. — Virou a cabeça, exibindo um olhar cheio de emoções não identificáveis. — O assassino já foi embora.

— Eu sei, mas temos que vasculhar a casa mesmo assim. Peabody, verifique os fundos. Vou olhar no andar de cima.

Não havia nada nem ninguém, conforme Eve já esperava. Como queria um instante a sós com Roarke, pediu que Peabody fosse até a viatura para pegar seu estojo de trabalho.

— Ele quer que isso me atinja de forma pessoal — começou ela.

— É pessoal mesmo. Eu cresci com Shawn, conhecia sua família. Seu irmão mais novo e eu éramos da mesma idade. Paqueramos as mesmas garotas nas ruas de Dublin e as fizemos suspirar nos becos escuros. Ele era um amigo. Aconteceu em outra vida, mas ele era um bom amigo.

— Sinto muito. Eu cheguei tarde.

Roarke simplesmente balançou a cabeça e olhou fixamente para o homem que certa vez fora um menino como ele. Apenas um menino perdido entre tantos outros, pensou. Eve se virou e pegou o comunicador, informando:

— Quero reportar um homicídio.

Quando suas mãos e botas estavam devidamente protegidas pelo spray selante, ela se ajoelhou na poça de sangue. Dava para ver que a morte chegara lentamente e de forma obscena para Shawn Conroy. Seus pulsos e a garganta haviam sido cortados, mas não de um modo que fizesse o sangue espirrar em jato, o que o mataria muito rapidamente. Ele sangrara lentamente, durante horas, talvez.

Seu tórax fora aberto com cuidado, quase de forma cirúrgica, do osso esterno até a genitália, também com o intuito de provocar-lhe uma dor insuportável e lenta. Seu olho direito desaparecera, bem como a língua.

Pela sua experiência, Eve avaliou que ele estava morto há menos de duas horas.

Sem dúvida morrera lutando para gritar de dor.

Eve deu um passo para trás enquanto a equipe que chegou tirava fotos e filmava o corpo. Virando-se, pegou as calças que haviam sido atiradas longe. Elas haviam sido arrancadas dele, mas sua carteira continuava no bolso traseiro.

— A vítima foi identificada como Shawn Conroy, cidadão irlandês, de quarenta e um anos, residente na rua 79, West Side, número 783. Na carteira da vítima foram encontrados o seu *green-card*, o cartão da Previdência Social, doze dólares em fichas de crédito e três fotos.

Verificando dentro do outro bolso, Eve achou cartões magnéticos para fechaduras codificadas, fichas de crédito soltas no valor de três dólares e vinte e cinco cents, além de um pedaço de papel dobrado com o endereço da casa onde ele morrera e, por fim, um medalhão esmaltado com um trifólio verde de um lado e um esboço representando as linhas de um peixe do outro.

— Tenente — o chefe da equipe médica se aproximou dela —, a senhora já liberou o corpo?

— Sim, pode ensacá-lo. Diga ao dr. Morris que eu quero uma atenção especial para esta vítima.

— Enfiando a carteira e o conteúdo dos bolsos em uma embalagem própria para preservar provas, olhou para Roarke. Ele não dissera nada e seu rosto não revelava emoção alguma, nem mesmo para ela.

Com um gesto automático, pegou o solvente para remover o sangue e o selante que lhe cobria as mãos enquanto caminhava na direção dele.

— Você já viu, em algum lugar, um medalhão desse tipo?

Ele olhou para a embalagem transparente lacrada onde estavam os pertences de Shawn e respondeu:

— Nunca.

Eve deu uma última olhada na cena do crime. Viu a imagem obscena que contrastava com a grandiosidade do ambiente. Franzindo as sobrancelhas, virou a cabeça levemente para o lado e fixou o olhar, com ar pensativo, na pequena e elegante estatueta que estava sobre um pedestal, junto de um vaso de flores artesanais em tons pastéis.

Uma mulher, refletiu, esculpida em pedra branca, coberta por um véu e vestida com um manto pregueado. Não era um vestido de noiva, mas parecia. Como sentiu que a imagem parecia deslocada ali e a achou vagamente familiar, apontou para ela e perguntou:

— O que representa aquela... pequena estátua ali?

— O quê? — Distraído, Roarke olhou por trás do ombro. Intrigado, caminhou em torno do cordão de isolamento colocado em volta do corpo e quase tocou na imagem, tendo sido impedido no último instante por Eve, que agarrou-lhe a mão. — A Virgem... estranho...

— A *o quê?*

— Desculpe. — A risada que soltou foi curta e sem humor. — Linguagem católica. Essa é a abençoada Virgem Maria.

— Você é católico? — Surpresa, Eve franziu a testa para ele, sentindo o quanto a pergunta era inadequada. Afinal, sendo sua mulher, ela já devia conhecer essa informação.

— Fui, em outra vida — disse ele de forma mecânica e ausente —, mas jamais fui promovido a coroinha. Essa imagem não pertence a este lugar — acrescentou. — A firma que faz a decoração das minhas casas para locação não costuma usar imagens religiosas.

Analizando a face linda e serena, maravilhosamente esculpida em mármore branco, continuou:

— Foi o assassino que a colocou aqui, só pode ter sido. — Notou pelo olhar gélido de Eve que ela também já chegara à mesma conclusão.

— É a plateia dele — concordou ela. — O que ele está fazendo? Está se exibindo para ela?

Roarke podia não se ver como católico ou algo desse tipo há muitos anos, mas a ideia o deixou enjoado.

— Diria que ele buscava uma espécie de bênção para o seu trabalho, o que quer dizer mais ou menos a mesma coisa.

— Acho que vi outra imagem dessas no apartamento de Brennen. — Eve já pegava um novo saco plástico para guardar a estátua. — Estava sobre a cômoda da mulher dele, voltada na direção da cama. Pareceu algo natural em um ambiente como aquele, por isso eu não dei muita atenção. Havia um daqueles colares de contas que as pessoas usam para rezar, holografias das crianças, uma imagem dessas, uma escova larga para cabelos com a parte posterior em prata trabalhada, um pente e um frasco azul de perfume.

— E você disse que nem prestou atenção, hein?... — murmurou Roarke, refletindo que alguns policiais não deixavam de perceber nada.

— Percebi apenas que o objeto estava lá, não que não deveria estar. Ela é pesada — comentou ao colocar a estátua dentro do saco transparente. — Parece cara. — E franziu a testa ao olhar a inscrição na base. — É importada?

— Humm... fabricada na Itália — leu Roarke.

— Talvez consigamos descobrir a origem dela.

Roarke balançou a cabeça para os lados, afirmando:

— Vai descobrir que milhares de imagens como essa foram vendidas só no ano passado. As lojas de artefatos religiosos próximas do Vaticano têm um lucro gigantesco vendendo produtos como esse. Eu mesmo possuo algumas lojas especializadas nisso em Roma.

— Vamos pesquisar mesmo assim. — Tomando-o pelo braço, ela o guiou para fora da casa. Não ia ajudar em nada deixá-lo ali, vendo o corpo ser ensacado e preparado para transporte. — Não há mais nada para você fazer aqui. Tenho que voltar para a central, a fim de fazer meu relatório e pesquisar algumas coisas. Vou para casa em poucas horas.

— Quero falar com os familiares dele.

— Não posso permitir isso, Roarke. Ainda não... Ainda não! — repetiu ela, com ênfase, quando viu seus olhos se apertarem, frios. — Quero que me dê algumas horas. Escute... — Sentindo-se impotente, caiu no lugar-comum, dizendo: — Meus pêsames...

Ele a surpreendeu puxando-a mais para junto dele, apertando o rosto de encontro ao seu cabelo e deixando-se ficar ali. De forma desajeitada, ela o acariciou, passando a mão por suas costas e dando tapinhas em seu ombro rígido.

— Pela primeira vez desde que a conheci — murmurou ele, tão baixo que ela mal conseguiu ouvir —, gostaria que você não fosse uma policial. — Afastou-se dela, caminhando sem olhar para trás.

Ela permaneceu em pé ali, no vento que soprava de leve, sentindo o perfume do inverno que estava para chegar e sentindo o peso imenso da culpa e da incapacidade.

Roarke estava em seu escritório quando Eve chegou em casa. Apenas o gato foi recebê-la na entrada. Galahad empinou o rabo de forma afetuosa e passou por entre as pernas de sua dona, que já despia o casaco e jogava a bolsa sobre o ombro.

Era até melhor ela ficar sozinha, decidiu, pois ainda tinha trabalho pela frente. Já que era uma figura patética quando se tratava de oferecer consolo ao marido, ia ser uma policial. Nessa área, pelo menos, ela sabia como agir.

Galahad foi caminhando ao lado de Eve e subiu os degraus com agilidade, apesar de estar mais gordo, acompanhando-a até a suíte onde ela muitas vezes trabalhava e às vezes dormia quando Roarke estava fora.

Ao pegar um pouco de café no AutoChef, notou que Galahad parecia tão faminto quanto ela e ordenou um sanduíche de atum. Dividiu a iguaria com o gato, que devorou sua metade como se não comesse há um mês. Em seguida, carregou a outra parte com ela para a mesa de trabalho.

Olhou para a porta que conectava a sua sala com a de Roarke. Sabia que bastava bater para encontrá-lo, mas em vez disso se sentou diante do computador.

Ela não conseguira salvar seu amigo. Não fora rápida o bastante nem esperta o suficiente para impedir a sua morte. Nem ia conseguir manter Roarke fora da investigação. Havia perguntas que ela teria que fazer e depoimentos que teria que pegar.

Além do mais, a mídia já saberia de tudo na manhã seguinte. Não havia como deixá-los de fora. Eve já decidira ligar para Nadine Furst, seu contato no Canal 75. Com relação a Nadine, ela sabia que podia obter uma cobertura justa dos fatos. Embora a repórter fosse persistente e irritante,

era, sem dúvida, objetiva e precisa.

Eve olhou para o *tele-link*. Pedira a McNab que programasse a unidade de comunicações de sua sala na central de polícia e transferisse todas as ligações efetuadas durante a noite para o seu aparelho de casa. Queria que o canalha ligasse.

Por quanto tempo ele ainda ia esperar? E para quando estaria planejando o próximo ataque?

Bebeu café e se forçou a pensar com mais clareza. Volte ao início, disse a si mesma. Repasse todas as coisas relacionadas com o primeiro crime.

Colocou no computador a gravação do primeiro contato e ouviu-a com atenção duas vezes. Já aprendera a reconhecer o ritmo da voz, o tom e o estado de espírito do assassino. Ele era arrogante, vaidoso e esperto... sim, esperto e habilidoso. Desempenhava uma missão sagrada, mas tinha excesso de presunção e esse era o seu ponto fraco. Presunção, refletiu, e um sentido distorcido de fé.

Eram os pontos que Eve precisava explorar melhor.

Vingança, foi o que dissera. Olho por olho. Vingança era sempre pessoal. Os dois homens que foram assassinados tinham ligação com Roarke. Portanto, pela lógica, o assassino também. Uma antiga *vendetta*, talvez.

Sim, ela e Roarke tinham muito o que discutir. Talvez ele fosse um alvo também. Só de pensar nisso o seu sangue gelou, o cérebro parou e o coração disparou.

Resolveu deixar a emoção de lado. Não podia se dar ao luxo de pensar como esposa, nem como amante. Mais do que nunca, precisava ser unicamente policial.

Entregou para Galahad a outra metade do sanduíche praticamente inteira quando viu o gato chegar junto dela com ar de súplica. Em seguida, pegou as gravações dos discos de segurança das Torres do Luxo.

Siga passo a passo, ordenou a si mesma. Assista a cada disco, cada área gravada, não importa o tempo que leve. Quando amanhecesse, iria pedir a Roarke que desse uma olhada neles também. Talvez ele reconhecesse alguém.

Entornou a xícara de café sobre a mesa, de susto, quando *ela mesma* reconheceu uma pessoa.

— Parar! — ordenou. — Torne a passar este arquivo a partir do ponto zero-zero-cinco e seis. Meu santo Cristo!... Congelar imagem! Ampliar das seções 15 a 21 em trinta por cento e entrar em modo de câmera lenta.

E olhou a figura chegar com um terno preto impecável e um sobretudo dois números maior que flutuava quando ele andava. Ele entrou com toda a calma no suntuoso saguão do prédio de

apartamentos. Conferiu a hora em seu caro relógio de pulso e alisou o cabelo.

Em seguida Eve observou, com atenção, o instante em que Summerset entrou no elevador e subiu.

— Congelar a imagem! — exigiu do aparelho.

O horário no canto inferior da tela mostrou que era meio-dia em ponto na tarde do assassinato de Thomas X. Brennan.

Acelerou as imagens, vasculhando hora após hora... e não viu Summerset tornar a sair do prédio.

## CAPÍTULO CINCO

Ela nem bateu na porta e escancarou-a com toda a força. Seu sangue borbulhava, mas sua cabeça estava fria. Roarke notou as duas emoções diferentes estampadas em seus olhos. Deliberadamente e com todo o vagar, salvou o arquivo que analisava e colocou o computador em modo de hibernação.

— Você está trabalhando demais novamente — disse com ar descontraido, permanecendo sentado enquanto ela entrava ventando, parecendo uma multidão que se aproximava da sua mesa. — A fadiga sempre rouba a cor do seu rosto. Não gosto de vê-la pálida.

— Eu não me sinto pálida! — Na verdade, ela nem sabia ao certo o que sentia. Tinha certeza, apenas, de que o homem que amava, o homem em quem aprendera a confiar, sabia de algo e não contara para ela. — Você me disse que não tivera nenhum contato com Brennen nem com Conroy. Nenhum contato, Roarke? Nem mesmo através de um mensageiro?

Ele virou a cabeça meio de lado, intrigado. A conversa tomara um rumo que ele não esperava.

— Não, não tive contato algum. No caso de Tommy, ele mesmo preferiu romper os laços suspeitos do passado, e Shawn... — Olhou para as mãos, abrindo os dedos e tornando a fechá-los em seguida. — No caso de Shawn, fui eu que não mantive contato, e sinto muito por isso.

— Olhe para mim! — ordenou ela, com a voz firme e agressiva. — Olhe dentro dos meus olhos, droga! — E ele o fez, levantando-se da cadeira para deixar os dois olhares quase no mesmo nível. — Eu acredito em você. — Girou o corpo, afastando-se dele enquanto dizia: — Não sei se acredito porque é verdade ou se porque preciso acreditar.

Roarke sentiu aquela pontada de desconfiança como um golpe no coração e reagiu:

— Quanto a isso, não posso fazer nada. Prefere continuar esta conversa na sala de interrogatório?

— Não, na verdade preferia que esta conversa nem mesmo estivesse acontecendo. E não venha dar uma de gostosão pra cima de mim não, Roarke, não comece!...

Ele abriu a caixa laqueada sobre a sua mesa, escolheu, com todo o cuidado, um cigarro e disse, brincando:

— Mas *eu sou* gostosão, tenente.

Eve fechou a mão com força, rezou para se controlar e tornou a se virar, perguntando:

— O que Summerset estava fazendo nas Torres do Luxo exatamente no dia do assassinato de Thomas Brennen?

Pela primeira vez desde o dia em que o conhecera, ela o viu ficar completamente abismado e

desnortado. A mão que acabara de acionar um isqueiro ficara parada em pleno ar. Seus olhos, que antes mostravam um princípio de irritação, perderam toda a expressão. Balançou a cabeça de leve, uma vez, como que para colocar as ideias no lugar, e então pousou o isqueiro e o cigarro ainda apagado sobre a mesa, exclamando:

— O quê?! — E isso foi tudo o que conseguiu dizer.

— Você não sabia... — As pernas de Eve ficaram bambas. Nem sempre era possível decifrá-lo, conforme ela tão bem sabia. Roarke era controlado demais, esperto demais, vivido demais. Só que ali não havia dúvidas sobre o choque que tomara conta de sua expressão. — Você não estava preparado para ouvir isso, não esperava por essa informação. — Deu um passo para a frente, chegando mais perto dele. — Para o quê você estava preparado? O que achou que eu fosse perguntar quando entrei?

— Vamos nos ater à questão inicial. — Externamente, sua recuperação foi rápida e definida. Os músculos do estômago, porém, pareciam estar cheios de nós que o queimavam por dentro. — Você imagina que Summerset tenha visitado Tommy no dia do assassinato? Isso é simplesmente impossível.

— E por quê?

— Porque ele teria me contado.

— Ele conta a você todas as coisas que faz por aí? — Enfiou as mãos nos bolsos, começando a andar de um lado para outro na sala, impaciente. — Até que ponto Summerset conhecia Brennen?

— Praticamente não o conhecia. Por que acha que ele esteve lá no dia do crime?

— Porque estou com os arquivos da segurança do prédio. — Eve estava completamente imóvel agora e olhava para Roarke do outro lado da mesa. — Tenho a gravação de Summerset entrando no saguão das Torres do Luxo ao meio-dia em ponto. Tenho outra câmera que o pegou entrando no elevador. E não tenho a imagem do instante em que tornou a sair do edifício. O legista determinou a hora da morte de Brennen às quatro e meia da tarde. A lesão inicial, porém, que foi a amputação da mão, ocorreu entre meiodia e quinze e meio-dia e meia.

Como precisava de algo para fazer com as mãos, Roarke deu a volta na mesa e se serviu de um conhaque. Parado ali por um momento, girou a bebida na taça enquanto dizia:

— Ele irrita você, Eve. Talvez você ache Summerset uma pessoa... desagradável. — Levantou uma sobancelha ao ouvir o riso de deboche de Eve. — Mas não pode acreditar de verdade que ele seja capaz de cometer um assassinato... que ele seja capaz de passar várias horas torturando outro ser humano. — E levou a taça aos lábios, bebendo tudo. — Posso lhe assegurar, sem sombra de dúvida, que ele seria incapaz disso, sempre foi assim!



— Então onde estava o seu mordomo, Roarke, de meio-dia às cinco da tarde?

— Você devia perguntar a ele. — Esticando o braço, apertou o botão que ligou um monitor interno sem mesmo olhar para o painel. — Summerset, você poderia vir aqui em cima, em minha sala, por favor? Minha mulher tem uma pergunta para lhe fazer.

— Pois não.

— Eu o conheço desde menino — disse Roarke, olhando para Eve. — Já lhe contei tudo sobre a história dele comigo, e confiei na sua discrição. Agora estou novamente confiando em você para saber lidar com ele.

— Não posso permitir que isso se transforme em algo pessoal, Roarke. — Sentiu um aperto em torno do coração. — Você não pode pedir isso a mim.

— O problema é que não há outro jeito de abordar o caso, pois isso é exatamente o que a história é: pessoal — continuou ele, caminhando na direção dela. — ...Íntima. — Apenas com as pontas dos dedos, ele alisou-lhe a face. — A coisa é comigo. — E deixou a mão cair ao lado do corpo ao ouvir a porta se abrir.

Summerset entrou. Seus cabelos brancos estavam perfeitamente penteados, seu terno preto impecavelmente passado e seus sapatos brilhavam como espelhos.

— Tenente — cumprimentou ele, com cara de quem não considerava a palavra muito agradável. — Em que posso ajudá-la?

— Por que você esteve no condomínio Torres do Luxo ontem, ao meio-dia?

Ele olhou fixamente para ela, como se estivesse olhando para um ponto atrás dela, e sua boca ficou mais fina, formando uma linha reta como uma lâmina ao responder:

— Isso certamente não é algo que lhe diga respeito.

— Pois está errado. Isso me diz respeito sim! Qual o motivo de ter ido até lá se encontrar com Thomas Brennen?

— Thomas Brennen? Não vejo Thomas Brennen desde que saí da Irlanda.

— Então o que estava fazendo nas Torres do Luxo?

— Não consigo enxergar a relação que uma coisa tem com a outra. O meu tempo livre é... — Parou de falar de repente, com os olhos voando em direção a Roarke, arregalados. — Era nesse local que Tommy morava... as Torres do Luxo?

— Ei, você está falando *comigo*! — avisou Eve, colocando-se diante de Summerset para obrigá-lo a fixar os olhos nela. — Agora vou lhe perguntar mais uma vez: o que foi fazer nas Torres do

Luxo ontem, ao meio-dia?

— Tenho uma amiga que reside lá, e tínhamos um encontro marcado. Íamos almoçar juntos e depois assistir a uma matinê.

— Muito bem — respirou Eve, aliviada e pegando o gravador. — Informe-me o nome dela.

— Audrey. Audrey Morrell.

— Apartamento número...?

— Número 1218.

— E a srta. Morrell poderá confirmar que se encontrou com você ao meio-dia, e que passaram o dia juntos?

— Não. — Seu rosto já pálido foi ficando ainda mais branco.

— Como não? — Eve olhou para Roarke e não disse nada ao vê-lo servir uma taça de conhaque a Summerset.

— Audrey, isto é, a srta. Morrell não estava em casa quando eu cheguei. Aguardei durante algum tempo, e então percebi que ela... Bem, achei que algum compromisso inesperado devia ter surgido.

— Por quanto tempo ficou ali, esperando?

— Trinta ou quarenta minutos. — Um pouco de cor voltou às suas bochechas, como se ele se sentisse sem graça. — Então fui embora.

— Pelo saguão principal.

— É claro.

— Mas eu não tenho a gravação de você saindo do prédio. Talvez tenha usado uma porta lateral ou de serviço.

— Certamente que não!

Eve mordeu a ponta da língua, de leve. Ela tentara lhe atirar uma corda, mas ele não a aceitara.

— Muito bem, você mantém a história. O que fez, então?

— Desisti da matinê. Fui caminhar pelo parque.

— O parque. Ótimo! — Eve se encostou na mesa de Roarke. — Que parque?

— O Central Park Havia uma exposição de arte ao ar livre. Visitei-a por algum tempo.

— Estava chovendo!

— Havia estruturas especiais para proteger os visitantes de inconveniências climáticas.

— E como foi do prédio de luxo até o parque? Que tipo de transporte usou?

— Fui a pé.

— Debaixo da chuva? — A cabeça de Eve começava a latejar.

— Sim — confirmou ele, com o rosto impassível, bebendo um pouco do conhaque.

— Você falou com alguém, encontrou algum conhecido durante o caminho?

— Não.

— Merda! — Ela suspirou e então esfregou a mão de forma distraída pela têmpora. — Onde estava ontem, por volta de meia-noite?

— Eve... — Roarke tentou interrompê-la.

— Esse é o meu trabalho — cortou ela, lançando-lhe um olhar duro. — Tenho que realizá-lo. Você esteve no pub Trifólio Verde ontem, por volta de meia-noite?

— Não, estava na cama, acompanhado por um livro.

— Qual era o seu relacionamento com Shawn Conroy?

Summerset pousou a taça de conhaque sobre a mesa e olhou para Roarke por cima do ombro de Eve, respondendo:

— Shawn Conroy era um rapaz que morava em Dublin há muitos anos. Ele está morto?

— Alguém que se apresentou como representante de Roarke atraiu-o até uma das casas de sua propriedade que estavam para alugar, prendeu-o no chão com pregos e o retalhou, deixando-o sangrar até morrer. — Sua expressão demonstrou o choque que recebera, Eve notou. Ótimo, pois era assim que ela o queria: chocado. — Agora você vai ter que me fornecer um álibi bem sólido para as horas dos crimes, algo que eu possa confirmar oficialmente, senão vou ter que levá-lo para um interrogatório formal.

— Não tenho álibi algum.

— Então encontre um! — sugeriu ela. — Mas tem que ser antes das oito horas, amanhã de manhã, que é quando eu o quero na central de polícia.

Os olhos dele mostraram-se frios e amargos ao olhar para Eve.

— A senhora adoraria me interrogar oficialmente, não é, tenente?

— Sim. Rebocar você até lá como suspeito de alguns assassinatos era a oportunidade pela qual esperava há muito tempo. O fato de que toda a mídia vai estar trombeteando aos quatro ventos a sua ligação com Roarke antes do noticiário de meio-dia é uma rele inconveniência. — Sentindo-se nauseada, foi a passos largos em direção à porta que separava as duas salas de trabalho, a dela e a de Roarke.

— Eve... — A voz de Roarke era calma. — Preciso conversar com você.

— Agora não! — foi tudo o que ela disse, e bateu a porta na cara dele. Roarke ouviu a tranca se fechar.

— Ela já decidiu que eu sou culpado — murmurou Summerset, bebendo o resto do conhaque de uma vez só.

— Não. — Apesar de notar que um sentimento de remorso se mesclava com a raiva, Roarke continuou olhando fixamente para o painel que o separava fisicamente da mulher. — Ela decidiu que não tem outra escolha a não ser investigar os fatos. — E desviou o olhar até fixá-lo em Summerset. — Ela precisa saber de tudo.

— Isso só serviria para piorar a situação.

— Ela tem o direito de saber.

Summerset pousou a taça vazia e sua voz estava mais rígida do que nunca.

— Já percebi do lado de quem você está, Roarke.

— Percebeu? — disse Roarke, baixinho, no instante em que Summerset o deixou sozinho. — Percebeu de verdade?

Eve passou aquela noite na suíte anexa ao seu escritório e dormiu muito mal. Não se importava com o fato de que evitar Roarke abertamente, daquela forma, parecia pirraça. Precisava do distanciamento. Bem antes das oito da manhã já estava na central de polícia. Depois de tentar comer uma rosquinha que parecia feita de papelão e beber uma xícara de café que exibia o aspecto, cheiro e sabor de esgoto não tratado, enviou uma transmissão para Peabody, com ordens para que ela se apresentasse na Sala de Interrogatório C.

Pontual como um guarda de palácio, Peabody já estava na pequena sala azulejada com espelhos nas paredes, conferindo o equipamento de gravação, quando Eve entrou.

— Temos um suspeito?

— Sim... temos um suspeito. — Eve pegou um copo de água no purificador que havia em um dos cantos. — Vamos tentar manter isso em sigilo, pelo menos até o interrogatório acabar.

— Certo, mas quem é o... — Peabody parou de falar na mesma hora quando um guarda trouxe Summerset e Roarke até o interior da sala. Seus olhos voaram para Eve e de volta para Roarke enquanto exclamava, surpresa: — Oh!

— Guarda! — dirigiu-se Eve ao rapaz que os trouxera. — Está dispensado. Roarke, você pode esperar do lado de fora, na minha sala.

— Summerset tem o direito de trazer um representante.

— Você não é advogado.

— Por lei, o representante não precisa ser advogado.

— Assim você está tornando as coisas ainda piores. — Eve obrigou-se a aliviar a pressão nos maxilares.

— Talvez — disse, e se sentou, cruzando as mãos sobre a mesa muito arranhada e marcando, com sua presença elegante, a sala pouco convidativa.

— Você precisa de um advogado... — disse a Summerset, falando bem devagar — ...e não de um amigo.

— Advogados me desagradam. Quase tanto quanto tiras — disse, e se sentou também, com os dedos ossudos beliscando as calças na altura dos joelhos a fim de preservar seu vinco impecável.

Eve enfiou as mãos nos bolsos antes que começasse a arrancar os cabelos.

— Feche a porta, Peabody. Gravador... ligar! — Respirando fundo, começou: — Sessão de interrogatório com Summerset... por favor, informe o seu nome completo para ficar registrado.

— Lawrence Charles Summerset.

— Interrogatório com Lawrence Charles Summerset, referente ao caso número 44591H, Thomas X. Brennen, e caso número 44599-H, Shawn Conroy. Divisão de Homicídios. A data é 17 de novembro de 2058 e o horário é oito e três da manhã. Na sala estão presentes o interrogado; seu representante, Roarke; a policial Delia Peabody e a tenente Eve Dallas, conduzindo o interrogatório. O interrogado se apresentou voluntariamente.

Ainda em pé, recitou os direitos e obrigações do interrogado, conforme a nova versão da lei, e perguntou:

— Compreendeu todos os seus direitos e deveres, Summerset?

— Perfeitamente.

— E abre mão de representação legal para acompanhá-lo durante este interrogatório?

— Correto.

— Qual era a sua ligação com Thomas Brennen e Shawn Conroy?

Summerset piscou uma vez, surpreso ao ver que ela fora direto ao ponto.

— Eu os conhecia de vista, quando morava em Dublin.

— E quando foi isso?

— Há mais de doze anos.

— E quando foi a última vez que viu ou conversou com Brennen?

— Não sei dizer com precisão, mas também faz mais de doze anos.

— No entanto você estava nas Torres do Luxo há poucos dias, no dia do assassinato de Brennen.

— Por coincidência — afirmou Summerset com um levantar de ombros rápido e beligerante. — Não tinha conhecimento de que o sr. Brennen residia lá.

— O que foi fazer no local?

— Já lhe contei.

— Conte-me outra vez, para ficar registrado oficialmente.

Ele soltou o ar com um silvo e serviu-se de água que pegou em uma jarra, com as mãos firmes. Em um tom monótono, repetiu tudo o que declarara para Eve na noite anterior.

— A srta. Morrell concordará em confirmar que marcara um encontro com você?

— Não vejo por que não o faria.

— Talvez possa me explicar o porquê de as câmeras de segurança terem gravado a sua entrada no saguão, a sua ida até os elevadores, a sua entrada em um deles e, no entanto, não nos fornecerem nenhum registro visual da sua saída do edifício pelo mesmo caminho, na hora alegada. Aliás, em nenhuma outra hora do dia, diga-se de passagem.

— Não sei explicar isto. — Cruzando as mãos que exibiam unhas muito bem tratadas, ele a olhou com desdém. — Talvez a senhora não tenha olhado com atenção.

Eve passara a gravação seis vezes durante a noite. Pegou uma cadeira e se sentou diante dele, perguntando:

— Com que frequência você vai às Torres do Luxo?

— Foi a minha primeira ida até lá.

— Sua primeira ida... — disse ela, concordando com a cabeça. — Jamais surgira uma oportunidade para visitar Brennen antes daquele dia?

— Jamais surgiu uma oportunidade para visitar Brennen em qualquer tempo, já que não era do meu conhecimento que ele morava lá.

Ele respondera bem, pensou Eve. Com cuidado, como um homem que já passara por um interrogatório antes. Lançou o olhar rapidamente para Roarke, que se sentara ao lado do interrogado, em silêncio. A ficha policial de Summerset deveria estar tão limpa quanto a de um bebê, imaginou ela. Roarke já devia ter providenciado isso há muito tempo.

— Por que deixou o edifício usando uma saída secundária no dia do assassinato?

— Eu não deixei o prédio por uma saída secundária. Saí pelo mesmo lugar que entrei.

— A gravação não mostra isso. Ela claramente mostra sua entrada, mas não há sequer o registro da sua saída do elevador no andar onde afirma que a srta. Morrell reside.

— Isso é ridículo — reagiu Summerset, balançando uma das mãos no ar como quem espanta uma mosca.

— Peabody, por favor, ligue o aparelho e passe o disco 1-BH, designado como prova do caso. Vá direto ao arquivo 12, para a gravação ser examinada pelo interrogado.

— Sim, senhora. — Peabody colocou o disco no aparelho e apertou a tecla play. O monitor na parede deu sinal de vida, piscando ligeiramente.

— Repare o display com o horário, no canto direito da gravação — continuou Eve, enquanto olhava para a imagem de Summerset, que entrava e caminhava pelo magnífico saguão das Torres do Luxo. — Parar o disco! — ordenou à máquina quando as portas do elevador se fecharam. — Continue a reproduzir a gravação a partir do arquivo 22. Repare no display com o horário — repetiu — e veja também o código que identifica esta área como sendo o décimo segundo andar das Torres do Luxo. É este o andar em questão?

— Sim. — Summerset uniu as sobrancelhas em uma expressão de estranheza enquanto assistia à gravação. As portas do elevador não se abriram e ele não saiu. Um filete de suor frio escorreu-lhe lentamente pela espinha enquanto o tempo passava. — A senhora adulterou o disco. Fez isso com o propósito de me incriminar.

— Ah, claro!... — *Que insulto, seu filho da mãe*, pensou Eve. — É verdade. Peabody poderá confirmar que eu passo metade do tempo, em cada caso que investigo, adulterando as provas a fim de fazer com que elas se adaptem às minhas necessidades. — Começando a ferver por dentro de tanta raiva, Eve se levantou e se inclinou sobre a mesa. — O problema com essa teoria, meu chapa, é que este disco aqui é o original, trazido direto da sala da segurança. Trabalhei o tempo todo com uma cópia e não coloquei as mãos no disco original, até agora. Foi a própria Peabody que o recolheu.

— Ela é uma policial — disse Summerset, com tom de desprezo. — Cumpre as ordens que lhe são dadas.

— Então isso virou uma conspiração agora, viu só, Peabody? Você e eu adulteramos as provas somente para complicar a vida de Summerset.

— Nada a deixaria mais feliz do que me colocar atrás das grades.

— Neste momento, especificamente, você tem toda razão! — Afastou-se da mesa até se certificar de que a raiva, que aumentava rapidamente, não ia atrapalhar as suas ações. — Peabody, desligue o aparelho! Summerset, você conheceu Thomas Brennen em Dublin. Qual era a sua relação com ele?

— Ele era simplesmente um dos muitos rapazes e moças que eu conhecia.

— E Shawn Conroy?

— Ele também era um dos muitos jovens que eu conhecia em Dublin.

— Quando foi a última vez em que estive no pub Trifólio Verde?

— Jamais frequentei e nem sequer pisei em tal estabelecimento.

— Imagino que também não fazia a menor ideia de que Shawn Conroy trabalhava lá.

— Não fazia ideia mesmo... não sabia sequer que Shawn saíra da Irlanda.

Eve enfiou os polegares nos bolsos do jeans e esperou um segundo antes de perguntar:

— Naturalmente você não falou nem estive com Shawn Conroy nesses doze anos.

— Correto, tenente.

— Você conhecia as duas vítimas, estava no local no dia e na hora do assassinato de Thomas Brennen, até agora não forneceu nenhum álibi para o momento de cada crime e quer que eu acredite que não exista ligação alguma entre todos esses fatos?

— Não quero que a senhora acredite em nada além do que escolha acreditar — disse, e fixou os



olhos nos dela, com frieza.

— Assim você não está se ajudando nem um pouco. — Furiosa, pegou no bolso o medalhão que encontrara na mesinha de cabeceira de Shawn Conroy e o jogou sobre a mesa. — Qual o significado disto aqui?

— Não faço a menor ideia.

— Você é católico?

— Católico? Não! — Pura estupefação substituiu a frieza de seus olhos. — Sou universalista unitário. Moderado.

— Quanto conhece a respeito de eletrônica?

— Como disse, tenente?

*Não era por ali*, foi tudo o que Eve conseguiu pensar, e se recusou a olhar para Roarke.

— Quais são as suas atribuições no trabalho que realiza para o seu empregador?

— Elas são muito variadas.

— E durante essas várias atividades você tem oportunidade de enviar ou receber ligações?

— Naturalmente.

— E tem conhecimento de que o seu patrão possui equipamentos de comunicação muito sofisticados.

— Sim. Ele possui o mais avançado equipamento de comunicações dentro ou fora do planeta. — Havia uma pontada de orgulho em sua voz.

— E você está bem familiarizado com esse equipamento.

— Sim, estou.

— Familiarizado ou capacitado o suficiente para manipular e misturar sinais de transmissões recebidas ou enviadas?

— Claro que sim, eu... — Parou de falar antes de completar e rangeu os dentes. — Entretanto, tenente, não teria motivos para fazer tal coisa.

— Você gosta de charadas, Summerset?

— Eventualmente.

— Poderia se descrever como um homem paciente?

— Sim. — Levantou as sobrancelhas.

Eve concordou com a cabeça e, sentindo uma fisgada no estômago, se virou para o outro lado. Ia entrar em terreno perigoso, e enfrentar a preocupação e o pesar que a haviam deixado acordada quase a noite toda.

— Sua filha foi assassinada quando era criança. Eve não ouviu som algum às suas costas, nem mesmo o de respiração. Talvez a dor tivesse peso, porque o ar ficara bem mais pesado.

— O seu atual empregador foi o responsável, indiretamente, pela morte dela — continuou Eve.

— Ele... — Summerset pigarreou. Por baixo da mesa, suas mãos viraram punhos cerrados sobre os joelhos. — Ele não foi o responsável.

— Ela foi torturada, estuprada e assassinada com o objetivo de ensinar uma lição a Roarke, só para feri-lo. Ela foi apenas um instrumento. Essa informação é correta?

Summerset não conseguiu falar nada por um momento. Simplesmente não foi capaz de fazer com que as palavras passassem pela massa de pesar que subitamente enterrara as garras em sua garganta.

— Ela foi assassinada por monstros predadores de inocentes — disse, e inspirou uma vez com força, bem devagar. — A senhora, tenente, deveria ser capaz de compreender tais coisas.

Quando Eve se virou para encará-lo, seus olhos estavam sem expressão. Havia, porém, frieza nela, uma frieza horrível, porque ela compreendia tais coisas bem demais até...

— Você é assim tão paciente, Summerset? Será que é tão esperto e paciente a ponto de ter esperado todos esses anos? De ter estabelecido uma relação de confiança com o seu patrão a fim de conseguir acesso incondicional aos seus assuntos pessoais e profissionais para, então, usando essa relação, essa confiança e esse acesso irrestrito, tentar incriminá-lo em casos de assassinato?

Summerset arrastou a cadeira para trás fazendo um barulho horrível sobre o linóleo, levantou-se como se fosse impulsionado por uma mola e disse, indignado:

— Como ousa me chamar de manipulador? Como ousa afirmar que eu usei alguém quando é *a senhora* que está usando as pessoas, arrastando a lembrança de uma menina inocente para essa lama? Como tem coragem de ficar aí e apontar um dedo acusador para o homem cuja aliança de casamento a senhora exhibe e dizer que foi ele o responsável pelos horrores que a pobre menina suportou? Eles eram apenas crianças. *Crianças!* Ficarei feliz de passar o resto da minha vida em uma cela se isso fizer com que Roarke a enxergue como a senhora realmente é.

— Summerset. — Roarke permaneceu sentado, mas colocou a mão no braço de Summerset.

Seus olhos ficaram frios e sem expressão ao olhar para Eve, pedindo: — Ele precisa de alguns momentos para se recompor.

— Ótimo! Esta sessão de interrogatório está suspensa a partir deste momento, por solicitação do representante do interrogado. Desligar a gravação!

— Sente-se — murmurou Roarke, mantendo a mão sobre o braço de Summerset. — Por favor.

— São todos iguais, você não vê? — A voz de Summerset tremia de emoção enquanto tornava a se sentar, lentamente. — Com seus distintivos, sua arrogância e seus corações vazios, todos os tiras são iguais!

— Então vamos ver se é assim — disse Roarke, olhando para a sua mulher. — Tenente, gostaria de falar com você, sem registro algum, nem gravação da conversa, nem a presença de sua auxiliar.

— Não vou permitir isso! — explodiu Summerset.

— A escolha é minha! Se você nos deixar a sós agora, Peabody... — sorriu Roarke, educadamente, gesticulando em direção à porta.

Eve permaneceu exatamente na posição em que estava, com os olhos grudados em Roarke, e ordenou:

— Espere lá fora, Peabody, e vigie a porta.

— Sim, senhora.

— Ao sair, acione o sistema para deixar a sala à prova de som, Peabody! — Ao se ver a sós com Roarke e Summerset, Eve tornou a colocar as mãos, transformadas em punhos, dentro dos bolsos.

— Decidiu me contar tudo, afinal? — perguntou ela, com frieza. — Vocês acharam realmente que eu não percebi que os dois sabiam mais do que estavam dizendo? Acham que eu sou uma idiota ou alguma boçal?!

Roarke percebeu a mágoa por trás da raiva e quase soltou um suspiro, pedindo:

— Desculpe, Eve.

— Você ainda pede desculpas para ela? — reagiu Summerset.

— Depois de ela ter...

— Cale a boca, feche essa matraca! — ordenou Eve, virando-se para ele com os dentes arreganhados. — Quem sabe eu tenha acabado de acertar na mosca? O equipamento para misturar sinais e enganar a varredura do CompuGuard está bem à mão lá em casa. Quem mais sabe da existência de todo aquele aparato a não ser nós três? A primeira vítima foi um antigo

amigo pessoal de Roarke, e o segundo foi outro velho amigo, assassinado em uma das suas propriedades. Você sabe de todos os imóveis que estão em nome dele, sabe de tudo que ele faz e como faz. Já faz quase vinte anos, mas isso não é muito para quem estava à espera de vingança pela morte da própria filha. Como eu posso saber que você não está disposto a sacrificar tudo a fim de destruí-lo?

— Porque ele é tudo o que me resta na vida! Porque ele a amava. Porque ele é meu amigo e está do meu lado! — Dessa vez, ao pegar o copo d'água, Summerset deixou um pouco do líquido derramar na mesa.

— Eve... — Roarke falou suavemente, embora sentisse o coração e a lealdade puxados em direções opostas por mãos zangadas. — Por favor, sente-se e escute.

— Posso ouvir muito bem em pé mesmo.

— Faça como quiser. — Em um ato que demonstrava cansaço, Roarke apertou os olhos com as mãos. Não era fácil lidar com a mulher a quem o destino entregara o seu coração. — Eu já lhe contei a respeito de Marlana. Ela era como uma irmã para mim depois de Summerset ter me acolhido em sua casa. Mas eu não era mais criança — continuou, olhando para Summerset com afeição e um ar divertido — nem inocente.

— Mas apanhou tanto que quase morreu — murmurou Summerset.

— Fui descuidado — reagiu Roarke, encolhendo os ombros. — Enfim, acabei ficando na casa deles, e trabalhando com eles.

— Eu sei... aplicando pequenos golpes — disse Eve, entre dentes —, batendo carteiras.

— Sobrevivendo. — Roarke quase tornou a sorrir. — Não vou me desculpar pelo que fiz. Já lhe contei sobre Marlana... ela ainda era uma criança, de verdade, mas nutria por mim sentimentos que eu não percebera. E veio até o meu quarto uma noite, cheia de amor e generosidade. Fui cruel com ela. Não sabia como lidar com a situação e a rejeitei, de forma desajeitada e cruel. Achei que estava fazendo a coisa certa, tomando a atitude mais decente. Jamais poderia tocá-la do jeito que ela pensava querer. Ela era tão inocente e tão... doce. Eu a magoei, e Marlana, em vez de voltar para o seu quarto e me odiar por algum tempo, como eu esperava, como achei que faria, saiu de casa. Havia homens que estavam à minha procura, homens que eu fui arrogante o bastante para desafiar, achando que poderia vencê-los em meu campo. Eles a encontraram e a levaram.

Como em parte Roarke ainda sentia pesar por ela, e sempre sentiria, parou de falar por um momento. Quando continuou, sua voz estava mais baixa e seus olhos mais sombrios.

— Eu seria capaz de trocar a minha vida pela dela. Teria feito qualquer coisa que eles exigissem e que servisse para poupá-la de um só momento de medo ou dor. Mas não havia mais nada a ser feito. Nada que me tenham permitido fazer. Eles a jogaram na porta de nossa casa depois de

acabarem com ela.

— Ela era tão pequena... — A voz de Summerset era quase um sussurro. — Parecia uma boneca, toda quebrada e despedaçada. Eles mataram a minha menina. Foram carniceiros com ela. — Nesse momento seus olhos, brilhantes e amargos, se encontraram com os de Eve. — A polícia não fez nada, viraram as costas. Marlena era filha de um sujeito indesejável, um enjeitado. Não havia testemunhas, foi o que disseram, nem provas. Os policiais sabiam muito bem quem cometera aquela monstruosidade, porque a notícia já se espalhara por todo o bairro, mas não fizeram nada.

— Os homens que a assassinaram eram poderosos — continuou Roarke. — Naquela região de Dublin, a polícia costumava fazer vista grossa e ouvido de mercador para certas atividades. Levei muito tempo para conseguir poder e habilidade em nível suficiente para ir atrás deles. Levei ainda mais tempo depois disso, até localizar os seis homens que tomaram parte do assassinato de Marlena.

— Acabou encontrando-os e matando-os. Eu já sei disso. — Eve achava possível conviver com esse passado. — O que tudo isso tem a ver com Brennen e Conroy? — perguntou, e seu coração falhou por um momento. — Eles estavam envolvidos? Eles estavam envolvidos com a morte de Marlena?

— Não. Mas cada um deles me forneceu informações sobre os assassinos, em momentos diferentes. Essas informações me ajudaram a encontrar um determinado homem em um determinado lugar. E a partir daí, depois que achei dois dos que haviam estuprado, torturado e assassinado Marlena, eu os matei. Lentamente. Dolorosamente. O primeiro... — disse, com os olhos fixos em Eve — ... eu estripei.

— Você arrancou as vísceras dele? — A cor desapareceu do rosto de Eve.

— O ato combinava com ele. Era preciso um canalha sem entranhas para fazer o que fez com uma menina indefesa. Localizei o segundo homem seguindo algumas pistas que consegui através de Shawn. Quando o encontrei, o abri, uma veia de cada vez, e deixei que sangrasse até morrer.

Ao ouvir isso, Eve finalmente se sentou, apertando os olhos com os dedos ao perguntar:

— Quem mais o ajudou?

— É difícil dizer. Conversei com dezenas de pessoas, reuni dados, apurei boatos e fui em frente. Há Robbie Browning, mas eu já verifiquei como ele está. Continua na Irlanda como hóspede do governo, e ainda vai cumprir mais três ou cinco anos. Jennie O'Leary está em Wexford, gerenciando uma pousada. Entrei em contato com ela ontem à noite, para colocá-la em alerta. Jack..

— Droga, Roarke! — Eve bateu com os dois punhos sobre a mesa. — Você devia ter me fornecido esta lista no instante em que eu lhe contei a respeito de Brennen! Você devia ter

confiado em mim!

— Não era uma questão de confiança.

— Ah, não?

— Não. — Ele a agarrou pela mão antes que ela conseguisse se desvencilhar. — Não era não. Era uma questão de torcer para estar errado. E uma questão de tentar não colocá-la na posição em que acabei de colocá-la.

— Você achou que ia conseguir cuidar de tudo sem a minha ajuda.

— Esperava conseguir isso. Agora, porém, depois de aprontarem essa armadilha para Summerset, o que planejava fazer deixou de ser uma opção. Precisamos da sua ajuda.

— Você precisam da minha ajuda... — disse Eve, bem devagar, puxando a mão para soltá-la. — Precisam da minha ajuda. Essa é grande, essa é ótima! — Ela se levantou. — Você acha que alguma coisa do que acaba de me contar vai ajudar a diminuir a encrenca em que ele está? Se eu usar essas informações, vão os dois para a cadeia. Assassinato em primeiro grau e um monte de outras acusações.

— Summerset não matou ninguém — disse Roarke com uma frieza característica. — Eu é que matei.

— Isso não ajuda a acabar com a encrenca dele.

— Então você acredita nele?

*Ele é tudo o que me resta na vida.* Ela sentiu as palavras de Summerset ecoando em sua cabeça, bem como a emoção que havia nelas.

— Acredito nele sim — respondeu. — Ele jamais o prejudicaria. Ele adora você. Roarke pensou em dizer algo, mas desistiu e ficou olhando fixamente para as mãos. A afirmação simples, tão direta, e a verdade que havia nas palavras de Eve o comoveram.

— Não sei o que vou fazer — disse, mais para si mesma, como se precisasse ouvir as palavras ditas em voz alta. — Preciso coletar provas e tenho que seguir rigidamente o procedimento padrão. Tenho que fazer tudo de forma oficial. Se chegarmos ao ponto em que seja obrigada a acusar você — seu olhar fixou-se com firmeza em Summerset —, então é exatamente isso o que eu vou fazer. A única maneira que existe de você se ajudar é me informar tudo. Se esconder alguma coisa, o tiro vai sair pela culatra e você vai se prejudicar. Estou entrando nessa história com as duas mãos atadas às costas e vou precisar das suas — avisou Roarke.

— Você as tem. Sempre.

— Tenho mesmo? — Riu sem vontade. — As provas indicam o contrário. E eu sou a melhor para farejar provas, Roarke. — Foi caminhando até a porta, mas levou mais alguns segundos antes de destrancá-la. — Vou livrar a sua bunda magra, Summerset, mas só porque esse é o meu trabalho. Nem todos os tiras viram as costas. E esta tira aqui mantém os olhos e os ouvidos muito abertos. — Lançou um último e fulminante olhar para Roarke, completando: — Sempre!

Abriu a porta e saiu.

## CAPÍTULO SEIS

Peabody sabia quando manter a boca fechada e os pensamentos para si mesma. Qualquer que tivesse sido a conversa secreta na sala de interrogatório, ela não deixara a tenente nem um pouco satisfeita. Seus olhos estavam furiosos e preocupados, seus lábios estavam apertados um contra o outro e seus ombros pareciam rígidos como uma daquelas tábuas de carvalho vendidas no mercado negro.

Já que Eve estava dirigindo em direção ao norte, sentada ao volante de um veículo não inteiramente confiável — e Peabody estava no banco do carona —, a policial resolveu ficar na sua.

— Idiotas — murmurou Eve, e Peabody tinha certeza de que ela não estava se referindo aos turistas que atravessavam a rua com o sinal aberto e escaparam por pouco de serem pulverizados por um maxiônibus.

— Confiança uma ova!

Ao ouvir isso, Peabody simplesmente pigarreou e franziu a testa muito séria, ao ver a fumaça espessa que vinha da esquina da Décima Avenida com a rua 41, onde duas carrocinhas de lanches brigavam pelos direitos sobre o território. Fez uma cara feia quando os ambulantes atiraram as carrocinhas com força uma contra a outra. Ouviu-se um barulho de metal arranhando metal por duas vezes. No terceiro golpe, algumas chamas começaram a envolver os motores atingidos. Os pedestres começaram a se espalhar como formigas assustadas.

— Oh-oh... — foi o único comentário de Peabody, e se recostou no banco, resignada, ao ver que Eve parará junto ao meio-fio.

Eve saiu em meio à fumaça e sentiu o cheiro de carne queimada. Os ambulantes estavam muito ocupados para notá-la e continuaram berrando um com o outro, até que ela deu uma cotovelada em um deles, empurrando-o para o lado a fim de alcançar o extintor pendurado em uma das carrocinhas.

A possibilidade de o extintor estar vazio era de cinquenta por cento, mas Eve estava com sorte. Cobriu as duas carrocinhas com uma volumosa camada de espuma, apagando o incêndio e provocando uma torrente indignada de palavras em italiano pronunciadas por um dos vendedores, e incompreensíveis exclamações vindas do outro em um idioma que lhe pareceu mandarim.

Os dois podiam resolver unir as forças para atacar a sua tenente, mas Peabody surgiu de repente, em meio ao fedor e à fumaça. A visão de uma policial fardada serviu para acalmar os ânimos e os dois briguentos se satisfizeram praguejando um contra o outro, entre olhares ferozes.

Peabody olhou para a multidão que se aglomerara para assistir ao show e franziu o cenho.



— Ei, minha gente, vamos circulando! — berrou. — Não há nada para vocês verem aqui!... Eu sempre quis falar essa frase — murmurou para Eve, mas não obteve a resposta rápida e bem-humorada que esperava.

— Para completar o dia deles, multe-os por criarem tumulto na via pública.

— Sim, senhora — suspirou Peabody quando Eve voltou devagar para o carro.

Dez minutos depois, e em silêncio total, estacionaram na entrada das Torres do Luxo. O porteiro androide estava de serviço e simplesmente concordou com a cabeça de forma respeitosa quando Eve exibiu o distintivo rapidamente e foi em frente. Seguiu direto para o elevador e se colocou mais uma vez no centro da cabine cilíndrica totalmente de vidro, que subiu com rapidez até o décimo segundo andar.

Peabody continuou calada enquanto Eve apertava a campainha da porta toda branca de Audrey Morrell. Instantes depois ela foi aberta por uma morena baixinha com olhos verdes e um sorriso desconfiado.

— Sim?, o que deseja?

— Audrey Morrell?

— Exato. — A mulher focou os olhos em Peabody, reparou no uniforme da polícia e levou a mão até o colar simples de pedras brancas que trazia pendurado ao pescoço. — Aconteceu alguma coisa?

— Gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas — disse Eve, tirando o distintivo e exibindo-o. — Não vamos demorar muito.

— Claro. Por favor, entrem.

Recuou um passo para lhes dar passagem, e elas entraram em uma elegante sala de estar que transmitia um ar de aconchego, graças aos tons pastéis e à distribuição simpática dos móveis pelo ambiente. As paredes estavam cobertas com pinturas em cores fortes e sedutoras.

A dona da casa levou-as até o lugar onde estavam três poltronas em forma de "U" estofadas em azul-bebê.

— Desejam beber alguma coisa? Café, talvez?

— Não... nada.

— Muito bem, então. — Com um sorriso incerto, Audrey se sentou.

*Esse é o tipo de mulher que Summerset escolheria*, foi o primeiro pensamento de Eve. Uma figura magra, bonita, usando um vestido tubinho clássico, simples, em um tom claro de verde.

Seus cabelos estavam impecavelmente arrumados e exibiam ondulações suaves.

Sua idade era difícil de determinar. Sua pele tinha aparência descansada, lisa e suave. Suas mãos eram longas e estreitas, e sua voz calma indicava bom nível cultural. Quarenta e poucos anos foi a aposta de Eve, e provavelmente muito dinheiro gasto em salões de beleza, clínicas de estética e academia...

— Srta. Morrell, a senhorita conhece um homem chamado Summerset?

— Lawrence. — Na mesma hora, os olhos verdes cintilaram e o sorriso se ampliou, tornando-se mais relaxado. — Sim, eu conheço esse cavalheiro.

— Como o conheceu?

— Ele frequenta minhas aulas de pintura em aquarela. Dou aulas todas as terças-feiras à noite no Centro Cultural. Lawrence é um dos meus alunos.

— Ele pinta?

— Muito bem por sinal. Está trabalhando atualmente em uma série de naturezas-mortas, e eu...

— Parou de falar e sua mão voltou para o colar de pedras. — Ele está com algum problema? Está bem? Fiquei muito chateada quando ele faltou ao compromisso de sábado, mas jamais me ocorreu que...

— Sábado? A senhorita tinha um compromisso com ele no sábado?

— Era um encontro, na verdade. — Audrey afofou e arrumou o cabelo. — Nós... bem, temos alguns interesses em comum.

— E o encontro não era na sexta?

— Não, não... sábado à tarde. Almoço e depois uma matinê. — Expirou com força e tornou a exibir o sorriso. — Acho que posso confessar uma coisa a vocês, já que nós três somos mulheres... é que eu passei bastante tempo me arrumando, tentando me embelezar e estava terrivelmente nervosa. Lawrence e eu temos nos visto com frequência fora da sala de aula, mas sempre em ocasiões ligadas à arte. Aquele era para ser o nosso primeiro encontro de verdade. Eu não me encontro com um homem há algum tempo, entendem? Sou viúva. Perdi meu marido há cinco anos e... bem, fiquei desolada quando ele me deixou esperando e não apareceu. Estou percebendo agora que deve ter havido alguma razão para o seu comportamento. Vocês podem me dizer o que desejam?

— Onde a senhorita estava na sexta à tarde, srta. Morrell?

— Fazendo compras para o encontro de sábado. Levei quase o dia todo para encontrar o vestido certo, o sapato e a bolsa. Então fui ao salão para fazer as unhas e melhorar um pouco a pele —

disse, e levou a mão novamente ao cabelo. — Só para realçar um pouco a aparência, entendem?

— Summerset afirma que o encontro de vocês estava marcado para sexta ao meio-dia.

— Sexta? — Audrey franziu o cenho e balançou a cabeça. — Não, não pode ser... pode? Ó meu Deus, será que eu confundi as datas? — Obviamente distraída, ela se levantou rapidamente e correu para outra sala. Voltou instantes depois com uma agenda eletrônica prateada, muito elegante. Enquanto digitava alguns dados, continuava a balançar a cabeça. Estou certa de que marcamos para sábado, deve ser isso que marquei na agenda. Sim, aqui está... sábado ao meio-dia, almoço e teatro com Lawrence. Puxa! — Olhou novamente para Eve, com o rosto arrasado e uma expressão quase cômica. — Ele veio na sexta, então, quando eu não estava? Deve ter pensado que eu lhe dei o bolo, da mesma forma que eu...

Tornou a se sentar e riu, cruzando as pernas e continuando:

— Que absurdo! E olhem nós dois aqui com o orgulho e os sentimentos feridos por não termos o bom senso de ligar um para o outro e esclarecer o que houve. Mas por que, meu Deus, ele não deixou pelo menos uma mensagem sob a porta?

— Não sei dizer.

— Orgulho novamente, imagino. E timidez. É tão difícil duas pessoas tímidas acertarem os ponteiros... — Seu sorriso desapareceu lentamente ao observar o rosto de Eve. — Mas certamente isso não é assunto da polícia.

— Summerset está envolvido em uma investigação. Seria útil se pudessemos confirmar seus passos na sexta-feira.

— Compreendo... não, não compreendo — corrigiu-se Audrey. — O que a senhora quer dizer?

— Não posso lhe fornecer mais informações no momento, srta. Morrell. A senhorita conheceu um homem chamado Thomas Brennen?

— Não, acredito que não.

*Mas vai conhecer, pensou Eve. Depois dos noticiários da noite, todo mundo vai saber a respeito de Thomas Brennen e Shawn Conroy.*

— Quem mais estava sabendo a respeito de seu encontro com Summerset?

— Acho que ninguém... — Os dedos de Audrey se entrelaçaram no colar mais uma vez. — Nós dois somos pessoas muito... discretas. — Imagino que tenha mencionado para a minha consultora de beleza que tudo aquilo era uma ocasião especial.

— Onde fica o seu salão?

— Bem, eu sempre uso os serviços do Classique, na avenida Madison.

— Obrigada pelo seu tempo — agradeceu Eve, levantando-se.

— A senhora é bem-vinda, mas, tenente... é tenente, não é?

— Sim. Tenente Dallas.

— Tenente Dallas, se Lawrence está com algum tipo de problema eu gostaria de ajudar no que for possível. Ele é um homem adorável. Um verdadeiro cavalheiro.

— Um homem adorável — resmungou Eve enquanto as duas iam pelo corredor em direção ao elevador. — Um perfeito cavalheiro! Sei... Cobertura! — ordenou assim que o elevador se fechou. — Quero dar mais uma olhada na cena do crime. Prepare o gravador, Peabody.

— Sim, senhora. — Com toda a eficiência, Peabody prendeu o mini-gravador em sua lapela impecável.

Eve usou o seu cartão mestre para desbloquear o código especial que a polícia colocara na fechadura do apartamento de Brennen. O ambiente estava às escuras, a luz externa bloqueada por telas de segurança. Deixou-as no lugar e ordenou às luzes que se acendessem.

— Tudo começou aqui — disse Eve, franzindo as sobrancelhas ao olhar para as marcas de sangue no carpete, nas paredes e fazendo vir-lhe à cabeça a horrenda imagem da mão amputada. — Por que Brennen deixou-o entrar? Será que ele o conhecia? E por que o agressor amputou-lhe a mão? A não ser que...

Circulando pelo ambiente, Eve voltou à porta de entrada e olhou na direção do quarto.

— Talvez tenha acontecido dessa forma: o assassino é um especialista em eletrônica. Já adulterou as câmeras. Não pode se arriscar. Algum guarda sonolento pode ficar olhando as imagens e perceber sua presença antes de ele terminar o serviço, então já cuidou disso. Ele é esperto, é cuidadoso. Consegue entrar e sair deste local com facilidade. Descobre os códigos, abre as trancas, isso até deve lhe trazer um pouco de emoção, não acha?

— Ele gosta de se sentir no comando — completou Peabody. — Talvez não quisesse pedir para entrar.

— Exato. Então ele se coloca aqui dentro por conta própria. Isso é empolgante! O jogo está para começar. Brennen aparece, vindo da cozinha, provavelmente. Acabou de almoçar. É pego de surpresa e ainda está meio zozinho por causa do tranquilizante. Só que foi criado nas ruas e é um sujeito durão. As pessoas não se esquecem de como cuidar de si mesmas. Ele avança para o intruso, mas ele está armado. A primeira lesão pode ter sido defensiva, não planejada. Mas isso fez Brennen parar, o fez parar no ato. Há sangue em toda parte. É bem provável que um pouco desse sangue tenha respingado no intruso. Ele vai ter que se lavar antes de sair dali, mas pode

pensar no problema depois. Agora pretende alcançar o seu objetivo. Aplica uma droga leve em Brennen e o arrasta para o quarto.

Eve seguiu a trilha das poças de sangue coagulado e entrou no quarto com os olhos alertas. Levantou a imagem da Virgem na cômoda de Eileen, virando-a de cabeça para baixo a fim de conferir a inscrição na base.

— É a mesma... a mesma da imagem encontrada na cena de Conroy. Guarde isso como prova.

— Isso me parece meio... não sei... desrespeitoso — decidiu Peabody enquanto colocava a imagem de mármore no saco plástico.

— Bem, creio que a Mãe de Deus iria considerar assassinato a sangue-frio muito mais desrespeitoso — comentou Eve com um tom seco.

— Sim, suponho que sim. — Mesmo assim, Peabody colocou a imagem no fundo da bolsa, onde não precisasse ficar olhando.

— Agora ele está com Brennen aqui, sobre a cama. Não quer que sua vítima sangre até morrer, quer que ela morra devagar. Precisa estancar aquele sangue todo. Assim, cauteriza o cotoco, de forma cruel, mas eficiente.

Circulando em volta da cama, Eve observou as impressionantes manchas cor de ferrugem e continuou:

— Ele coloca mãos à obra. Prende a vítima nas colunas da cama e pega suas ferramentas. Trabalha com precisão. Talvez estivesse um pouco nervoso ainda há pouco, mas agora se sente tranquilo. Tudo está ocorrendo do jeito que planejava. Coloca sua plateia simbólica sobre a cômoda, para que ela tenha um bom ângulo de visão. Talvez até faça uma oração para ela.

Franzindo o cenho, olhou para trás na direção da cômoda e colocou a imagem ali, mentalmente.

— Então ele passa às atividades propriamente ditas — continuou. — Comunica a Brennen o que pretende fazer com ele e lhe conta o porquê. Quer que ele conheça o motivo, quer que ele se mije nas calças de medo, quer sentir o cheiro da dor. Isso é um revide, e vingança é o objetivo principal. Paixão, ganância e poder fazem parte disso, mas o conceito de vingança é o que motiva tudo. Ele esperou por muito tempo até ver chegar esse momento, e agora pretende saboreá-lo. A cada vez que Brennen grita, a cada vez que implora, o assassino sente prazer. Quando tudo acaba, ele está nas nuvens. Mas se vê todo lambuzado de sangue fresco e crostas coaguladas.

Eve caminhou até o banheiro da suíte. Tudo ali brilhava como uma joia nas paredes cor de safira, nos detalhes vermelhos como rubi das lajotas do piso, nos porta-toalhas e torneiras em prata.

— Ele veio preparado — continuou Eve. — Deve ter trazido uma mala, ou algo assim, para as facas e cordas. Trouxe também uma muda de roupas. Pensara em tudo. Assim, ele toma uma ducha e se lava cuidadosamente, como um cirurgião. Lava o banheiro também, limpando cada centímetro. Parece um androide de limpeza doméstica de tão competente. Esteriliza tudo. Tem todo o tempo que deseja.

— Não foi encontrado um fio de cabelo sequer aqui dentro. Nem uma célula de pele — concordou Peabody. — Ele foi muito cuidadoso.

Eve se virou e voltou para o quarto, continuando:

— As roupas manchadas vão de volta para a mala, juntamente com suas ferramentas do Mal. Ele se veste, vindo bem onde pisa. Não queremos manchas de sangue em nossos sapatos reluzentes, queremos?... Talvez ele pare aqui por alguns minutos, antes de sair, para uma última olhada em seu trabalho. Talvez não... faz isso com certeza, pois quer carregar essa imagem com ele. Será que ele faz mais uma oração? Ah, com certeza, uma prece gloriosa. Então sai e liga para uma policial em particular.

— Podemos dar mais uma olhada nas gravações feitas no saguão, a fim de verificar a passagem de alguém com pastas ou mochila.

— Há cinco andares de escritórios neste prédio. Quase todo mundo que entra aqui carrega uma pasta. Há também cinquenta e duas lojas. Metade das pessoas sai com mochila e sacolas. — Mexeu os ombros, tentando exercitá-los. — Vamos procurar mesmo assim. Mas Summerset não cometeu este crime não, Peabody. — Ao ver que sua auxiliar permaneceu calada, Eve completou, com ar de impaciência: — Brennen tinha um metro e sessenta e poucos, era baixo, mas pesava quase noventa quilos, a maior parte deles composta de músculos. Seria difícil, mas talvez um magrelo com bunda caída como Summerset conseguisse pegar Brennen de surpresa. Porém não teria força suficiente para decepar uma das mãos da vítima, cortando carne e osso com um golpe só... e foi um golpe apenas que provocou a perda da mão. Digamos que ele tenha tido sorte e conseguiu essa façanha... como você imagina que ele tenha carregado um peso morto como aquele daqui até o quarto e depois tenha conseguido levantar noventa quilos a quase um metro de altura, para colocá-lo sobre a cama? Ele não teria condições físicas... Tem mãos fortes — murmurou, lembrando como aqueles dedos pontudos já a haviam agarrado pelo braço, deixado marcas roxas —, mas não possui músculos nem braço para isso, e só está acostumado a levantar xícaras de chá e o nariz, empinando-o no ar.

Soltou um suspiro antes de continuar:

— Além do mais, se vamos aceitar que ele seja esperto e qualificado o bastante para brincar de jogos eletrônicos conosco e adulterar discos de segurança, não deixaria uma imagem sua entrando pelo saguão no dia do crime. Por que não teria apagado a própria imagem, já que estava mexendo nas gravações?

— Eu não havia pensado nisso — admitiu Peabody.

— Alguém está armando tudo isso para incriminá-lo, e estão fazendo isso para chegar a Roarke.

— Por quê?

Eve fitou os olhos de Peabody por uns bons dez segundos, dizendo, por fim:

— Vamos lacrar tudo novamente e dar o fora daqui.

— Dallas, eu não vou ser de muita serventia se você me deixar de olhos vendados.

— Eu sei. Vamos lacrar tudo.

— Preciso de ar! — desabafou Eve, quando elas já estavam de volta à rua e o gravador de Peabody já havia sido devidamente guardado.

— Preciso de comida também. Alguma objeção a pegar um pouco dos dois no Central Park?

— Não.

— Não faça esse bico não, Peabody — avisou Eve ao entrarem no carro. — Você não fica nada atraente.

Seguiram em silêncio e conseguiram encaixar o veículo em uma pequena vaga no nível da rua, dirigindo-se então para o interior do parque, por entre as árvores desnudas. O vento estava forte o bastante para fazer Eve fechar o casaco até em cima enquanto pisavam em folhas secas. Diante da primeira carrocinha, Eve ficou em dúvida entre um hambúrguer de carne de soja e uma porção de fritas feitas com farinha de soja prensada. Acabou optando pela fritura, enquanto Peabody pedia uma saudável porção de salada de frutas.

— Dá para notar a sua criação por pais partidários da Família Livre — comentou Eve.

— Não considero comida uma questão religiosa — fungou Peabody, mordendo um pedaço de abacaxi —, embora considere meu corpo um templo.

Ouvir isso fez Eve sorrir. Pelo jeito, Peabody estava disposta a perdoá-la.

— Fui informada de certos fatos, os quais, como representante da lei, sou obrigada a reportar ao meu superior. Não tenho intenção de fazer isso.

Peabody olhou com atenção para um pedaço generoso de pêssogo e o mordeu, perguntando:

— Esses fatos são relevantes para o caso atualmente sob investigação?

— São. Se eu compartilhar tais fatos aqui, você também será obrigada a reportá-los. Não fazer isso a tornará cúmplice de omissão depois que tudo acabar. Você estaria colocando em risco o seu distintivo, a sua carreira e, muito provavelmente, a sua liberdade.

— O distintivo é meu, a carreira é minha e a liberdade também.

— Sim, é verdade. — Eve parou e se virou. O vento despenteou seus cabelos enquanto ela avaliava o rosto sério e os olhos sóbrios de sua ajudante. — Você é uma boa policial, Peabody. Está a caminho de conseguir um distintivo de detetive. Sei o quanto isto é importante para você. Lembro bem o que alcançar o distintivo significou para mim.

Olhou ao longe, para onde duas babás uniformizadas vigiavam suas crianças, que brincavam na grama. Perto dali, um atleta que vinha correndo parou de repente ao lado da pista e começou a fazer alongamentos, apalpando a embalagem de spray de pimenta contra ladrões que trazia presa ao quadril no instante em que notou um mendigo licenciado caminhando em sua direção. Acima, um helicóptero de segurança patrulhava o local preguiçosamente, com suas hélices girando de forma monótona.

— As informações que eu recebi me afetam de modo pessoal, então fiz a minha escolha. Elas não afetam você.

— Com todo o respeito, tenente, mas afetam sim. Se está questionando a minha lealdade...

— Não se trata de lealdade, Peabody. Trata-se da lei, trata-se do dever, isso tudo... — Expirando com força, ela se largou sobre um banco. — Isso tudo está muito confuso!

— Se você compartilhar as informações comigo, isso vai me ajudar a auxiliá-la melhor na captura do assassino de Thomas Brennen e Shawn Conroy?

— Sim.

— Quer minha palavra de que tais informações ficarão apenas entre nós duas?

— Vou ter que lhe pedir isso, Peabody. — E olhou para longe enquanto Peabody se sentava ao lado dela. — Sinto remorso, mas quero que me prometa que vai deixar de cumprir o seu dever.

— Tem minha palavra, tenente. Sem remorsos.

Eve apertou os olhos com força. Alguns laços, ela bem sabia, eram formados depressa e se sustentavam com firmeza.

— Tudo começou em Dublin — disse ela —, há quase vinte anos. O nome dela era Marlena.

Eve relatou toda a história de forma resumida, porém cuidadosa, usando o jargão policial que ambas conheciam tão bem. Quando acabou, as duas permaneceram sentadas no banco. O



almoço de Eve continuava intocado em seu colo. Em algum lugar ao longe, no parque, pássaros cantavam e seus gorjeios se misturavam com os ruídos do tráfego.

— Jamais imaginei Summerset tendo uma filha — disse Peabody, por fim. — E perdê-la desse jeito... não há nada pior, há?

— Imagino que não. De algum modo, porém, algo pior sempre aparece na nossa frente. Vingança. Marlena para Summerset para Roarke. Encaixa como uma luva. Um trevo de quatro folhas de um lado, a Igreja do outro. Um jogo de sorte, uma missão dada por Deus.

— Se ele aprontou tudo para incriminar Summerset é porque sabia que ele estaria nas Torres do Luxo; adulterou os discos e tinha conhecimento de seu encontro com Audrey Morrell.

— Sim. As pessoas nem sempre são tão discretas quanto imaginam, Peabody. Meu palpite é que pelo menos metade da turma nas aulas de pintura sabia que eles estavam lançando olhares compridos um para o outro. Portanto temos que verificar todos os alunos. — Esfregou os olhos. — Preciso também de uma lista feita por Roarke com os nomes dos homens que ele matou e também de todas as pessoas que o ajudaram a rastreá-los.

— Qual das duas você vai querer que eu investigue?

Eve ficou surpresa com a fígada de lágrimas que sentiu nos olhos. *Estou esgotada*, disse a si mesma, fazendo força para não deixá-las escorrer.

— Obrigada, Peabody. Essa dívida vai ser das grandes.

— Tudo bem. Agora, você vai querer comer isso aí?

— Não, pode se servir à vontade. — Eve riu, balançando a cabeça e entregando o almoço para sua auxiliar.

— Dallas, como é que você vai fazer para contornar as coisas com o comandante?

— Estou trabalhando nisso. — Como pensar naquilo fazia o estômago de Eve se retorcer, ela o massageou, distraída. — No momento, temos que voltar à central para pressionar McNab e ver se ele já descobriu algo sobre as ligações. Vou ter que lidar com a mídia antes que essa bomba estoure. Tenho que analisar os relatórios dos técnicos do laboratório e do Instituto Médico Legal sobre Conroy, e ainda preciso ter uma briga com Roarke.

— Dia cheio, hein?...

— É, só preciso depois enrolar o comandante, e aí tudo vai ficar perfeito!

— Por que não me manda ir perturbar McNab enquanto você negocia com Nadine Furst?

— Bem pensado, Peabody.

Eve nem precisou ir procurar Nadine. A repórter já estava na sala de Eve, sorrindo, olhando para a central de comunicações sobre a mesa. As peças dos aparelhos estavam espalhadas por toda parte.

— Seu computador pifou, Dallas?

— Peabody! Vá procurar McNab e mate-o!

— Já, já, tenente.

— Nadine, quantas vezes já lhe disse para ficar longe da minha sala?

— Nossa, dezenas, eu acho... — Ainda sorrindo, Nadine se sentou e cruzou as pernas bem torneadas. — Não sei por que você se incomoda tanto com as minhas visitas... Então, quem era Shawn Conroy e por que motivo ele foi assassinado na casa de Roarke?

— Não foi na casa de Roarke, foi em uma das casas que pertencem a Roarke. Aliás, uma de várias centenas. — Virou a cabeça, levantando as sobancelhas de forma significativa. — Este é um detalhe importante que certamente você vai mencionar em sua reportagem.

— Minha reportagem exclusiva. — Nadine lançou seu sorriso fulgurante. — A qual deverá incluir um pronunciamento da investigadora principal.

— Então está bem. Você vai ganhar o seu pronunciamento. — Eve fechou a porta e a trancou.

— Humm... — Nadine ergueu uma sobrelanceira muito bem delineada. — Isso foi fácil demais! O que vou ter que oferecer em troca?

— Por enquanto, nada. Você apenas recebeu uma dica. A Divisão de Homicídios do Departamento de Polícia de Nova York está investigando o assassinato de Shawn Conroy, cidadão irlandês, solteiro, quarenta e um anos, atendente de bar. Seguindo uma informação anônima a tenente Eve Dallas, com o auxílio de Roarke, descobriu a vítima em uma casa vazia que estava para alugar.

— Como ele morreu? Ouvi dizer que foi uma coisa horrorosa!

— Os detalhes do crime ainda não foram liberados para a mídia.

— Ah, qual é, Dallas? — Nadine se inclinou para a frente. — Dê só uma migalhinha...

— Não. Posso lhe dizer, no entanto, que a polícia está averiguando uma possível conexão entre este crime e o assassinato, na última sexta-feira, do magnata das comunicações, também cidadão irlandês, Thomas X. Brennan.

— Brennen? Minha nossa! Sexta-feira? — Nadine deu um pulo da cadeira. — Brennen está morto? Meu Deus do céu!... Ele possuía o controle acionário do Canal 75. Santo Cristo, como foi que nós perdemos esse furo? Como aconteceu? Onde?...

— Brennen foi assassinado em sua residência, aqui em Nova York. A polícia está seguindo algumas pistas.

— Pistas? Que pistas? Puxa, eu o conhecia pessoalmente.

— É mesmo? — Os olhos de Eve se estreitaram.

— Claro, nos encontramos dezenas de vezes. Reuniões da empresa, eventos de caridade. Ele até mesmo me enviou flores depois do que aconteceu comigo... você sabe, aquele lance de alguns meses atrás.

— Sei... aquele lance em que você quase teve agarganta cortada.

— Foi — confirmou Nadine, com raiva da lembrança enquanto tornava a se sentar. — Pode deixar que eu não esqueci quem foi que me manteve inteira. Puxa vida... Brennen, Dallas. Eu gostava dele. Droga, ele tinha mulher e filhos. — Refletiu por um instante, com ar pesaroso, batendo no joelho com as pontas das unhas bem cuidadas. — Vai haver o maior tumulto na emissora quando essa história for ao ar. Aliás, vai ser um tumulto na mídia no mundo inteiro. Como aconteceu?

— No momento estamos trabalhando com a hipótese de um intruso.

— O sistema de segurança falhou — murmurou ela. — Que absurdo, dar de cara com um ladrão barato.

Eve não disse nada, satisfeita por Nadine ter chegado a essa conclusão por conta própria.

— Existe uma ligação entre as mortes? — Seus olhos se aguçaram. — Shawn Conroy também era irlandês. Você acredita que ele teve algo a ver com o arrombamento? Os dois se conheciam?

— Vamos investigar essa possibilidade.

— Roarke é irlandês.

— Também já ouvi falar nisso... — confirmou Eve com um tom seco. — Olhe, Nadine, cá entre nós, e extraoficialmente... — começou, esperando pela concordância relutante de Nadine — ...Roarke conheceu Shawn Conroy na Irlanda. Existe uma possibilidade... apenas uma possibilidade, de que a casa onde Conroy foi morto estivesse sendo vigiada. Ela estava toda mobiliada e você pode imaginar o luxo da mobília; os novos locatários não planejavam se mudar para lá antes desta semana. Até esclarecermos melhor algumas coisas, gostaria de deixar o nome de Roarke fora disso, ou tão longe dos holofotes quanto possível.

— Não deve ser difícil conseguir isso. Todas as emissoras, e certamente a nossa, vão estar passando retrospectivas da carreira de Brennen, biografia, esse tipo de coisa. Tenho que agitar!

— Ela se levantou em um salto. — Agradeço a você pela história.

— Não agradeça... — Eve destrancou a porta e a abriu. — Você vai me pagar o favor qualquer hora dessas.

E agora, refletiu Eve, esfregando a têmpora, só lhe restava torcer para conseguir blefar e enrolar o comandante com pelo menos metade do sucesso obtido com Nadine.

— O seu relatório está muito mal alinhavado, tenente — comentou Whitney depois de Eve ter complementado o relatório escrito com uma apresentação oral.

— É que não temos muito material com que trabalhar até o momento, comandante. — Sentou-se, com o rosto sério e a voz suave, encarando o olhar fixo e sombrio de Whitney sem piscar. — McNab, da Divisão de Detecção Eletrônica, está tentando descobrir como as ligações tiveram o sinal misturado e o local de origem das chamadas também está sendo averiguado. O problema é que ele não está tendo muito sucesso. Feeney vai voltar só daqui a uma semana.

— Obtive referências muito boas de McNab junto à sua divisão.

— Acredito nisso. Até o momento, porém, ele está devagar, quase parando... essas palavras são dele mesmo, comandante. O assassino é altamente capacitado na área de eletrônica e telecomunicações. É possível que esta seja a sua ligação com Brennen.

— Mas isso não explica a morte de Conroy.

— Não, senhor, mas a conexão irlandesa, sim. Os dois se conheceram há alguns anos, pelo menos de vista, em Dublin. É possível que eles tenham continuado a se encontrar ou renovado a amizade em Nova York. Como o senhor viu pelas gravações das ligações que recebi do assassino, o motivo dos crimes é vingança. O assassino conhecia as vítimas, provavelmente de Dublin. Conroy continuou morando em Dublin até três anos atrás. Brennen tem sua residência principal aqui. Seria proveitoso solicitar a ajuda da polícia de Dublin para fazer investigações a partir de lá. Talvez haja alguma coisa que estes homens fizeram, ou algum esquema do qual faziam parte, na Irlanda, nos últimos anos.

— Roarke também mantém negócios por lá.

— Sim, senhor, mas não teve contatos recentes nem com Conroy nem com Brennen. Já verifiquei. Ele não tem nenhum contato pessoal nem profissional com eles há mais de uma década.

— Vingança é um prato que às vezes leva muito tempo para ser servido — comentou ele, unindo

as pontas dos dedos enquanto avaliava Eve. — Você pretende trazer Summerset para ser interrogado novamente?

— Estou avaliando esta opção, comandante. Seu álibi para a hora do assassinato de Brennen é fraco, mas plausível. Audrey Morrell confirmou o encontro deles. É bem possível que eles tenham confundido as datas. A forma com que Brennen foi morto bem como o método usado para matar Conroy não combinam com Summerset. E ele não teria condições físicas para conseguir fazer aquilo.

— Não sozinho.

— Não, não sozinho. — Eve sentiu o estômago se mexer, mas concordou com a cabeça. — Comandante, vou seguir as pistas, vou investigar Summerset e todos os outros suspeitos; porém, na minha opinião, Summerset não faria nada que pudesse implicar ou incriminar Roarke de qualquer forma que fosse. Ele é devotado ao patrão... devotado até demais. E acredito, comandante, que Roarke é um alvo em potencial. Ele é o objetivo final, e por causa disso eu fui contatada.

Whitney não disse nada por um instante e ficou observando Eve. Seu olhar era direto e claro, e a voz estava firme. Imaginou que ela não reparou que suas mãos estavam cruzadas e os nós dos dedos estavam brancos.

— Concordo com você, tenente. Deveria lhe perguntar se gostaria de ser afastada do caso, mas ia apenas gastar saliva.

— Sim, senhor.

— Você vai interrogar Roarke. — Fez uma pausa, enquanto ela permaneceu em silêncio. — Imagino que não haverá relatório oficial dessa entrevista. Peço-lhe apenas que tenha cuidado para não violar muitas regras, Dallas. Não quero perder uma das minhas melhores colaboradoras.

— Comandante — disse Eve, levantando-se —, a missão do assassino ainda não está terminada. Ele vai tornar a entrar em contato comigo. Já deu para sentir como ele é e tenho uma ideia genérica do tipo de pessoa com quem estamos lidando, mas gostaria de fazer uma consulta com a dra. Mira para conseguir um perfil completo, o mais rápido possível.

— Pode marcar.

— E pretendo investigar esse caso, tanto quanto possível, trabalhando em casa. Meu equipamento lá é de qualidade... superior ao que me foi disponibilizado aqui na central de polícia.

— Aposto que é... — Whitney permitiu-se dar um sorriso forçado que repuxou-lhe o rosto largo. — Vou lhe dar carta branca na medida em que puder para esse caso, durante o tempo que conseguir. Asseguro-lhe apenas que esse tempo não deverá ser muito longo. Se aparecer outro

corpo, seu tempo será ainda mais curto.

— Então é melhor que eu trabalhe bem rápido.

## CAPÍTULO SETE

A meio caminho da longa alameda em curva que levava à sua casa, Eve se recostou no carro e observou com atenção a residência que Roarke construía. Bem, não foi exatamente isso o que acontecera, lembrou. A estrutura já devia estar ali há mais de um século, pronta para alguém de visão que tivesse dinheiro e disposição para adquiri-la. Roarke tinha tudo isso e lapidara um palácio de pedra e vidro que lhe servia de forma perfeita.

Eve se sentia em casa ali agora, ou pelo menos mais em casa do que jamais imaginou que pudesse se sentir entre as estruturas pomposas, as torres, os jardins graciosos e os arbustos glamorosos. Vivia entre antiguidades impressionantes, tapetes espessos vindos de outras terras, muita riqueza e privilégios.

Roarke fizera por merecer tudo o que tinha — ao seu modo. Ela não fizera nada para ter aquilo, simplesmente foi algo que surgiu em sua vida.

Ela e Roarke tinham vivido nas ruas, conheciam a pobreza e escolheram caminhos diferentes para se estabelecerem na vida. Ela necessitava da lei, da ordem, da disciplina, das regras. Sua infância fora passada sem nada daquilo, e seus primeiros anos de vida, que conseguira apagar da memória de forma tão completa, haviam começado a voltar à lembrança de forma cruel e violenta, nos meses recentes.

Agora ela se lembrava até demais e, mesmo assim, não era tudo.

Quanto a Roarke, ela imaginava que ele se lembrava de tudo com os mínimos detalhes, como se os fatos estivessem acontecendo agora. Jamais se permitiria esquecer o que fora ou de onde viera. Ele usava isso.

O pai dele fora alcoólatra. O dela também. O pai dele o espancava. O dela também. A infância dos dois havia sido destruída de forma irreparável, e ambos foram obrigados a se transformarem em adultos ainda muito cedo, Eve defendendo a lei e Roarke tentando contorná-la.

Agora formavam uma unidade coesa, ou, pelo menos, tentavam.

Até que ponto, porém, aquilo em que ela se tornara podia se mesclar com aquilo em que ele se tornara?

Isso era algo que estava prestes a ser testado, e o casamento deles, ainda tão recente e cheio de descobertas, tão terrivelmente vital para ela, teria que aguentar firme ou desmoronar.

Continuou dirigindo pelo resto da alameda e estacionou em frente à escadaria de pedra. Deixou o carro ali, sabendo que isso era uma fonte de irritação constante para Summerset, e entrou em casa carregando uma caixinha com discos.

Summerset estava no saguão. Ele devia ter notado o instante exato em que ela passara pelos

imensos portões de ferro, e devia estar se perguntando por que ela parara no meio da alameda por tanto tempo.

— Há algum problema com o seu veículo, tenente?

— Só os problemas de sempre. — Despiu o casaco e, pela força do hábito, deixou-o pendurado na coluna do corrimão.

— A senhora o deixou estacionado na frente da casa.

— Eu sei onde ele está.

— Há uma garagem lá atrás, construída com a finalidade de abrigar os veículos.

— Sai pra lá!... Onde está Roarke?

— Roarke está em seu escritório da Quinta Avenida. É esperado em casa dentro de uma hora.

— Ótimo! Diga-lhe para ir até a minha sala assim que chegar.

— Vou informá-lo da sua solicitação.

— Não foi uma solicitação. — Eve deu um riso de deboche ao ver Summerset pegar o casaco pelo colarinho, com as pontas de dois dedos relutantes. — Também não é uma solicitação o aviso de que você não deve fazer planos para deixar a cidade até segunda ordem.

A musculatura de seu maxilar retraiu-se visivelmente.

— A senhora está adorando tudo isso, não está, tenente?

— Ah, sim... tudo isso é uma explosão de gargalhadas na minha vida. Dois caras mortos, um deles despedaçado em uma casa que pertence ao meu marido, ambos velhos amigos dele. Não consigo parar de rir o dia todo. — Quando ele deu um passo na direção dela, os olhos de Eve lançaram-lhe dardos de advertência. — Não me provoque, meu velho... nem pense nisso!

O cerne da raiva que ele sentia se deu a perceber em uma única afirmação:

— A senhora interrogou a srta. Morrell.

— Tentei confirmar o seu álibi patético.

— A senhora a fez acreditar que eu estava envolvido em uma investigação policial.

— Ei, tenho novidades: você *está* envolvido em uma investigação policial.

Ele inspirou o ar com força, fazendo barulho com o nariz, e soltou:



— Minha vida pessoal...

— Você não tem vida pessoal até estes casos estarem encerrados! — Dava para ver claramente que ele ficou sem graça, mas Eve disse a si mesma que não tinha tempo para aquilo. — Se quer fazer um favor a si mesmo, siga exatamente as minhas ordens. Não vá a lugar algum sozinho. Certifique-se de poder comprovar seus atos a cada minuto do seu tempo, dia e noite, porque mais alguém vai morrer em breve, se eu não conseguir impedir, e o assassino quer que as provas apontem para você. Portanto cuide para que isso não aconteça.

— O seu trabalho é proteger os inocentes.

Eve já havia começado a subir a escada, mas parou e se virou, fixando os olhos nele com firmeza e dizendo:

— Sei muito bem qual é o meu trabalho e sou muito boa no que faço.

Ao ouvir a risada de sarcasmo dele, voltou dois degraus. Desceu bem devagar, com movimentos deliberados, porque sabia que sua raiva estava a ponto de explodir, e disse:

— Foi muito bom eu descobrir logo de cara por que você odiava até a minha sombra desde que entrei pela primeira vez por aquela porta, desde que você percebeu que Roarke nutria sentimentos por mim. A primeira parte foi fácil, até um recruta sacaria: sou uma policial, e só esse fato já é o bastante para você me desprezar.

— De fato, tenho poucas razões para admirar os seus colegas de profissão, tenente. — Ele sorriu de leve.

— A segunda parte foi mais complicada. — Desceu mais um degrau, até que os olhos dos dois ficassem no mesmo nível. — Eu achava que tinha sacado tudo, mas não percebi que a segunda parte se dividia em outras duas partes. A primeira é o fato de eu não ser uma das *socialites* glamorosas, bem-nascidas e estonteantes com quem Roarke costumava sair. Eu não possuo o aspecto, o *pedigree* nem o estilo que você gostaria.

— Não, a senhora não tem. — Ele sentiu uma rápida fígada de vergonha, mas inclinou a cabeça. — Roarke poderia ter qualquer mulher, qualquer uma que escolhesse entre a nata da sociedade.

— Mas você também não queria qualquer mulher para ele, não é verdade, Summerset? Essa é a segunda parte do problema, e eu só descobri isso hoje de manhã. Você se ressentiu pelo fato de que eu não sou Marlena. Era *ela* que você queria para Roarke — disse Eve, baixinho, enquanto a cor desaparecia do rosto dele. — Você tinha uma vaga esperança de que ele fosse encontrar alguém que o fizesse se lembrar vagamente dela, e em vez disso você foi obrigado a aturar uma versão inferior. Isso é que é falta de sorte!

Eve se virou e foi embora, sem reparar que as pernas dele se dobraram, nem o jeito com que

suas mãos apertaram com toda a força a coluna do corrimão, diante da verdade que ela atirara em sua cara e que o atingira fundo, como um soco no coração.

Quando teve certeza de que estava sozinho, ele se sentou no segundo degrau da escada e enterrou o rosto entre as mãos, enquanto sentia a dor que pensava ter superado há muito tempo voltar a inundá-lo, renovada, quente e amarga.

Quando Roarke chegou em casa, vinte minutos depois, Summerset já conseguira se recompor. As mãos não tremiam mais e o coração parara de estremecer. Suas tarefas, do modo como as via — do modo como precisava vê-las —, eram sempre realizadas sem sobressaltos e de forma discreta.

Pegou o sobretudo de Roarke, admirando o peso leve e fluido da seda, e o dobrou sobre o braço.

— A tenente encontra-se em sua sala, no andar de cima, e gostaria de falar com você.

Roarke olhou para o alto da escada. Tinha certeza de que Eve não pedira aquilo de forma tão educada.

— Há quanto tempo ela chegou em casa?

— Há menos de meia hora.

— Está sozinha?

— Sim, sozinha.

Com um gesto distraído, ele abriu os dois botões de cima de sua camisa. As reuniões da tarde haviam sido longas e entediadas. Sentiu uma rara dor de cabeça, provocada pela tensão que começava a surgir na base do crânio.

— Receba todas as ligações que chegarem e grave-as. Não quero ser incomodado.

— Quer jantar?

Roarke simplesmente balançou a cabeça enquanto começava a subir a escada. Conseguira manter o mau humor sob controle durante a maior parte do dia, mas sentiu que a realidade voltava borbulhando naquele instante, muito preta e quente. Sabia, no entanto, que seria melhor e certamente mais produtivo se eles conseguissem conversar com calma.

Mas continuava se lembrando da porta que ela trancara para ele na noite anterior. Lembrava a naturalidade com que fizera aquilo e a finalidade do ato. Já não sabia se ia conseguir manter a calma por muito tempo.

Eve deixara a porta de seu escritório aberta. Afinal, Roarke pensou, com amargor, ela o convocara, não é mesmo? Estava sentada, olhando de cara feia para o monitor à sua frente,

como se a informação que estivesse lendo a incomodasse. Havia uma caneca de café junto de seu cotovelo, provavelmente já frio. Seus cabelos estavam despenteados e com pontas eriçadas, sem dúvida desarrumados por suas mãos inquietas. Ainda estava com o coldre preso ao ombro e amarrado em volta do tórax.

Galahad, totalmente à vontade, se instalara sobre uma pilha de papéis que estavam em cima da mesa. Balançou a cauda de leve, à guisa de cumprimento, e seus olhos bicolores brilharam com inegável alegria. Roarke quase podia ler os pensamentos do felino:

*Pode chegar, vamos começar logo. Mal posso esperar para assistir ao show!*

— Você queria me ver, tenente?

Eve levantou a cabeça e se virou na direção dele. Roarke parecia frio, notou, com ar casual e elegante, em um terno escuro que costumava usar para trabalhar e o colarinho da camisa aberto. A linguagem do corpo, porém — a cabeça meio de lado, os polegares enfiados nos bolsos e a forma como mantinha o corpo, equilibrando-o sobre os calcanhares e se lançando para a frente e para trás —, alertou-a de que ali estava um irlandês briguento, pronto para o confronto.

Ótimo, decidiu ela, porque também estava pronta para brigar.

— É... quero falar com você. Poderia fechar a porta, por favor?

— Mas claro! — ele a trancou com cuidado antes de atravessar a sala. Em seguida, esperou. Preferia sempre que o oponente desse o primeiro golpe. Isso fazia o revide muito mais satisfatório.

— Preciso de nomes — começou ela, com a voz séria e ríspida. Queria deixar bem claro que quem estava falando era a policial. — Quero os nomes dos homens que você matou... quero os nomes de todas as pessoas que você lembra ter contatado, a fim de encontrar aqueles homens.

— Você terá esses nomes.

— E preciso de uma declaração formal, em que você descreverá com detalhes onde e com quem estava no momento dos assassinatos de Brennen e Conroy.

— Sou suspeito, tenente? — Seus olhos pareceram ferver, apenas por um instante, e em seguida ficaram frios, em um tom gélido de azul.

— Não, não é suspeito, e quero que as coisas continuem desse jeito. Eliminando-o da lista logo de cara, as coisas ficam mais simples.

— Ora, mas então não podemos complicá-las, de forma alguma...

— Não use esse tom comigo! — Ela sabia o que ele estava fazendo, e percebeu isso com uma

fúria que começou a aumentar. Ela já o conhecia bem... conhecia Roarke e o seu tom frio, extremamente razoável... mas ele não ia conseguir dobrá-la. — Quanto mais eu seguir os procedimentos, nesse caso em particular, melhor vai ser para todos os envolvidos. Gostaria de colocar um bracelete de rastreamento em Summerset. Sei que ele jamais aceitaria, então gostaria que você lhe pedisse isso.

— Não vou pedir-lhe que se submeta a uma indignidade dessas.

— Escute. — Ela se levantou, bem devagar. — Um pouquinho de indignidade pode mantê-lo fora da cadeia.

— Para algumas pessoas, a dignidade é prioritária.

— Dane-se a dignidade! Já tenho um monte de problemas sem ter mais esse para me preocupar. Preciso de fatos, de provas, de uma margem de folga para poder trabalhar. Se você continuar mentindo para mim...

— Jamais menti para você.

— Você escondeu informações vitais. É a mesma coisa.

— Não, não é! — Ele já a conhecia bem... conhecia Eve e as suas regras teimosas e inflexíveis... mas ela não ia conseguir dobrá-lo. — Eu retive informações com a esperança de poder mantê-la longe de uma posição difícil.

— Não preciso de favores desse tipo — reagiu ela, já perdendo o controle.

— Não vou mais fazer isso mesmo. — Foi até um gabinete com cúpula em forma de domo, escolheu uma garrafa de uísque e serviu três dedos em um copo pesado, de cristal. Nesse momento, considerou a ideia de atirá-lo longe.

Ela ouviu o tom furioso e penetrante como um picador de gelo e reconheceu a raiva gélida. Talvez preferisse um pouco de calor, algo quente e borbulhante que combinasse melhor com o seu estado de espírito.

— Ótimo, fabuloso! Pode ir em frente e ficar putinho, porque eu já estou com dois caras mortos e esperando pelo terceiro. Ao mesmo tempo tenho informações essenciais, vitais para o caso... informações que não posso usar, a não ser que queira vê-lo em uma prisão federal pelos próximos cem anos.

— Não preciso de favores desse tipo — disse ele, repetindo a frase dela, e provou o drinque, mostrando os dentes em um sorriso.

— Pode tirar esse risinho da cara, meu chapa, porque você está em apuros aqui. — Eve sentiu que precisava golpear alguma coisa ou destruir algo, mas acabou se contentando em empurrar a

cadeira com força para o lado. — Você e aquele robô magricelo de quem você se orgulha tanto. Já que pretendo deixar a bunda dos dois fora da reta, é melhor você mudar a sua atitude e se ajustar rapidinho...

— Sempre consegui deixar a minha bunda fora da reta por conta própria, até agora. — Bebeu o resto do uísque de um gole só, colocando o copo sobre a mesa com estardalhaço. — Você sabe muito bem que Summerset não matou ninguém.

— Não importa o que eu sei, importa apenas o que posso provar. — Com a raiva diminuindo, passou as mãos pelos cabelos, em desespero, e deixou-as ficar ali, apertando as têmporas com os punhos até sentir a cabeça começar a latejar. — Ao esconder dados de mim, você está atrasando o meu trabalho.

— E o que você poderia fazer com os dados que eu já não esteja fazendo por mim mesmo? Aliás, com os meus contatos e equipamentos, estou fazendo bem mais rápido e de forma mais eficiente.

Aquilo, pensou ela, era demais para aturar.

— Ô, gostosão... é melhor lembrar quem é tira por aqui!

— É pouco provável que eu consiga esquecer. — Seus olhos brilharam como aço ao luar.

— Não esqueça também que o meu trabalho é reunir provas e informações, processar essas provas e essas informações. Investigar. Pode fazer o que bem entender com sua vida, mas fique fora de campo até eu mandar.

— Até você *mandar*! — Ela notou o olhar de fúria e violência em seus olhos, mas se manteve firme quando ele veio com tudo para cima dela e agarrou-a pela blusa, quase a levantando do chão. — E se eu não quiser fazer o que você mandar, tenente? E se eu não quiser cumprir as suas ordens? Como vai lidar com isso? Vai dar chlique e trancar a porta na minha cara novamente?

— É melhor tirar a mão de cima de mim.

— Não vou tolerar portas trancadas! — disse, e a levantou mais alguns centímetros. — Tenho meus limites, e você os ultrapassou. Se não quer que eu divida a cama com você, se não quer nem que eu chegue perto, diga isso na minha cara. Mas não aceito que me vire as costas e tranque a porta!

— Foi você quem pisou na bola! — reagiu ela. — Você me deixou revoltada, e eu não queria nem conversar. Sou eu que tenho que fazer malabarismo com o que está acontecendo aqui e com o que aconteceu no passado. Tenho que fazer vista grossa para as leis que você violou em vez de colocá-lo atrás das grades. — Levantou as duas mãos, empurrando-o com força, e se sentiu surpresa e furiosa quando não conseguiu movê-lo nem um centímetro para trás. — Ainda por cima tenho que fazer sala para um bando de estranhos esnobes quase toda semana, me

preocupando o tempo todo com a porcaria da roupa que estou usando, que pode não ser a mais adequada para a ocasião.

— E você acha que é a única que precisa fazer ajustes na vida? — Enraivecido, ele a balançou com força e depois a largou, começando a andar de um lado para outro. — Pelo amor de Deus, eu me casei com uma policial. Porra, uma policial! Só pode ser piada do destino!

— Ninguém lhe espetou uma faca na garganta para obrigá-lo a fazer isso. — Sentindose insultada, colocou as mãos sobre os quadris. — Foi você que forçou a barra para se casar comigo.

— E foi você que recuou, e continua fazendo isso. Estou de saco cheio disso, cheio de verdade! É sempre você, não é, Eve, que tem que ceder e fazer mudanças na vida? — Sua fúria continuava a aumentar em ondas quase palpáveis, e quando essas ondas arrebentaram sobre ela, Eve poderia jurar que tinham peso próprio. — Pois bem, saiba que eu também tive que mudar muitas coisas na minha vida, e abri mão de tantas coisas que nem me lembro. Você pode ter sua privacidade preservada sempre que quiser, e também pode ter seus chilikos neuróticos sempre que lhe der na telha, mas não admito que minha mulher bata a porta na minha cara e passe o trinco!

Os *chilikos neuróticos* a deixaram sem fala, mas o *minha mulher* conseguiu soltar-lhe a língua novamente.

— Minha mulher, minha mulher... não se atreva a dizer *minha mulher* usando esse tom. Não tente me fazer parecer um dos seus carésimos ternos de grife.

— Ah, não seja ridícula!

— Agora eu sou ridícula, então? — Jogou as mãos para cima. — Sou neurótica e ridícula.

— Sim, muitas vezes.

A respiração de Eve começou a ficar ofegante. Dava para ver borões vermelhos nos cantos de seu campo de visão.

— Pois você é arrogante, dominador, egoísta e debocha da lei.

— E você quer dizer com isso que...? — perguntou ele, com a sobrancelha levantada e um ar quase divertido no rosto.

Eve não conseguiu articular uma palavra sequer. O que saiu foi um som gutural que ficou a meio caminho entre um grunhido e um grito. O som foi tão assustador que Galahad pulou de cima da mesa, assustado, e se enfiou embaixo dela.

— Agora você se expressou bem — comentou Roark, decidindo tomar outra dose de uísque. —

Desisti de vários negócios interessantes nos últimos meses por saber que você os consideraria questionáveis. — Analisou a cor do uísque no copo. — É claro que eles eram assim uma espécie de hobby... velhos hábitos, imagino, embora eu os achasse divertidos e muito rentáveis.

— Jamais lhe pedi para abrir mão de nada.

— Querida Eve... — suspirou ele, sentindo que a maior parte da explosão de cólera já se dissipara. — Você me pediu isso só com o fato de ser a pessoa que é. Eu me casei com uma policial — disse quase para si mesmo e bebeu o drinque. — Casei-me com ela porque a amava, a desejava e precisava dela. E, para minha surpresa, também a admirava. Ela me fascina.

— Não distorça as coisas.

— Tudo acaba no mesmo lugar. Não posso modificar o que eu sou, nem o que fiz. Não faria isso nem mesmo por você. — Levantou os olhos, encarando-a de frente. — Estou avisando para você nunca mais trancar a porta.

— É que eu sabia que isso ia deixar você putado da vida — disse ela, e deu de ombros, com a cara amarrada.

— Missão cumprida.

— É que é difícil para mim. — Eve se viu suspirando, emitindo um som fraco que não teve forças para repudiar. — É muito difícil ver o que fizeram com esses homens e saber que...

— ...Que eu fui capaz de fazer o mesmo — completou ele, pousando o copo novamente sobre a mesa. — Aquilo foi justa.

Eve sentiu o peso do distintivo, não no bolso, mas no coração, e argumentou:

— Não cabia a você decidir isso.

— Nesse ponto nós discordamos. A lei nem sempre fica ao lado das pessoas inocentes e dos que são usados. A lei nem sempre se importa com eles. Não vou me desculpar pelo que fiz, Eve, lamento apenas ter colocado você na posição de ter de escolher entre mim e seu trabalho.

— Tive que contar tudo a Peabody. — Eve pegou o café, que já esfriara, e o bebeu, só para limpar a garganta. — Fui obrigada a colocá-la a par dos fatos. — Passou a mão pelo rosto. — Ela vai me apoiar. Nem mesmo hesitou.

— Peabody é uma boa policial. Você me ensinou que essas palavras não são contraditórias.

— Preciso dela. Preciso de todo auxílio que puder conseguir neste caso, porque tenho medo. — Fechou os olhos, lutando para se acalmar. — Receio que, se não tiver todo o cuidado, vou ser chamada a um local e descobrir que a vítima foi você. Terei chegado tarde e você vai estar

morto, porque é você que ele quer. Os outros são apenas treinamento.

Ela sentiu os braços dele envolverem-na e se chegou mais perto dele. Sentiu o calor do seu corpo, as formas dele que lhe eram tão familiares e necessárias. Inspirou o cheiro dele ao puxá-lo para junto de si, percebeu o ritmo de seu coração e a carícia suave de seus lábios sobre os próprios cabelos.

— Eu não ia aguentar. — Ela o apertou com mais força. — Não conseguiria. Sei que não posso nem mesmo pensar no assunto, porque isso mexe comigo, mas também não consigo tirar isso da cabeça. Não há jeito de eu parar de pensar que...

Então a sua boca estava sobre a dela, em um beijo bruto e ardente. Ele sabia que era daquele jeito que ela precisava ser tocada; sabia que ela precisava das mãos dele sobre ela, invasivas e impacientes. E as promessas que murmurava em seu ouvido enquanto lhe arrancava a blusa eram necessárias para ambos.

A arma caiu no chão com um baque surdo. Seu terno maravilhosamente bem cortado foi lançado logo depois. Ela jogou a cabeça para trás, a fim de que os lábios dele traçassem caminhos elétricos sobre a sua garganta enquanto ela abria-lhe o cinto.

Palavras não foram trocadas, na ânsia de tocar um ao outro. Mordiscando-se mutuamente, eles se atormentavam. Ela já estava sem fôlego quando ele a colocou deitada de costas sobre a mesa. Papéis se amarfanharam sob suas costas subitamente aquecidas.

Ela esticou os braços a fim de trazê-lo mais para perto.

— Não sou neurótica! — conseguiu exclamar.

Ele riu, deliciado com o seu jeito, e sentiu que precisava delirantemente dela.

— Claro que não!... — Apertou as mãos contra as dela e a penetrou.

Viu quando ela gozou logo na primeira estocada, apreciando o instante em que suas íris douradas se tornaram turvas e o torso esbelto se arqueou para recebê-lo. Notou que o som do orgasmo saiu estrangulado no momento em que, estremecendo, ela gritou o nome dele.

— Pegue mais... — Suas mãos foram menos gentis do que ele planejara ao levantá-la pelos quadris e se lançar ainda mais fundo dentro dela. — Me tome por inteiro!

Através das sensações que vinham em ondas ofuscantes, ela compreendeu que ele precisava de aceitação, final e completamente, para ambos.

E o engoliu por inteiro.



Mais tarde eles degustaram uma sopa, juntos, ainda na sala dela. Ao tomar a segunda tigela, a cabeça de Eve já estava clara o bastante para lidar com os problemas que tinha diante de si.

— Vou ficar trabalhando direto aqui em casa por alguns dias.

— Então vou aliviar um pouco a minha agenda para ficar disponível para ajudá-la.

Eve abriu um pãozinho ao meio e o encheu de manteiga, informando a Roarke:

— Vamos ter que entrar em contato com o Departamento de Polícia de Dublin, e o seu nome deve aparecer. Tentou ignorar o sorriso rápido que ele lhe lançou e provou o pãozinho. — Devo me preparar para alguma surpresa?

— Eles não têm nenhum dado novo a meu respeito... não há nada que já não esteja nos seus registros daqui.

— O que nos deixa com quase nada para trabalhar.

— Exato. Talvez haja alguns policiais com memória boa, mas não vai aparecer nada de muito embaraçoso. Sempre fui muito cuidadoso.

— Quem investigou o assassinato de Marlina?

— Foi um certo inspetor Maguire. — O ar divertido desapareceu dos olhos de Roarke. — Não diria que ele tenha investigado de verdade. Acompanhou o caso, pegou as propinas que lhe ofereceram e encerrou o caso como morte por fatalidade.

— Mesmo assim os seus registros podem ser de alguma utilidade.

— Duvido muito que você vá encontrar coisas úteis ali, se é que vai achar alguma coisa. Maguire era um dos muitos policiais que estavam no bolso da quadrilha cujo território invadi. — Comeu a outra metade do pãozinho de Eve. — As Guerras Urbanas começaram mais tarde e duraram mais tempo naquela região do planeta. Lembro-me de ver, quando garoto, alguns focos de revolta que ainda subsistiam em Dublin, e certamente os resultados das piores revoltas estão devidamente registrados.

Roarke ainda se lembrava dos cadáveres, do som das metralhadoras ecoando através da noite, dos lamentos dos feridos e dos olhos fundos dos sobreviventes.

— Os que tinham recursos — continuou ele — os possuíam em abundância. Os que não tinham sofriam muito, passavam fome e catavam lixo pelas ruas para comer. Muitos policiais que passaram por aquele inferno eram venais de um jeito ou de outro. Alguns se dedicavam a preservar a ordem, mas a maioria tirava vantagens do caos e lucrava com aquilo.

— Maguire decidiu que ia lucrar.

— Ele não era o único. Eu apanhava muito dos tiras nas vezes em que não trazia o pagamento no bolso. Quando não se tem mais nada a perder, o melhor é pegar o que se consegue e sair correndo.

— E você pegou alguma coisa de Maguire?

— Não diretamente. Nessa época eu andava trapaceando com apostas, e ele já estava em um cargo administrativo. Usava os seus homens como cobradores e fazia a coleta de forma mais confortável. — Roarke se sentou com uma xícara de café na mão. — Na maior parte das vezes eu conseguia enrolá-lo. Pingava a grana direitinho quando não conseguia escapar, mas geralmente a tomava de volta. Tiras são alvo fácil... não imaginam que alguém vá lhes bater a carteira.

— Humm... — foi tudo o que Eve conseguiu dizer a respeito disso. — Por que Maguire foi escolhido para investigar a morte de Marlena?

— Quando ela foi morta, Summerset insistiu em chamar a polícia. Queria que os homens que a haviam... bem, queria vê-los presos. Queria um julgamento público. Queria justiça. Em vez disso, conseguiu Maguire. O canalha chegou de mansinho, balançando a cabeça, estalando a língua e dizendo: "Ora, ora... um pai devia ficar de olho em sua filhinha, em vez de deixá-la solta pelo meio da rua..."

Sentindo a velha fúria voltar, Roarke se afastou da mesa com um impulso forte na cadeira, levantou-se e começou a andar de um lado para outro.

— Eu poderia tê-lo matado naquele momento, e Maguire sabia disso. Queria que eu tentasse, para que os capangas fardados que o acompanhavam me arrebatassem na hora. Seu relatório oficial foi que Marlena era uma menina rebelde e incorrigível; afirmou que havia drogas ilegais em seu organismo e que ela se envolvera com um grupo barra pesada que entrara em pânico e resolvera matá-la ao ver que ela ia cair fora do esquema. Duas semanas depois, estava dirigindo um carro zerinho pelo centro de Dublin, e sua mulher mudara o penteado para poder exibir melhor os novos brincos de diamantes.

Virando-se para Eve, completou:

— Seis meses depois foi pescado do rio Liffey com tantos buracos no corpo que dava até para os peixinhos passearem por dentro dele.

— Foi você que o matou? — A garganta de Eve ficara subitamente seca, mas ela manteve o olhar firme em Roarke.

— Não, não fui eu, mas só pelo fato de alguém ter chegado antes de mim. Maguire estava na minha lista de prioridades. — Roarke voltou e tornou a se sentar. — Eve, Summerset não participou de nenhum dos atos que eu cometi. Não tinha sequer noção dos meus planos. Aquele não era o método dele, ele não era assim... e continua não sendo. Aplicava contos-do-vigário

apenas... dava pequenos golpes e batia carteiras.

— Você não precisa defendê-lo para mim. Pretendo fazer o melhor que puder por ele. — Expirou com força. — Vou começar agora mesmo, ignorando o regulamento mais uma vez e tornando a usar o seu equipamento sem registro para pesquisar alguns nomes. Vamos começar a trabalhar nessas listas.

— É sempre um prazer trabalhar com você, tenente — disse ele, levantando-se, tomando sua mão e levando-a aos lábios.

— Só não esqueça quem comanda a investigação.

— Tenho certeza de que você vai me fazer lembrar disso a toda hora. — Enlaçou-a pela cintura quando ela se levantou. — Da próxima vez que fizermos amor você pode usar o seu distintivo, caso eu me esqueça de quem está no comando.

— Muito engraçadinho você...! — disse ela, estreitando os olhos.

— Sou engraçadinho sim. — Ele plantou um beijo entre seus olhos contraídos. — Sei que sou.

## CAPÍTULO OITO

Eve olhou para a lista de nomes que apareceu no telão na parede da sala secreta de Roarke. O equipamento instalado ali era o sonho dourado de todo *hacker*. Roarke costumava exagerar na estética em toda a casa. Ali, no entanto, tudo se resumia a negócios.

Negócios ilegais, pensou ela, uma vez que todas as informações e os aparelhos de telecomunicação não tinham registro e, portanto, não eram detectados pelo CompuGuard. Nada do que entrava ou saía daquela sala podia ser rastreado.

Roarke se sentou ao console em forma de "U". Eve achou que ele parecia um pirata diante do timão de um navio estiloso. Ainda não acionara o equipamento auxiliar nem o fax a laser dotado de unidade holográfica. Ela imaginou que ele não estava precisando de recursos adicionais, pelo menos no momento.

Enfiou as mãos nos bolsos e ficou batendo com a bota no piso de lajotas enquanto lia os nomes dos mortos.

— Charles O'Malley, morto por evisceração em 5 de agosto de 2042. Caso não solucionado. Matthew Riley, morto por evisceração em 12 de novembro de 2042. Donald Cagney, morto por enforcamento em 22 de abril de 2043. Michael Rowan, morto por estrangulamento em 2 de dezembro de 2043. Rory McNee, morto por afogamento em 18 de março de 2044. John Calhoun, morto por envenenamento em 31 de julho de 2044.

Eve soltou um longo suspiro, completando:

— Você eliminou dois por ano, em média.

— Não tinha pressa. Quer ler o histórico de cada um deles? — Não pediu o arquivo, simplesmente continuou sentado, olhando para o telão na parede. — Charles O'Malley, trinta e três anos, ladrãozinho barato cheio de desvios sexuais. Suspeito de estuprar a irmã e a mãe. Acusações retiradas por falta de provas. Acusado de assassinar sob tortura uma acompanhante autorizada de dezoito anos, cujo nome ninguém nem se deu ao trabalho de registrar. Acusações retiradas por falta de interesse. Era um famoso e violento cobrador de dívidas, trabalhando para chefões poderosos, e adorava o seu trabalho. Sua marca registrada era arrancar rótulas. As pernas de Marlena estavam quebradas nos joelhos.

— Tudo bem, Roarke — disse Eve, levantando a mão. — Já chega. Preciso que você pesquise as famílias, amigos e amantes. Se tivermos sorte, talvez encontremos entre eles alguém que seja fera em computadores ou sistemas de comunicação.

Como não queria nem mesmo pronunciar em voz alta os seus nomes, Roarke digitou a requisição.

— Vai levar só alguns minutos. Pedi toda a lista de contatos, a mesma que apareceu na tela três.

— Quem mais sabia de sua cruzada justiceira? — perguntou ela enquanto os nomes continuavam rolando na tela.

— Bem, eu não ficava no pub bebendo cerveja e me gabando depois de cada ação. — Deu de ombros. — O caso é que os boatos correm. De qualquer modo, eu queria mesmo que a notícia circulasse, para lhes dar a oportunidade de suar de medo.

— Você me assusta, Roarke — murmurou Eve, e se virou para ele. — Podemos supor, então, que quase todo mundo em Dublin e no resto do universo conhecido deve ter ouvido os rumores.

— Peguei Cagney em Paris, Rowan na estação espacial Tarus Três e Calhoun aqui em Nova York. As notícias realmente voam, Eve.

— Meu Deus! — Ela pressionou os olhos com os dedos. — Certo, vamos ao que interessa. Precisamos encurtar essa lista, focando as partes diretamente interessadas, gente que tivesse conexão com um ou mais dos integrantes da sua lista. Pessoas que tivessem bronca de você.

— Muita gente guarda rancores. O caso é que, se o alvo era eu, por que estão tentando incriminar Summerset em vez de mim?

— Ele é a ponte. Estão atropelando Summerset para chegar a você. — Começou a andar de um lado para outro enquanto pensava no caso. — Vou pedir uma consulta com a dra. Mira e espero que consiga agendá-la para amanhã mesmo, mas meu palpite é que se isso remonta ao tempo de Marlana, quem quer que esteja por trás dos crimes considera Summerset o causador de tudo. Sem ele não existiria Marlana, e sem Marlana você não teria bancado o vingador. Por esse raciocínio, ambos têm que pagar. Ele quer que você sue frio. Se viesse direto em cima de você, isso não aconteceria. Ele deve conhecê-lo muito bem para saber desse fato. Ele sabe que perseguir alguém com quem você se importa o atinge muito mais fundo.

— E se Summerset saísse dessa equação?

— Bem, nesse caso eu... — Parou de falar, com o coração aos pulos enquanto girava o corpo. — Espere aí, espere aí... nem pense nisso!... — Bateu com as mãos no console. — Você tem que me prometer, tem que me dar a sua palavra de que não vai ajudá-lo a desaparecer daqui. Essa não é a forma mais adequada de agir.

Roarke ficou calado por longos segundos.

— Posso lhe dar a minha palavra de que vou agir da forma mais adequada o máximo que puder. Mas Summerset não vai para trás das grades, Eve, muito menos por uma coisa pela qual *eu sou* o responsável.

— Então você precisa confiar em mim, que não vou deixar que isso aconteça. Se você violar a lei a esse ponto, Roarke, vou ser obrigada a caçar Summerset. Não terei escolha.

— Então precisamos combinar nossas habilidades e esforços para nos certificarmos de que nenhum de nós vai ser obrigado a fazer uma escolha indesejável. E enquanto discutimos tudo isso, estamos perdendo o pouco tempo que temos.

Borbulhando de frustração, Eve tornou a ficar de costas para ele, reclamando:

— Droga, você está me colocando sobre uma corda bamba cada vez mais fina e instável.

— Sei disso. — Sua voz firme serviu para avisá-la sobre o rosto frio e controlado que ela ia encarar ao se virar de volta para ele.

— Não posso mudar o meu jeito de ser — argumentou ela.

— E você é uma policial em primeiro lugar. Pois bem, tenente, faça-me uma análise profissional do que vai ver a seguir. — Girando na cadeira, Roarke ligou o equipamento auxiliar, ordenando: — Exibir arquivos holográficos do caso Marlena.

Entre os dois, formou-se uma imagem tridimensional e adorável de uma menina rindo, uma jovem começando a desabrochar para a feminilidade. Seus cabelos eram longos e ondulados, da cor de trigo banhado pelo sol, e seus olhos tinham o tom claro de um céu azul de verão. Havia um rubor de vida e alegria em suas faces.

*Ela era tão pequena*, foi tudo o que Eve conseguiu pensar. A imagem perfeita de uma menina em um lindo vestido branco que exibia um laço imenso junto da cintura. Trazia uma tulipa em sua mão de boneca de porcelana. A flor rosa bebê estava coberta por gotículas de orvalho.

— Esta é a imagem da inocência — disse Roarke, baixinho. — Exibir imagem holográfica do arquivo policial na pasta Marlena.

O horror apareceu escorrendo pelo chão, aos pés de Eve. A boneca estava quebrada, ensanguentada, espancada e destruída. A pele estava com o tom acinzentado da morte e parecia fria vista pelo olho impessoal e sem emoção da câmera da polícia. Eles a haviam deixado nua e exposta, e todas as crueldades que haviam feito à menina eram dolorosamente claras.

— Esta — disse Roarke — é a imagem do fim da inocência.

O coração de Eve estremeceu e pareceu se rasgar por dentro, mas ela já vira a morte frente a frente muitas vezes antes, olho no olho. Mesmo assim, traços de terror e choque surgiram em seu rosto.

*Uma criança*, pensou, sufocada pela pena. Por que tantas vezes as vítimas eram crianças?

— Você provou o que queria, Roarke. Apagar o holograma! — ordenou, e sua voz estava firme. As imagens desapareceram entre eles e Eve ficou olhando fixamente para Roarke.

— Eu faria o mesmo de novo — disse ele. — Sem hesitação nem arrependimento. Faria até mais, se isso pudesse impedir as coisas pelas quais ela passou.

— Se você acha que eu não compreendo essas coisas, está errado. Já vi mais imagens como essas do que você. Convivo com isso dia e noite... o quadro final do que uma pessoa pode fazer a outra. Depois de ver tanto sangue derramado, tudo o que posso fazer é oferecer às vítimas o melhor de mim.

Roarke fechou os olhos e, em uma rara demonstração de fadiga, passou as mãos sobre o rosto, dizendo:

— Sinto muito. Toda essa história trouxe muitas recordações de volta. A culpa, a sensação de impotência diante do que aconteceu.

— É burrice se culpar, e você não é burro.

— Quem mais? — Ele deixou as mãos caírem.

Eve deu a volta no console, até se ver diretamente de frente para ele, afirmando:

— O'Malley, Riley, Cagney, Rowan, McNee e Calhoun. — Agora ela podia levar um pouco de conforto a ele, pois compreendia tudo. Colocou as mãos sobre os ombros de Roarke antes de continuar: — O que vou lhe dizer agora, vou dizer apenas uma vez. Só posso dizer uma vez mesmo, porque a imagem dela ainda está bem fresca na minha cabeça e no meu coração... você estava certo. O que fez foi necessário. Foi justiça.

Comovido ao extremo, ele colocou a mão de Eve dentro da dele e a fez deslizar, para que seus dedos pudessem se entrelaçar.

— Eu precisava ouvi-la dizer isso e falar de coração, nem que fosse apenas uma vez.

Ela apertou as mãos dele e então se virou para a tela.

— Vamos voltar ao trabalho e derrotar esse filho da puta em seu próprio campo.

\*\*\*

Já passava da meia-noite quando eles encerraram as pesquisas. Eve caiu no sono no instante em que bateu com a cabeça na travesseiro. Um pouco antes do amanhecer, porém, seus pesadelos começaram. Ao sentir seus movimentos bruscos que o acordaram, Roarke a abraçou. Ela tentou se livrar dos braços dele, lutando, com a respiração curta e ofegante. Roarke sabia que Eve estava presa em um pesadelo no qual ele não poderia entrar, mesmo desejando impedir o

passado de voltar.

— Está tudo bem, Eve. — Ele a apertou junto de si, enquanto ela continuava a se debater, tentando se desvencilhar dele, com o corpo trêmulo.

— Não... Não, não! — Havia um quê de súplica em sua voz, que se tornara fraca e indefesa como a de uma criança, e isso partiu o coração de Roarke.

— Você está a salvo. Eu garanto. — Acariciou-a mais uma vez em movimentos lentos e calculados, até que Eve, por fim, virou-se para ele, focando-se no que ele dizia. — Ele não pode atingi-la aqui — murmurou Roarke, olhando para o escuro. — Ele não pode mais alcançá-la agora.

Houve um longo e trêmulo suspiro, e então ele sentiu a tensão sair devagar do corpo dela. Permaneceu acordado, abraçando-a, protegendo-a dos sonhos, até que a luz da manhã começou a penetrar pelas janelas.

Roarke já havia saído da cama quando Eve acordou, o que era comum. Mas ele não estava na sala de estar junto à suíte, como acontecia quase todas as manhãs, bebendo o seu café diante do monitor, analisando as cotações das bolsas de valores. Sentindo-se ainda um pouco zonza, Eve deslizou para fora da cama e foi direto para baixo do chuveiro. Sua mente aos poucos começou a ficar mais clara. Só quando já estava saindo do tubo secador de corpo lembrou o pesadelo que tivera.

Ficou em pé onde estava, esticou a mão para pegar um roupão e tudo lhe voltou à lembrança.

A sala apertada, horrível e fria onde a luz vermelha piscava sem parar através da vidraça suja. A fome que lhe apertava o estômago. A porta que se abrira e seu pai entrando, quase sem se aguentar em pé. Bêbado, mas não inconsciente. A faca que ela segurava naquele momento, usada para tentar raspar o mofo de um pedacinho de queijo velho; a faca que caiu de sua mão com estrondo.

Em seguida, viu aquela mão enorme apertando seu rosto. E pior, muito pior. Sentiu o corpo dele pressionando o dela, no chão. Os dedos dele rasgando-a e sondando-a por dentro. Nesse momento, porém, não era mais ela que lutava. Era Marlena. Marlena, com seu vestidinho branco rasgado, o rostinho trancado em uma cela de medo e dor, e o corpinho violado, esparramado sobre uma poça de sangue fresco.

Viu a si mesma, então. Era Eve que olhava para a menininha despedaçada. A tenente Eve Dallas com o distintivo pregado no bolso, mais uma vez diante da morte, pegando sobre a cama um cobertor fino e manchado para cobrir a menina. Um movimento que ia de encontro ao procedimento-padrão, pois poderia prejudicar a cena do crime, mas que ela não conseguiu evitar.



Quando tornou a se virar, porém, e olhou mais uma vez, com o cobertor nas mãos, não era mais Marlena. Eve olhava para si mesma, morta, e o rosto que cobriu com o cobertor foi o seu.

Agora, ainda trêmula, ela se enfiava no roupão, tentando espantar o frio. Precisava afastar as lembranças, ordenou a si mesma, mandando o cérebro apagar as imagens. Havia um maníaco à solta que precisava ser preso e vidas que dependiam da velocidade com que ela conseguisse fazer isso. Não podia permitir que o passado, o seu passado, surgisse na superfície para interferir.

Vestiu-se depressa, pegou uma xícara de café e a levou para o seu escritório.

A porta que separava a sua sala do escritório de Roarke estava aberta. Ela ouviu a voz dele, somente a dele, e foi até lá.

Ele trabalhava em sua mesa usando o *tele-link*, que estava ligado a um fone de ouvido, e digitava dados no teclado. Seu fax a laser enviou uma transmissão e imediatamente comunicou que havia uma chamada chegando. Eve tomou o café e o imaginou comprando e vendendo pequenas galáxias enquanto atendia à ligação de alguém.

— Oi! É bom falar com você, Jack Sim, já faz um tempão. — Virando-se para o fax, Roarke deu uma lida por alto e rapidamente enviou uma resposta, enquanto continuava a conversar: — Você acabou se casando com Sheila, então? Quantos filhos você disse? Seis. Caramba! — Soltou uma gargalhada gostosa ao mesmo tempo em que, voltandose para o computador, deu autorização para comprar uma imensa quantidade de ações de uma editora que julgava promissora. — Então você soube? Sim, é verdade, foi no verão passado. Sim, ela é uma policial. — Um sorriso esplendoroso surgiu em seu rosto. — Do que está falando, Jack, que passado negro? Sou um cidadão cumpridor das leis, tão limpo quanto o padre da paróquia aqui perto. Sim, ela é adorável. Adorável e inescusável.

Roarke fez a cadeira rodar e se afastou do monitor, ignorando o bipe de uma nova chamada.

— Preciso conversar com você, Jack Soube do que aconteceu com Tommy Brennen e Shawn? Sim, foi duro... a minha policial conectou os dois casos e seguiu a pista até mim, até O'Malley e descobriu tudo o que aconteceu relacionado com Marlena.

Ouviu sem dizer nada, por alguns instantes, levantando-se em seguida para ir até a janela, deixando o comunicador apitando e zumbindo.

— Exato — continuou ele. — Você faz ideia de quem possa ter sido? Se lhe ocorrer algum nome, pode entrar em contato diretamente comigo. Nesse ínterim, posso providenciar para que você e sua família fiquem fora do circuito por uns tempos. Leve as crianças para alguma cidadezinha junto do mar por alguns dias. Tenho um lugar em mente e acho que eles vão adorar. Claro que não, foi tudo culpa minha e eu não quero mais uma viúva nem outros órfãos em minha consciência. — Tornou a rir, embora seus olhos permanecessem sérios. — Estou certo que você faria isso, agora mesmo, mas por que não deixa essa tarefa para minha policial e sai de Dublin

com a família por algum tempo? Vou lhe enviar hoje mesmo tudo o que você precisa, e depois tornamos a conversar. Dê lembranças minhas a Sheila.

Eve esperou até ele tirar o fone do ouvido antes de falar.

— É isso que vai fazer, enviar para bem longe todo mundo que você considere um alvo?

Ele colocou o fone de lado, sentindo um vago desconforto por ela ter ouvido a conversa, e confirmou:

— Sim. Isso é algum problema para você?

— Não. — Atravessou o aposento até onde ele estava, pousando o café a fim de deixar as mãos livres para emoldurar-lhe o rosto. — Eu amo você, Roarke.

Ainda era algo raro ouvi-la dizer essas palavras. O coração dele disparou um pouco, mas logo se acalmou.

— Eu amo você, Eve.

— Quer dizer que é isso que eu sou agora, "a sua policial"? — Sorriu de leve, acariciando os lábios dele com os dela.

— Você sempre foi minha policial, desde o dia em que resolveu me prender.

— Sabia que quando estava falando com o seu amigo de Dublin o seu sotaque irlandês ficou mais acentuado? — perguntou ela, colocando a cabeça de lado. — O ritmo da sua voz mudou. E você disse "oi", em vez de "alô".

— Disse mesmo? — Ele não fazia a menor ideia e não estava bem certo de como encarar aquilo. — Estranho...

— Eu gostei. — As mãos que acariciavam o seu rosto desceram e se juntaram em sua nuca. O corpo dela se chocou com o dele. — Foi muito... sexy.

— Ah, foi? — As mãos dele desceram pelo corpo dela até envolverem o seu traseiro. — Bem, minha querida Eve, se você está a fim de... — Seu olhar se desviou do dela e se fixou em um ponto atrás do seu ombro, e o ar divertido se acentuou ao cumprimentar a recém-chegada: — Bom dia, Peabody. — Eve deu um pulo e tentou se desvencilhar, xingando baixinho quando Roarke a manteve com firmeza no lugar. — Está um dia lindo.

— Sim, está, eu... peço desculpas... senhora — acrescentou meio sem graça ao sentir que Eve fulminou-a com o olhar. — É que a senhora falou oito em ponto, não havia ninguém no andar de baixo, então eu subi direto e... aqui estou. E, ahn... McNab está...

— Bem atrás dela. — Exibindo um sorriso largo, McNab apareceu. — Apresentando-se para

trabalhar, tenente, e, se me permite dizer, sua casa é... minha Nossa Senhora! — Seus olhos ficaram arregalados de repente, e tão brilhantes que Eve levou a mão à arma, por instinto, assim que ele entrou no aposento.

— Olha só para esse equipamento! — empolgou-se. — Isso é que é uma coisa sexy! Você deve ser Roarke. — Pegou a mão de Roarke, sacudindo-a com entusiasmo. — É um grande prazer conhecê-lo! Trabalho com um dos seus computadores 2000MTS na Divisão de Detecção Eletrônica. Que máquina! Estamos implorando por um 5000, mas o orçamento, bem, é ridículo. Na minha casa estou reconfigurando uma antiga unidade multimídia, o modelo Platinum 50. Muito irado! Esse que você tem aí é um Galactic MTS?

— Creio que sim — murmurou Roarke, levantando uma sobrancelha para Eve ao ver que McNab quase babou diante do sistema de comunicações do dono da casa.

— McNab, segure a sua onda! — ordenou Eve.

— Sim, senhora, mas isso aqui é demais! — Sua voz estremeceu. — Nossa, é realmente o máximo! Quantos programas ele executa ao mesmo tempo?

— Esse aparelho dá conta de mais de trezentos programas simultâneos, sem ficar lento. — Roarke foi se aproximando, mais para evitar que McNab começasse a brincar com os aparelhos do que para fazer demonstrações. — Já o coloquei para funcionar no limite e ele não travou.

— Essa é a melhor época para se estar vivo! Seu departamento de pesquisa e desenvolvimento de projetos deve ser um paraíso.

— Você podia enviar-lhes o seu currículo — comentou Eve em um tom seco. — Aliás, se você não sentar a bunda diante do meu equipamento e começar a trabalhar logo, vai perder seu emprego na Divisão de Detecção Eletrônica.

— Então, já estou indo. Sabe, Roarke, você devia convencer a sua mulher a fazer um *upgrade* no equipamento dela. Quanto àquela coisa na qual ela trabalha na central de polícia... podemos chamar aquilo de a nata da lata do lixo.

— Vou ver o que consigo fazer — sorriu quando McNab saiu. — Tenente, você trabalha com auxiliares muito pitorescos.

— Se Feeney não voltar logo, vou acabar dando um tiro nele... Pode deixar que eu fico de olho para ele não mexer em nada seu.

— Peabody — disse Roarke, baixinho, antes de acompanhar Eve para fora da sala —, espere um instante, por favor. — E chegou mais perto da assistente da sua mulher, satisfeito ao notar que Eve já se afastara e estava discutindo com McNab na sala ao lado. — Estou em débito com você.

— Não sei do que está falando. — Olhou fixamente para ele. — A tenente Dallas e o

departamento estão muito gratos pela colaboração que você está prestando em nossa investigação.

— Peabody, você é uma joia rara. — Comovido, ele tomou sua mão e a levou aos lábios.

Ela ficou vermelha e seu estômago se remexeu todo.

— É... bem... ahn... você é filho único, não é?

— Sim.

— Que pena... bem, é melhor eu ir até lá, senão Eve vai começar a socar a cara de McNab, e isso não vai ficar bem no relatório interdepartamental. — Mal havia se virado quando o *tele-link* de Eve tocou, um toque longo e dois curtos.

— Muito bem. — McNab começou a brincar com os controles de uma unidade portátil para rastreamento de ligações. — Esta ligação foi feita para a sua sala na central, tenente, passou direto pelo controle central e foi transferida para cá. É ele!... Dá para saber porque os sinais estão mais misturados do que nunca.

— Então, separe-os — ordenou Eve —, e depressa! — Atendeu a ligação depois de ordenar o bloqueio do sinal de vídeo. — Divisão de Homicídios. Tenente Dallas falando.

— Você foi rápida — elogiou a voz, com um traço de charme e muita diversão. — O velho Shawn mal tinha começado a esfriar quando você o encontrou. Fiquei muito impressionado.

— Vou ser mais rápida ainda na próxima vez.

— Se esse for o desejo de Deus. Estou adorando esta competição, tenente. Estou começando a admirar a sua firmeza de propósito. Tanto assim que já dei início ao próximo passo. Está pronta para o novo desafio?

— Por que não vem brincar diretamente comigo? Pode me capturar, seu babaca, e vamos ver quem vence.

— Eu sigo um plano que me foi dado por uma força superior.

— Esse é um joguinho doentio, só seu. Deus não tem nada a ver com isso!

— Sou o escolhido. — Respirou fundo. — Esperava que você conseguisse enxergar isso. Os seus olhos, porém, estão vendados, pois você aceitou os aplausos e responsabilidades do mundo material e os colocou acima do espiritual.

Eve lançou dardos em McNab com os olhos, enquanto ele resmungava baixinho e ajustava os controles.

— Engraçado — disse ela —, eu não vi nada de espiritual na maneira com que você tirou a vida daqueles dois homens. Agora eu tenho uma citação para você também. Epístola aos Romanos, capítulo 2, versículo 3: "E tu, ó homem, que julgas os que praticam tais coisas, mas também as fazes, supões que escaparás ao juízo de Deus?"

— Como você ousa usar a palavra Dele contra mim? Eu sou o anjo da Sua justiça e a espada da Sua fúria. Nascido e criado para cumprir seu veredicto. Por que se recusa a enxergar e aceitar isso?

— Porque vejo exatamente o que você é.

— Um dia você ainda vai se ajoelhar diante de mim e verter lágrimas de sangue. Conhecerá a dor e o desespero que só uma mulher pode experimentar.

Eve tornou a olhar para McNab, que continuava encurvado sobre o aparelho, xingando baixinho.

— Você acha que consegue chegar a Roarke? Está superestimando a si mesmo. Ele vai esmagá-lo como a um inseto. Já demos boas gargalhadas pensando nisso.

— Posso arrancar o coração dele fora à hora que bem quiser. — A voz mudara de tom. Ainda havia fúria, mas agora era quase um lamento.

— Então prove isso! Ele pode ir encontrá-lo cara a cara. É só marcar um lugar.

— Então você acha que pode me atrair assim tão fácil? — afirmou ele depois de longos segundos. — Eva oferecendo o fruto proibido mais uma vez? Não sou o cordeiro, e sim o pastor. Aceitei a incumbência e controlo tudo.

A voz, porém, não estava nem um pouco controlada. Não, pensou Eve, estava lutando muito para se manter firme. Mau gênio e ego. Esses eram os caminhos para atingi-lo.

— Acho que você não passa de um covarde que não quer se arriscar. Um covarde mentalmente perturbado e patético que provavelmente não consegue nem uma ereção sem precisar usar as duas mãos.

— Piranha! Sua tira meretriz! Sei muito bem o que mulheres do seu tipo fazem com um homem. "O preço da prostituta é um bocado de pão, mas a adúltera anda à caça da própria vida do homem."

— Estou conseguindo algo — sussurrou McNab — ...estou quase lá! Mantenha-o falando.

— Eu não estava oferecendo sexo a você. Acho que você não deve ser uma boa transa.

— Pois a prostituta não achava isso. Chegou a oferecer a honra em troca de sua vida. Deus, porém, ordenou que ela fosse executada, e Sua vontade será cumprida.

*Ele já estava com outra vítima*, foi tudo o que Eve conseguiu pensar. Talvez já fosse tarde demais.

— Você está me deixando com tédio, meu chapa. Suas charadas estão me entediando. Por que não saímos no tapa, só você e eu, para vermos o que rola?

— Nove vão morrer antes de chegarmos a esse ponto. — Sua voz ficou mais forte, como a de alguém enviado para salvar almas. — Será uma novena de vingança. Ainda não chegou a sua hora, e sim a dela. Mais uma charada, tenente, para a sua mente pequena e materialista: meninas bonitas se transformam em mulheres belas, mas uma vez prostituta, sempre prostituta, e elas vêm correndo quando a grana é boa. Você vai encontrar esta aqui a oeste, no ano do seu crime. Por quanto tempo ela vai conseguir respirar depende apenas dela... e de você, tenente. O problema é: será que realmente deseja salvar a puta que abriu as pernas para o mesmo homem para quem você abre as suas? Sua vez de jogar... — disse, encerrando a ligação.

— Ele está brincando com o sinal, colocando-o em todas as partes do planeta e fora dele. Droga! — McNab quase arrancou os cabelos, flexionando os dedos. — Eu o localizei na estação espacial Orion, em Estocolmo, na estação Vegas Dois e até em Sidney. Pelo amor de Deus, não deu nem para tentar determinar a região em que ele estava. Fiquei comendo poeira.

— Ele está em Nova York — afirmou Roarke. — O resto é só nuvem de fumaça.

— É, pode ser, mas é uma fumaça muito boa.

Eve ignorou McNab e se concentrou em Roarke. Seu rosto estava pálido e rígido, com os olhos azuis frios como aço.

— Você sabe quem ele pegou.

— Sei. Jennie. Jennie O'Leary. Falei com ela há dois dias. Ela preparava drinques em um pub de Dublin, há muitos anos, e agora tem uma pousada em Wexford.

— Wexford? E esse lugar fica na costa Oeste da Irlanda? — Enquanto Roarke balançava a cabeça, ela já estava se levantando e passando os dedos pelos cabelos. — Ele não pode estar falando sério. Não pode estar querendo que a gente vá até a Irlanda. Isso não encaixa. Ele está com ela aqui, ele nos quer aqui. Não tenho autoridade alguma na Irlanda, e ele quer que eu esteja no comando.

— Talvez ele esteja se referindo à parte oeste daqui mesmo — sugeriu Peabody.

— Sim, isso encaixa. West Side, aqui em Manhattan... no ano do seu crime — acrescentou, olhando para Roarke.

— Quarenta e três, 2043.

— Rua 43, West Side, então. Começamos por aí. Vamos à luta, Peabody.

— Vou com vocês. — Roarke colocou a mão no braço de Eve antes mesmo que ela conseguisse protestar. — Tenho que ir... McNab, ligue para esse número. — Escreveu correndo o número de um *tele-link em um cartão*, entregando a ele. — Mande chamar Nibb. Diga-lhe para enviar um equipamento 60K com um monitor e processador 7500MTS. E também quero o melhor técnico para instalá-lo aqui, no escritório da minha mulher.

— Mas não existe um 60K com processador 7500MTS — objetou McNab.

— Vai existir daqui a seis meses. Já temos alguns deles prontos e em testes.

— Caraca!, 60K com processador 7500MTS! — McNab quase estremeceu de tanta empolgação. — Não precisa mandar um técnico não, eu mesmo dou conta da instalação.

— Mande vir um técnico mesmo assim. Diga-lhe que quero ver tudo funcionando antes do meio-dia.

Ao se ver sozinho, McNab olhou para o cartão e deu um suspiro, murmurando:

— Dinheiro não apenas fala mais alto como também canta.

\*\*\*

Eve se posicionou atrás do volante e saiu cantando pneu assim que as portas bateram.

— Peabody, pesquise todos os locais de encontros e quartos de aluguel para acompanhantes autorizadas ao longo da rua 43.

— Certo, tenente. — Ela pegou seu *palm computer*, partindo para a busca.

— Ele quer que ela morra em um ambiente de prostituição, e o meu palpite é que quanto mais degradante for, melhor. Roarke, quais são os imóveis que você possui na rua 43, West Side, e que se enquadram nessa categoria?

Se a ocasião fosse outra, talvez ele fizesse uma piada com essa pergunta. Naquele momento, porém, pegou o próprio *palm computer* e digitou os dados, informando:

— Posso dois prédios nessa rua. Um deles é um restaurante com andares residenciais acima dele para alugar. Apartamentos uni familiares com cem por cento de ocupação. O outro é um pequeno hotel com um bar aberto ao público, mas atualmente está fechado para reformas.

— Nome?

— The West Side.

— Peabody! — Eve pegou um atalho pela Sétima Avenida e seguiu em direção ao centro. Ultrapassou um sinal vermelho e ignorou a explosão de buzinas e xingamentos dos pedestres. — Peabody! — repetiu.

— Tô procurando... Achei! O lugar tem um nome óbvio: The West Side. Fica no número 522 da rua 43, West Side. Local com licença para venda de bebidas alcoólicas e cabines privativas para fumantes. Hotel anexo aprovado para atividades de acompanhantes autorizadas. O proprietário anterior, J. P. Felix, foi preso em janeiro de 2058 por violação dos códigos 752 e 821: exibição de atos sexuais ao vivo sem licença e funcionamento de cassino ilegal. A propriedade foi confiscada pela prefeitura da cidade de Nova York e colocada em leilão em setembro de 2058. Adquirida pelas Indústrias Roarke, está com toda a documentação em dia.

— Número 522 — murmurou Eve, já virando na rua 43. — Você conhece o local, Roarke?

— Não. — Em sua mente ele só conseguia ver Jennie como um dia a conhecera. Linda, inteligente e sorridente. — Um dos meus agentes imobiliários visitou o local e ofereceu um lance pelo imóvel no dia do leilão. Eu simplesmente assinei a papelada.

Olhou pela janela e viu um rapazinho em um grupo, jogando cartas valendo dinheiro, enquanto um companheiro, também adolescente, vigiava em volta à procura de tiras ou patrulheiros andróides. Roarke torceu para que eles se dessem bem no jogo.

— Um dos meus arquitetos está trabalhando em um projeto para remodelar o local — continuou —, mas eu ainda não vi nem as plantas.

— Tudo bem, não importa. — Eve freou o carro de repente, estacionando em fila dupla em frente ao número 522. Ligou o giroscópio luminoso com o holograma do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York pois isso aumentava as chances de encontrar o veículo inteiro quando voltasse. — Vamos verificar na portaria do hotel para ver se o atendente pode nos dar alguma informação.

Passou direto pelo bar, notando, com ar sombrio, que a fechadura da porta do hotel estava quebrada. O saguão estava escuro e exibia, em um canto, uma única planta com tons pálidos de verde e muitas folhas amarelas e sem vida. O espesso vidro de segurança que envolvia a portaria estava muito arranhado e cheio de marcas. A porta de acesso estava escancarada e o andróide de plantão não estava ligado.

Era fácil de ver por quê, já que seu corpo estava recostado em uma cadeira enquanto a cabeça repousava sobre o balcão.

— Droga! Ele esteve aqui. Talvez ainda esteja. — Puxou a arma. — Vamos olhar, andar por andar, batendo em todas as portas. Se em alguma delas ninguém responder, arrombamos.



Roarke abriu uma gaveta que estava embaixo do balcão, sob a cabeça do robô.

— Use o cartão mestre — disse ele, mostrando um pequeno retângulo estreito. — Assim vai ficar mais fácil.

— Ótimo. Vamos usar as escadas.

Quase todos os quartos do primeiro andar estavam vazios. Em um deles, encontraram uma acompanhante autorizada com olhos sonolentos, que tentava descansar depois de uma longa noite. Ela não vira nem ouvira nada e demonstrou muito desagrado por ser importunada por tiras. No segundo andar encontraram os restos de uma festa aparentemente muito animada que envolvera o consumo de diversas drogas ilegais cujos restos jaziam espalhados pelo chão como brinquedos abandonados.

Na escada junto à parede coberta de pichações, subindo para o terceiro andar, encontraram uma criança.

O menino devia ter uns oito anos, era magro e pálido, e cada dedão do pé espiava por um buraco nos tênis velhos e rasgados. Havia uma pequena marca roxa embaixo do olho direito e o menino tinha um gatinho cinza no colo.

— Você é Dallas? — quis saber a criança.

— Sou. Por quê?

— Um homem disse que eu devia ficar aqui esperando você. Ele me deu uma ficha de crédito no valor de dois dólares só para eu ficar aqui esperando.

O coração de Eve começou a acelerar no momento em que ela se agachou diante do menino. Um cheiro forte atestava que ele não sabia o que era banho há vários dias.

— Que homem? — perguntou ela.

— O cara que me mandou esperar. Ele me disse que você ia me dar mais uma ficha de dois dólares se eu esperasse aqui para lhe dar o recado.

— Que recado?

— Ele disse que você ia me dar mais uma ficha... — E seus olhos meio envergonhados analisaram o rosto de Eve.

— Certo. Tá legal. — Eve enfiou a mão no bolso, forçando-se para manter um tom de voz bem tranquilo e exibir um sorriso casual. — E então, qual é o recado? — perguntou assim que o menino pegou a ficha e a apertou entre os dedinhos sujos.

— Ele disse... — o menino fechou os olhos e recitou:

*Esse é o terceiro, mas falta o restante,*

*Você foi ligeira, mas não o bastante,*

*Pode correr o quanto quiser*

*E trazer a grana que tiver,*

*Pois nenhum irlandês bastardo*

*Vai escapar do seu passado.*

*Amém.*

Abrindo os olhos ele sorriu, perguntando:

— Disse direitinho, não disse? Eu falei para ele que conseguia.

— Muito bem. Agora fique aqui que eu lhe dou mais duas fichas. Peabody! — Esperou até chegarem ao último degrau e disse: — Tome conta do menino. Ligue para o Serviço de Proteção à Infância e veja se consegue com ele algum tipo de descrição do assassino. Roarke, você vem comigo. Terceira vítima, terceiro andar — disse para si mesma. — Terceira porta.

Virando-se para a esquerda, manteve a arma levantada e bateu na porta com força.

— Há música tocando. — Virou um pouco a cabeça para tentar captar a melodia.

— É uma giga. Uma dança típica. Jennie gostava de dançar. Ela está aí dentro.

Antes que ele pudesse ir em frente, Eve levantou o braço para impedi-lo.

— Fique atrás de mim. Agora! — Abriu o trinco e entrou agachada.

A atendente do bar que gostava de dançar estava pendurada em uma corda que descia do teto sujo. Os dedos dos pés mal tocavam a superfície de uma banquetta instável. A corda apertara tanto a sua garganta que o sangue escorria pelos seios; estava tão fresco que ainda tinha cheiro de metal, e tão recente que os filetes vermelhos ainda brilhavam em contraste com a pele branca.

Seu olho direito desaparecera e seus dedos, machucados e muito ensanguentados por se agarrarem na corda, se apresentavam estirados dos dois lados do corpo.

A música tocava, alta e alegre, e o som vinha de um aparelho sob o pequeno banco. A imagem da Virgem fora colocada no chão e seu rosto de mármore testemunhava a morte violenta.

— Canalha, porco, filho da puta imundo! — A visão de Roarke ficou embaçada de ódio. Ele avançou, empurrando Eve para o lado. Ela quase caiu de joelhos ao se desequilibrar enquanto lutava para segurá-lo. — Deixe-me passar. — Seus olhos estavam penetrantes e frios como uma espada desembainhada. — Saia da minha frente!

— Não. — Eve fez a única coisa na qual conseguiu pensar e, jogando todo o peso do corpo contra ele, empurrou-o de costas contra a parede e apertou-lhe a garganta com o cotovelo. — Você não pode tocar nela. Entendeu? Não pode tocar. Ela se foi. Não há mais nada que você possa fazer. Isso é comigo. Olhe para mim, Roarke. Olhe para mim!

Sua voz mal penetrou através do zumbido forte que Roarke sentia no ouvido, mas ele desviou o olhar da vítima enforcada no centro do cômodo e fitou a sua mulher.

— Você precisa deixar que eu tente ajudá-la agora. — Eve diminuiu o tom de voz, mas manteve-a firme, como fazia ao lidar com qualquer vítima. Queria abraçá-lo e colar seu rosto ao dele, mas, em vez disso, continuava a pressionar o cotovelo, de leve, contra a sua traqueia. — Não posso deixar você prejudicar a cena do crime com elementos externos. Quero que saia daqui agora.

Ele conseguiu inspirar livremente, embora o ar parecesse lhe queimar os pulmões. Seu olhar se desanuviou, embora nos cantos ainda existissem pontos escuros e embaçados.

— Foi o canalha que deixou o banquinho ali. Ele a colocou a uma altura tal que ela precisava se esticar toda para alcançar a superfície do banco e apoiar as pontas dos dedos dos pés. Ela só conseguiria se manter viva enquanto tivesse forças para alcançar o banco. Deve ter ficado sufocada, seu coração deve ter trabalhado sem parar, a dor queimando-a por dentro, mas ela conseguiria permanecer viva enquanto lutasse para manter o equilíbrio. E deve ter lutado muito.

— A culpa não é sua. — Eve abaixou o cotovelo e colocou as mãos nos ombros dele. — Não foi você que fez isso.

Ele desviou o olhar para ela e se forçou a olhar para o rosto da velha amiga.

— Uma vez nós nos amamos — disse ele, baixinho. — Ao nosso modo. Tínhamos um jeito meio descompromissado, mas um dava ao outro o que era necessário, pelo menos durante um período. Não vou tocar nela. Prometo não atrapalhar você.

Quando Eve deu um passo para trás, ele foi em direção à porta e falou, sem olhar para ela:

— Não vou deixá-lo viver. Não importa quem vai achá-lo, eu ou você, mas não vou deixá-lo vivo.

— Roarke...

Ele simplesmente balançou a cabeça para os lados. Seus olhos se encontraram com os dela, uma

vez apenas, e o que ela viu neles fez seu sangue gelar nas veias.

— Ele já pode se considerar morto — afirmou ao sair.

Ela o deixou ir, prometendo a si mesma que ia tentar demovê-lo daquela ideia, assim que tivesse chance de conversar a respeito. Mantendo os olhos bem fechados, sentiu um tremor forte percorrer-lhe o corpo, uma única vez. Então, pegou o comunicador, deu o alarme e fez sinal para Peabody ir buscar o seu estojo de trabalho.

## CAPÍTULO NOVE

No momento em que Roarke saiu do prédio, viu Peabody segurando o estojo de Eve com uma das mãos e o braço da criança com a outra. Considerou a sua atitude muito acertada, pois sabia que ela não devia largá-lo. Pelo olhar do menino, era pouco provável que ele ficasse pela área agora que conseguira quatro fichas de crédito. Menos provável ainda que ficasse por perto tendo ao lado uma policial fardada.

Forçou-se a tirar da cabeça a imagem que acabara de ver para se concentrar naquela ali.

— Está com as mãos cheias, não é, Peabody?

— É... — Ela soltou o ar com força, fazendo estremecer sua franja reta. O Serviço de Proteção à Infância não tem pressa nenhuma de chegar. — Olhou para o alto do prédio longamente. Se Eve pedira o seu estojo de trabalho é porque um crime fora cometido e a cena devia ser analisada e preservada para investigação. E ela ali, bancando a babá... — Creio que não seria aconselhável levar esse menor novamente lá para dentro; portanto se você pudesse levar o estojo de trabalho para a tenente eu...

— Pode levar você, se quiser, que eu tomo conta do menino.

Os olhos de Peabody brilharam de gratidão.

— Para mim está ótimo. — Com muita pressa e pouco tato, passou o menino para Roarke, avisando: — Não o deixe escapar. — E entrou correndo.

Roarke e o menino trocaram olhares desconfiados e frios.

— Sou mais rápido do que você — disse Roarke, lendo os pensamentos do menino. — E mais experiente também. — Agachando-se, Roarke fez carinho atrás das orelhas do gato. — Qual é o nome dele?

— Dunga.

— Bem, Dunga não era o mais esperto dos sete anões, mas era o mais puro de coração — disse, e viu um sorriso surgir nos lábios no menino. — E o seu nome, qual é?

O menino avaliou Roarke com todo o cuidado. A maioria dos adultos com quem teve contato pensava que Branca de Neve era apenas o nome do pozinho branco ilegal que provocava sensações de felicidade.

— Meu nome é Kevin — respondeu, sentindo-se um pouco mais à vontade ao ver que Dunga ronronava satisfeito debaixo dos dedos longos e carinhosos do estranho.

— Prazer em conhecê-lo, Kevin. Meu nome é Roarke.

Ao ver a mão do estranho estendida para ele, Kevin soltou uma risadinha, correspondendo ao cumprimento:

— Muito prazer.

O som descontraido e adorável do riso da criança pareceu aliviar-lhe o peso no coração.

— Será que Dunga está com fome, Kevin?

— Talvez.

— Tem uma carrocinha de lanches bem ali adiante. Vamos lá conferir?

— Dunga adora cachorro-quente de soja — informou Kevin, acompanhando o passo de Roarke, muito empolgado com o seu golpe de sorte. A marca roxa fazia um contraste escuro e horrível com os olhos cinza-claros.

— É a melhor escolha para um paladar refinado.

— Você fala bonito.

— Essa é uma forma legal de fazer as pessoas acreditarem que você está dizendo algo mais importante do que na verdade é.

Segurou a mão do menino de leve, mas a soltou logo em seguida, quando sentiu o cheiro da carrocinha encher o ar. Kevin saiu correndo na frente, pulando e se colocando na ponta dos pés ao chegar junto da grelha, onde salsichas de soja e rolinhos de peru desfiado espalhavam em volta o seu aroma agradável.

— Já não lhe disse para cair fora, garoto? — A vendedora tentou enxotar Kevin dali, rangendo os dentes quando o menino começou a pular em volta dela, escapando com esperteza das mãos que tentavam agarrá-lo. — Aqui não tem lanche grátis para moleques melequentos não. — Pegou um garfo comprido, de churrasqueira, e o balançou no ar, ameaçando: — Se continuar me empentelhando, vou retalhar esse gato horroroso e fritar o fígado dele.

— Estou com grana! — informou Kevin, apertando o gato com mais força, mas mantendo a pose. Seu estômago roncava de medo e fome.

— Sei, sei... — duvidou a vendedora — ...e eu cago bolotinhas de ouro. Vá mendigar em outro canto, garoto, senão vou deixar o seu olho esquerdo roxo também.

Roarke surgiu, colocou a mão sobre o ombro de Kevin e viu que a vendedora se encolheu toda ao receber o seu olhar duro.

— Já decidi o que vai querer, Kevin?

— Ela me disse que vai fritar o fígado de Dunga.

— Estava só brincando com o garoto. — A mulher sorriu com vontade, mostrando dentes que comprovavam sua aversão à higiene bucal. — Tenho sempre uma piada pronta e algumas batatinhas fritas para os meninos da vizinhança.

— Sim, tenho certeza de que você é a fada madrinha da garotada. Quero seis cachorrosquentes de soja para viagem, três porções de batatas fritas, duas embalagens de suco de frutas, um pacote grande de *pretzels* e duas garrafas grandes de... o que vai beber, Kevin?

— Um refrigerante de laranja — respondeu o menino, aturdido com a grandiosidade do banquete.

— Dois, então, e uma porção dessas barrinhas de chocolate para encerrar.

— Sim, senhor, é pra já! — A mulher pôs-se a trabalhar com disposição, enquanto Kevin olhava para Roarke com os olhos esbugalhados e o queixo caído.

— Você quer mais alguma coisa? — perguntou Roarke, enquanto procurava nos bolsos algumas fichas de crédito.

Kevin simplesmente balançou a cabeça. Jamais vira tanta comida de uma vez só. Dunga, inspirado pelo cheiro, soltou um miado longo.

— Tome! — Roarke pegou um dos cachorros-quentes de soja e o entregou a Kevin. — Por que não segura o seu lanche com cuidado, volta para o carro da tenente e espera por mim lá?...

— Certo.

Kevin saiu, deu três passos e então, virando-se para trás, fez uma coisa tão infantil que aqueceu o coração de Roarke: olhou nos olhos da vendedora, colocou a língua para fora e saiu correndo.

Roarke pegou a embalagem com o resto do lanche, ignorando o papo furado da mulher da carrocinha. Jogou as fichas de crédito sobre o pequeno balcão e olhou para a vendedora através da fumaça, dizendo:

— Estou louco para arrebentar as fuças de alguém, louco de verdade para fazer isso, nem sei como é que você ainda está inteira. Agora ouça bem: se algum dia você colocar as mãos naquele garoto, pode ter certeza de que eu vou ficar sabendo. Nesse dia, não vai ser um fígado de gato que vai parar em cima da grelha não. Entendeu?

— Sim, senhor, entendi. Com certeza! — Seus dedos já estavam recolhendo as fichas, mas os olhos continuavam temerosos, grudados em Roarke. — É que eu não sabia que aquele garoto tinha pai. Pensei que fosse apenas mais um moleque de rua. Eles são piores do que ratos, catando comida no lixo, atrapalhando a vida da gente e enchendo o saco das pessoas decentes como eu.

— Olhe, vamos fazer o seguinte. — Roarke esticou a mão e apertou o pulso da mulher com toda a força. Precisou de todo o controle que conseguiu reunir para não quebrar-lhe o braço como se fosse um graveto seco —, eu vou levar mais ou menos trinta segundos para chegar até o lugar onde o menino foi me esperar, ali adiante. Quando chegar lá, vou virar e olhar para cá. Não quero vê-la aqui.

— Mas esse é o meu ponto...!

— Então eu a aconselho a procurar outro. — Roarke a soltou e pegou a embalagem para viagem. Tinha dado apenas alguns passos quando ouviu o barulho metálico do carrinho se movimentando. Sentiu uma pequena satisfação por isso. Uma alegria bem maior foi ver Kevin sentado no capo da viatura de Eve, com o gato ao lado, cada um dos dois devorando metade de um cachorro-quente de soja.

Roarke se juntou ao menino, colocou a embalagem com o lanche entre os dois e autorizou:

— Pode atacar.

A mão de Kevin voou para dentro da caixa, mas, logo em seguida, foi recolhida com ar desconfiado, como se o menino estivesse com medo de algo.

— Posso pegar qualquer coisa?

— Tudo o que conseguir comer. — Roarke pegou uma batata frita, deu uma mordida e notou que a carrocinha já desaparecera. — Ela é sempre assim, tão desagradável?

— Hum-hum — confirmou ele com a cabeça. — Os meninos maiores a chamam de "piranha cagueteira", porque ela sempre dedura a gente para os andróides de patrulha. Ainda por cima tem uma arma de atordoar escondida no carrinho. Mas se borrou toda de medo, e olha que você nem tentou roubar nada.

Roarke se serviu de outra batata frita, levantando a sobrancelha ao ver Kevin abocanhar o chocolate todo. A vida, pensou, era incerta demais e ninguém devia deixar para aproveitá-la mais tarde.

— Conte-me tudo a respeito do sujeito que lhe pediu para esperar a tenente Dallas.

— Era apenas um cara — disse Kevin, pegando outro cachorro-quente e dividindo-o ao meio. Menino e gato comeram tudo com a mesma concentração, voracidade e falta de *finesse*. Então Kevin ficou petrificado ao ver duas radiopatrulhas virando a esquina com as sirenes ligadas. Atrás delas vinha uma van com os peritos da polícia.

— Eles não vão importunar você — disse Roarke, baixinho.

— Você também é tira?



A gargalhada de Roarke foi tão forte que fez Kevin sorrir, meio desconfiado. Ficou com vontade de segurar a mão de Roarke novamente quando viu aquele bando de tiras passando apressados, mas ficou com medo de ser chamado de "fresquinho" pelos amigos. Contentou-se em chegar um pouco mais perto de Roarke e percebeu, por um instante, que o cara cheirava bem... um cheiro quase tão bom quanto o da comida.

— Ah, bem que eu precisava disso — comentou Roarke, ainda rindo. Em seguida despenteou o cabelo do menino, com carinho, e soltou um longo suspiro. — Precisava de uma boa gargalhada depois de uma manhã miserável como essa. Sabe o que eu sou, Kevin? Um moleque de rua crescido. Olhe, beba um pouco disso aqui para ajudar a comida a descer, antes que você se engasgue.

— Obrigado. — Pegando a lata, bebeu um pouco do refrigerante cheio de gás. — O cara falava assim, que nem você...

— Assim como?

— Desse jeito... assim meio cantado. Sabe como é, as palavras parecem subir e descer. — Enfiou uma quantidade imensa de batatas fritas na boca.

— É que é difícil tirar a Irlanda de dentro das pessoas — murmurou Roarke. — Como é que ele parecia?

— Sei lá... era meio alto.

— Jovem, velho...?

A resposta do garoto foi um encolher de ombros e um grunhido, seguido por um arroteo.

— Só sei que ele devia estar com calor — garantiu.

— Por que acha isso, Kevin?

— Estava usando um casacão comprido, um chapéu, cachecol e luvas. O perfume dele era muito bom. — Kevin empinou o nariz, girando os olhos, e então, dando uma risada, pegou mais comida.

— Feche os olhos — pediu Roarke, e quase sorriu ao ver a velocidade com que Kevin atendeu. — Que tipo de sapatos estou usando? Não vale olhar!

— São pretos, muito brilhantes e quase não fazem barulho quando você anda.

— Muito bem. Como eram os sapatos que ele usava?

— Pretos também, com uma listra vermelha do lado. Tinham sola alta, daquela que os meninos mais velhos gostam. Estavam muito usados.

Os sapatos ficam mais macios depois que a gente usa muito.

— Certo. Qual é a cor dos meus olhos?

— São  *muito, muito* azuis. Como nos anúncios.

— E qual era a cor dos olhos dele?

— Eram... verdes, eu acho. Quer dizer, eram meio verdes, mas não tão verdes quanto os de Dunga. Talvez fossem verdes, mas pareciam maus. Não maus como os seus quando você falou com a piranha cagete. Os dele eram mais assustadores. Isso é pior, porque eles batem com mais força quando têm olhos daquele jeito.

— Batem mesmo — murmurou Roarke, colocando o braço sobre os ombros de Kevin. — Você saca as coisas muito bem. A tenente Dallas diria que você pode se tornar um bom tira.

— Trabalho de merda! — reagiu Kevin, tornando a arrotar e balançando a cabeça para os lados.

— Muitas vezes é mesmo — concordou Roarke. — Quem deixou seu olho roxo, Kevin?

— Esbarrei na quina de um móvel. — Roarke sentiu o menino se retrair ligeiramente.

— Eu também tinha esse problema quando era da sua idade. Sua mãe vai ficar tomando conta de você o resto do dia?

— Que nada. Ela trabalha até tarde, então dorme quase o dia todo. Fica pau da vida quando eu atrapalho o sono dela.

Com carinho, Roarke pegou o queixo do garoto com a mão, até seus olhares se encontrarem. Não salvara Jennie, pensou, e ia ter de conviver com aquilo. Mas havia crianças perdidas por toda parte.

— Você quer ficar aqui? Quer ficar com ela?

Para Kevin, o rosto do homem parecia o de um anjo. Ele já vira um em um filme, quando entrara escondido em uma sala de vídeo.

— Não tenho outro lugar para onde ir — disse o menino.

— Não é isso que eu estou perguntando a você — disse Roarke, baixinho. — Você quer ficar aqui em sua casa com ela ou quer ir com o pessoal do Serviço de Proteção à Infância?

— O pessoal do Serviço de Proteção coloca as crianças em uma caixa e depois as vendem. — Kevin engoliu em seco ao dizer isso.

— Não, nada disso! — Para uma criança, talvez essa fosse a primeira impressão, e Roarke sabia

bem disso. Quando criança, ele também escolhera ser agredido pelos punhos do pai a ser entregue ao sistema. — Você gostaria de ir para um lugar completamente diferente?

— Posso ir com você? Poderia trabalhar para você.

— Um dia, quem sabe...? — Roarke tornou a despentear o cabelo do menino, com carinho. — Conheço umas pessoas das quais você vai gostar. Se quiser, vou ver se você pode ficar com elas. E se preferir, pode experimentar morar lá apenas por algum tempo, para depois decidir.

— Mas o Dunga vai ter que ir também. — Kevin estava disposto a desistir da mãe, com seus olhos infelizes e mãos rápidas, mas não abria mão do gato.

— Claro que vai.

Kevin mordeu o lábio, pensativo, e tornou a olhar para o prédio, perguntando:

— Não vou mais precisar voltar para lá?

— Não — garantiu Roarke. Pelo menos enquanto o dinheiro puder comprar liberdade e alternativas. — Não vai precisar.

Quando Eve acabou suas tarefas e saiu do prédio ficou surpresa e um pouco chateada ao ver que Roarke e o menino ainda estavam ali. Os dois estavam um pouco adiante, na calçada, conversando com uma mulher. Pelo uniforme azul-marinheiro, a arma de atordoar na cintura e a expressão grave, Eve percebeu que ela era a assistente social que cuidava daquela área da cidade.

*Por que diabos ela não está levando o garoto?*, perguntou-se Eve, desejando que o menino e Roarke já estivessem longe dali quando o corpo saísse do prédio, a fim de ser levado para o necrotério.

— Todas as provas já foram recolhidas e devidamente etiquetadas, Dallas — anunciou Peabody, colocando-se ao lado de Eve. — Já estão trazendo o corpo da vítima.

— Vá até lá e peça para eles esperarem cinco minutos — pediu Eve, encaminhando-se em seguida na direção deles. Sentiu alívio ao ver que a assistente social já estava indo embora, levando o garoto. Para sua surpresa, o menino se virou para trás, lançou um sorriso cativante para Roarke e acenou.

— O Serviço de Proteção à Infância demorou demais, como sempre — comentou ela ao chegar junto dele.

— Crianças abandonadas existem aos montes e, para algumas pessoas, recolhê-las é apenas

rotina. — Virando-se, ele a deixou desconcertada ao beijá-la longa e ardentemente. — Algumas dessas crianças, porém, encontram o próprio caminho sozinhas.

— Estou de serviço — murmurou ela, lançando um olhar por cima do ombro para ver se estavam sendo observados. — Você devia pegar um táxi e ir para casa. Vou logo em seguida, tenho apenas algumas coisas para...

— Eu espero.

— Vá para casa, Roarke.

— Ela já está morta, Eve. Não é Jennie que vai ser trazida em um saco preto, apenas o corpo que a hospedou por algum tempo.

— Tudo bem, seja cabeça-dura se quiser. — Pegou o comunicador e comandou: — Podem trazê-la! — Mesmo assim, fez o melhor possível para distraí-lo. — E então, o que estava tramando com a assistente social?

— Ofereci-lhe algumas sugestões a respeito de um lar provisório que fosse adequado para Kevin.

— Ah, é?

— Acho que Richard DeBlass e Elizabeth Barrister vão se dar muito bem com o menino. — Notou o sinal de estranheza no rosto de Eve, que uniu as sobrancelhas. — Já faz quase um ano que a filha deles foi assassinada, e algum tempo já se passou desde que conseguiram extirpar o câncer que corroía toda a família. Elizabeth comentou comigo que ela e Richard estavam pensando em adotar uma criança.

Fora por meio do caso DeBlass que Eve e Roarke haviam se conhecido. Eve lembrou disso naquele momento, nas perdas e nos ganhos, e comentou:

— São os ciclos da vida, eu acho.

— Que escolha o menino tem? — Roarke viu a equipe do necrotério passar com o corpo. — Ele precisa de um lar. Sua mãe o espanca... quando aparece em casa. Ele tem sete anos, ou pelo menos acha que tem essa idade. Não sabe nem mesmo o dia do seu aniversário.

— Quanto você vai... doar para o Serviço de Proteção à Infância? — perguntou Eve, acertando em cheio e fazendo-o sorrir.

— O bastante para assegurar que o garoto tenha uma chance. — Tocou o cabelo de Eve. — Já existem crianças demais pelo mundo, largadas em bicos com pernas ou braços quebrados, Eve. Nós dois passamos por experiências pessoais que comprovam esse fato.

— Quando a gente se envolve demais, é o coração que acaba quebrado. — Ela suspirou. — Se

bem que não adianta falar nada depois que você toma suas decisões. Ele tem um sorriso lindo — acrescentou.

— Tem sim.

— Vou ter que interrogá-lo. Já que você armou tudo para que o menino seja enviado para a Virgínia, é melhor colocar isso como prioridade.

— Não creio que você vá precisar mais dele. Kevin já me contou tudo o que sabia.

— Ah, já?... — A boca de Eve ficou séria, e seus olhos, furiosos e duros. Era o seu aspecto de tira, reconheceu Roarke com admiração e uma surpreendente fisgada de tesão. — Você o interrogou? Droga, você interrogou aquele menino sobre um caso em aberto? Um menor interrogado sem a autorização dos pais nem a presença de uma representante do Serviço de Proteção à Infância? Em que estava pensando ao fazer uma coisa dessas?

— Em um menino muito jovem e em uma garota que um dia amei.

Eve soltou o ar com força por entre os dentes e esperou a raiva se dissipar. Depois de dar alguns passos para um lado e para outro da calçada, sentiu-se mais controlada.

— Você sabe muito bem que eu não posso usar nenhuma das informações que você conseguiu com o garoto. Se ele abrir a boca e contar para alguém que conversou a respeito do caso com um civil vai ser uma cagada completa. A investigadora principal é casada com você, o principal suspeito é seu empregado e desfruta de sua amizade e lealdade. Qualquer informação que você tenha conseguido através do menino não poderá ser utilizada.

— Como sabia muito bem que você ia analisar a história por esse ponto de vista técnico, tomei a precaução de gravar toda a conversa. — Pegou um microgravador no bolso. — Você pode levar isso como prova, e pode testemunhar pessoalmente que eu não tive tempo nem oportunidade de adulterar a gravação.

— Quer dizer que você gravou a conversa com um menor envolvido em um caso de homicídio em aberto. — Jogou as mãos para cima. — Isso é o máximo mesmo! — De nada — reagiu ele. — E embora você tenha escrúpulos em aceitar isso como prova legal, apesar de nós sabermos que dá para contornar a lei e tornar a prova válida, não acredito que seja teimosa o bastante para ignorá-la.

Transbordando de raiva, Eve pegou o gravador das mãos dele e o guardou no bolso, avisando:

— Na primeira oportunidade que aparecer, pode ter certeza de que eu vou até a cidade só para meter o bedelho em uma das suas reuniões de diretoria.

— Para você, querida Eve, minhas portas estarão sempre abertas.

— Vamos ver se você vai dar esse sorriso quando eu estragar uma das suas incorporações empresariais de um bilhão de dólares.

— Só imaginar essa cena já vale o prejuízo. — Mantendo o sorriso nos lábios, pegou algo no bolso e lhe ofereceu. — Tome, eu salvei uma barrinha de chocolate para você, o que, diante das circunstâncias, foi um ato heroico.

— Você acha que pode me subornar com chocolate? — perguntou ela, franzindo a testa.

— Conheço suas fraquezas.

Ela pegou o chocolate, desembulhou-o e deu uma mordida, avisando:

— Continuo pau da vida com você.

— Estou arrasado com isso.

— Ora, cale a boca. Vou levá-lo para casa — disse ela depois de mais uma dentada. — E quero que fique longe enquanto converso com Summerset.

— Se escutar a gravação com atenção, vai ver que o homem que Kevin descreveu não era Summerset.

— Obrigada pela avaliação, mas deixe que eu descubro isso sozinha. A chance de eu conseguir que o comandante aceite como material válido para o processo a declaração gravada de um menino de sete anos que deve ter falado com a boca cheia de chocolate é a mesma de me ver dançando nua em plena Times Square. — Saiu de perto dele a passos largos.

— Se a Times Square deixa você intimidada — começou Roarke —, talvez seja melhor ensaiar um pouco antes, dançando nua lá em casa.

— Isso!... Pode pegar no meu pé!...

— Adoraria, querida, mas você está de serviço.

— Entre na porcaria do carro! — Eve fez um sinal com o polegar, chamando Peabody, que tentava de tudo para parecer surda e cega.

— Por favor, Eve, essas demonstrações públicas de afeto precisam parar. Tenho um nome a zelar.

— Continue bancando o engraçadinho, gostosão, que vou lhe dar uma demonstração pública de afeto que vai deixá-lo mancando por uma semana.

— Agora fiquei excitado. — Sorrindo, Roarke abriu a porta do carona e gesticulou de forma cavalheiresca para Peabody.

— Ahn... não é melhor eu ir atrás? — *Onde é mais seguro*, pensou Peabody.

— Não, não, eu vou atrás, insisto nisso. Ela provavelmente não vai agredi-la — murmurou Roarke no ouvido de Peabody quando ela se abaixou para entrar no veículo.

— Obrigada. Obrigada mesmo.

— E sinta-se muito grato por eu não levantar a grade entre o banco da frente e o de trás — completou Eve no momento em que Roarke se sentou no banco traseiro.

— Eu me sinto grato, querida. O tempo todo.

— Isso foi uma risadinha, Peabody? — quis saber Eve, enquanto saía com o carro.

— Não, senhora. É, ahn... alergia. Sou alérgica a brigas de casais.

— Isso não é uma briga de casal. Você vai perceber a diferença quando assistir a uma briga de casal entre nós. Tome. — Ofereceu o restinho da barra de chocolate para Peabody. — Coma isso e veja se não engorda.

— Tomara...

Ainda fumegando, os olhos de Eve se encontraram com os de Roarke pelo espelho retrovisor e ela avisou:

— É melhor você começar a torcer para que Summerset tenha um álibi para hoje de manhã.

Ele não tinha, e tudo o que Eve conseguiu fazer foi puxar os cabelos.

— Como assim você "deu uma saída"...?

— Como sempre, levantei-me às cinco da manhã e fui fazer a minha caminhada matinal. Como era dia de mercado, voltei, peguei um dos veículos e fui até a feirinha dos adeptos da Família Livre, em busca de produtos frescos.

Eve se sentou no braço de uma poltrona da sala de estar e reclamou:

— Eu não lhe disse para não sair de casa nem ir a lugar algum desacompanhado?

— Não tenho o hábito de cumprir ordens quando o assunto diz respeito à minha rotina pessoal, tenente.

— A sua rotina pessoal vai ser enriquecida com duchas coletivas, onde até mesmo uma bunda magra como a sua vai atrair a atenção, a não ser que resolva me escutar.

— Não aprecio a sua rispidez — reagiu Summerset, apertando os maxilares.

— E eu não aprecio a sua ranhetice, então empatamos. Hoje de manhã, mais ou menos às nove horas, Jennie O'Leary foi encontrada enforcada em um quarto de hotel na rua 43, no West Side.

O vermelho de fúria que se espalhara por suas bochechas desapareceu de repente, deixando-o pálido. Esticou a mão, tateando em volta, tentando achar um lugar para se apoiar ao sentir que os joelhos se dobravam. Através do zumbido que se instalou em sua cabeça, pensou ter ouvido um xingamento, e então se sentiu sendo encaminhado para uma cadeira; um copo foi pressionado contra seus lábios.

— Beba isso — ordenou Eve, sentindo-se abalada também. — Beba tudo e se recomponha, porque se você desmaiar eu vou deixá-lo caído no chão.

Essas palavras tiveram o efeito de trazê-lo de volta à realidade.

— Estou perfeitamente bem — disse. — Fiquei apenas chocado por um momento.

— Você a conhecia...

— Claro que conhecia. Ela e Roarke tiveram um relacionamento, por algum tempo.

— E agora ela está morta. — A voz de Eve estava sem expressão, mas seu coração se acalmou ao observar o rosto de Summerset e notar que ele já se recuperara. — É melhor você conseguir me descrever tudo passo a passo. Onde esteve, o que fez, quem viu, com quem falou e quantas drogas de maçãs comprou. Nesse momento sou a melhor amiga que você tem no mundo.

— Se chegamos a esse ponto, tenente, acho que gostaria de ligar para o meu advogado.

— Ótimo, excelente, faça isso. Por que não foder com tudo logo de uma vez? — Girou o corpo para caminhar pela sala a passos largos. — Agora me escute com atenção: estou no maior sufoco aqui, porque você é importante para Roarke. As provas contra você são apenas circunstanciais, mas estão aumentando cada vez mais. Vai haver pressão da mídia, o que significa pressão sobre o departamento. O promotor vai querer espetar a bunda de alguém, e as evidências contra você já formam uma pilha grande o bastante para ele mandar detê-lo para outro interrogatório. Ele ainda não tem o bastante para indiciá-lo, mas falta pouco.

— Se o promotor entrar em cena, há grandes chances de eu ser retirada do caso — continuou ela, fazendo uma pausa em seguida, enquanto fixava o olhar em um ponto indeterminado a meia distância. — De qualquer modo, calculo que tenhamos mais uma semana, no máximo, para resolver o caso. Depois disso, provavelmente você vai estar lidando com outro tira.

— É melhor aturar demônios que a gente já conhece — considerou Summerset, acenando com a cabeça.



Concordando com ele, Eve pegou o gravador, colocou-o sobre a mesa e se sentou, dizendo:

— Vamos começar logo, então.

— A propósito, comprei dois quilos de maçãs. — Chegou muito perto de sorrir, o que fez Eve piscar, surpresa. — Teremos torta de maçã hoje.

— Humm, que delícia — reagiu Eve, com água na boca.

Uma hora e meia depois, Eve já estava levando os discos para o escritório, acompanhada por uma baita dor de cabeça. Só faltou gemer ao avistar McNab instalado em sua mesa, muito à vontade, com os pés para cima e as pernas cruzadas na altura dos tornozelos, exibindo ridículas meias floridas.

— Fique à vontade, detetive — convidou ela, e acentuou a ironia empurrando com força os pés dele.

— Desculpe, tenente. Estava só descansando um pouquinho.

— Estou contra a parede, McNab, e isso significa que a sua bunda está na reta junto com a minha. Não temos tempo para descansar nem um pouquinho. Cadê Peabody?

— Está usando um dos outros aposentos deste castelo para pesquisar dados da sua mais recente vítima e para desempenhar outros atos oficiais, imagino. Conte para mim, tenente... ela é mesmo toda daquele jeito, cheia de normas, ou algumas delas somem quando ela tira a farda?

— Você por acaso está acalentando a ideia de despir a policial Peabody de seu uniforme, McNab? — perguntou Eve, indo até o AutoChef e ordenando café, bem quente e bem forte.

— Não, não... — Ele pulou da cadeira tão depressa que os quatro pingentes de prata que usava na orelha bateram uns nos outros, emitindo um som musical. — Não — disse uma terceira vez. — Estou perguntando só por curiosidade. Ela não é meu tipo.

— Então por que não dispensamos o papo inadequado e tratamos de trabalhar?

Ele virou os olhos para cima quando Eve lhe deu as costas. Pelo que via, as duas policiais com quem estava trabalhando eram cheias de normas.

— O equipamento que Roark mandou entregar é muito mais que demais! — elogiou ele. — Levou algum tempo para conseguirmos instalar e configurar tudo, mas já o coloquei para fazer uma pesquisa e rastrear a ligação desta manhã. Ah, já ia me esquecendo: duas pessoas ligaram também enquanto a senhora esteve fora, tenente. — Solicito, apertou um botão para arquivar as chamadas, informando: — Uma delas foi Nadine Furst. Ela quer vê-la o mais rápido possível. A

outra pessoa chama-se Mavis, mas não disse o sobrenome. Avisou que vai passar aqui logo mais, à noite.

— Ora, obrigada por demonstrar tanto interesse por minhas ligações pessoais.

— De nada... — rebateu ele, sem entender o sarcasmo. — Quer dizer que essa tal de Mavis é amiga sua, é?...

— É, e mora com um cara que conseguiria quebrar você em mil pedaços bem pequenos com uma mão só.

— Bem, então deixa pra lá... Escute, quem sabe eu não poderia comer alguma coisa enquanto espero o programa encontrar... — Parou de falar ao ouvir a unidade de rastreamento emitir bipes agudos. — Beleza!... — Pulou atrás da mesa, fazendo o rabode-cavalo cair por sobre os ombros, assobiando uma melodia alegre enquanto uma fita comprida era cuspidada da máquina. — Mas que filho da mãe esperto! Muito esperto mesmo! Jogou o registro das ondas até o inferno e depois voltou com elas. Zurique, Moscou, Des Moines, pelo amor de Deus! Satélite Regis Seis, estação espacial Utopia, Birmingham. Estou adorando isso!

Eve já vira um olhar de empolgação semelhante àquele nos olhos de Feeney e compreendeu que isso devia ser efeito colateral do trabalho na Divisão de Detecção Eletrônica.

— Não quero saber *para onde* ele está jogando os registros, McNab, o importante é saber *de onde* ele faz isso.

— Está pintando... está pintando!... Até mesmo a tecnologia avançada precisa de um pouco de paciência... Nova York A origem de tudo é Nova York A senhora mandou bem, tenente.

— Refine a pesquisa. Consiga-me um endereço.

— Estou correndo atrás. — Agitou as mãos para trás quando Eve chegou perto da sua nuca. — Ei, tenente, me dê um pouco de espaço para trabalhar, embora eu deva mencionar que o seu perfume é fantástico. Origem da transmissão rastreada, cidade de Nova York Encontre a área! — ordenou ele.

*Processando... Tempo estimado para completar a operação: oito minutos e quinze segundos.*

— Pode começar! — ordenou ele à máquina. — Eu bem que gostaria de um hambúrguer. Temos algum por aqui?

— E como deseja que ele seja preparado, senhor? — quis saber Eve, lutando para manter a

paciência.

— Humm... Malpassado, com uma fatia de provolone, muita mostarda, em um pão com gergelim e uma salada de macarrão para acompanhar. Ah... e um copo daquele café de arrasar.

— Ué?! — Eve respirou fundo e expirou devagar. — Mas como?... — disse com a voz doce. — Sem sobremesa?

— Bem, já que mencionou, que tal...

— Tenente! — chamou Peabody, e entrou correndo no escritório. — Estou com todos os dados da última vítima. — Vamos para a cozinha, Peabody. Vou preparar o almoço para o detetive.

O olhar arrasador que Peabody lançou para McNab foi retribuído na forma de um sorriso insolente.

— Quanto tempo falta para Feeney voltar, hein? — quis saber Peabody.

— Cento e duas horas e vinte e três minutos, mas quem está contando? — Eve programou o AutoChef com as especificações do lanche solicitado por McNab. — O que conseguiu?

A vítima saiu do Aeroporto Shannon, em Dublin, ontem à tarde, às quatro horas. Desembarcou no anexo Europa do Aeroporto Kennedy, aqui em Nova York, à uma da tarde, hora local. Hospedou-se no Palace, onde chegou às duas horas, instalando-se em uma suíte pré-paga. As acomodações foram reservadas e pagas pelas Indústrias Roarke.

— Merda!

— As quatro horas, a vítima saiu do hotel. Ainda não consegui descobrir a empresa do táxi que a pegou. Anotei o nome do porteiro que estava de serviço, mas ele não está... volta em uma hora. A vítima deixou a chave do quarto na recepção e não apareceu mais.

— Ordene que eles isolem o quarto dela. Ninguém entra. Mande um guarda ficar na porta até chegarmos lá.

— Já fiz isso.

— Coma alguma coisa, porque vamos ter um dia cheio — aconselhou Eve, enquanto pegava o almoço de McNab.

— Talvez McNab tenha bom gosto para alguma coisa, afinal — elogiou Peabody, cheirando o hambúrguer. — Vou querer um desses. Você vai comer também?

— Mais tarde. — Eve foi até o escritório e colocou o prato sobre a mesa. — E aí, progredimos?

— Já identifiquei a área, só falta o quarteirão. Estamos quase lá. Pegando o hambúrguer com

uma das mãos, mordeu-o com vontade. — Deus existe! — conseguiu exclamar com a boca cheia. — Isso é carne de vaca de verdade! Melhor que leite materno. Quer um pedaço?

— Dispenso. McNab, esses brinquinhos todos pendurados na sua orelha não pesam não?... É bom colocar alguns na outra orelha para equilibrar, senão você vai começar a andar com a cabeça torta.

— É o preço de estar sempre na moda. Pronto! Área cinco, sim, sim... quartieirões A e B — Com a mão cheia de anéis, empurrou o prato do lanche para o lado, fazendo surgir o mapa quadriculado que desdobrara sobre a mesa. — Isso nos coloca... — foi descendo com os dedos sobre o mapa e parou de repente — ...aqui. Bem aqui! — repetiu, levantando os olhos e fitando Eve. — Exatamente no lugar em que estou agora, comendo este hambúrguer bovino realmente admirável.

— Essa informação está errada.

— Posso repassar, mas garanto que vamos confirmar que a transmissão se originou aqui nesta casa, ou pelo menos no terreno onde ela foi construída. Este lugar ocupa o quarteirão todo.

— Repita a busca — ordenou ela, virando-se para sair.

— Sim, senhora.

— McNab, qual a probabilidade de erro em rastreamentos feitos com esse aparelho?

— Humm... — pensou, brincando com a fita vermelha que usava à guisa de gravata. — Menos de um por cento.

— Quero saber se dá para segurar um pouco essa informação — perguntou Eve, apertando um pouco os lábios e tornando a se virar para ele. — Não quero que envie nenhum relatório sobre esses dados para a central até que eu consiga... até que eu consiga achar outro rumo para essa investigação. Dá para você fazer isso para mim?

— Você é a investigadora principal, Dallas — observou ele, recostando-se na cadeira. — Você é quem manda. Esses dados são difíceis de pegar mesmo; perdem-se à toa e leva um tempo para conseguirmos pescá-los novamente.

— Obrigada.

— Eu é que agradeço pelo hambúrguer. Vou refazer tudo passo a passo e ver o que pinta. Feeney me disse que você é a melhor, e ele sabe das coisas. Se você acha que tem alguma coisa errada, talvez tenha mesmo. E se for o caso, sou bom o bastante para descobrir.

— Conto com isso. Peabody...?

— Sim, senhora, estou chegando. — Segurando um prato cheio, Peabody apareceu.

— Coloque esse lanche em um saco para viagem, se estiver realmente com fome, e vamos picar a mula. Estamos em cima da hora.

— Espere só um... — Vendo que estava falando para as costas de Eve, Peabody largou o prato na frente de McNab, perguntando:

— Quer essa coisa gostosa pra você?

— Claro que quero... a gente se vê depois, coisa gostosa! — Levantou as sobrancelhas para cima e para baixo quando ela se virou com olhar assassino. Depois, soltou um suspiro longo ao vê-la sair.

— Gostosa mesmo... — murmurou, arregaçando as mangas e voltando ao trabalho.

## CAPÍTULO DEZ

— Ligue o gravador, Peabody. Eve fez sinal para o guarda, mandando-o se afastar da porta, e usou o cartão mestre para destrancar a fechadura. Viu-se em uma sala luxuosa e muito espaçosa, com um arranjo imenso de flores naturais em tons de branco e azul sob o peitoril das janelas largas.

As torres e lanças de concreto da cidade de Nova York podiam ser vistas lá fora e o tráfego aéreo ainda fluía com tranquilidade àquela hora. Os cartazes e anúncios luminosos gigantescos e frenéticos, tão comuns no lado oeste da cidade, haviam sido banidos ali, no lado leste.

Como era típico da maioria dos imóveis de Roarke, a suíte do hotel era lindamente decorada. Estofados convidativos cobertos por brocados, piso muito brilhante em madeira e tapetes de fios tão altos que os pés desapareciam dentro deles. Sobre a mesinha de centro, muito grande, havia uma cesta de frutas e uma garrafa de Sauvignon blanc, provavelmente cortesia do Palace.

Alguém mexera nas frutas e abriu o vinho. Jennie teve alguns momentos para aproveitar todo aquele luxo, pensou Eve, antes de ser atraída para a morte.

Pelo visto, nada mais fora mexido. O centro de comunicações e entretenimento do quarto continuava discretamente escondido por trás de uma tela de seda cheia de pássaros tropicais, e o telão para relaxamento, que cobria quase toda a parede, estava desligado.

— Aqui fala a tenente Eve Dallas, acompanhada pela policial Delia Peabody. Estamos dando início à busca na suíte do Hotel Palace, ocupada pela vítima Jennie O'Leary. Vamos começar pelo quarto, Peabody.

Eve atravessou a sala e entrou em um aposento onde a luz do sol entrava com abundância, através de uma janela com três folhas. A colcha azul-pavão que cobria a imensa cama colocada sobre uma plataforma no meio do quarto estava com uma das pontas virada em diagonal, de forma elegante, em sinal de convite para uma noite agradável. Sobre os travesseiros rechonchudos havia balas de menta embrulhadas em papel dourado.

— Lembre-se de pesquisar o nome da camareira que esteve de serviço aqui ontem, Peabody. Pergunte o que ela tocou e o que reparou de diferente. — Enquanto falava, Eve foi em direção ao closet. Lá dentro viu três blusas, duas calças, um vestido leve azul de algodão e um conjunto de noite, creme, em tecido não muito caro. Dois pares de sapatos estavam cuidadosamente expostos na parte de baixo.

Seguindo a rotina, Eve verificou os bolsos, olhou dentro dos sapatos e passou a mão sobre a prateleira superior.

— Não há nada aqui. O que achou nas gavetas da cômoda?

— Roupas de baixo, meias de náilon, uma camisola de algodão e uma bolsinha de noite, preta,

feita de contas.

— Ela trouxe a sua melhor roupa de noite — comentou Eve enquanto passava a mão pela ponta da saia rodada do conjunto —, e nem conseguiu uma chance de usá-la. Teve o trabalho de desfazer a mala, que guardou no closet, e trouxe roupas para passar três ou quatro dias. Alguma joia?

— Até agora não encontrei nenhuma.

— Talvez tenha levado com ela. Deve ter trazido algo especial para sair à noite. Veja no *tele-link* todas as ligações que ela fez e recebeu. Vou vistoriar o banheiro.

Lá dentro havia uma banheira de hidromassagem grande o bastante para várias pessoas. Um frasco de espuma para banho, cortesia do hotel, estava aberto ao lado da banheira. Então ela tomara um banho, refletiu Eve. Deve ter sido difícil de resistir, e Jennie estava esperando pelo contato de alguém.

Será que estava nervosa?, perguntou-se. Sim, talvez estivesse, pelo menos um pouco. Já não via Roarke há algum tempo. Deve ter se preocupado com a sua aparência, o quanto mudara com o passar dos anos, o quanto envelhecera e o que ele veria ao reencontrá-la.

Uma mulher sempre se preocuparia com o que um homem como Roarke notaria ao olhá-la. Eles haviam sido amantes, lembrou, analisando os artigos de toalete e cosméticos cuidadosamente arrumados sobre a pia em mármore rosa. Jennie deve ter ficado ali se lembrando de como ele a tocara e do gosto dele. Uma mulher dificilmente esqueceria o poder de um amante como Roarke.

E, como era humana, deve ter fantasiado, com esperança de que ele voltasse a tocá-la. Será que ela se deixara submergir na água perfumada e cheia de espuma imaginando a cena?

Claro que sim.

Eles haviam sido amigos também. Havia compartilhado bons momentos, risos, talvez segredos e sonhos. Foram jovens e tolos juntos. Esse era um laço que nunca desaparecia de todo.

Ele a chamara, pedindo para que atravessasse o oceano para vê-lo.

Ela não hesitara.

Sabia que estava em apuros, mas largara tudo para vir. Ficara à espera. E morrera.

— Dallas!

— Que foi? — Eve, forçando-se a voltar à realidade, olhou para Peabody.

— Não encontrei nada no *tele-link*, mas pesquisei tudo o que chegou por fax. Venha ver isso...

O minifax estava sobre uma pequena prateleira em um canto do aposento. Zumbia suavemente, aguardando o próximo comando. Peabody pegou a folha de papel que a máquina acabara de liberar e entregou-a a Eve.

*Minha querida Jennie,*

*Roarke planeja lhe agradecer por você ter concordado em fazer essa viagem tão inesperada. Gostaríamos de não estar causando nenhum transtorno à sua vida. Esperamos que as acomodações estejam do seu agrado. Se precisar de algo especial, basta ligar para a recepção.*

*Como sabe, Roarke está preocupado com a sua segurança. Precisa muito falar com você em particular, e sem o conhecimento da mulher que escolheu para ser sua esposa. Ele possui informações que deseja passar para você o mais breve possível. É muito importante que você vá se encontrar com ele, sem dizer a ninguém onde vai, nem mesmo às pessoas em quem mais confia. Por favor, vá à esquina da Quinta Avenida com a rua 62, às cinco da tarde. Um automóvel preto com placa de Nova York e motorista uniformizado irá apanhá-la no local. Ele deverá acompanhá-la e já tem todas as instruções.*

*Desculpe o sigilo, Jennie. Um homem na posição de Roarke precisa ser discreto. Pedimos que destrua este contato.*

*Do seu amigo,*

*Summerset*

— Muito esperto — murmurou Eve. — Ele informou-a apenas do suficiente para atraí-la. Mandou que se livrasse da cópia do fax, mas não a mandou apagar a memória da máquina. Sabia que íamos verificar e queria que encontrássemos a mensagem.

— De qualquer modo, as provas continuam sendo circunstanciais — comentou Peabody, franzindo as sobrancelhas diante do texto. — Qualquer um pode enviar um fax e assinar com nome de outra pessoa. Ele bloqueou o código de retorno e não dá para saber de onde a mensagem foi enviada.

— Sim, por aqui não dá para saber, mas eu aposto um ano de salário como na hora em que McNab decodificar o bloqueio vai descobrir que a origem da mensagem foi uma das linhas de Roarke. Registre como prova — ordenou, passando a folha para Peabody.



— Nosso homem colocou um uniforme e a levou como uma ovelhinha direto para o lado oeste da cidade. Ao chegar lá, derrubou-a fisicamente ou com o uso de drogas. O legista vai nos informar ao certo. Depois, montou a cena com toda a calma. Tudo o que precisava já estava no carro. Talvez o veículo pertença a ele, mas também pode ser que seja alugado. A chance de o automóvel ter sido roubado é muito pequena, mas vamos ter que verificar a lista de carros pretos desaparecidos.

Eve parou de falar e olhou tudo em volta com cuidado uma última vez.

— Chamar a perícia aqui é um desperdício de dinheiro público, mas temos que seguir as normas. Vou chamar os técnicos enquanto você pesquisa os carros roubados, só para nos livrarmos disso. Leve o minifax para McNab, no escritório lá de casa. Encontro-me com você lá assim que puder.

— Para onde vai agora, Dallas?

— Pedir mais um favor — disse Eve, já saindo.

Começou a chover, e o ar tornou-se úmido e frio, com um vento forte. Alguns crisântemos teimavam em florescer, acrescentando tons coloridos e aromas inesperados à paisagem. Havia uma fonte, de onde água escorria sobre as pétalas de lírios d'água feitas de cobre e latão. Do outro lado da passarela gramada que se estendia à sua frente, e onde se lançavam as sombras de altas árvores, ficava a grande casa de pedra, brilhando sob a luz indistinta do sol vespertino.

A dra. Mira suspirou. Um lugar como aquele fora construído para paz e poder, pensou. Perguntou-se com que frequência Eve conseguia aquela paz e o quanto se permitia desfrutá-la.

— Estava esperando pela sua ligação — disse, observando Eve, que olhava para a casa. — Soube do terceiro assassinato.

— Seu nome era Jennie O'Leary. Há música nesse nome, não acha? — Surpresa por ter falado uma coisa dessas, Eve balançou a cabeça. — Ela e Roarke eram amigos. Mais que amigos, por algum tempo.

— Entendo. E as outras duas vítimas também eram irlandesas?

— Roarke as conhecia. Todas elas. — Eve obrigou-se a olhar para a psiquiatra.

Mira estava bem arrumada, como sempre, embora o vento estivesse despenteando seus cabelos castanho-claros muito lisos. Usava um conjunto verde-escuro, o que era uma mudança, pois geralmente a doutora usava tons pastéis. Seus olhos pacientes estavam cheios de compaixão. E compreensão.

Eve achou que a dra. Mira aparentava tanta competência ali, sentada em um banco de pedra sob os galhos despidos de um carvalho, quanto em seu elegante consultório. Ela era a melhor profissional de Nova York na área de estudos comportamentais e psiquiatria forense, provavelmente a melhor de todo o país.

— Obrigada por ter concordado em vir conversar comigo aqui.

— Lembro-me destes jardins, do dia em que vim ao seu casamento. — Mira sorriu. Foi difícil fazer Eve transpor várias barreiras antes de adquirir confiança nela. — Este é um espaço magnífico. Planejado com cuidado, tratado com carinho.

— Lamento não ter muito tempo para vir aqui fora. — Sentindo-se esquisita, Eve enfiou as mãos nos bolsos. — Esqueço até de olhar nela janela quando trabalho em casa.

— Você é muito focada, Eve. É isso que a torna uma excelente policial. Não costuma muito vir aqui fora, mas tenho certeza de que consegue descrever estes jardins com impressionante riqueza de detalhes. Você observa as coisas de maneira instintiva.

— Olhos de tira. — Eve encolheu os ombros. — Bênção ou maldição, quem sabe?...

— Você está preocupada. — Os sentimentos de Mira por Eve sempre ultrapassaram o nível profissional e a deixavam comovida. — Vai me deixar ajudá-la?

— Não sou eu. Não se trata de mim.

Mas Mira achava que, em parte, o problema era com ela. A mulher por trás da policial sentia-se abalada por enfrentar pessoas que morreram e que, no passado, haviam sido íntimas de Roarke.

— E como anda dormindo, Eve? Está tudo bem? Seu sono está calmo?

— Quase sempre. — Eve tornou a desviar o olhar. Não queria se aprofundar nessa área. Mira era uma das poucas pessoas que sabiam dos detalhes do seu passado, das lembranças que surgiam inesperadamente e dos pesadelos que tanto a atormentavam e aterrorizavam. — Vamos deixar esse assunto de lado, está bem?

— Certo.

— Estou preocupada com Roarke. — Na mesma hora, Eve se arrependeu de ter dito isso. — É uma coisa pessoal — continuou, voltando a olhar para a médica. — Não pedi que viesse para discutir esse assunto.

*Tem certeza?*, pensou Mira, mas simplesmente assentiu com a cabeça, perguntando:

— Por que me pediu para vir aqui, então?

— Preciso de um parecer profissional a respeito do caso. Preciso de um perfil. Preciso de ajuda.

— O desconforto de sua posição transpareceu em seus olhos sob a forma de raiva. — Não queria fazer isso em local de trabalho porque o que vou lhe pedir transgride, de certa forma, algumas normas. Não há obrigação nenhuma, de sua parte, de me atender. Compreenderei perfeitamente se você se recusar a isso e resolver citar o meu pedido em seu relatório.

— Por que não me explica toda a situação, Eve, e deixa que eu mesma tome essa decisão? — perguntou Mira. Sua expressão de educado interesse não se alterou em nada.

— Os três assassinatos estão conectados, e a probabilidade de estarem ligados a uma... série de eventos que aconteceram há vários anos é grande. O motivo é vingança. Na minha opinião, Roarke é o alvo principal, e Summerset está sendo usado para chegar a ele. Existem provas circunstanciais ligadas a cada um dos assassinatos e todas apontam para Summerset. O pior é que elas estão aumentando na mesma velocidade dos corpos. Se eu achasse que o assassino é ele, já o teria colocado atrás das grades pessoalmente, sem um instante sequer de remorso, por mais que eu saiba o quanto ele significa para Roarke. Mas são apenas armadilhas que apontam para Summerset. Armadilhas muito bem planejadas e executadas, mas óbvias o bastante para insultarem a minha inteligência.

— Você gostaria, então, que eu traçasse um perfil do assassino e examinasse Summerset em busca de tendências à violência, de forma extra-oficial?

— Não, quero tudo isso de forma oficial, preto no branco, dentro das normas. Quero levar as suas avaliações ao comandante Whitney. Não lhe apresentei nada sólido até agora.

— Ficarei feliz em ajudar nas duas coisas. Tudo o que precisa fazer é solicitar os meus serviços ao seu comandante e me passar os dados. Posso fazer isso para você em caráter de urgência.

— Eu agradeceria muito.

— E quanto ao resto?

As palmas das mãos de Eve ficaram úmidas na mesma hora. Com impaciência, ela as secou na parte da frente das calças.

— Possuo informações que são fundamentais para a investigação e para o perfil do assassino, mas não posso e não vou registrar isso oficialmente. Vou compartilhá-las neste momento com você, doutora, de forma confidencial, como informação sigilosa entre médico e paciente. Isso a protegerá de possíveis problemas, não?

— Qualquer coisa que você me contar como paciente é informação privilegiada — afirmou Mira, levantando as mãos e cruzando os dedos. — Não posso colocar no relatório oficial.

— E você fica protegida? Pessoal e profissionalmente? — insistiu Eve.

— Sim, fico. Quantas pessoas você está determinada a proteger nessa sua cruzada, Eve?

— Todas as que importam.

— Obrigada pela parte que me toca. — Mira abriu um sorriso largo e estendeu a mão. — Sente-se e conte-me tudo.

Depois de hesitar por um segundo, Eve tomou a mão que Mira oferecia.

— Você... — começou ela —, quando eu consegui me lembrar do que aconteceu comigo naquele quarto imundo em Dallas, quando consegui me lembrar de meu pai chegando bêbado mais uma vez, estuprando-me mais uma vez, machucando-me mais uma vez, quando me lembrei de tê-lo matado naquela noite e lhe contei tudo, você me disse que não havia sentido, e era até mesmo errado punir aquela menina. Você disse — nesse ponto Eve teve de pigarrear para poder continuar — ...você disse que eu matara um monstro e que me transformara em algo valioso, algo que eu não tinha o direito de destruir por causa do que fizera no passado.

— E você não tem dúvidas a respeito disso, tem?

Eve balançou a cabeça para os lados, embora de vez em quando ainda tivesse dúvidas, sim. Perguntou então:

— Você falou a sério, doutora? Realmente acredita que existem momentos e circunstâncias em que tirar a vida de um monstro é justificável?

— O próprio Estado acreditava nisso até há menos de duas décadas, quando a pena capital foi novamente abolida.

— Estou querendo saber a sua opinião, como pessoa, como médica e como mulher.

— Sim, acredito. Quando o ato é feito em nome da sobrevivência, para proteger a sua vida ou a vida de alguém.

— Só em casos de legítima defesa, então? — Os olhos de Eve se focaram nos de Mira, tentando absorver as mínimas centelhas. — Acha que essa é a única forma justificável?

— Não dá para generalizar em um assunto como esse, Eve. Cada circunstância e cada pessoa pesam para definir a situação.

— Antigamente era preto no branco para mim — disse Eve, baixinho. — A lei. — Levantou um punho. — A violação da lei. — Levantou o outro. Então, com um longo suspiro, ela uniu os dois punhos, mantendo os colados um ao outro. — Agora eu preciso lhe contar a história de Marlena.

Mira não interrompeu a narrativa de Eve. Não fez perguntas nem comentários. Eve levou vinte minutos para contar tudo. Foi minuciosa e fez um esforço para parecer impessoal. Restringiu-se

apenas aos fatos, sem emitir opiniões. Ao acabar, sentiu-se esgotada.

As duas permaneceram em silêncio, ouvindo alguns pássaros que gorjeavam, a fonte que gorgolejava, e vendo as nuvens escuras que passavam, de vez em quando, na frente do sol.

— Perder uma filha dessa maneira — comentou Mira, finalmente. — Não há nada pior na vida. Não posso lhe dizer que os homens que fizeram isso com a menina mereciam morrer, Eve. O que posso lhe dizer, como mulher e como mãe, é que se a filha fosse minha eu celebraria suas mortes e demonstraria minha eterna gratidão ao executor. Pode não ser científico, pode não ser a lei. Mas é humano.

— Já não sei se estou defendendo a posição de Roarke por acreditar que ele fez justiça ou porque o amo.

— E por que não pode ser pelos dois motivos? Você complica muito as coisas, Eve.

— Complico as coisas. — Ela quase riu e se levantou do banco. — Estou com três assassinatos que não posso investigar de forma aberta e lógica, a não ser que esteja disposta a ver o meu marido trancafiado pelo resto da vida. Nessa salada envolvi a minha auxiliar, um detetive eletrônico que mal conheço e agora você; estou cortando um dobrado para manter o idiota do Summerset fora do xadrez. E eu é que complico as coisas?

— Não estou dizendo que as circunstâncias não são complicadas, mas também não há motivos para você absorver tudo do jeito que faz. Não há por que desligar o coração do intelecto.

Mira limpou uma partícula de poeira de sua blusa e falou mais depressa:

— Agora, de minha parte, acho melhor você fazer uma requisição oficial para que Summerset seja examinado. No meu consultório e amanhã mesmo, se possível. Vou realizar uma bateria completa de testes e enviar cópias do relatório para você e para o comandante Whitney. Se puder me passar os dados que reuniu sobre o assassino, começo a traçar o perfil dele hoje mesmo.

— Os dados extraoficiais não vão poder entrar no seu laudo.

— Eve... — Agora era Mira quem estava rindo, com um som musical e leve tão charmoso quanto a fonte. — Se eu não tiver a capacidade de apresentar um laudo psiquiátrico sem ser específica, é melhor devolver a minha licença. Pode acreditar, você vai ter o seu perfil e, se me permite garantir, é muito pouco provável que o meu trabalho seja questionado por alguém.

— Preciso disso com urgência. O assassino não espera muito entre um ataque e outro.

— Vou lhe entregar tudo o mais rápido possível, mas a precisão é tão importante quanto a rapidez. Agora, em nível pessoal, você gostaria que eu conversasse com Roarke?

— Roarke?

— Dá para ler através de suas defesas, Eve. Você está preocupada com ele. Preocupada com o seu estado emocional. Acha que ele está se culpando.

— Não sei se ele aceitaria conversar com você profissionalmente. Nem sei o que vai achar de eu ter lhe contado tudo isso. Quanto ao lado emocional, ele aguenta. — Começou a girar a aliança de casada. — Minha preocupação mais imediata é com a segurança dele. Não posso prever quando o próximo golpe vai chegar. O que sei é que Roarke é o alvo final.

Eve tentou tirar aquela imagem da cabeça, sabendo que o medo ia acabar atrapalhando seu fluxo de pensamentos.

— Se puder entrar em casa comigo, doutora, eu lhe passo tudo o que tenho e marcamos os testes com Summerset para amanhã.

— Certo. — Mira se levantou e, para surpresa de Eve, enlaçou o braço com o dela enquanto caminhavam. — Adoraria uma xícara de chá.

— Desculpe, eu devia ter pensado nisso. Sou uma negação como anfitriã.

— Eu achava que já tínhamos passado do nível de anfitriã e convidada e entráramos no campo da amizade. Olhe ali, aquela não é Mavis e seu simpático gigante saindo de um táxi na porta de sua casa?

Eve olhou na direção indicada. Quem mais, a não ser Mavis Freestone, podia vestir couro rosa enfeitado com penas verdes em pleno meio de semana? Ao seu lado Leonardo parecia imenso e magnífico, envergando um manto bordo que lhe descia até os calcanhares. Embora gostasse muito dos dois, Eve soltou um suspiro.

— Que diabos vou fazer com essas visitas?

— Acho que o melhor é tirar alguns momentos de folga e se divertir. — Com uma risada, Mira levantou a mão e acenou para os recém-chegados. — Garanto que é o que *eu* vou fazer.

— Então vocês entendem, acho todo esse lance muito bizarro. Não tem nada a ver! — Mavis se serviu de um cálice de vinho, gesticulando com ele para todos os lados enquanto circulava pela sala sobre plataformas de dez centímetros de altura. Minúsculos peixes dourados nadavam dentro de seus saltos transparentes. — Leonardo e eu estamos acompanhando todos os lances pelos noticiários. Já devíamos ter vindo até aqui — bebeu mais um gole, gesticulando novamente —, mas estou cheia de apresentações marcadas, agenda cheia, e ainda por cima ensaiando para as gravações que vão começar no mês que vem.

— Ela é magnífica! — Leonardo sorriu para Mavis, com o rosto dourado e redondo brilhando de amor.

— Ah, Leonardo... — Mavis jogou os braços em volta dele, apertando-o tanto quanto conseguiu.  
— Você sempre fala isso.

— E é verdade, minha pombinha.

Ela deu uma risadinha e afastou-se dele, girando e agitando as penas que lhe cobriam os seios e ombros.

— Enfim — explicou ela —, viemos aqui para dar o nosso apoio moral a Summerset.

— Estou certa de que ele vai adorar a gentileza. — Já que não havia escapatória, Eve serviu-se de um pouco de vinho. — Aceita um cálice, dra. Mira?

— Não, obrigada, vou esperar pelo chá. Mavis, essa roupa que está usando é um dos modelos de Leonardo?

— Sim. É mais que demais, não acha, doutora? — Ela girou o corpo de forma graciosa, balançando a cabeça e fazendo ondular seus cachos azul-arroxeados. — Precisa ver os modelos que ele está preparando para a coleção de primavera. O lançamento vai ser em Milão.

— Ficaria feliz em lhe mostrar uma prévia da minha linha voltada para as executivas modernas — ofereceu Leonardo.

— Bem... — Mira passou a língua sobre os dentes, observando as penas de Mavis e reparando em seguida na virada de olhos de Eve. Aquilo a fez rir. — Não creio que eu seja uma modelo tão criativa quanto Mavis.

— Creio que a senhora tem um estilo diferente, apenas. — O sorriso de Leonardo era doce e sincero. — Uma dama como a senhora prefere linhas clássicas, cores discretas. Tenho roupas de puro linho em um tom de rosa-acinzentado que ficaria perfeito para o seu tipo de mulher.

— Rosa acinzentado — repetiu Mira, pensativa.

— Leonardo faz roupas em estilo conservador muito bem — comentou Mavis. — Tipo senhora da mansão, só que com um apelo sexy, entende?

— Talvez eu deva dar uma olhada. — Uma sexy senhora da mansão, imaginou Mira, sorrindo.

— Olhem, aqui está ele! — Mavis deu um pulo ao ver Summerset que chegava, empurrando um carrinho de chá com generosas fatias de torta de maçã e pedaços de bolo confeitado. Ficou vermelho quando Mavis e suas penas o abraçaram com força. — Estamos do seu lado, Summerset. Não se preocupe com nada. Eve é a melhor! Ela cuidou de tudo quando eu estive

em apuros com a polícia. Agora elavai tomar conta de você.

— Tenho certeza de que a tenente vai resolver o caso — disse, e desviou o olhar para Eve —, de um jeito ou de outro.

— Ora, vamos lá, anime-se! — Mavis o apertou com carinho. — Tome um drinque conosco. Quer um pouco de vinho?

Os olhos de Summerset se suavizaram ao se voltar para o rosto agitado de Mavis, e ele recusou, respondendo:

— Obrigado, mas tenho tarefas a cumprir.

— Ele ainda não decidiu se gostaria de dar palmadinhas paternais na cabeça de Mavis ou pular em cima dela como um tarado — murmurou Eve para Mira, fazendo com que a médica tivesse que disfarçar uma gargalhada inesperada, fingindo que estava com tosse.

— Roarke virá em seguida — continuou Summerset. — Está atendendo a uma ligação interestelar.

Mavis seguiu atrás de Summerset e o alcançou antes que saísse da sala, dizendo:

— Olhe, eu sei exatamente o que está sentindo. Já estive nessa situação, lembra? — Exibiu um sorriso torto. — Fiquei apavorada quando eles me prenderam, e em parte eu achava que iam me deixar esquecida ali para sempre. Só consegui superar o sufoco porque sabia que Dallas jamais permitiria que isso acontecesse. Sabia que ela ia fazer tudo por mim, não importa o quanto custasse.

— A afeição que a tenente demonstra por você é uma de suas melhores qualidades.

— E você acha que só pelo fato de vocês não se darem muito bem ela vai deixar a peteca cair? — Seus olhos, que exibiam a mesma cor dos cabelos, ficaram redondos e tristes. — Nem pense uma coisa dessas, Summerset. Dallas vai correr atrás do assassino até cair durinha, e vai ficar do seu lado. Acho que você sabe disso. Se alguém o atacasse, ela se colocaria na frente só para receber o golpe em seu lugar, porque é desse jeito que ela é. Você sabe disso também.

— Não cometi crime algum — disse ele, com dignidade, recusando-se a deixar transparecer qualquer vestígio de vergonha. — Esperava que uma detetive competente fosse capaz de deduzir isso, independentemente de seus sentimentos pessoais.

— Você está pra baixo... — disse Mavis, com carinho. — Se quiser desabafar um pouco, ligue pra mim que eu venho correndo. — Colocando-se na ponta dos pés, beijoulhe a bochecha. — E pode deixar que eu trago as bebidas quando vier.

— Aquele rapaz tem muita sorte de ter você ao seu lado. — Foi tudo o que Summerset conseguiu



dizer, antes de sair apressado pelo corredor e desaparecer por uma porta.

— Que belo gesto, Mavis — elogiou Roarke, descendo a escada, indo em sua direção e pegando suas mãos de forma educada.

— Ele está arrasado, mas quem pode culpá-lo por isso?

— Quem consegue ficar arrasado por muito tempo quando você está por perto?

— Acho que minha missão é levantar o astral das pessoas. Vamos ver o que podemos fazer pelo grupo reunido na sala. — Lançou um sorriso para ele. — Quer que eu fique para jantar?

— Não aceitaria que fosse de outro modo.

Apesar das visitas, Eve conseguiu escapar por algum tempo e foi dispensar McNab e Peabody. Pegou seus relatórios e os arquivou para analisá-los mais tarde. Chamou Summerset em um canto e, depois de uma conversa desagradável, convenceu-o de que era interesse dele se apresentar no consultório da dra. Mira às onze da manhã do dia seguinte, para se submeter a testes psiquiátricos.

Depois que todos saíram, sua cabeça latejava tanto que ela acabou recorrendo a um analgésico. Roarke encontrou-a no banheiro, olhando com cara feia para as pilulas que colocara na palma da mão.

— A dor deve estar realmente insuportável para você pensar em tomar um remédio.

— Foi um dia longo — disse ela, levantando os ombros e recolocando os comprimidos de volta no frasco. — Mas dá para aguentar.

— Podemos tomar um banho. Você precisa relaxar.

— Tenho trabalho.

— Eve... — Com firmeza, ele a segurou pelos braços e a virou de frente para ele. — Essa é a parte do seu trabalho que eu mais detesto. O ar sombrio e as olheiras que ele coloca sob suas pálpebras.

— Não estou conseguindo muito tempo livre neste caso.

— Dá para tirar uma horinha só para você. — Ainda olhando para ela, começou a massagear seus ombros, desfazendo os nós rígidos que encontrou na musculatura.

— Preciso ler tudo o que tenho para ver se pesco alguma coisa que possa usar no relatório oficial. Estou entrando em becos sem saída. — Sentiu que sua voz estava nervosa, e perceber isso a deixou ainda mais irritada. — Não consegui rastrear os medalhões com os trevos, e ainda temos o problema das imagens. Milhares delas estão à venda em lojas de artigos religiosos por todo o

universo conhecido. Mesmo ao preço de quinhentas fichas de crédito por peça, ela é uma senhora muito popular.

Nesse momento tentou se afastar dele, mas suas mãos a seguraram.

— Tenho que levar alguma coisa para Whitney até amanhã. Conteí toda a história à dra. Mira.

— Sim. — Suas mãos fizeram uma pausa imperceptível, mas continuaram a massagear-lhe os ombros em seguida.

— Talvez devesse ter perguntado a você, antes de agir dessa forma, mas fiz o que achei necessário.

— Não precisa se desculpar.

— Não estou me desculando. — E dessa vez conseguiu se desvencilhar dele. — Estou apenas informando. — Foi caminhando na direção do quarto. Até mesmo café de excelente qualidade era capaz de lhe causar um buraco no estômago. Apesar dessa possibilidade, Eve digitou instruções no painel do AutoChef, programando uma xícara. — Estou fazendo tudo o que precisa ser feito, e uma dessas tarefas é aconselhar você a aumentar o nível de sua segurança pessoal até este caso estar encerrado.

— Creio que a minha segurança é perfeitamente adequada.

— Se fosse assim, esse filho da mãe não conseguiria penetrar nos sistemas desta casa para enviar mensagens como se estivessem partindo daqui, nem reservar quartos de hotel e debitá-los de uma de suas contas de crédito, e muito menos atrair uma mulher, convencendo-a a vir da Irlanda até aqui em seu nome.

— Reconheço que tem razão. — Roarke virou a cabeça, pensativo, e concordou. — Vou dar uma olhada pessoalmente na minha segurança eletrônica.

— Ótimo, é um bom começo. — Servindo o café em uma xícara, avisou: — Vou botar Summerset na coleira.

— Como é que é?!

— Vou colocar um bracelete de segurança nele. — A fúria estava borbulhando e Eve já não conseguia impedi-la. — É para o próprio bem dele. Da próxima vez que eu encontrar um corpo, quero que ele tenha um álibi sustentável. Ou faço isso ou o levo preso. Acho que o bracelete de segurança é a escolha mais fácil.

— Talvez seja. — Roarke chegou à conclusão de que conhaque ia descer melhor do que café. — Pretende me colocar na coleira também, tenente?

— Se eu tivesse certeza de que ia funcionar com você, pode estar certo de que era o que eu faria. Já que sei muito bem que você ia arrancá-la em menos de uma hora, seria uma perda de tempo.

— Bem. — Levantou o cálice de conhaque, fazendo um brinde. — Parece que conhecemos um ao outro de forma satisfatória.

— Acho que sim. — Eve respirou fundo. — Entrei em contato com o legista. Havia traços de tranquilizante no organismo de Jennie.

— Ela foi estuprada? — perguntou Roarke, olhando fixamente para o conhaque.

— Não, não há sinais de ataque sexual nem indicações de luta. Ela ainda estava desacordada quando ele prendeu a corda nela. Um outro medalhão, porém, foi encontrado pelo legista dentro de sua vagina. Também não houve sinais de emprego de força ou luta. Ele deve ter colocado o medalhão enquanto ela ainda estava inconsciente. Desculpe, mas estou contando essas coisas porque imagino que você está querendo saber dos detalhes.

— E estou mesmo.

— O relatório do legista indica que você requisitou o corpo assim que for liberado, já que a vítima não tinha nenhum parente direto.

— Sei que ela gostaria de voltar para a Irlanda.

— E imagino que você vai querer levar o corpo para lá, pessoalmente.

— Vou.

— Agradeceria muito se me avisasse quando seus planos para a viagem estiverem prontos. — A queimação no estômago pareceu lhe subir para o coração.

— E você achou que eu poderia simplesmente mandá-la de volta sozinha? — Ele olhou para Eve e as emoções que se misturavam em seus olhos lindos apunhalaram-lhe o coração. — Você achou que eu ia resolver tudo, lavar as mãos e seguir em frente com os meus negócios?

— Não. Agora tenho muito trabalho.

— Pelo amor de Deus!

Foi o tom de impaciência, frustração e uma pontada de deboche na voz dele que a fez girar o corpo, explodindo:

— Não me venha com esse papo não, meu chapa. Não tente fazer com que eu me sinta uma idiota. Você a amou. Tudo bem. Faça o que tem que fazer, pois eu vou fazer também.

Roarke já estava xingando baixinho e com fúria no momento em que a agarrou. Até mesmo a

pontada de deboche na voz desaparecera quando ele disse:

— Sim, eu a amava e as lembranças do que compartilhamos no passado são muito importantes para mim. Apesar disso, não são nem uma sombra perto do que sinto por você. Era isso o que estava querendo ouvir?

— Não sei o que há de errado comigo — justificou-se Eve, sentindo um rubor de vergonha que tomou conta de seu rosto e acalmou-lhe a raiva. — Está tudo pressionando a minha cabeça. — Sentindo-se indefesa, levantou os dedos e os apertou sobre as têmporas. — Nenhuma das outras jamais me incomodou porque... não sei, simplesmente eu não me interessava por elas. Com Jennie eu me importo, e odeio estar sentindo ciúme, mesmo que por um instante, de uma mulher que está morta.

— Eve... — Roarke colocou a mão no rosto dela, acariciando-o. — Desde a primeira vez em que coloquei os olhos em você, todas as outras mulheres deixaram de ter importância.

Isso só a fez se sentir ainda mais tola.

— Não falei aquilo para conseguir declarações de amor, Roarke, eu simplesmente...

— Você é tudo — murmurou ele, tocando com os lábios as duas têmporas que latejavam. — Você é a única.

A queimação que Eve sentia no peito voltou a arder, de forma doce e forte.

— Preciso de você. — Os braços dela o envolveram com força e sua boca se fundiu com a dele. — Por tantos motivos...

— Graças a Deus. — Aprofundou ainda mais o beijo, com cuidado e gentileza, até ouvi-la suspirar. — Vamos tirar aquela horinha agora. Juntos.

## CAPÍTULO ONZE

Ela já estava conseguindo raciocinar novamente. Até conhecer Roarke, Eve não percebera quantos benefícios o sexo era capaz de oferecer. Sentindo-se firme, confiante, focada e energizada, se acomodou no escritório.

O novo computador que Roarke mandara instalar naquela manhã era um espetáculo. Eve se permitiu admirá-lo e curtir o desempenho do equipamento. Seu astral levantou ainda mais quando ela reuniu os dados com os quais alimentara o sistema e os acessou como um lobo faminto.

— Muito bem, minha beleza — murmurou, acariciando o revestimento todo liso, preto e cheio de estilo da nova máquina. — Agora vamos ver o que você consegue fazer. Abra o programa de cálculos com os dados do arquivo A. Qual é a probabilidade das vítimas Brennen, Conroy e O'Leary terem sido mortas pelo mesmo assassino?

*Processando*, anunciou o computador com uma aveludada voz de barítono acentuada com uma pontada de sotaque francês. Antes mesmo de Eve terminar de esboçar um sorriso, o número já estava calculado.

*Probabilidade de noventa e nove vírgula sessenta e três por cento.*

Muito bem, mantenha a pesquisa com os dados do arquivo A. Qual é a probabilidade de que o suspeito Summerset tenha cometido os crimes?

*Processando... Probabilidade de oitenta e sete vírgula oitenta por cento. Com base nos dados atuais, uma ordem de prisão por múltiplos assassinatos em primeiro grau é recomendada. Por favor, avise se deseja uma lista dos juízes disponíveis para este caso.*

— Não, obrigada, Bruno, agradeço o conselho.

*Por favor, informe se deseja entrar em contato com o promotor.*

— Eve.

— Espere um instante, Bruno. — Eve olhou para trás e viu Roarke na porta do escritório. Jogou os cabelos para trás e mexeu os ombros. — Eu lhe disse que ia trabalhar.

— Sim, eu sei. — Roarke estava apenas de jeans. A calça estava aberta na cintura e obviamente havia sido colocada às pressas, como lembrança de última hora.

Apesar do fato de seu sangue já estar mais acelerado por causa dele, Eve o sentiu fervendo nas veias e se imaginou arrancando fora aquela calça semi-aberta para em seguida enterrar os dentes naquele traseiro despido e firme, só por diversão.

— Que foi? — conseguiu dizer ela quando sua voz atravessou o véu de fantasia.

— Eu disse que... — Parou, reconhecendo o brilho em seus olhos, o que o fez arquear uma sobrancelha. — Puxa vida, Eve, você parece uma coelha!

— Como assim? — perguntou ela se fazendo de desentendida e virando-se novamente de frente para o monitor.

— Parece uma coelha mesmo, e eu ficarei mais que feliz em recebê-la, mas só depois que me explicar por que está pesquisando probabilidades com o nome de Summerset. Pensei que estivéssemos de acordo com o fato de que ele é inocente.

— Estou fazendo o meu trabalho, e antes de começar a reclamar — continuou ela, levantando a mão —, eu explico. Primeiro, solicitei a probabilidade com o arquivo A, que contém todos os dados e provas que estou em condições de apresentar oficialmente neste momento. A resposta foi que eu devo levar Summerset para uma cela de segurança máxima, algemado. Não seria caso para isso, pois estamos abaixo de noventa por cento, mas ninguém iria discordar da necessidade de sua prisão.

Mexendo novamente com os ombros, ela soprou a franja que lhe caía nos olhos, continuando:

— Agora vamos pesquisar as probabilidades usando o arquivo B, que tem tudo o que eu sei e tudo o que eu tenho. Computador...

— Pensei que o nome dele fosse Bruno.

— Aquilo foi só uma piada — murmurou Eve. — Computador, calcule a probabilidade de o assassino ser Summerset, utilizando os dados do arquivo B.

*Processando... Com os dados adicionais, a probabilidade cai para quarenta e sete vírgula trinta e oito por cento. Ordem de prisão não é aconselhável, com base nas informações apresentadas.*

— Viu só? A probabilidade caiu para menos da metade. E com o peso dos resultados da dra. Mira, que serão acrescentados amanhã, vai cair ainda mais. O arquivo A vai fazê-la cair também, mas o bastante apenas para tirar o traseiro dele da reta.

— Eu sabia que você ia conseguir. — Roarke veio por trás dela, inclinou-se para a frente e lhe deu um beijo no alto da cabeça.

— Mas ele não escapou ainda não. O cara que trabalha para Deus está contando com o fato de que eu não vou livrar a cara de Summerset por sua causa, e ele está certo.

— Só que ele subestimou você.

— Exato... exagerou na dose, Roarke, e eu vou conseguir explicar isso ao comandante Whitney. Um homem esperto o bastante para arquitetar esses assassinatos não seria burro a ponto de deixar o rabo de fora de uma forma tão óbvia. Tudo cheira a armação. E ele vai querer continuar brincando. Charadas. Jogos... — refletiu ela, recostando-se na cadeira. — Ele costuma recorrer à imagem de Deus, mas gosta mesmo é de seus joguinhos. Jogos são para crianças.

— Diga isso para qualquer zagueiro de um time grande e veja se consegue convencer alguém.

— Isso só prova que os homens são crianças. — Encolheu os ombros.

— Obrigado pela parte que me toca. — Roarke suspirou de leve.

— Os homens se ligam mais em brinquedos, jogos e engenhocas como símbolos de status. Você mesmo tem uma casa cheia desses troços.

— O que quer dizer? — Ligeiramente perplexo com a opinião dela, Roarke enfiou as mãos nos bolsos.

— Não estou falando apenas dos brinquedos óbvios do tipo vídeos e salas holográficas. — Suas sobrancelhas estavam franzidas agora e pareciam quase unidas. — Carros, aviões, centros de entretenimento, andróides boxeadores, equipamentos de realidade virtual, nossa, todos os seus negócios, no fundo, são brinquedos.

Equilibrando o corpo sobre os calcanhares e balançando-o para a frente e para trás, Roarke reagiu:

— Querida Eve... se está insinuando que eu sou superficial, pode dizer às claras, não se preocupe em ferir meus sentimentos.

— Você não é superficial — disse ela com um aceno indulgente com as costas da mão. — Acho apenas que se entrega em excesso a esses prazeres.

Roarke abriu a boca, tentando se sentir insultado, mas acabou caindo na risada.

— Eve, eu adoro você. — Ele deslizou a mão pelos seios dela e colocou a boca em seu pescoço.  
— Vamos nos entregar em excesso a esses prazeres.

— Corta essa. Eu quero... — Os dedos dele apertaram com suavidade os mamilos dela, e isso fez os músculos das suas coxas fraquejarem. — Olhe, eu realmente preciso... nossa, você é muito bom nisso. — Sua cabeça tombou para trás o bastante apenas para tornar sua boca vulnerável à dele.

Antes fora suave e delicado, como uma espécie de cura da qual ambos precisavam. Agora era ardente, rápido, quente e cheio de luxúria. Ela esticou os braços, envolvendo pelo pescoço, e se abriu para ele.

Ele abriu o roupão dela com apenas uma das mãos, separando os dois lados de forma a deixar suas mãos passearem pela pele dela, já úmida, até descer e encontrá-la já molhada. Ela gozou com uma facilidade espantosa, estremecendo ao sentir o clímax que a envolveu, inundando a mão dele.

A essa altura ela já estava se soltando, virando-se na cadeira e levantando os joelhos para recebê-lo.

— Agora, agora, agora! — gemeu ela, pontuando cada exclamação com beliscões e mordidas enquanto se agarrava aos quadris dele, acabando de lhe arriar as calças.

Ele se lançou contra a cadeira, apertando os quadris dela com força, enquanto ela o engolia. E observou sua garganta, o lindo arco que ela formava e o movimento suave que se acelerava e fazia latejar a sua pele, enquanto a cabeça pendia para trás. Ela agarrou as bordas da cadeira com força, sentindo-se zonha no instante em que ele chupou seu seio, abocanhando-o com força enquanto a cadeira balançava e ela balançava junto, enlouquecendo ambos com a fricção provocada.

O ritmo foi determinado por ela; ele a deixou corcovear e se permitiu ser consumido. Seus dedos apertavam ainda com mais força os quadris sob ele, enquanto ela o puxava com a respiração presa na garganta. E quando parecia que o seu sangue ia explodir nas veias, ele se esvaziou dentro dela.

As mãos dela se largaram, moles, sobre os ombros suados dele. Sentiu o coração pular com força enquanto cobria de beijos a sua garganta e o seu pescoço, dizendo:

— Às vezes me dá vontade de engolir tudo, comer você vivo! Nossa, você é tão lindo, tão maravilhoso!

— Hein? — Os sentidos dele estavam voltando lentamente e o zumbido em seus ouvidos diminuía, como uma maré vazante.

Ela se segurou, espantada e envergonhada de dizer aquilo. Ela tinha realmente falado uma coisa



dessas?, perguntou a si mesma. Será que enlouquecera?

— Nada não... — respondeu para ele, respirando fundo várias vezes. — Estava só dizendo que queria morder a sua bunda.

— Você queria morder a minha bunda. — Balançou a cabeça para os lados, para entender melhor. — Por quê?

— Porque ela está aí. — Aliviada, cansada e satisfeita, sorriu para ele. — Uma bunda fantástica, por sinal.

— Fico feliz por você. — Piscou duas vezes, estreitando os olhos. — Você disse que eu sou maravilhoso?

— Ah, dá um tempo — debochou ela, rebolando com força para sair debaixo dele. — Você deve estar tendo alucinações. Olha, isso tudo é muito divertido... — pegou o roupão e tornou a vesti-lo —, mas tenho que continuar o meu trabalho.

— Hum-hum — concordou ele. — Vou pegar um pouco de café para nós.

— Não vai adiantar nada nós dois ficarmos sem dormir.

Ele sorriu e passou um dedo sobre a aliança dela, perguntando:

— Quer uma torta, então?

— Acho que gostaria de engolir algumas fatias.

Uma hora depois, Eve já mudara de aposento e transferira as pesquisas para o escritório secreto de Roarke. As listas que precisava pesquisar não podiam ser detectadas pelo olho-que-tudo-vê do CompuGuard, o sistema rastreador da polícia.

— Seis homens — balbuciou ela. — Os seis que mataram Marlena levam a mais de cinquenta outros, só de familiares. O que há com vocês, irlandeses? Não ouviram falar do programa "População Zero"?

— Preferimos o programa "vão em frente e se multipliquem" — explicou Roarke, analisando a lista que enchera duas telas. — Reconheço uns dez ou doze. Talvez consiga um resultado melhor se olhar os rostos.

— Bem, vamos eliminar as mulheres, por enquanto. A atendente do Trifólio Verde disse que Shawn estava falando com um homem, e o garoto do West Side...

— O nome dele é Kevin.

— Isso. O garoto disse que era um homem. E o anormal que tem me ligado, mesmo que esteja usando um sistema para alteração de voz para parecer homem, tem um ritmo masculino, além de reações tipicamente masculinas a insultos e sarcasmo.

— Novas portas se abrem a cada dia para mim — comentou Roarke, com um tom seco — ao descobrir as fascinantes avaliações que você faz das pessoas do meu sexo.

— Quando a coisa aperta, os homens reagem de forma específica, apenas isso. Computador, retire os nomes femininos da lista. — Eve começou a andar de um lado para outro diante de uma das telas, concordando com a cabeça. — Assim fica mais fácil de trabalhar. O melhor lugar para começar é o alto da lista. Família O'Malley, pai, dois irmãos.

— Tela três. — Comandando tudo pelo teclado, Roarke passou os três nomes para a tela seguinte. — Dados completos, com imagens... Ah, Shamus O'Malley, o patriarca, eu me lembro dele. Ele e meu pai tinham alguns negócios juntos.

— Pelo jeito existem tendências à violência na família — comentou Eve. — Dá para ver nos olhos. Ele tem uma cicatriz na face esquerda e o nariz foi quebrado várias vezes, como se nota com facilidade. Aqui informa que ele tem setenta e seis anos e está atualmente cumprindo pena. É hóspede do governo irlandês por agressão em primeiro grau, seguida de morte.

— Um homem muito nobre.

— Vamos eliminar todos os que estão na cadeia. — Eve enfiou os polegares nos bolsos do roupão. — É impossível afirmar que nosso homem está atuando sozinho, mas vamos nos concentrar nele.

— Certo. — Roarke digitou alguns comandos e mais dez nomes desapareceram.

— Ora, os três O'Malley sumiram.

— Sempre foram um grupo barra pesada e todos eram meio burrinhos.

— Vamos para os próximos.

— Os Calhoun. Pai, um irmão, um filho. Liam Calhoun — refletiu Roarke. — Ele era dono de uma pequena mercearia. Parecia um sujeito decente. Quanto ao irmão e ao menino não me lembro deles.

— O irmão, James, não tem ficha criminal. O cara é médico, trabalha no Ministério da Saúde. Quarenta e sete anos, casado, três filhos, tipo pilar da comunidade.

— Também não me lembro dele. Obviamente, não frequentávamos os mesmos grupos sociais.

— Obviamente — concordou Eve, com um tom tão seco que Roarke riu. — O filho, que também

se chamava Liam, está na faculdade e seguiu os passos do tio, pelo visto. Eis o jovem Liam Calhoun. Boa-pinta, dezenove anos, solteiro, um dos melhores alunos da turma.

— Sim, lembro vagamente que havia um menino. Estranho, caladão... — Roarke observou com atenção a imagem de um rapaz com rosto descontraído e olhos sóbrios. — Parece que ele está no bom caminho, pelos seus dados acadêmicos.

— O passado do pai nem sempre se reflete nos filhos. Temos que ter em mente que conhecimento médico vem a calhar nesses assassinatos em particular. Vamos separar esses dois e colocá-los no fim da lista. Mostre o próximo grupo.

— Os Riley. Pai, quatro irmãos.

— Quatro? Meu Deus do céu.

— E todos eles um terror para os cidadãos decentes em toda parte. Dê só uma olhada em Brian Riley. Certa vez ele me deu um chute na cabeça. É claro que dois dos irmãos dele e mais um amigo chegado estavam me segurando com a cara no chão na ocasião. Black Riley, como ele gostava de ser chamado.

Roarke pegou um cigarro e sentiu a antiga amargura, por tanto tempo enterrada, se libertar.

— Nós tínhamos mais ou menos a mesma idade e podemos dizer que Riley sentia ódio por mim, abertamente.

— E por que isso acontecia?

— Porque eu era mais ágil, meus dedos eram mais leves — e completou, sorrindo: — ...e as garotas preferiam ficar comigo.

— Bem, o seu velho amigo Black Riley vivia saindo e tornando a entrar na cadeia, e isso continuou por quase toda a juventude. — Eve olhou meio de lado. Outro sujeito boa-pinta, refletiu, com cabelos louros e olhos verdes. A Irlanda parecia estar cheia de homens bonitos em busca de problemas. — Estou vendo, porém, que ele está fora da prisão há vários anos. Os registros de emprego são variados e irregulares, mas a maioria indica que ele trabalhou como leão de chácara em bares e clubes de strip-tease. E olhe que interessante... ele trabalhou no setor de segurança de uma firma de equipamentos eletrônicos por quase dois anos. Pode ter aprendido um bocado de coisas dessa área, se é que tinha cérebro para isso.

— Não havia nada de errado com o seu cérebro. A sua atitude é que era um problema.

— Certo. Consegue pegar os dados de seu passaporte?

— O oficial, com facilidade. Dê-me apenas um minuto.

Eve observou a foto enquanto Roarke trabalhava. Olhos verdes, tornou a notar. O garoto — Kevin — dissera que o homem que vira tinha olhos verdes. Ou pelo menos era o que ele achava. Claro que a cor dos olhos podia ser trocada com tanta facilidade quanto as lembranças de uma criança perdida.

— Os registros da Imigração estão na tela quatro — disse-lhe Roarke.

— Ora, ele visitou a nossa querida cidade algumas vezes — reparou Eve. — Vamos gravar estes dados e ver se conseguimos descobrir o que ele aprontou quando esteve aqui. Os irmãos eram muito chegados?

— Os Riley eram como cães selvagens. Capazes de rasgar a garganta um do outro, brigando pelo mesmo osso, mas se uniam quando surgia algum inimigo de fora.

— Bem, então vamos dar uma olhada mais cuidadosa, bem de perto, em todos os quatro.

Às três da manhã, ela já estava caindo de cansaço. Os dados e as imagens nas telas começaram a ficar borrados e misturados. Nomes e rostos, motivos e crimes. Quando viu que estava quase dormindo em pé, apertou os olhos, sentindo-os arder.

— Café — balbuciou ela, mas se viu encarando o AutoChef sem ter noção de como operá-lo.

— Hora de dormir. — Roarke pressionou um botão que fez uma cama surgir da parede.

— Não, já estou sentindo a mente mais alerta. Ficamos com dez nomes. E quero olhar com mais atenção para aquele cara, Francis Rowan, que virou padre. Podemos...

— Descanse por algum tempo. — Veio por trás dela, guiando-a até a cama. — Estamos os dois cansados.

— Certo. Então, vamos só dar um cochilo. Uma hora. — Cabeça e corpo pareceram se separar no momento em que ela se deitou. — Deite-se aqui também.

— Está bem. — Ele se deitou ao lado dela, abraçando-a. Sentiu quando ela pegou no sono pelo movimento preguiçoso do braço que colocara em volta dele que, de repente, ficou sem forças.

Olhando para as telas por mais um instante, ele penetrou no fundo do seu passado, agora transformado em um vazio. Ele se separara de tudo aquilo, de todos eles. O menino que viera dos becos tristes de Dublin se tornara um sujeito muito rico, bem-sucedido, respeitado, mas ele jamais se esquecera do que era ser pobre, fracassado e rejeitado.

E sentiu que, mesmo deitado sobre uma cama macia, entre lençóis de linho, em uma casa magnífica e em uma cidade que transformara em lar, ele ia ter que voltar.

O que poderia encontrar lá e nele mesmo o preocupava.

— Apagar luzes! — ordenou e forçou-se a dormir para acompanhar Eve.

Foi o bipe agudo que avisava a chegada de uma ligação que os acordou três horas depois. Roarke soltou um palavrão quando Eve levantou a cabeça de repente, golpeando-lhe o queixo com força.

— Ai, desculpe. — Esfregou a cabeça com a mão. — Foi o seu comunicador ou o meu?

— O meu. — Com todo o cuidado, ele massageou o queixo, articulando-o devagar. — É um lembrete. Tenho uma videoconferência marcada para as seis e meia.

— McNab e Peabody vão chegar aqui às sete. Nossa! — Passou as mãos pelo rosto e, quando os dedos desceram abaixo da linha de visão, olhou para ele com atenção. — Como é que pode você acordar sempre assim, sem ficar com a cara amarrutada?

— Um daqueles presentinhos de Deus. — Passou a mão pelos cabelos e conseguiu deixá-los ainda mais sexy, despenteados. — Vou tomar uma ducha aqui mesmo, para ganhar tempo. Devo ter encerrado a conferência na hora em que McNab chegar. Quero trabalhar com ele agora de manhã.

— Roarke...

— A transmissão não foi feita desta casa; portanto eu tenho uma espécie de vazamento eletrônico nos equipamentos. Conheço toda a configuração do sistema, por dentro e por fora, e ele não. — Acrescentou um pouco de charme ao sorriso e completou: — Além do mais, já trabalhei com Feeney.

— Isso é diferente. Como, porém, ela não conseguiu explicar exatamente em que um caso era diferente do outro, encolheu os ombros. — McNab vai ter que concordar com isso. Não posso obrigá-lo a trabalhar com um civil.

— Parece justo.

\*\*\*

Às oito horas, Eve já instalara Peabody em um escritório improvisado, em frente ao dela. O aposento, na verdade, era uma pequena e elegante sala de estar que ficava ao lado de um imenso quarto de hóspedes, mas estava equipado com um pequeno e completo centro de comunicações para o conforto de sócios de Roarke que às vezes passavam a noite na casa.

Peabody abriu a boca de espanto diante dos desenhos originais em bico-de-pena que cobriam as

paredes, o tapete tecido a mão e os almofadões prateados espalhados sobre o grupo estofado com a forma de "S".

— Que lugar magnífico para se trabalhar!

— Não se acostume com a mordomia não — aconselhou Eve. — Quero estar de volta à minha sala na central na semana que vem, com o caso encerrado.

— Tudo bem, mas me deixe curtir isto aqui enquanto posso. — Peabody já reparara no AutoChef do aposento e especulara consigo mesma a respeito das delícias que ele tinha a oferecer. — Quantos cômodos existem nesta casa?

— Não sei. Às vezes eu acho que eles se acasalam durante a noite e produzem quartinhos que se transformam em quartos, que por sua vez se acasalam e... — Eve parou de falar, balançando a cabeça. — Acho que dormi pouco, não estou falando coisa com coisa. Tenho um monte de dados aqui que precisam ser analisados por alguém organizado e com olho bom.

— Eu dormi oito horas seguidas e meus olhos são muito bons.

— Deixe de ser convencida! — Eve franziu o cenho. — Estes dados são todos extraoficiais, Peabody, mas acho que o nosso homem está neles, em algum lugar. Colocamos um bloqueio e um desvio temporários neste computador, de forma que você vai poder trabalhar sem ser captada pelo CompuGuard. Estou tentando arrumar um modo de resolver isso, mas, até conseguir, não há jeito mais brando de lembrar-lhe que você está violando a lei ao fazer isso.

— Bem... — Peabody considerou a situação por um momento e perguntou: — Aquele AutoChef está abastecido?

— Por aqui os AutoChefs sempre estão lotados de comida. — Eve teve de sorrir. — Tenho que apresentar alguma coisa para Whitney agora de manhã. Estou juntando tudo o que posso levar para ele. Como esse cara não está nos dando muito tempo entre um crime e outro, estamos meio apertados.

— Então é melhor eu cair dentro.

Eve deixou as coisas por conta dela, mas quando entrou em sua sala encontrou McNab e Roarke encurvados, trabalhando em alguma coisa. O lindo computador novo estava no chão. Suas entranhas estavam expostas, e sua dignidade, em ruínas. O *tele-link* de sua mesa estava decomposto em vários pedaços não identificáveis.

— Que diabos vocês dois estão fazendo por aqui?

— Isso é trabalho de homem! — disse Roarke, lançando-lhe um sorriso. Seu cabelo estava jogado para trás, as mangas da camisa arregaçadas, e ele parecia estar se divertindo como nunca.

Eve pensou em comentar sobre os homens e os seus brinquedos, mas decidiu que ia ser perda de tempo.

— Se vocês não conseguirem montar tudo isso de volta do jeito que estava, vou me apossar da sua sala, Roarke.

— Fique à vontade. Está vendo aqui, Ian? Se instalarmos esta interface vamos poder abrir todo o sistema por tempo suficiente para vermos se existe algum vazamento.

— Você já não tem um aparelho que faz isso? — quis saber Eve. — Um scanner?

— Pois esta é exatamente a melhor maneira de evitar que um scanner dê bandeira para um *hacker* que está de fora. — McNab lançou-lhe um olhar que a fez sentir claramente que ela estava atrapalhando. — Nós vamos poder ver, mas ninguém, especialmente o nosso homem misterioso, vai sacar que estamos espiando.

Intrigada com aquilo, Eve chegou mais perto, comentando:

— Isso é bom, porque ele vai se manter confiante. Como é que esse troço funciona?

— Não toque em nada! — McNab quase deu um tapa na mão dela, mas lembrou-se a tempo de que Eve tinha uma patente superior à dele e completou: — Senhora.

— Ei, eu não ia mexer em nada. — Com cara de chateada, Eve enfiou as mãos nos bolsos. — Por que desmontaram o meu *tele-link*?

— Porque... — respondeu McNab, suspirando forte para manter a paciência — ...é por ele que as ligações entram, não é?

— Sim, mas...

— Eve, querida. — Roarke parou de trabalhar apenas o tempo suficiente de dar um tapinha carinhoso em seu rosto. — Cai fora!

— Tá legal! Preciso mesmo ir para a rua, fazer trabalho policial de verdade. — Manteve a dignidade até chegar ao corredor. Saiu do escritório e bateu a porta com força.

— Uau! Você vai ter que pagar caro por isso mais tarde — avisou McNab.

— Você não sabe da missa a metade... — murmurou Roarke. — Vamos colocar esse troço logo para funcionar, Ian, e acione logo o primeiro nível. Vamos ver o que encontramos.

Enquanto isso, Eve lutava com as palavras e o tom ao redigir o relatório oficial. Se usasse a conexão Marlena, a fim de fornecer os nomes dos homens que a mataram e justificar a investigação de suas famílias, ia envolver o nome de Roarke.

Todos os homens foram assassinados e seus casos continuavam em aberto. Até agora, nem mesmo o Centro de Pesquisa Internacional de Atividades Criminais havia descoberto conexões entre os assassinatos. Como é que ela poderia usar as informações que tinha para convencer Whitney, o secretário de Segurança e a mídia de que um daqueles crimes era o motivo da sua atual linha de investigação?

Talvez conseguisse, mas só se ela fosse boa o bastante e mentisse com convicção e lógica.

Passo um: construir os fatos e exibir as provas de forma a mostrar que Summerset estava sendo usado. Precisava do relatório de Mira para ajeitar toda essa história.

Passo dois: elaborar uma teoria lógica de forma a provar que a armação fora motivada por vingança, uma vingança dirigida ao homem errado. Para fazer isso, ela precisava montar uma situação em que pudesse supor, de forma razoável, que seis homens assassinados foram mortos por pessoas distintas e causas diferentes.

Roarke não era nada burro, refletiu. Levava muito tempo para pegá-los e não deixara rastros. Tudo o que ela precisava fazer era cuidar para que nenhuma pista surgisse.

Se ao menos ela tivesse uma prova tangível, sólida, que indicasse uma conspiração... qualquer coisa que pudesse apresentar ao comandante Whitney, a fim de convencê-lo de todo o resto.

Ouviu gritos empolgados na sala ao lado e fez uma careta, aborrecida por ter se esquecido de acionar o sistema que tornava a sala à prova de som. Ao se levantar para fazer isso, as vozes agitadas do outro lado da porta a deixaram curiosa.

— Muito bem, qual foi o grande lance? Conseguiram algum recorde jogando *Gatunos Espaciais* no videogame?

— Localizei um eco! — McNab estava quase dançando de alegria e dava tapinhas de congratulação nas costas de Roarke, sem parar. — Encontrei um eco lindo e maravilhoso!

— Vá até os Alpes, colega. Lá você vai encontrar um monte de ecos.

— Um eco eletrônico! O filho da mãe é muito bom, mas eu sou melhor. Ele lançou o reflexo da transmissão para parecer que ela foi feita a partir desta casa aqui, mas o sinalbase não saiu deste sistema. Não mesmo, porque eu achei esse lindo eco.

— Bom trabalho, Ian... Olhe, mais um! Você viu? — perguntou Roarke, apontando para uma pequena tela acoplada provisoriamente ao *tele-link* de Eve. Ela não percebeu nada se movendo, mas McNab soltou um urro de vitória.

— Sim, garoto, esse é o lance! Agora continuo a partir daqui, pode apostar que eu consigo.

— Esperem um instante. — Eve se colocou entre os dois, antes que eles comessem novamente



a dar tapinhas nas costas um do outro. — Expliquem isso com palavras que gente normal compreenda. Nada de baboseiras técnicas.

— Certo. Tente acompanhar o raciocínio. — McNab encostou o quadril na mesa de Eve. Ele estava usando uns dez corações vermelhos pendurados nas orelhas, e Eve tentou não olhar fixamente para eles. — Esta aqui foi a última ligação que você recebeu do nosso rapaz misterioso. Rastreei o sinal vindo de tudo quanto é lugar, até fechar com este ponto aqui. Todos os indícios apontam para o fato de que a transmissão teve origem nesta casa.

— Isso eu já sei.

— Muito bem... só que não queremos acreditar nisso, então invadimos o sistema para fazer uma varredura de todos os elementos. É como... você sabe cozinhar, Dallas?

Roarke soltou uma gargalhada.

— Vamos parar com a zoação e falar sério? — pediu Eve, fazendo cara de quem não tinha gostado.

— Tudo bem. Eu ia explicar que o processo é igual ao de uma receita, onde você primeiro separa os ovos, o açúcar e os outros ingredientes individualmente. Consegue entender?

— Não sou uma boçal, McNab, claro que consigo entender.

— Ótimo, então. Imagine que analisamos os ingredientes usados no bolo para testar a sua qualidade, e talvez notemos que um dos elementos está diferente, mesmo que seja um pouquinho. Como o leite prestes a talhar, por exemplo. Assim, partindo do fato de que o leite está talhando, vamos querer saber por que isso aconteceu. Encontramos então um defeito no sistema de refrigeração. Um vazamento pequeno, microscópico, mas grande o bastante para afetar a temperatura e deixar alguns germes entrarem. É isso aí... o sistema eletrônico desta casa estava contaminado por um germe.

— E o que isso tem a ver com ecos?

— Ian... — interferiu Roarke, levantando a mão. — Deixe-me explicar essa parte, antes que você invente uma refeição com quatro pratos diferentes. Sinais eletrônicos deixam um padrão depois que são emitidos — explicou a Eve com paciência. — Esse padrão pode ser traçado e simulado. Nós analisamos os padrões de todas as ligações direcionadas para este *tele-link* nas últimas seis semanas. Analisamos também os padrões das ligações feitas daqui para fora no mesmo período. Ao fazer isso, e considerando vários níveis e parâmetros, descobrimos uma mudança no padrão de uma das ligações recebidas. Exatamente a que nos interessava. Um eco, ou sombra de um sinal preso a um padrão básico, o que prova claramente uma fonte diferente.

— Quer dizer que dá para provar que a ligação não se originou daqui?

— Exato.

— É um tipo de prova que eu conseguiria explicar de forma técnica, tintim por tintim, a fim de poder apresentá-la a Whitney?

— Com certeza! — McNab sorriu, olhando para ela. — A Divisão de Detecção Eletrônica já usou este tipo de prova em centenas de casos. É comum. Esse eco aqui estava bem escondido, e o padrão era muito fraco, mas nós o achamos.

— *Você o achou* — corrigiu Roarke.

— Eu não teria conseguido sem o auxílio do seu equipamento maravilhoso e da sua ajuda. Deixei o eco passar duas vezes, sem perceber.

— Mas acabou chegando lá...

— Antes de eu sair de fininho — interrompeu Eve —, deixando-os entregues a esses eflúvios de admiração mútua, vocês se importariam de gravar esse resultado em disco e copiá-lo em papel para eu anexá-lo ao meu relatório, se não for muito incômodo?

— Tenente... — Roarke colocou a mão sobre o ombro de McNab. — Você está nos deixando sem graça com todas essas demonstrações de gratidão e elogios.

— Vocês querem gratidão e elogios? — Por impulso, emoldurou o rosto de Roarke entre as mãos e o beijou com força na boca. Depois, por que não?, fez o mesmo com McNab. — Quero todos os dados em uma hora — acrescentou, saindo da sala.

— Uau! — McNab apertou os lábios como se ainda estivesse saboreando o beijo, enquanto batia com a mão no coração. — A tenente tem uma boca deliciosa.

— Não me faça quebrar a sua cara, Ian, justo no momento em que estamos dando início a uma bela amizade.

— Ela tem uma irmã? Prima? Tia solteirona?

— A tenente Dallas é a única da espécie — assegurou Roarke enquanto notava a tela piscar mais uma vez, de forma quase imperceptível. — Vamos lá, Ian... vamos filtrar esses dados para ela. Depois que fizermos isso, não seria divertido tentar ver até onde a gente consegue acompanhar esse eco?

— Você quer rastrear um eco tão fraco assim? — As sobrancelhas de McNab se uniram. — Puxa, Roarke, a gente leva dias, com muitas horas de trabalho e muita gente pesquisando, além de um equipamento de ponta, e isso tudo para rastrear um eco bem maior. Nunca soube de um sinal abaixo de quinze, como esse, que tenha sido rastreado.

— Existe uma primeira vez para tudo.

— É! — Os olhos de McNab começaram a brilhar. — Os caras da Divisão de Detecção Eletrônica vão se curvar à minha passagem se eu conseguir essa façanha.

— Mais um motivo pra gente cair dentro, então.

## CAPÍTULO DOZE

Eve andava de um lado para outro na sala de espera do consultório de Mira. Por que a sessão estava demorando tanto para acabar?, perguntou-se, e olhou para o seu relógio de pulso mais uma vez. Já passava de meio-dia e meia. Summerset estava sendo testado há noventa minutos. Eve tinha até uma hora da tarde para apresentar ao comandante o progresso das investigações.

Precisava do laudo de Mira.

Para ajudar o tempo a passar, ensaiou mentalmente o relato oral que resumiria o que fora oficialmente colocado no sistema. Pensou nas palavras que poderia usar e o tom que assumiria. Sentiu-se uma atriz de segunda classe tentando decorar o texto atrás do palco. Uma gota de suor gelado lhe desceu pela espinha.

No instante em que a porta se abriu, pulou na frente de Summerset, perguntando:

— E então, como é que foi?

Os olhos dele pareciam sombrios, suas feições estavam rígidas e o rosto, pálido. Seu maxilar estava apertado e os lábios formavam uma linha fina. A humilhação parecia uma gosma pegajosa em seu estômago.

— Cumpri suas ordens, tenente, e me submeti a todos os testes — informou ele. — Sacrifiquei a minha privacidade e a minha dignidade. Espero que isto a satisfaça.

Passando diante dela a passos largos, saiu pelas portas duplas.

— Ah, enfia a privacidade e a dignidade... — murmurou Eve, entrando na sala de Mira.

A psiquiatra estava bebendo uma xícara de chá e sorriu ao ver Eve. Conseguiu ouvir com facilidade os comentários amargos que Summerset fizera ao sair.

— Ele é um homem complicado — explicou a doutora.

— É um babaca, mas isso é irrelevante. Pode me fornecer um resumo dos resultados?

— Vou levar algum tempo para revisar todos os testes e redigir meu relatório.

— Tenho que me encontrar com Whitney em vinte minutos. Qualquer migalha que puder me adiantar já serve.

— Uma opinião preliminar, então. — Mira serviu-se de mais uma xícara de chá e ofereceu uma poltrona para Eve. — Ele me pareceu um homem que tem pouco respeito pela lei, mas sente grande respeito pela ordem.

— E isso significa...? — perguntou Eve pegando o chá, sem bebê-lo.

— Que ele se sente mais à vontade quando vê que as coisas estão em seu devido lugar, e tem uma certa obsessão por mantê-las lá. A lei propriamente dita, as leis que a sociedade cria, significa pouco para ele, porque são variáveis, eventualmente mal planejadas e, muitas vezes, falhas. O senso estético é importante para ele, tanto no ambiente em que vive quanto nas aparências, pois aprecia a ordem que existe na beleza. É um homem que respeita a rotina. O padrão constante das coisas e a estabilidade que esse padrão proporciona lhe servem de conforto. Ele sempre se levanta da cama em um horário determinado e se retira para dormir sempre à mesma hora. Suas tarefas são claramente definidas e cumpridas. Até o seu tempo livre e seus momentos de lazer são organizados.

— Quer dizer que ele é todo travado. Eu já sabia disso.

— Sua forma de lidar com os horrores que presenciou durante as Guerras Urbanas, a pobreza, o desespero do qual conseguiu escapar e a perda de sua única filha é criar um padrão aceitável e segui-lo. No entanto, em termos pouco clínicos, sim, ele é travado. Apesar disso, por mais que possa ser rígido, e por mais que torça o nariz para as regras que a sociedade impõe, possui uma das personalidades mais avessas à violência que eu já encontrei em toda a minha carreira.

— Mas algumas das marcas roxas que eu carrego pela vida foram causadas por ele — murmurou Eve, baixinho.

— É que você perturba a sua necessidade de ordem — explicou Mira, com ar solidário. — O fato principal, porém, é que a violência de verdade é, para ele, um conceito abominável. Além do mais, acha toda violência algo sem sentido, e considera o desperdício algo repulsivo. Provavelmente por ter visto muito desse desperdício, em vários níveis, ao longo da vida. Como disse no início, vou levar algum tempo para revisar os testes, mas, neste momento, posso adiantar que, na minha opinião, alguém com a estrutura de personalidade que Summerset apresenta seria incapaz de cometer os crimes que você está investigando.

Pela primeira vez em muitas horas, os nós que Eve sentia na boca do estômago se desfizeram.

— Isso o tira do topo da lista de suspeitos. Vai levá-lo bem para baixo, por sinal. Obrigada por fazer uma avaliação assim, tão depressa.

— Fico sempre feliz por poder fazer um favor a uma amiga, mas depois que li os dados da sua investigação senti que não se trata apenas de um favor. Eve, dessa vez você está lidando com um assassino muito perigoso, extremamente sagaz, determinado e cuidadoso. Alguém que levou anos para preparar tudo e se preparar. Uma pessoa focada e instável, que tem um ego gigantesco e igualmente instável. Um sociopata com uma missão sagrada, um sádico com habilidades especiais. Temo por você.

— Estou chegando perto dele.

— Espero que sim, porque eu creio que ele também está chegando perto de você. Roarke talvez

seja o seu alvo principal, mas você está no meio. Ele quer ver Roarke sangrar, quer que ele sofra. A morte de Roarke colocará um ponto final em sua missão, a missão que representa a sua vida. Você, porém, é a conexão dele, sua oponente e sua plateia. Ele tem uma visão muito bipolar das mulheres. Elas são castas ou prostitutas.

— Bem, acho que eu já saquei de que lado ele me colocou — disse Eve, com uma risada curta.

— Não. — Preocupada, Mira balançou a cabeça para os lados. — A coisa é mais complicada. Ele a admira. Você o desafia. Você o enfurece. Não creio que ele consiga encaixá-la em um dos dois moldes, e isso só serve para deixá-lo cada vez mais focado em você.

— Eu quero que ele fique mais focado em mim. — Os olhos dela brilharam.

Mira levantou as duas mãos como se estivesse dando tempo a si mesma para colocar em ordem os pensamentos. Por fim, disse:

— Vou precisar estudar o assunto com mais calma, mas, em poucas palavras, posso afirmar que a fé que ele possui e a sua religião são uma catarse, ou pretexto, se preferir. Ele deixa um medalhão esmaltado no local de cada crime. Fé e sorte. Deixa uma imagem de Maria como símbolo de seu poder feminino e de sua vulnerabilidade. Ela é o seu verdadeiro deus.

— Não estou entendendo muito bem...

— A Mãe. A Virgem. Pura e amorosa, mas uma figura de autoridade, de qualquer modo. Ela é a testemunha de seus atos, a plateia de sua missão. Nesse momento, posso afirmar que foi uma mulher que o criou. Uma figura feminina forte e vital em sua vida, uma figura de autoridade e amor. Ele precisa do apoio dela, precisa ser guiado por ela. Precisa agradá-la. Precisa ser elogiado por ela.

— A mãe dele — murmurou Eve. — Você acha que a mãe dele está por trás de tudo?

— Talvez. Ou talvez ele encare o próprio comportamento como uma espécie de tributo a ela. Sua mãe, irmã, tia, esposa. Se bem que uma esposa é pouco plausível — acrescentou com um leve aceno de cabeça. — Provavelmente ele é sexualmente reprimido. Impotente. Seu deus é vingativo, uma divindade que não permite prazeres carnavais. Se ele está usando a estatueta para simbolizar sua própria mãe, talvez encare a sua concepção como milagrosa... imaculada, e deve se achar invulnerável.

— Ele me disse que era um anjo. O anjo da vingança.

— Sim, um soldado do deus dele, com poderes maiores do que os mortais. Aí aparece o seu ego, mais uma vez. Só tenho certeza é de que há uma mulher, ou houve uma mulher, a quem ele busca aplacar e a quem considera pura.

Por um momento nauseante, a imagem de Marlena surgiu na mente de Eve. Cabelos louros,

olhos inocentes e um vestido imaculadamente branco. Pura, pensou. Virginal.

Será que Summerset não veria para sempre exatamente dessa forma a sua filha martirizada?

— Talvez essa mulher seja uma criança — disse Eve, baixinho. — Uma filha perdida.

— Marlena? — O ar de compaixão transparecia na palavra. — É pouquíssimo provável, Eve. Ele ainda está de luto por ela? Sim, claro que sim, e sempre estará. Mas ela não é um símbolo para ele. Para Summerset, Marlena é a sua menina, uma filha que ele não protegeu. Para o seu assassino, a figura feminina é a protetora e a disciplinadora. E você é outra forte figura feminina de autoridade. Ele se sente atraído por você, quer a sua admiração. E, em algum momento, pode se sentir compelido a destruí-la.

— Tomara que sim. — Eve se levantou. — Porque este é um jogo que eu quero terminar cara a cara.

Eve se convenceu de que estava preparada para Whitney. Mas não se preparara para enfrentar o comandante e o secretário de Segurança. Tibble, com uma expressão de esfinge e as mãos unidas às costas, à moda militar, estava em pé junto à janela, na sala de Whitney. O comandante mantinha-se sentado à mesa. A posição dos dois indicou a Eve que quem comandava o show era Whitney, pelo menos até Tibble resolver de outra forma.

— Antes de começar a expor o seu relatório, tenente, devo informá-la de que uma entrevista coletiva foi marcada para as quatro da tarde, no Centro de Informações da Secretaria de Segurança. — Whitney inclinou a cabeça. — Sua presença está sendo exigida.

— Sim, senhor.

— Chegou ao nosso conhecimento que um jornalista recebeu certos comunicados que ferem a sua credibilidade como investigadora principal neste caso. Tais informações indicam que você e, por conseguinte, este departamento, estão suprimindo alguns dados relevantes para o trabalho investigativo. Tais dados, aparentemente, poderiam implicar seu marido em um caso de múltiplos assassinatos.

— Esta afirmação é um insulto a mim, ao departamento e ao meu marido. Um absurdo! — Seu coração se apertou, mas a voz se manteve firme e baixa. — Se esses supostos fatos são dignos de credibilidade, por que o tal jornalista não os apresentou?

— As acusações são, até agora, anônimas e sem embasamento, mas o jornalista em questão, defendendo seus próprios interesses, achou por bem passar essas informações diretamente para o secretário Tibble. Agora é interesse seu, tenente, esclarecer este assunto aqui e agora.

— O senhor está me acusando de esconder provas, comandante?

— Neste momento estou apenas pedindo que você confirme ou negue os fatos.

— Pois eu nego que tenha, neste momento ou em qualquer outro, ocultado provas que pudessem levar à prisão de um criminoso ou ao encerramento de um caso. E declaro que me sinto ofendida pelo questionamento.

— Mensagem recebida, Dallas — disse Whitney com voz suave. — Por favor, sente-se.

Ela não aceitou o convite e ainda deu um passo à frente, continuando:

— Meu histórico na polícia deveria ter algum valor! Mais de dez anos de serviço deveriam valer mais do que uma acusação anônima lançada às garras de um repórter faminto.

— Mensagem recebida, Dallas — repetiu Whitney. — Agora...

— Ainda não acabei de falar, senhor! Gostaria de expressar o que penso.

O comandante se recostou na cadeira. Embora os olhos de Eve estivessem pregados em Whitney, ela sabia que o secretário ainda não se movera do lugar.

— Muito bem, tenente. Expresse o seu pensamento.

— Tenho plena consciência de que a minha vida pessoal e o meu casamento são alvo de especulação e interesse tanto para o departamento quanto para o público em geral. Consigo conviver com isso. Sei também que os negócios do meu marido, bem como o seu estilo em conduzir seus assuntos, são, igualmente, alvo de especulação e interesse. Não tenho problemas com isso. Mas me sinto profundamente ofendida ao ver a minha reputação e o caráter do meu marido questionados dessa forma. Por parte da mídia, comandante, isso é esperado, ainda que seja lamentável, mas isso não se aplica ao meu oficial superior. Nem a nenhum membro do departamento ao qual servi com todo o empenho e capacidade. Quero que saiba, comandante, que entregar o distintivo seria, para mim, o mesmo que amputar um braço. Se, porém, eu tiver que escolher entre o meu trabalho e o meu casamento, prefiro perder o braço.

— Ninguém está pedindo que escolha entre essas duas opções, tenente, e ofereço minhas sinceras desculpas por qualquer ofensa que tenha sentido.

— Pessoalmente eu detesto essas fontes anônimas e a merda que elas espalham por onde passam — afirmou Tibble, entrando pela primeira vez na conversa, com os olhos fixos em Eve. — Gostaria que você mantivesse a raiva no ponto em que está e pronta para explodir durante a coletiva, quando o assunto vier à baila, tenente. Vai ser muito bom que o público veja isso. Agora, desejo apenas saber do andamento da sua investigação.

A raiva ajudou Eve a vencer o medo e o nervosismo. Começou a falar pausadamente e pegou o ritmo do jargão policial que usava, com sua formalidade e suas gírias típicas. Reportou os nomes dos seis homens responsáveis pelo assassinato de Marlena, entregou ao comandante uma lista



com os dados de cada um e apresentou a sua teoria.

— O autor das ligações afirmou que este era um caso de vingança. Partindo disso, acredito que, agindo sozinho ou com cúmplices, este indivíduo está vingando o assassinato de um ou mais dos assassinos da menina. A ligação é bem clara. Marlena com Summerset, Summerset com Roarke. Cheguei aos seus nomes e casos a partir do Centro de Pesquisa Internacional de Atividades Criminais.

Ela falava de forma enérgica, como se fosse um caso rotineiro, mas seu estômago se agitava como um lago cheio de sapos.

— Não há provas que liguem esses crimes a um único indivíduo. As vítimas foram mortas em momentos diversos, em um período de três anos, por métodos diferentes e em áreas geográficas distintas. Entretanto os seis estavam ligados a uma mesma organização de jogo ilegal com sede em Dublin. Esta organização foi investigada por desempenhar atividades ilegais não menos do que doze vezes, tanto por autoridades locais quanto pelo Centro de Pesquisa Internacional de Atividades Criminais. Os dados apurados indicam que tais homens foram mortos um por um, por motivos diversos. Tais crimes foram, provavelmente, perpetrados por rivais ou colegas.

— Então, onde está a conexão com as mortes de Brennen, Conroy e O'Leary?

— A conexão existe apenas na mente do assassino. A dra. Mira já está trabalhando em um perfil do criminoso e creio que seu laudo vai fundamentar as minhas suposições. Se analisarmos pelo ponto de vista dele, Marlena foi morta por estes homens para que isso servisse de exemplo a Roarke, a fim de desencorajá-lo a explorar o território de atuação do grupo.

— Mas esta não foi a conclusão do investigador principal do caso.

— Não, senhor. O investigador principal era um mau policial, sabidamente ligado aos criminosos. Eles o tinham no bolso. Marlena era apenas uma criança. — Eve pegou duas fotos na bolsa, tiradas dos arquivos holográficos. — Foi isto o que fizeram com ela. O investigador principal levou precisamente quatro horas e meia para fechar o caso dela, arquivando-o como morte accidental.

Whitney olhou com atenção para as fotos e seus olhos ficaram sombrios.

— Accidental uma ova! Obviamente foi um caso de tortura seguida de morte.

— Uma menina indefesa violentada por seis homens. E todos escaparam da lei. Homens capazes de fazer isso com uma criança costumam se vangloriar disso. Acredito que as pessoas mais chegadas sabiam e, quando eles foram mortos, um de cada vez, alguém achou que Roarke e Summerset eram os responsáveis.

O secretário Tibble devolveu a foto do cadáver de Marlena com a imagem voltada para baixo. Ele já estava longe das ruas há muitos anos e sabia que aquela imagem ia deixá-lo impressionado

por muito tempo.

— Você acredita nisso, tenente? — perguntou ele. — Quer nos fazer crer que estas seis mortes não têm relação umas com as outras, embora o louco que estamos tentando agarrar pense o contrário? Quer que acreditemos que ele está matando estas pessoas agora e tentando incriminar Summerset apenas para se vingar de Roarke?

— Exato, quero que acreditem nisso. O homem descrito pela dra. Mira como um sociopata sádico pensa estar desempenhando uma missão sagrada, e está usando todos os seus recursos com a finalidade de arruinar Roarke. Tentar incriminar Summerset foi um erro, e isso ficará provado quando a dra. Mira entregar o resultado das avaliações que fez nele. Ela já me adiantou, preliminarmente, que Summerset não só é incapaz de atos tão cruéis como também abomina a violência. As provas circunstanciais acumuladas contra ele são armadas, e até mesmo uma criança vesga de cinco anos conseguiria enxergar isso.

— Prefiro não dar a minha opinião até analisar a avaliação completa de Mira — disselhe Whitney.

— Pois eu não me importo de opinar — disse Eve, apostando todas as fichas em Summerset. — Os discos de segurança das Torres do Luxo foram adulterados. Sabemos disso com certeza. Entretanto a gravação que mostra o saguão, onde vemos claramente Summerset entrando no prédio, permaneceu intacta. Por quê? McNab está analisando o disco do décimo segundo andar nos sistemas da Divisão de Detecção Eletrônica. Acredito que ele vá descobrir uma nova adulteração para o período em que Summerset saiu do elevador e ficou no corredor à espera da srta. Morrell. E outra na gravação do saguão, por volta de meio-dia e quarenta, hora em que ele afirma ter deixado o prédio.

— Esse nível de adulteração de dados exigiria equipamentos específicos e alta qualificação técnica.

— Sim, senhor. Do mesmo modo que o misturador de sinais que foi instalado na rede da central de polícia. A religião desempenha um papel fundamental na motivação e nos métodos dos assassinatos. As provas apontam para uma ligação forte, ainda que distorcida, ao catolicismo. Summerset não é católico. Aliás, não é uma pessoa muito religiosa.

— A fé de um homem é muitas vezes algo privado e de foro íntimo — comentou Whitney.

— No caso do nosso assassino, não. Para ele, a religião é uma mola propulsora. E tenho mais alguns dados. Hoje pela manhã o detetive McNab, enviado pela Divisão de Detecção Eletrônica para me auxiliar neste caso, descobriu o que chamou de "eco" em uma ligação do criminoso feita para o meu *tele-link*. *A transmissão não foi originada da minha casa, mas alguém teve um grande trabalho para fazer parecer que sim.*

Whitney não disse nada enquanto olhava para o relatório que Eve lhe apresentou a respeito do

assunto. Finalmente, disse:

— Bom trabalho!

— Um dos irmãos Riley prestou serviços na área de segurança eletrônica para uma grande companhia e também fez várias viagens para Nova York nos últimos dez anos. Gostaria de seguir por este caminho.

— Planeja ir à Irlanda, tenente?

— Não, senhor. — Eve ficou espantada diante da ideia, mas o seu cuidadoso treinamento evitou que seu queixo caísse. — Consigo ter acesso a quaisquer outros dados que sejam necessários a partir daqui.

— Pois eu consideraria essa possibilidade — afirmou Whitney, batendo com o dedo nos relatórios. — Consideraria seriamente.

Entrevistas coletivas raramente deixavam Eve de bom humor. Aquela então, convocada para a central de mídia da Secretaria de Segurança e aberta ao público, não era exceção. Já era desagradável o bastante ser obrigada a ficar em pé diante de um mar de repórteres e dançar um número de sapateado em cima do que era, do que talvez fosse e do que não havia possibilidade de ser. As perguntas já causavam desconforto normalmente, pois questionavam a sua capacidade de lidar profissionalmente com o caso. Muitas delas, porém, durante o interminável espaço de uma hora, diziam respeito à sua vida pessoal. Eve foi obrigada a rebatê-las com rapidez, habilidade e sem demonstrar desconforto.

Sabia muito bem que os repórteres farejavam longe qualquer sinal de fraqueza.

— Tenente Dallas, como investigadora principal deste caso a senhora já interrogou Roarke a respeito de sua ligação com estes crimes?

— Sim, Roarke cooperou com o nosso departamento.

— Essa cooperação foi solicitada pela investigadora principal ou pela sua esposa?

*Seu cara de pau, filho da mãe com olho de cobra*, pensou Eve, encarando o repórter e ignorando as câmeras robotizadas que se aproximaram de seu rosto como pernas de aranha.

— Roarke ofereceu voluntariamente as informações que tinha, bem como a sua assistência, desde o início das investigações — respondeu.

— É verdade que o principal suspeito é empregado de Roarke e mora em sua casa?

— No momento ainda não temos suspeitos para esses crimes. — Essa afirmação provocou

reações acaloradas da alcateia, que começou a berrar perguntas e exigir informações. Eve esperou os ânimos se acalmarem. — Lawrence Charles Summerset foi interrogado formalmente e se submeteu voluntariamente a testes psiquiátricos. A partir do resultado de tais testes, o departamento e a investigadora principal estão tomando outro rumo para as apurações.

— O que tem a declarar quanto à hipótese de Summerset ter assassinado estas três pessoas seguindo ordens de seu patrão?

A pergunta, lançada aos berros por alguém no fundo da sala, teve o efeito de calar as outras. Pela primeira vez em quase uma hora, fez-se silêncio. Quando viu que o secretário Tibble deu um passo à frente para intervir, Eve levantou a mão, afirmando:

— Eu gostaria de responder a esta pergunta, senhor secretário. A fúria apertou-lhe a garganta, mas sua voz saiu fria e firme.

— Minha resposta é que suposições desta natureza não pertencem a este foro. Pertencem a saletas escuras, onde podem ser discutidas por mentes pequenas. Uma suposição deste tipo, quando verbalizada publicamente, em particular por um membro da mídia, entra na área de negligência criminal. Tal insinuação, sem fatos que lhe sirvam de base, caracteriza-se como um insulto não só a todas as pessoas da polícia envolvidas na investigação, mas também às vítimas. Não tenho mais nada a dizer.

Passando por trás de Tibble, Eve saiu do palanque. Dava para ouvir as perguntas lançadas para ele e sua voz calma e razoável ao responder a elas. Eve, porém, se sentia como se estivesse com os olhos injetados e havia um gosto amargo em sua boca.

— Dallas! Dallas, espere! — Nadine Furst saiu correndo atrás dela, seguida de perto pelo operador de câmera. — Dê-me só dois minutos. Dois míseros minutinhos!

Eve se virou na direção dela, sabendo que seria um milagre se conseguisse se segurar por mais dois segundos.

— Sai da minha cola, Nadine!

— Escute, a última pergunta daquele meu colega ultrapassou os limites, eu concordo. Mas você já sabia que eles iam tentar colocar você contra a parede.

— Eu consigo aturar isso. Só não sei por que sou obrigada a aturar imbecis também.

— Estou do seu lado.

— Ah, está? — Pelo canto do olho, Eve reparou que o operador estava gravando.

— Deixe-me ajudá-la. — De forma instintiva, Nadine ajeitou o cabelo e puxou o paletó do terninho que usava para deixá-lo impecável. — Diga-nos algumas palavras, tenente, uma

declaração rápida para equilibrar as coisas.

— Você quer é uma entrevista rápida e exclusiva para levantar os pontos do seu ibope. Meu Deus! — Eve se virou para ir embora, antes que dissesse alguma coisa da qual pudesse se arrepender.

Então as palavras de Mira ecoaram em sua cabeça. O ego gigantesco, porém frágil, do assassino. Seu foco, que estava sobre ela, e a sua necessidade de receber aprovação feminina. Eve não saberia dizer se agiu por impulso ou instinto, mas foi em frente.

Decidiu que ia dar os pontos extras que Nadine queria na audiência de seu programa. E, de quebra, ia dar uma bofetada no assassino. Algo que ele considerasse uma questão de honra revidar.

— Quem, afinal, vocês pensam que são? — disse ela, girando o corpo de volta e deixando a raiva fluir. Tinha certeza de que aquela reação ia ser bem visível pelo rosto contraído e os punhos cerrados. — Usam seus direitos constitucionais para expressar tudo o que querem e invocam o direito que o público tem de ser bem informado para interferir na investigação de uma série de assassinatos!

— Ei, espere um instante — reagiu Nadine.

— Não, espere você! — atacou Eve, cutucando o ombro de Nadine com a ponta do indicador e empurrando-a para trás. — Três pessoas estão mortas, crianças perderam os pais, uma mulher ficou viúva e tudo isso por causa de um sujeito que é um pedaço de lixo autocentrado, tem complexo de Deus e resolveu fazer joguinhos. Essa é a sua história, minha cara repórter. Um babaca delirante que pensa que Jesus conversa com ele está brincando com a mídia, fazendo-a dançar ao som do seu banjo. Quanto mais atenção e tempo no ar, mais feliz ele fica. Quer que acreditemos que está imbuído de um elevado propósito, mas tudo o que quer é vencer, e isso ele não vai conseguir! Não vai porque eu sou melhor do que ele! Esse anormal é um amador que teve alguns golpes de sorte, mas está cometendo erros tolos, e pretendo enjaulá-lo em no máximo uma semana.

— Sua afirmação final é essa, tenente Dallas? — perguntou Nadine com a voz fria. — A senhora vai capturar o criminoso em menos de uma semana?

— Pode apostar! Ele não é o assassino mais esperto que eu já enfrentei, nem mesmo o mais patético. É apenas um pequeno furúnculo que nasceu na nádega da sociedade. — Ela se virou, indo embora.

— Isso vai ficar ótimo quando for ao ar, Nadine. — O operador de câmera só faltava dançar de alegria. — O ibope vai decolar!

— É... — concordou Nadine, observando Eve, que já entrava no carro. — E uma amizade também acaba de decolar e ir pro espaço — murmurou. — Vamos mandar tudo assim mesmo

para a emissora, sem editar nada. Vai dar para colocar no noticiário das cinco e meia.

Eve contava com isso. O criminoso ia assistir a tudo. Talvez apenas fumegasse, talvez explodisse, mas Eve tinha certeza de que ele ia movimentar uma das peças no tabuleiro. Seu ego ia exigir isso.

E dessa vez ele viria atrás dela.

Decidiu ir direto para a central de polícia. Achou que ia lhe fazer bem trabalhar algumas horas em seu ambiente. De repente, resolveu ligar para casa. Quando Roarke atendeu, as sobranceiras de Eve se arquearam de surpresa.

— Onde está Summerset?

— Em seus aposentos.

— Ensaando caretas enfezadas?

— Pintando, creio eu. Achou que isso poderia deixá-lo mais relaxado. E você, onde está, tenente?

— A caminho da central, para trabalhar um pouco lá. Acabo de me livrar de uma entrevista coletiva.

— Nós sabemos o quanto você adora essas entrevistas. Mal posso esperar pelo noticiário das cinco e meia.

Ela teve o cuidado de não se mostrar aborrecida e disse:

— Nem vale a pena assistir... foi um saco! Escute, Roarke, a essa hora você deveria estar na sua empresa. Não há razão para colocar a sua vida em compasso de espera por causa disso.

— Ora, mas o meu mundo continua a girar. Posso muito bem cuidar das coisas daqui de casa por mais algum tempo. Além do mais, Ian e eu estamos nos divertindo à beca com nossos brinquedos.

— Conseguiram mais alguma coisa?

— Acho que sim, mas o progresso está lento.

— Quero dar uma olhada quando chegar em casa. Vou levar mais umas duas horas.

— Ótimo. Acho que vamos comer pizza.

— Excelente. Peça a minha com tudo o que tiver disponível. Até mais tarde.

Desligando, desceu com o veículo até o estacionamento subterrâneo da central de polícia. Deteve-se um instante para xingar alto ao notar que o tenente Medavoy, da Divisão Anticrimes, havia novamente estacionado torto, invadindo a sua vaga. Ela se apertou para passar e se deu o prazer de abrir a porta com toda a força, golpeando a lateral do carro do colega.

*Um carro novinho*, notou, apreciando a superfície brilhante que ela amassara lindamente. *Onde será que o pessoal da Anticrimes consegue toda essa grana para aumentar o orçamento?*

Faltavam quinze minutos para o noticiário ir ao ar, reparou enquanto subia pela plataforma aérea que a levaria ao saguão do prédio. Serviu-se de um pouco de café, se trancou dentro da sala e assistiu ao programa.

Não ficou desapontada. A declaração que fizera para Nadine, de improviso, causou o impacto que esperava. Ela parecera furiosa, confiante e impulsiva. O assassino ia se rasgar todo quando visse aquilo, pensou, e perguntou a si mesma se ainda havia tempo para mais um cafezinho antes de Whitney convocá-la para a sua sala.

Não teve tempo nem de tomar o primeiro gole.

Aceitou a bronca sem argumentos nem defesas e concordou que havia sido levada pela emoção, fazendo comentários pouco prudentes.

— Não tem nada a reclamar desta reprimenda, tenente?

— Não, senhor.

— O que está pretendendo com isso, Dallas?

Ela mudou de tática rapidamente, com cuidado, compreendendo que se mostrara pacífica demais ao ouvir a esculhambação.

— Estou atolada até o pescoço nesta investigação, e isto está provocando uma grande quantidade de estresse na minha vida pessoal. Exagerei e peço desculpas, comandante. Isso não tornará a acontecer.

— Certifique-se de que não e entre em contato com a srta. Furst. Quero que você lhe ofereça uma entrevista exclusiva para compensar a forma como a tratou, e espero que dessa vez você controle as suas emoções.

Eve nem precisou fingir o ar de aborrecimento ao replicar:

— Preferia evitar a mídia nos próximos dias, comandante. Acho que...

— Isso não foi um pedido, tenente, foi uma ordem. Você sujou a barra com a moça, agora limpe tudo... e depressa.

Eve fechou a boca e rangeu os dentes, mas concordou.

Dissipou a raiva que sentia lidando com a papelada de costume e, quando viu que nada daquilo funcionava, entrou em contato com o setor de manutenção, descontando em cima deles e reclamando do sistema de navegação de seu veículo, que continuava com problemas. Mais calma, enviou um e-mail para Nadine, oferecendo outra entrevista, e desligou o sistema antes que se arrependesse.

Durante todo esse tempo, manteve a esperança de ouvir o *tele-link* tocar a qualquer momento. Queria que ele ligasse, torcia para que isso acontecesse. Quanto mais depressa ele se manifestasse, mais imprudente seria.

*Quem é ele?* Sociopata, sádico e egoísta. No entanto havia algo de fraco, triste e até mesmo patético em seu perfil. Enigmas e religião, refletiu. Bem, isso não era tão estranho. Religião era um enigma para ela. Acredite nisso, e apenas nisso, porque estamos mandando. Se não fizer do nosso modo, você estará comprando uma passagem só de ida para o inferno eterno.

As religiões organizadas a deixavam estupefata e com uma leve sensação de desconforto. Cada uma delas tinha seguidores que tinham absoluta certeza de estarem certos e de que o seu jeito era o único. Ao longo da história eles travaram guerras e derramaram oceanos de sangue para provar isso.

Eve encolheu os ombros, pegando uma das três imagens de mármore que enfileirara sobre a sua mesa. Ela fora criada pelo governo e, na educação oferecida pelo Estado, qualquer coisa que se relacionasse com instrução religiosa era proibida por lei. Grupos de diversas igrejas faziam um lobby permanente para mudar isso, mas Eve achava que se saíra bem na vida. Formara as próprias opiniões. No mundo havia o certo e o errado, a lei e o caos, o crime e o castigo.

De qualquer modo a religião, na melhor das hipóteses, servia para guiar e dar conforto, não era? Olhou para a pilha de discos que reunira ao fazer pesquisas sobre a fé católica. Tudo permanecia um mistério para ela, mas imaginava que era assim mesmo que devia ser. Esse era o núcleo de tudo, o mistério engalanado em pompa e esplendor, com rituais adoráveis e visualmente atraentes.

Como a Virgem. Eve revirou a estatueta nas mãos, estudando-a. Como foi mesmo que Roark se referira a ela? Abençoada Virgem Maria. O título a fazia parecer amigável, acessível, alguém a quem podíamos levar nossos problemas.

*Não consigo resolver isso, vou perguntar à Virgem.*

E ela era a mais sagrada das mulheres. A figura feminina por excelência. A Virgem Mãe que fora chamada para conceber o Filho de Deus e depois vê-Lo morrer para pagar os pecados da humanidade.

*Mãe* era a palavra-chave, não era?, perguntou a si mesma. A mãe dele ou alguém que ele



enxergasse como figura de amor e autoridade.

Eve não conseguia se lembrar da mãe. Mesmo nos pesadelos, não havia nada nem ninguém cumprindo aquele papel. Nenhuma voz suave sussurrando um acalanto ou elevando-se com fúria. Nenhuma carícia ou agressão feita por mãos irritadas.

Nada.

No entanto alguém a gerara por nove meses e a tirara do útero para colocar no mundo. E então tinha... o quê? Virado as costas para ela, fugido? Morrido? Alguém a tinha deixado sozinha para ser espancada, violentada e maculada. Abandonada tiritando em quartos frios e sujos, à espera de mais uma noite de dor e maus-tratos.

*Não importa*, lembrou Eve a si mesma com determinação. Nada daquilo vinha ao caso. Eram os antecedentes deste homem que importavam agora, o *seu* passado o moldara.

Eve Dallas moldara a si mesma.

Com todo o cuidado, colocou a estatueta de volta sobre a mesa, olhando para o seu rosto sereno e lindo.

— Esse é apenas mais um pecado que pesará na balança dele — murmurou. — Usar a senhora como parte de suas obscenidades. Preciso impedi-lo, antes que ele torne a fazer isso. Bem que eu precisava de uma ajudinha aqui.

Eve se espantou e piscou, chocada, rindo em seguida enquanto passava a mão pelos cabelos. Os católicos eram mesmo muito espertos com as suas imagens, decidiu. Sem perceber, a gente já estava conversando com elas, e isso era muito parecido com rezar.

*Não são orações que vão derrubá-lo*, lembrou a si mesma. Era a polícia, e ela seria mais produtiva se fosse para casa. Uma refeição decente e uma boa noite de sono iam ajudá-la a manter o pique.

Ao chegar à garagem, notou que o tenente Medavoy já havia saído no seu veículo e, como não havia nenhum bilhete preso no para-brisa, imaginou que ele ainda não notara o amassado na porta do carona.

Sons ecoaram à sua volta na garagem. Ouviu o barulho de um motor sendo ligado e o cantar dos pneus no asfalto. Segundos depois, uma viatura passou a toda velocidade. O som da sirene ligada encheu a garagem enquanto o carro saía e mergulhava na noite.

Eve digitou o código para destrancar o carro e esticou o braço para abrir a porta. Ouviu passos atrás de si. Girou o corpo, já com a arma na mão e agachada.

Os passos pararam de repente e o homem levantou as duas mãos, dizendo:

— Ei, ei, ei!... Pelo menos leia os meus direitos. Reconhecendo um dos detetives de sua divisão, ela recolocou a arma no coldre, desculpando-se:

— Sinto muito, Baxter.

— Você anda muito nervosa, Dallas.

— As pessoas não deviam andar sorrateiramente por garagens desertas.

— Ora, estou apenas caminhando em direção ao meu carro. — Piscou para ela enquanto abria a porta do veículo que estava parado duas vagas depois do dela. — Marquei um encontro com uma *señorita caliente*.

— *Olé*, Baxter — resmungou ela e, chateada consigo mesma, se posicionou atrás do volante. O carro só pegou na terceira tentativa. Eve decidiu que iria pessoalmente até o setor de manutenção na manhã seguinte e mataria o primeiro mecânico que aparecesse em sua frente.

O controle de temperatura zumbiu, mas começou a esquentar o interior do carro, até o ambiente ficar tão quente que Eve achou que ia começar a assar trancada ali dentro. Ordenando ao sistema que desligasse o aquecimento, olhou para o painel com cara feia e se resignou em enfrentar o frio típico de fins de novembro.

Dirigiu por dois quarteirões, deu de cara com um engarrafamento e suspirou. Distraiu-se por algum tempo tamborilando com os dedos sobre o volante enquanto admirava o novo luminoso animado que fora instalado acima do complexo de cinemas Gromley. Doze filmes estavam passando ali e os trailers se sucediam. Assistiu a uma cena de perseguição aérea entre duas motos voadoras, acima de Nova Los Angeles, que terminou em uma espetacular explosão, seguida de chamas. Em seguida viu um lindo casal que rolava abraçado sobre uma campina verdejante usando pouco mais do que a pele do corpo, dourada e luzidia. O trailer seguinte era infantil e exibia um trio de aranhas dançarinas, vestidas com fraque e cartola.

Avançou com o carro um pouco mais e ignorou as buzinas mal-humoradas e os xingamentos lançados pelos outros motoristas, igualmente aprisionados no engarrafamento.

Um casal de adolescentes passou, os dois equilibrando-se abraçados sobre um comprido skate aéreo, surfando acima do burburinho como um facho de luz. A motorista parada atrás de Eve se preparou para uma longa espera ligando o som a todo o volume e cantando junto, em uma voz esgoelada e desafinada.

Acima, um ônibus aéreo balia parecendo uma ovelha majestosa. Havia uma sensação de conforto naquele som, pensou Eve. *Sim, sim*, refletiu, fazendo uma careta ao olhar para cima. *Se mais pessoas aproveitassem as vantagens do transporte público, não estariam presas naquele inferno imóvel.*

Sentindo-se entediada, pegou o comunicador e chamou Peabody.

— Pode ir para casa — ordenou-lhe Eve. — Estou presa em um engarrafamento monstro e não tenho hora de chegar.

— Mas ouvi rumores de que vai rolar pizza por aqui.

— Certo, curta a sua pizza então, mas se ainda estiver aí quando eu chegar vai ter que me fornecer um relatório completo do seu dia de trabalho.

— Em troca de pizza, tenente, sou capaz de enfrentar coisas muito piores.

Eve viu o acidente antes mesmo de ele acontecer. Tudo pareceu coreografado para terminar em desastre. A uma distância de três carros à sua frente, dois táxis se lançaram em marcha vertical ao mesmo tempo. Seus para-choques se engancharam e um bateu contra o outro. Os dois veículos giraram no ar, engatados. Enquanto Eve balançava a cabeça diante da idiotice dos motoristas, os carros começaram a perder altura e atingiram a rua com grande estrondo.

— Ora, mas que droga!

— Algum problema, Dallas? Parece que ouvi um trovão.

— Sim, dois taxistas descerebrados acabam de se trombar. Agora mesmo é que o trânsito não anda mais... os belezocas já saíram dos veículos e estão berrando um com o outro. E deram um nó no tráfego!

Seus olhos se estreitaram ao ver que um dos taxistas esticou o braço para dentro da janela do próprio carro e pegou um bastão de metal.

— Melou de vez! Peabody, chame duas radiopatrulhas, está rolando uma agressão com arma mortífera. Décima Avenida, entre as ruas 25 e 26. Mande-os vir bem rápido, antes que isso aqui vire baderna. Vou até lá aplicar um curso rápido de cortesia entre motoristas para esses babacas.

— Dallas, talvez seja melhor você esperar reforço. Eu já vou...

— Esqueça. Não aguento mais tantos idiotas! — Bateu a porta com toda a força, enquanto se afastava do carro a passos largos. Foi quando o mundo entrou em erupção.

Primeiro, ela sentiu um violento bafo de ar quente que a pegou pelas costas e a lançou para a frente, como uma boneca de pano. Seus tímpanos pareceram explodir com a força da explosão enquanto ela voava. Algo pontiagudo, retorcido e flamejante passou por cima de sua cabeça. Alguém gritou. Não foi ela, pois mal conseguia sugar o ar.

Aterrisou de cabeça sobre o capô de um carro e viu apenas de relance o ar chocado e pálido na cara do motorista que, boquiaberto, olhava para ela. Em seguida, caiu sobre o asfalto com tanta força que se ralou toda e sentiu os ossos estremecerem.

*Têm alguma coisa pegando fogo, alguma coisa pegando fogo*, pensou, sem conseguir identificar exatamente o que era. O cheiro era de carne, couro e combustível. Meu Deus! Com um esforço que se mostrou débil, tentou erguer o corpo apoiando-se nos dois braços, mas conseguiu apenas levantar a cabeça.

Atrás dela, as pessoas abandonavam os carros às pressas, fugindo como ratos de um navio em chamas. Alguém pisou nela, mas Eve nem sentiu. No alto, helicópteros de controle de tráfego surgiram do nada lançando facho de luz ofuscante sobre o local e berrando avisos de segurança pelos alto-falantes.

Os olhos dela ardiam devido às luzes fortes e às labaredas furiosas que vinham do seu carro.

Sugando o ar com um último esforço, tornou a soltá-lo, balbuciando:

— Filho da mãe! — E apagou.

## CAPÍTULO TREZE

Roarke forçava a passagem através da multidão e das filas de ambulâncias e outros veículos de emergência. Dirigíveis sobrevoavam o local, lançando novos fachos de luz por entre os sons das sirenes. Havia no ar um cheiro de queimado misturado com suor e sangue. Uma criança chorava incontroladamente entre soluços. Uma mulher estava sentada no chão, rodeada por imensos e brilhantes pedaços de Duraglass que mais pareciam diamantes do tamanho de punhos, e chorava silenciosamente com a cabeça entre as mãos.

Ele viu rostos enegrecidos, olhos chocados, mas não viu Eve.

Não se permitia sentir ou imaginar nada e recusava-se a isso.

Estava no escritório de Eve, remexendo em circuitos com McNab, bem na hora em que Peabody recebera a ligação. Continuou a trabalhar, divertindo-se ao ouvir as palavras de Eve e ao notar a ponta de irritação nelas, seguida de aversão no instante em que mandou Peabody chamar quem estivesse disponível na área.

Então ouviu o barulho agudo, quase feminino, da explosão, tão forte que fizera o comunicador de Peabody pular-lhe na mão. Sem esperar nem um segundo, já estava do lado de fora da sala, encaminhando-se para a saída, enquanto Peabody desesperadamente tentava retomar contato com Eve.

Abandonara o carro um quarteirão antes, mas estava chegando mais depressa a pé. Sua força de vontade era tão grande que as pessoas se afastavam do seu caminho, abrindo passagem. Ou talvez a razão fosse a fúria gélida que havia em seus olhos, que se fixavam de forma dura nos rostos e nas silhuetas.

Então viu o carro dela... ou o que restara dele. A massa disforme e retorcida, de aço e plástico, parecia estar do avesso, toda coberta por uma espuma branca e espessa. Seu coração parou.

Roarke não saberia dizer por quanto tempo ficou ali, sem conseguir respirar, com o corpo tremendo de choque. Então voltou ao tempo presente e recomeçou a caminhar, com a determinação louca de acabar de desmontar o carro todo até encontrá-la.

— Mas que droga, já falei que não vou pra hospital nenhum! Coloque uns curativos aí, pelo amor de Deus, e me arrume a porra de um comunicador antes que eu chute a sua bunda com tanta força que você vai parar do outro lado da cidade.

Ele girou o corpo e elevou a cabeça, como um lobo que sente no ar o cheiro da companheira. Ela estava sentada na calçada, ao lado da ambulância, olhando com cara de poucos amigos para um paramédico tenso que lutava para tratar de suas queimaduras.

Ela estava chamuscada, sangrando, com marcas roxas e furiosamente viva.

Ele não foi direto até onde ela estava. Precisava de um momento para que as mãos parassem de tremer, o coração deixasse de corcovear e voltasse ao ritmo normal. O alívio foi como uma droga, ou um drinque forte que o deixou zozinho. Engolindo em seco, se viu rindo como um idiota ao ver a cotovelada que Eve deu no paramédico para evitar que ele lhe injetasse uma dose de medicamento.

— Leva esse troço pra longe de mim! — ameaçou. — Já não lhe disse para me conseguir um comunicador?

— Estou apenas fazendo o meu trabalho, tenente. Se a senhora ao menos cooperasse, eu...

— Que cooperar que nada!... Se eu cooperar com vocês, vou acabar babando, amarrada em cima da maca.

— Mas a senhora precisa ir para o hospital ou para uma clínica. Sofreu uma concussão forte, está com queimaduras de segundo grau, contusões, lacerações e ainda por cima está em estado de choque.

Eve esticou o braço e o agarrou pela gola do jaleco, avisando:

— Escute aqui, gostosão, um de nós vai receber um choque terrível se você não me arrumar a porra de um comunicador!

— Ora, tenente, vejo que está com a boa forma de sempre.

Eve olhou para cima e, ao ver Roarke, limpou o rosto com as costas da mão, tentando disfarçar as marcas roxas e a fuligem.

— Oi, Roarke. Estava justamente tentando convencer este idiota a me trazer um comunicador para eu ligar para casa, avisando que vou me atrasar para o jantar.

— Percebi isso por mim mesmo no momento em que ouvimos a explosão. — Colocando-se de cócoras, Roarke se viu cara a cara com ela. Havia um feio arranhão em sua testa, de onde escorria um filete de sangue. Seu casaco de couro desaparecera e a blusa que usava estava toda rasgada e muito chamuscada. Sangue manchava a manga direita e dava para ver um corte profundo, com uns quinze centímetros de comprimento. Sua calça estava em farrapos.

— Querida — continuou ele, com a voz calma —, sua aparência não está das melhores.

— Se esse cara ao menos me fizesse uns curativos rápidos para eu poder... ei, ei, ei! — Ela se encolheu toda, distribuindo tapas, mas não foi rápida o bastante para evitar a picada da agulha no seu braço. — O que foi isso? O que foi que você injetou em mim?

— Só um analgésico potente. Esses ferimentos vão começar a doer muito.

— Ai, merda! Isso vai me deixar abobalhada... você sabe que esses remédios me deixam abobalhada — disse olhando para Roarke com ar de súplica. — Odeio quando isso acontece!

— Então é melhor eu me aproveitar disso. — Levantou o queixo dela enquanto o paramédico tentava trabalhar no corte do braço. — Quantos maridos devotados você está vendo?

— Só você. E eu não estou com concussão nenhuma.

— Está sim — corrigiu o paramédico, parecendo contente. — Esse corte está imundo, cheio de impurezas e pó da rua, mas vamos limpar tudo e fechar a ferida.

— Trabalhe depressa, então. — Ela estava começando a tremer, em parte pelo frio, em parte pelo choque, mas nem notou. — Tenho que acompanhar os trabalhos do corpo de bombeiros e da unidade de explosivos. E onde, diabos, está Peabody, porque eu... merda, merda, merda, já está acontecendo. Minha língua está ficando grossa. — Sua cabeça parecia desencaixada e ela a sacudiu para colocá-la no lugar. Sentiu vontade de dar uma gargalhada e lutou para se segurar. — Por que será que eles não me deram logo duas doses de uísque daquele bem forte?

— Uma questão de custo-benefício. — Roarke se sentou ao lado de Eve na calçada e pegou a mão dela que estava livre, a fim de examinar pessoalmente os arranhões e queimaduras. — Além do mais, você não gosta de uísque.

— É... mas também não gosto disso aqui. Substâncias químicas deixam a gente de um jeito diferente. — Olhou sem expressão na direção do paramédico, que guiava um fino bastão de sutura sobre a carne dilacerada, fechando o corte com precisão. — Não me leve para o hospital, senão vou ficar revoltada de verdade.

Roarke não viu o casaco de couro favorito de Eve em parte alguma e disse a si mesmo que precisava se lembrar de substituí-lo. Por ora, o seu próprio casaco servia. Despiu-o e o colocou sobre os ombros dela, avisando:

— Querida, daqui a mais ou menos noventa segundos você não vai saber o que eu vou fazer com você nem para onde vou levá-la.

O corpo dela embarcou em uma viagem sonolenta e mareada para lugar algum.

— Quando eu sair dessa, vou saber o que fez comigo — avisou a Roarke. — Olhe, lá está ela! Oi, Peabody. E McNab também! Eles não formam um caszinho lindo?

— Adorável. Coloque a cabeça para trás, Eve, e deixe o doutor bonzinho enfaixá-la.

— Certo, tudo bem. E aí, Peabody, você e McNab resolveram vir dar um role aqui pela cidade?

— Eles a drogaram — explicou Roarke. — Tranquilizantes sempre a deixam assim.

— Você ficou muito ferida? — Trêmula e pálida, Peabody se ajoelhou ao lado dela. — Como está, Dallas?

— Ah... — Eve levantou os braços e os abriu em um gesto largo, dando um tapa involuntário no resignado paramédico. — Sabe como é, Peabody, um galo aqui, outro ali... puxa, eu voei bonito! Sabe de uma coisa?... A parte em que a gente sobe é muito legal, mas a aterrissagem não é mole não... Bam! — Para demonstrar o voo, ela tentou dar um soco no joelho com o punho, mas errou o alvo e acertou o paramédico entre as pernas. — Opa, desculpe — disse ela ao vê-lo cair no chão com o corpo dobrado. — E aí, Peabody, como ficou o meu carro?

— Perda total.

— Droga. Bem, boa noite para vocês. — Enlaçando o pescoço de Roarke com os braços, ela se aninhou de encontro a ele, suspirando.

O paramédico, tentando sugar o ar pausadamente, conseguiu se levantar, trêmulo, e disse a Roarke:

— Isso é o melhor que eu posso fazer aqui. Ela é toda sua.

— Realmente é... venha, querida, vamos embora.

— Vocês guardaram um pouco de pizza para mim? Não quero que você me pegue no colo, entendeu? Isso é embaraçoso. Posso muito bem caminhar.

— Claro que pode — assegurou ele, pegando-a nos braços.

— Viu só? Eu disse que conseguia. Sua cabeça tombou sobre o ombro dele como se ela fosse feita de chumbo. — Humm... — Levantou a cabeça. — Você está com um cheiro bom. — E inspirou com força, esfregando o nariz no pescoço dele, como um cãozinho. — Ele não é lindo? — perguntou, para ninguém em particular. — Ele é todo meu. Todo meu! Vamos para casa?

— Hum-hum... — confirmou ele. Não havia necessidade de mencionar a pequena parada que pretendia fazer no hospital mais próximo.

— Preciso que Peabody fique aqui para... preciso que ela fique aqui por algum motivo. Ah, sim!... para acompanhar os procedimentos. Obrigue o pessoal do esquadrão antibomba a contar tudo para você, Peabody.

— Não se preocupe com isso, Dallas. Estarei com um relatório completo para você amanhã de manhã.

— Hoje... a noite é uma criança.

— Amanhã — murmurou Roarke, desviando o olhar de Peabody para McNab. — Quero saber



de tudo com detalhes.

— Você vai saber — prometeu McNab. Esperou até Roarke levá-la dali por entre a multidão e então se virou para olhar o carro.

— Se ela estivesse ali dentro na hora em que a bomba explodiu...

— Mas não estava — cortou Peabody. — Vamos ao trabalho.

Eve acordou e percebeu apenas o silêncio à sua volta. Tinha vagas lembranças de ter sido espetada e cutucada, e também de ter xingado uma pessoa, ou várias, durante um exame médico. Seu primeiro pensamento foi de pânico, com um pouco de fúria.

Eles estavam muito enganados se achavam que iam mantê-la no hospital por mais cinco minutos.

Levantou-se na cama e sua cabeça deu uma volta completa, em uma tonteira acelerada. O que sentiu a seguir, porém, foi uma sensação de alívio, e se sentiu mais calma ao reparar que estava em casa, na própria cama.

— Pretende ir a algum lugar? — Roarke se levantou de onde estava, na sala de estar anexa ao quarto, onde mantinha um olho pregado no monitor que exibia as cotações da bolsa e outro na esposa adormecida.

Eve não tornou a se deitar. Era uma questão de orgulho.

— Talvez pretenda. Você me levou para o hospital.

— É uma pequena tradição minha. Sempre que a minha mulher explode pelos ares eu gosto de fazer uma viagem rápida com ela até o hospital. — Sentando-se na beira da cama, com os olhos fixos nela, levantou três dedos. — Quantos você vê?

Ela se lembrava de outras coisas agora, como acordar meia dúzia de vezes durante a noite e ver o rosto dele meio desfocado, fazendo-lhe sempre a mesma pergunta.

— Quantas vezes mais você vai me fazer esta pergunta?

— Já se tornou um hábito. Vai levar um tempo para eu conseguir largá-lo. Quantos?

— Trinta e seis. — Sorriu de leve, enquanto ele permaneceu com os olhos fixos nela. — Tudo bem... três. Agora tire esses dedos da minha cara. Continuo furiosa com você.

— Puxa, agora fiquei arrasado. — Quando ela começou a se mexer para sair, ele colocou a mão em seu ombro, ordenando: — Quieta!

— Ei, eu tenho cara de cocker spaniel?

— Para falar a verdade, há uma certa semelhança na região dos olhos — confirmou ele, mantendo a mão onde estava. — Eve, você vai ficar na cama a manhã toda.

— Não, eu preciso...

— Encare a coisa do seguinte modo: eu posso obrigá-la. — Esticou o braço, pegando o seu queixo com a mão. — Você se sentiria humilhada, e sabe o quanto detesta isso. Pense no quanto seria mais fácil para o seu orgulho e para o seu ego se você decidisse ficar na cama por mais algumas horas.

Eve e Roarke tinham mais ou menos a mesma altura, e ela imaginou que os dois tivessem a mesma habilidade no caso de uma briga *mano a mano*. O problema é que ele exibia um olhar de quem pretendia cumprir a ameaça, e ela ainda não estava se sentindo totalmente em forma.

— Acho que eu não me importaria de ficar na cama, deitada mais algumas horas, se alguém me trouxesse um pouco de café.

— Então talvez eu traga uma xícara para você. — A mão que estava em seu ombro subiu para o rosto. Ele se inclinou para beijá-la de leve, mas então se viu abraçando-a com força e enterrando o rosto em seus cabelos, balançando-se para a frente e para trás com ela, enquanto todos os pensamentos e temores que segurara durante a noite vieram à superfície de repente. — Meu Deus...

As emoções que transbordaram dele com aquelas duas palavras a inundaram por dentro.

— Eu estou bem, Roarke, não se preocupe. Eu estou bem.

Ele achou que conseguiria lidar com aquilo de forma equilibrada. Pensou que, no decorrer da noite, vencera a sensação de enjoo e os tremores na barriga. Tudo, porém, voltava naquele instante, de forma devastadoramente forte. A sua única defesa era abraçá-la. Simplesmente abraçá-la.

— A explosão veio pelo comunicador de Peabody. Deu para ouvir em som alto e claro. — Enquanto seu organismo começava a se acalmar novamente, ele colou a bochecha contra a dela. — Em seguida, houve um período de terror cego que durou uma eternidade. Depois, o momento em que eu cheguei lá, atravessando o caos. Sangue, vidro quebrado e fumaça. — Afastando-se um pouco, manteve as mãos alisando os braços dela, para cima e para baixo. — De repente ouvi você reclamando com o paramédico e o mundo em torno de mim voltou ao lugar certo. — Ele a beijou com carinho. — Vou pegar o café.

Eve ficou olhando para as próprias mãos enquanto Roarke ia até o outro lado do quarto. Os arranhões e queimaduras haviam sido tratados, e bem tratados por sinal. Havia apenas marcas mais claras que mostravam os lugares em que ocorrera o seu violento encontro com o asfalto.

— Ninguém jamais me amou antes de você — disse ela, levantando os olhos e fitando-o quando ele tornou a se sentar na beira da cama. — Achava que jamais iria conseguir me acostumar com essa sensação, e talvez não consiga mesmo. Só que agora dependo disso para viver.

Ela pegou o café que ele lhe ofereceu e a sua mão também.

— Estava reclamando com o paramédico porque ele não me trazia o comunicador. Eu precisava de um, para ligar para você e dizer que estava tudo bem. Foi o primeiro pensamento que eu tive depois da explosão, Roarke. Você foi a primeira coisa que veio à minha cabeça.

— Então nós conseguimos, não foi? — perguntou ele, levando as mãos unidas aos lábios.

— Conseguimos o quê?

— Nos transformar em uma unidade... um só.

Ouvir isso a fez sorrir.

— Acho que sim — concordou ela. — Acho que conseguimos. Estamos bem agora?

— Estamos ótimos. Líquidos leves são recomendados para a refeição matinal, mas imagino que nós estejamos a fim de algo mais substancioso.

— Eu conseguiria comer uma vaca inteira, com cascos e tudo.

— Não creio que tenhamos esta singular iguaria em nossa despensa, mas vou ver o que posso conseguir.

Não era assim tão mau ser paparicada, decidiu ela. Especialmente quando isso representava café da manhã na cama. Atacou tudo com voracidade, começando pela omelete com cebolinha e cogumelos, feito de ovos especiais postos por galinhas muito bem criadas.

— Acho que precisava só de combustível — conseguiu dizer entre uma broa de canela e outra.

— Estou me sentindo ótima!

Roarke provou uma imensa framboesa escolhida com cuidado dentre as que estavam na bandeja.

— Você está com uma aparência surpreendentemente boa, se considerarmos as circunstâncias. Tem ideia de como podem ter plantado uma bomba em sua viatura oficial?

— Tenho algumas teorias. Preciso só... — Parou de falar e franziu as sobrancelhas ao ouvir uma leve batida na porta do quarto.

— Deve ser Peabody — disse Roarke. — Ela é muito pontual. — E foi até a porta para abri-la pessoalmente.

— Como está ela? — sussurrou Peabody. — Achei que ela ia passar a noite no hospital.

— Talvez planejassem fazer isso, mas ela ia acabar descontando em mim.

— Nada de cochichos! — berrou Eve. — Peabody, quero um relatório completo.

— Sim, senhora. — Peabody foi até a cama e sorriu de orelha a orelha. A mulher que viu usando uma camisola vermelha de seda, recostada em meio a uma montanha de travesseiros no meio de uma cama gigantesca, com uma bandeja no colo lotada de comida servida em porcelana fina, não era a imagem usual de Eve. — Puxa, Dallas, você até parece alguma personagem de filme antigo — elogiou. — Você sabe, como... Bette Crawford.

— Você quer dizer Davis — informou-lhe Roarke, pigarreando para disfarçar a risada. — ... Ou Joan Crawford.

— Tanto faz. Você está com um ar de glamour, Dallas.

Envergonhada, Eve se colocou um pouco mais para cima na cama, reagindo:

— Olhe, o relatório que pedi não foi a respeito da minha aparência, policial Peabody.

— Ela ainda está meio mal-humorada — comentou Roarke. — Gostaria de uma xícara de café, Peabody, ou algo mais para o seu desjejum?

— Bem, eu já tomei... — Seus olhos brilharam. — Aquilo ali são framboesas? Uau!

— Estão fresquinhas. Possuo uma estufa para produtos agrícolas aqui perto. Sirva-se à vontade.

— Depois que vocês dois acabarem de trocar essas amáveis abobrinhas sociais, talvez tenhamos tempo para conversar sobre... ahn, deixe ver qual assunto... Que tal bombas colocadas em veículos?

— Estou com os laudos técnicos. — Atraída pelas framboesas, Peabody se sentou na beira da cama. Cruzou a perna, lançando o sapato preto brilhante sobre as calças do uniforme impecavelmente bem passado.

— Os peritos e o esquadrão anti-bomba descobriram tudo rapidinho. Obrigada, isto parece delicioso — acrescentou no momento em que Roarke lhe ofereceu uma bandeja só para ela. — Costumávamos plantar framboesas quando eu era menina. — Experimentando uma das frutas, suspirou. — Esse gostinho me leva ao passado...

— Tente permanecer nesta década, Peabody.

— Sim, senhora, eu... — Olhou para trás ao ouvir três batidas curtas na porta. — Veja, deve ser McNab.

— Tudo bem? — perguntou McNab, enfiando a cabeça por uma fresta da porta. — Ei, isso é que é quarto, hein? Impressionante. Esse cheirinho é de café? Oi, tenente, a senhora está com uma cara boa. Que frutinhas vermelhas são essas, hein?

Ele cruzou o quarto enquanto falava, com o gato seguindo-o de perto. Quando os dois se aboletaram confortavelmente sobre a cama, Eve simplesmente abriu a boca de espanto, convidando:

— Sinta-se como se estivesse em sua casa, McNab.

— Obrigado. — E se serviu da tigela de framboesas. — A senhora parece estar com tudo em cima, tenente. Fico feliz por isso.

— Se ninguém me apresentar uma porcaria de relatório, vou parecer com muito mais coisas em cima, e em cima de vocês!... Fale você primeiro — decidiu ela, apontando para Peabody —, porque normalmente não se comporta como uma idiota.

— Sim, senhora. O artefato explosivo era uma bomba caseira e quem o instalou manjava do riscado. Era do tipo com alcance limitado, muito usada para explodir carros, o que explica ter sido usada em sua viatura. Tinha, porém, relativamente falando, poucos efeitos na área circunjacente. Se você não estivesse em um engarrafamento, com carros colados no seu dos quatro lados, não haveria dano algum, além do seu.

— Houve alguma vítima fatal?

— Não, senhora. Os veículos em volta do seu foram afetados, e há uns vinte feridos, mas apenas três em estado grave. As outras pessoas já foram atendidas e liberadas. A senhora apresentou lesões graves por estar do lado de fora do carro e sem proteção no momento da explosão.

Eve se lembrou dos dois adolescentes que passaram em um skate aéreo momentos antes. Se ainda estivessem por perto... ordenou-se a tirar aquela imagem da cabeça.

— Ela foi disparada por algum timer? Qual foi o detonador?

— Eu respondo essa. — McNab fez um carinho casual em Galahad enquanto o gato se aninhava junto das pernas de Eve. — Ele usou o velho estilo de explosão de carros por contato, e esse foi o seu erro. Se tivesse usado um timer, garanto que a senhora não estaria comendo framboesas agora, tenente. Ele fez uma ligação com o sistema de ignição, sabendo que o contato se fecharia quando o motor fosse ligado. Felizmente, para nós, a senhora dirige, ou dirigia, o maior alvo de piadas do departamento. O sistema elétrico, o sistema de navegação, o de ignição, enfim, todos os sistemas do seu carro falhavam. Aposto que, quando a senhora tentou ligar o motor ontem ele falhou algumas vezes.

— Foi mesmo... o motor só pegou na terceira tentativa.

— Viu só? — McNab gesticulou com a framboesa na mão e então a atirou na boca. — Isso desligou o contato com o detonador, pois o gatilho não funcionou, só que a bomba ficou pronta para explodir a qualquer momento a partir dali. Um buraco qualquer, uma freada brusca e... bum!

— Eu bati a porta com força — murmurou Eve. — Quando aqueles taxistas idiotas me deixaram injuriada, saí do carro e bati a porta com toda a força.

— Provavelmente foi isso que causou a explosão. Não havia nada de errado com a bomba em si. Dei uma olhada nos destroços, e posso afirmar que ele usou componentes de primeira linha. Ela estava só esperando um sacolejo qualquer para explodir.

Eve respirou fundo e disse:

— Então você está me dizendo que eu devo a minha vida aos cortes no orçamento e a uma equipe de manutenção que tem a bunda no lugar da cabeça?

— Não conseguiria descrever melhor. — McNab deu um tapa no joelho, em sinal de concordância. — Se a senhora estivesse dirigindo uma daquelas máquinas poderosas, como os rapazes da Divisão Anticrime, teria ido pelos ares na garagem da central e agora seria uma lenda.

— A garagem. Como é que ele conseguiu entrar lá para instalar a bomba?

— Essa eu respondo — interrompeu Peabody, fazendo o possível para não demonstrar a irritação que sentia. Não apenas McNab apresentara o relatório de forma inapropriada, usando linguagem coloquial, como também roubou a cena de um relato que deveria ter sido feito por ela.

— Passei na central e solicitei a cópia do disco de segurança com a gravação de ontem. O comandante Whitney liberou o material.

— E você já o pegou?

— Sim, senhora. — Com ar triunfante, Peabody deu um tapinha na bolsa. — Está bem aqui.

— Bem, então vamos... ai, meu Cristo! — reclamou Eve ao ouvir novas batidas na porta. — Pode entrar! É melhor começarmos a cobrar ingressos.

— Dallas! — Nadine entrou correndo, e só faltou pular em cima da cama. Seus olhos normalmente perspicazes estavam cheios de lágrimas. — Você está bem? Está realmente bem? Estava morta de preocupação! Nenhuma das minhas fontes conseguiu saber ao certo como você estava. Summerset não me dizia nada ao telefone. Todas as vezes que eu ligava, ele falava apenas que você estava descansando. Tive que vir até aqui para ver eu mesma.

— E como pode ver, estou ótima, toda produzida para receber as visitas. Aliás, nesse instante

estou servindo de anfitriã para um animado café da manhã. — Pegou a tigela de framboesas que McNab continuava a atacar sem parar. — Está com fome?

Nadine apertou os lábios com os dedos para controlar os tremores.

— Eu sei que a culpa foi minha! Sei que você poderia estar morta a essa hora por causa do que eu fiz.

— Escute, Nadine...

— Precisei apenas somar dois e dois — interrompeu Nadine.

— Fui ao ar com as declarações que arranquei de você e duas horas depois seu carro vai pelos ares. Ele a perseguiu depois de ver a matéria que eu fiz com você. Fui eu que apresentei a reportagem.

— E isso foi exatamente o que eu pretendia. — Eve deixou a tigela de lado. A última coisa que ela precisava na consciência era uma repórter culpada e histérica. — Você não arrancou declaração alguma de mim. Falei o que queria falar e disse o que esperava que você jogasse no ar. Precisava que ele fizesse um movimento, e queria que esse movimento fosse na minha direção.

— O que quer dizer com "foi exatamente o que pretendia"...? — Compreendendo tudo, Nadine levantou a mão. Levou um momento até ter certeza de que as palavras iam sair. — Você me usou?

— Diria que foi uma coisa pela outra, Nadine. Nós usamos uma à outra.

Nadine deu um passo para trás. Seu rosto ficou branco como cera e seus olhos faiscaram.

— Que sacanagem! Que tira filha da mãe!

— É... — Sentindo-se novamente cansada, Eve esfregou os olhos. — Espere um instante, Nadine. Só um instante — repetiu, antes que a repórter saísse porta afora, indignada. — Será que vocês poderiam dar um tempinho para mim e para Nadine? Precisamos conversar a sós. Peabody, McNab, podem ir para a minha sala. Roarke... por favor.

Peabody e McNab já estavam do lado de fora da porta quando ele foi até a cama e se inclinou bem perto dela, dizendo:

— Temos que conversar a respeito dessas novas informações, tenente.

Eve decidiu que era melhor não argumentar nada naquele momento, e esperou que ele saísse do quarto e fechasse a porta com cuidado.

— Ele não vai conseguir compreender — murmurou, e então olhou para Nadine. — Talvez você

consiga.

— Ah, consigo, claro que consigo entender tudo, Dallas. Você quer fazer as investigações avançarem um pouco, então por que não dar uma declaração falsa a uma repórter que tenha credibilidade? É fácil usá-la, afinal, quem se importa com ela? Ela não tem sentimentos, mesmo. É apenas uma idiota que transmite as notícias.

— A declaração não foi falsa. Expressei exatamente o que queria dizer. — Eve colocou a bandeja de lado. Recomendações médicas ou não, ela não ia encarar esse confronto deitada na cama. — Aquilo foi o que eu senti e o que, em outras circunstâncias, guardaria apenas para mim mesma.

Jogando as cobertas para trás, levantou-se. Então, percebendo que suas pernas ainda não estavam muito firmes para suportar o peso do corpo, desistiu do orgulho; porém, tentando manter a dignidade, tornou a se sentar ereta na beira da cama.

— Foi um impulso, Nadine. Sei que isso não é desculpa, mas sabia exatamente o que estava fazendo e o que você faria com o material. E tem só mais uma coisa... nada disso teria acontecido se você não tivesse ido atrás de mim com aquela câmera.

— Esse é o meu trabalho.

— Sim, e o meu é pegar esse cara. Existem vidas em jogo aqui, Nadine, e uma dessas vidas pode ser a de Roarke. Isso significa que eu vou fazer o que for necessário, até mesmo usar uma amiga.

— Você poderia ter me contado.

— Poderia, mas não contei. — Sua cabeça começou a latejar e ela a apoiou nas mãos. Aquilo era efeito dos medicamentos, lembrou. Tudo bem. — Quer que eu lhe conte algo em caráter sigiloso, Nadine, eu conto... o que você vai fazer com essa informação é escolha sua. Estou apavorada!

— Cobriu o rosto com as mãos por um momento. — Estou completamente apavorada, porque sei que as outras vítimas foram apenas meios. Ele está usando esses meios para chegar ao objetivo final. E esse objetivo é Roarke.

Nadine olhou para Eve. Jamais a vira vulnerável como naquele instante. Nem pensou que ela pudesse se sentir assim. A mulher sentada na beira da cama, porém, com a camisola muito esticada na altura das coxas e a cabeça entre as mãos não era uma policial. Não naquele momento. Era apenas uma mulher.

— Então você apenas quis ter a certeza de que ele iria atacar você primeiro.

— Era essa a ideia.



Um coração comovido não conseguia guardar ressentimentos. Nadine se sentou na cama ao lado de Eve e colocou o braço sobre os ombros da amiga, dizendo:

— Acho que compreendo você, e gostaria de não estar com tanto ciúme disso quanto estou. Já rodei muito por aí, Dallas, mas jamais consegui para mim o que você compartilha com Roarke.

— Acho que não é assim que a coisa acontece. Não é você que procura, é o sentimento que encontra a gente, nos agarra pela garganta e não há nada que possamos fazer. — Pressionando a base das mãos de encontro aos olhos, suspirou. — De qualquer modo, passei dos limites com você, e peço desculpas.

— Nossa, você deve estar com uma séria lesão no cérebro para estar me pedindo desculpas.

— Já que não há mais ninguém aqui para nos ouvir, e acho que você está com pena de mim, posso lhe contar que eu sinto como se tivesse sido atropelada por uma frota de ônibus.

— Volte para a cama, Dallas.

— Não posso. — Esfregou os olhos mais uma vez, com força, e flexionou os doloridos músculos dos ombros. — Ele ainda está um ou dois passos à minha frente e preciso consertar isso. — Quando o pensamento lhe ocorreu, ela virou a cabeça e observou Nadine com atenção. — Se uma repórter famosa e com credibilidade desse a notícia de que os ferimentos da tenente Dallas são muito graves, que ela está se recuperando em casa e só será liberada para voltar ao trabalho daqui a alguns dias...

— Você quer que eu minta para o público? — Nadine levantou uma sobrancelha.

— Ué... meus ferimentos são muito graves. Todo mundo fica me falando isso sem parar, a ponto de eu ficar com vontade de nocautear todos eles. E eu estou me recuperando em casa, não estou? Você está comprovando isso pessoalmente.

— E você vai ficar realmente sem trabalhar por alguns dias?

— Já estou sentindo como se tivessem passado alguns dias. Isso vai me dar algum tempo, Nadine. Ele vai querer esperar até eu estar novamente em forma antes de derrubar a próxima vítima. Ele não está nesse jogo sozinho. Precisa de um oponente. — Balançou a cabeça. — Não, ele quer a mim. Particularmente. Não posso voltar ao jogo se estiver deitada na cama, dopada.

— Então eu topo. — Levantando-se, olhou para Eve. — Quer saber de uma coisa, Dallas? Eu não me surpreenderia se Roarke armasse as coisas para deixar você deitada na cama e dopada pelos próximos dias. — Pegando a bolsa e pendurando-a no braço, Nadine sorriu. — De qualquer modo, estou feliz por você não estar morta.

— Eu também...

Quando Nadine saiu, Eve conseguiu se levantar e foi caminhando bem devagar até o chuveiro. Apoiando as duas mãos nos azulejos, ordenou água a força máxima e a uma temperatura de trinta e oito graus. Dez minutos depois, já se sentia mais firme e, depois que se vestiu, quase normal. Ao entrar em sua sala, porém, foi preciso apenas um olhar longo e significativo de Roarke para ela se encolher toda.

— Acho que vou me esticar um pouco ali naquela poltrona reclinável. Se bem que já estou bem melhor... — e continuou a falar quando notou que ele não disse nada. — Acho que aquela passada no hospital foi muito proveitosa. Obrigada.

— Você acha que consegue me enrolar com esse papo?

— Pelo menos tentei. — Pensou em sorrir, mas acabou desistindo. — Olha, eu já estou legal... preciso fazer algumas coisas.

— Se precisa, você vai fazer de qualquer modo, não é mesmo? Eu também preciso resolver algumas coisas. — Foi para o seu escritório, lançando o olhar por sobre o ombro. — Avise-me quando tiver um tempinho livre, tenente. Precisamos resolver alguns assuntos pessoais.

— Ai, que merda — suspirou ela quando ele fechou a porta.

— Puxa, nunca vi ninguém fumar e parecer tão frio ao mesmo tempo — comentou McNab. — Cheguei a tremer na base.

— Você às vezes consegue ficar calado, McNab? Quero ver o disco de segurança com a gravação da garagem. — Dispensando a poltrona reclinável, Eve se sentou atrás da mesa. — Pode passar, Peabody, comece às seis da tarde em ponto. Foi mais ou menos a hora em que cheguei à central.

Lutando para não ficar pensando nos problemas pessoais, Eve manteve os olhos grudados no monitor enquanto as imagens iam passando.

— Mostre a gravação das portas de acesso. Ele tem que ter entrado por algum lugar.

Continuaram observando os carros e vans que entravam e saíam do prédio. A cada vez, o visor eletrônico acima das portas de acesso piscava e acendia uma luz verde, liberando a entrada.

— O sensor não seria problema para ele, não é, McNab? Um cara que realizou surpreendentes feitos de eletrônica, como ele, conseguiria tirar de letra o scanner de segurança de uma garagem.

— É, mas o sistema é muito avançado ali. Com as bombas que explodiam sem cessar nos prédios públicos durante as Guerras Urbanas, todas as instalações federais e estaduais receberam novos e avançados sistemas de segurança em todos os acessos. — Confirmando sua afirmação com a cabeça, continuou olhando. — Mesmo com os cortes de verbas, eles mantêm o sistema de

controle de acesso sob manutenção permanente, com atualizações semestrais dos programas. É lei federal. Um androide especializado faz inspeções de rotina nos sistemas para testá-los.

— Mas ele conseguiria invadir o sistema?

— Em tese, sim, mas não seria tão fácil quanto jogar uma partida de *Rocket Racers*, além de ser muito mais arriscado do que adular um videogame. Se o alarme soar na hora da entrada, todas as entradas e saídas são automaticamente lacradas. Ele ficaria preso em uma imensa jaula.

— Mas ele estava pau da vida e é arrogante. — Eve se recostou. — Acho que correria o risco e, já que não tivemos notícia de nenhum alarme disparado, sabemos que conseguiu. Entrou na garagem da central de polícia, instalou a bomba e saiu. A garagem é o único lugar onde ele poderia ter tido acesso ao meu carro naquele espaço de tempo. Computador, divida a tela em duas. Exiba o setor AB do segundo andar na parte de cima. Vejam, lá está o meu carro, ainda são e salvo.

— Nem queira saber como ele está agora — comentou Peabody, conseguindo evitar o calafrio. — Eles o rebocaram para perícia. Dei entrada em uma requisição para lhe conseguir uma viatura nova.

— Provavelmente vão consertar o carro velho, engatilhar os sistemas e devolvê-lo para mim; eu que me vire depois... — Embora fosse algo tolo e sentimental, ela quase torcia para que eles fizessem exatamente isso. — Esses burocratas idiotas sempre são... espere, espere aí... o que é isso?

O computador respondeu na mesma hora:

*O veículo em tela é uma Turbo-van. O modelo é Jetstream e o ano de fabricação, 2056...*

— Congele a imagem, computador. Olhe para isso. — Chamou Peabody mais para perto. — Os vidros das janelas estão cobertas com película escura. As vans de segurança são proibidas de circular com essa película nas áreas comuns. E olhe a placa, consegue ver a placa? Não é uma placa de van. É uma placa de táxi, pelo amor de Deus. Nosso homem entrou nesse momento, Peabody.

— Que olho bom, hein, Dallas? — Impressionado com aquilo, McNab digitou alguns comandos e imprimiu a imagem da frente do veículo em uma folha. — Vou pesquisar essa placa para você.

— Vamos ver o que ele fez em seguida — murmurou Eve. — Continue passando a gravação, computador. — Eles acompanharam a van circular por todo o térreo e em seguida subir devagar para o segundo andar, onde finalmente parou, exatamente atrás do carro de Eve. — Pegamos!

Sabia que ele ia ficar mais descuidado.

A porta da van se abriu. O homem que saltou estava coberto por um casacão preto e usava um chapéu que escondia bem o seu rosto.

— Vestimenta de policial. Essa é a roupa dos policiais da tropa de choque, e o chapéu também faz parte do uniforme... Só que os sapatos não são esses. Ele errou e se esqueceu que estava usando tênis com amortecedor ao ar. Droga, não dá para ver seu rosto. Ele está de óculos escuros.

Então ele se virou e olhou diretamente para a câmera. Eve viu de relance um pouco de pele branca, muito branca, e a lateral da curva do maxilar. Nesse momento ele pegou uma vareta, apontou-a na direção da câmera e a imagem ficou borrada, cheia de cores berrantes.

— Que sacanagem, ele criou uma interferência no sinal! Que diabo era aquilo que ele tinha na mão? Volte a gravação.

— Nunca vi um misturador de sinais desse tipo — afirmou McNab, balançando a cabeça com admiração e pasmo, enquanto a sequência tornava a passar e em seguida congelava. — Tem uns vinte centímetros de comprimento, pouco mais grossa que um bastão de esqui. Você devia pedir para Roarke vir dar uma olhada nisso.

— Depois — disse Eve, descartando a sugestão. — Já sabemos a cor da sua pele, temos sua altura e complexão. Temos a marca e o modelo do veículo. Vamos ver o que conseguimos com isso.

Eve continuou a olhar as imagens, passando-as repetidas vezes, como se tentasse ver através das sombras e do chapéu que encobria o rosto do criminoso e os seus olhos.

— Peabody, rastreie a marca e o modelo da van. Quero uma lista de todo mundo que possui um veículo como esse. McNab, descubra em que lugar o táxi perdeu a placa. E atentem para um detalhe: Ele entrou na garagem às seis e vinte e três; isso é menos de uma hora depois de o noticiário ter ido ao ar. Talvez já estivesse com a bomba pronta, mas precisou de tempo para arrumar transporte, bolar um plano e descobrir onde eu estava. E eu aposto que ele ainda gastou um tempinho tendo um chique. Agora vejamos... quanto tempo gastou em locomoção?

Recostando-se novamente na cadeira, Eve sorriu e ela mesma respondeu:

— Acho que ele estava no centro, a um raio de dez quarteirões da central de polícia. Sendo assim, vamos começar a procurar em nosso próprio quintal.

Mantendo o sorriso, ordenou ao computador que continuasse a passar a gravação. Queria ver quanto tempo o filho da mãe levava para instalar o explosivo no carro.

## CAPÍTULO Q UATORZE

Eve não estava a fim de outra disputa conjugal, mas achou que era melhor encarar logo de vez o problema. Precisava do olho treinado de Roarke, de seus contatos e, já que ela ia seguir as instruções do comandante e viajar até a Irlanda, sua experiência em um país estrangeiro.

Como Peabody e McNab haviam começado a se estranhar, implicando um com o outro como pessoas que moravam juntas há anos, ela os separou, enviando-os em missões independentes em locais distantes um do outro. Com o nível de competitividade aumentando entre os dois, esperava retorno de ambos antes de meio-dia.

Parou do lado de fora da sala de Roarke, respirou fundo, preparando-se para a batalha, e deu uma batida rápida na porta, fazendo aquilo parecer um ato casual e íntimo.

Quando entrou, ele levantou um dedo, fazendo-lhe sinal para que esperasse enquanto acabava de falar com as imagens holográficas de dois empregados.

— ...Até eu ter chance de viajar ao resort pessoalmente para acompanhar as obras, espero que vocês cuidem desses detalhes. Pretendo inaugurar o Olympus dentro do prazo, compreenderam? — perguntou Roarke.

Quando viu que não houve respostas verbais, mas apenas respeitosos acenos de cabeça, recostou-se na cadeira e se despediu, dizendo:

— Fim da transmissão.

— Algum problema? — quis saber Eve, quando os hologramas desapareceram.

— Um punhado de pequenas inconveniências.

— Desculpe interromper, mas você tem um minuto?

Deliberadamente, ele olhou de relance para o relógio de pulso e respondeu:

— Talvez até dois... em que posso ajudá-la, tenente?

— Detesto quando você usa esse tom de voz comigo.

— Ah, é?... Que pena! — Tornando a se recostar, uniu as pontas dos dedos. — Quer saber o que eu detesto?

— Bem, tenho certeza de que você vai me contar, mesmo que eu não queira, só que agora estou meio apressada. Mandeí Peabody e McNab saírem em campo, em busca de pistas. Resolvi me trancar dentro de casa porque plantei uma história para a mídia, através de Nadine. Será divulgado que eu ainda estou abalada, muito fraca e me recuperando em casa.

— Você está ficando boa nessa atividade de plantar histórias.

— Tudo bem, vamos resolver logo esse assunto para limpar a barra entre nós. — Enfiou as mãos nos bolsos. — Fiz aquela declaração, ultrapassei os limites oficiais de alguém na minha posição, insultando e desafiando o assassino a vir me pegar. Meu dever é servir e proteger, e eu sabia que ele vinha com tudo em minha direção, mas ganhei tempo para salvar quem quer que ele estivesse planejando atacar em seguida. Funcionou e, como eu calculava, ele ficou tão revoltado que pisou na bola, fato que nos proporcionou pistas que não tínhamos vinte e quatro horas atrás.

Roarke deixou que ela terminasse de contar tudo, o que lhe deu tempo para levantar da cadeira e caminhar até a janela. Com um ar distraído, ajustou a tonalidade do revestimento fume dos vidros para deixar entrar mais luz no ambiente.

— Em que momento você chegou à conclusão de que eu era ingênuo, simplesmente burro, ou ficaria satisfeito em saber que você usou a si mesma para me proteger?

Que se danasse a abordagem cautelosa, decidiu Eve, reagindo:

— Em se tratando de você, ingênuo e burro são as últimas características nas quais eu iria pensar, e não foi planejando deixá-lo satisfeito ou não que eu desviei a atenção do assassino de você para mim. O que importa é que você fique vivo. Mesmo revoltado, você permanecer vivo já me deixa feliz.

— Você não tinha o direito de fazer isso. Não tinha o direito de se colocar como escudo para me proteger. — Ele se virou de repente, com os olhos mais azuis do que nunca com a raiva que os transformara de frios em flamejantes. — Você não tinha nada que fazer isso... se arriscar em meu lugar!

— Ah, é mesmo? — Foi na direção dele até os seus pés se encostarem. — Muito bem, então me diga uma coisa: olhe bem dentro dos meus olhos e me diga que você não teria feito a mesma coisa se fosse eu que estivesse em risco.

— Essa seria uma situação completamente diferente.

— Por quê? — Seu queixo se elevou e seu dedo indicador começou a cutucar o peito dele. — Porque você possui um pênis?

Ele chegou a abrir a boca para responder, e um monte de palavras cruéis e furiosas lhe chegou à ponta da língua. Foi o brilho frio e absolutamente confiante dos olhos dela que o impediu. Ele se virou e bateu com os dois punhos na mesa, dizendo:

— Não dou a mínima para o fato de você ter ou não razão.

— Nesse caso, deixe-me terminar, para você engolir tudo de uma vez. Eu o amo e preciso de você tanto quanto você precisa de mim. Talvez eu não diga isso tantas vezes quantas seriam

aconselháveis, nem demonstre meus sentimentos de forma melosa, mas isso não os torna menos verdadeiros. Se incomoda o seu ego saber que eu sou capaz de protegê-lo, é uma pena...

Roarke levantou as mãos e passou os dedos pelos cabelos antes de se virar para ela.

— Que bela maneira de distorcer uma discussão, hein?

— Eu fiz isso?

— Bem, se considerarmos que qualquer argumento que eu tentasse usar nesse instante iria parecer tolo, acho que fez sim.

— Então foi bem pensado. — Eve se arriscou a lançar um sorriso para ele. — Agora, se você já acabou de ficar puto comigo, posso lhe pedir alguns palpites?

— Eu não falei que não estava mais puto com você, disse apenas que estava sem argumentos para continuar a discussão. — Ele se sentou na quina da mesa. — Tudo bem, pode pedir os meus palpites.

Satisfeita, ela lhe entregou um disco.

— Coloque-o para rodar. Há uma imagem que você pode projetar no telão. Aumente a definição para o grau máximo.

Ele fez o que ela lhe pedira e analisou a imagem. Dava para ver os dedos de uma mão enluvada segurando um aparelho com o formato de uma varinha. Não dava para ver o cabo do instrumento, mas o padrão do entalhe, com botões na base, era nítido. Uma luz verde acendeu na ponta do bastão fino.

— É um misturador de sinais — afirmou ele. — Mais sofisticado e certamente mais compacto do que qualquer coisa que eu tenha visto no mercado... — Chegou mais perto da tela. — O nome do fabricante, se existir, provavelmente está na base, oculto pela mão, de forma que não vai nos servir de nada. Um dos meus departamentos de desenvolvimento e pesquisa de novos produtos está trabalhando em um misturador de sinais menor e mais possante. Vou ter que verificar com eles em que pé está o projeto.

Essa afirmação a pegou desprevenida.

— Roarke, você está me dizendo que *fabrica esse tipo* de coisa?

— As Indústrias Roarke lidam com um grande número de solicitações e contratos do governo. — Sorriu um pouco, percebendo o tom na voz dela. — ...Aliás, solicitações de vários governos.

O Departamento de Defesa dos Estados Unidos está sempre em busca de novos brinquedos desse tipo e me paga bem por eles.

— Quer dizer então que um aparelho como esse pode muito bem ser obra de um dos seus departamentos? Brennen também atuava na área de comunicações. Uma de suas empresas também poderia estar pesquisando algo desse tipo.

— É fácil descobrirmos isso. Vou verificar se um dos meus conglomerados está com algum aparelho desse tipo em fase de desenvolvimento, e vou pedir a um de meus agentes que verifique isso nas Organizações Brennen também.

— Você tem espões?

— Pessoas que recolhem dados, querida. Eles não gostam muito de serem chamados por esse nome. Você conseguiu o resto da imagem do nosso homem neste disco?

— Peça para a gravação voltar alguns segundos.

— Computador, apresente as imagens imediatamente anteriores a esta.

Roarke franziu o cenho diante da imagem do homem e, usando os carros em volta dele como ponto de referência, especulou:

— Um metro e sessenta e cinco... uns setenta quilos, pelo jeito que o casacão cai ao lado do corpo. Muito pálido, pelo pedacinho de pele que apareceu. Creio que ele não passa muito tempo ao ar livre; sua profissão, portanto, se tiver uma, é provavelmente burocrática ou laboratorial.

Continuando a fazer sua análise, prosseguiu:

— Não há como determinar a sua idade, a não ser que... ele se move de forma ágil, parece ser bem jovem. Dá para ver parte da sua boca. Ele está sorrindo. Canalha convencido! Por fim, o seu gosto para roupas é inferior.

— Essa roupa é de policial da tropa de choque — comentou Eve, de forma seca. — Apesar disso, não creio que ele tenha ligação com o Departamento de Polícia. Tiras não usam tênis com amortecedor a ar e ninguém da tropa de choque teria acesso ao tipo de equipamento ou conhecimento técnico que esse cara demonstra, senão a Divisão de Detecção Eletrônica já o teria agarrado. Quanto à roupa, qualquer um pode comprar um casacão desses em um monte de lojas aqui mesmo em Nova York — Esperou um segundo. — ...De qualquer modo, vamos tentar identificar de onde essa roupa saiu.

— E a van?

— Também estamos pesquisando. Se não for roubada e estiver cadastrada neste estado, vamos conseguir delimitar a área de busca.

— Você está sendo muito otimista, Eve. Só eu possuo umas vinte dessas vans registradas aqui em Nova York, pertencentes a vários tipos de negócios: vans de entrega, unidades de manutenção e



veículos para transporte de funcionários.

— Já é mais do que tínhamos no início.

— Sim. Computador, desligar! — Virou-se para ela. — Peabody e McNab podem fazer suas buscas sozinhos por um ou dois dias?

— Claro. Feeney está voltando em poucos dias e eu vou agarrá-lo para esse caso.

— Eles já acabaram de preparar o corpo de Jennie. Vai ser liberado esta tarde.

— Ah, é?

— Eve, preciso que você vá comigo para a Irlanda. Sei que o momento não é muito conveniente, mas estou pedindo a sua companhia só por dois dias.

— Bem, eu...

— Não posso ir sem você. — A impaciência veio à tona e fez seus olhos brilharem. — Recuso-me a ir sem você. Não posso me arriscar a estar a cinco mil quilômetros se esse canalha tentar atingi-la novamente. Preciso de você junto de mim. Já providenciei tudo e podemos viajar daqui a uma hora.

Eve achou melhor ir até a janela para ele não perceber que ela lutava para disfarçar um sorriso. Era falta de honestidade, pensou, não contar que ela também planejava pedir que ele a acompanhasse a Dublin naquela tarde. Só que a oportunidade de lucrar com a situação era boa demais para Eve perdê-la.

— É realmente muito importante para você que eu vá? — perguntou ela.

— Sim, muito.

Eve se virou e sorriu para ele, com um ar moderado que julgou admirável.

— Então, vou fazer as malas — anunciou.

— Quero receber todos os dados em tempo real. — Eve andava de um lado para outro dentro da cabine do jato particular de Roarke e olhava para o rosto sóbrio de Peabody em seu *tele-link* de mão. — Envie tudo devidamente codificado para o hotel em Dublin.

— Estou pesquisando a van. Existem mais de duzentas daquela marca e modelo pertencentes a particulares aqui em Nova York.

— Verifique todas. Cada uma delas. — Passou a mão pelos cabelos, determinada a não deixar

nenhum detalhe de fora. — Os tênis pareciam novos. O computador deve ter condições de descobrir o número através das imagens. Corra atrás disso também, Peabody.

— Quer que eu pesquise os tênis?!

— Foi o que eu disse. Verifique as vendas de todos os tênis daquela marca, com amortecimento a ar na sola, pelos últimos dois, não... três meses. Talvez tenhamos sorte.

— É bom saber que existe gente que acredita em milagres, tenente.

— Detalhes, Peabody. É melhor acreditar nos detalhes. Cruze os dados com as vendas do uniforme da tropa de choque, e também com as vendas de imagens de mármore. McNab continua correndo atrás do misturador de sinais?

— Diz ele que sim... — A voz de Peabody ficou mais fria. — Não sei de McNab há mais de duas horas. Parece que foi se encontrar com alguém indicado por Roarke no Departamento de Pesquisas e Desenvolvimento de Produtos da fábrica dele, a Electronic Future.

— Transmita as mesmas ordens para ele. Quero todos os dados codificados e enviados para mim assim que surgirem.

— Sim, senhora. Mavis ligou algumas vezes. Summerset acalmou-a, dizendo que você estava repousando confortavelmente e não podia receber visitas por ordens médicas. A dra. Mira também ligou e lhe enviou flores.

— Enviou?... — Surpresa e desconcertada pela ideia, Eve fez uma pausa. — Talvez fosse gentil responder a ela, agradecendo pelas flores ou algo assim. Droga, em que estado as pessoas acham que eu estou?

— Muito mal, Dallas.

— Odeio isso. O canalha provavelmente está celebrando essa notícia. Vamos cuidar para que ele não festeje por muito tempo. Envie-me os dados, Peabody. Volto em quarenta e oito horas e quero dar umas marteladas nele.

— Já estou com o martelo pronto, senhora.

— Cuidado para não acertar o dedão — aconselhou Eve, encerrando a transmissão. Tornou a enfiar o pequeno *tele-link no bolso e olhou* para Roarke. Ele ficara absorto em pensamentos durante todo o vôo, falando muito pouco. Eve perguntou a si mesma se aquela seria uma boa hora para contar a ele que já havia entrado em contato com a polícia de Dublin e marcara encontro com uma tal de inspetora Farrell.

Sentou-se na poltrona em frente a ele, batendo com os dedos no joelho e, por fim, perguntou:

— Então... você vai me levar para dar um passeio pelos locais favoritos de sua juventude desperdiçada?

Embora ela esperasse que ele sorrisse ao ouvir isso, tal não aconteceu. Mesmo assim, ele desviou o olhar da janela e fitou o seu rosto, respondendo:

— Você não ia achá-los nada interessantes.

— Talvez esses lugares não estejam entre os pontos turísticos da cidade, mas seria bom para você reencontrar alguns velhos amigos e companheiros.

— Três dos meus velhos amigos e companheiros estão mortos.

— Roarke...

— Não! — Chateado consigo mesmo, levantou a mão para impedi-la de continuar. — Ficar matutando sobre esse assunto não adianta nada. Vou levá-la ao Porquinho Rico.

— Porquinho Rico? — Ela se colocou reta na poltrona na mesma hora. — A esposa de Brennen disse que ele costumava ir lá. É um bar, não é?

— Um pub. — Nesse momento, ele sorriu. — O centro social e cultural de um povo que sai do leite materno e vai direto para a cerveja preta. E você precisa conhecer a rua Grafton. Eu costumava trabalhar como trombadinha lá. E há também os becos estreitos da zona sul de Dublin, onde eu promovia jogos de azar até transferir o meu cassino portátil para os fundos do açougue de Jimmy O'Neal.

— Onde o freguês podia escolher entre linguças a metro e dados viciados.

— Entre outras coisas. Havia também o contrabando. Muamba foi o meu primeiro grande empreendimento e a base financeira das Indústrias Roarke. — Inclinando-se para a frente, prendeu o cinto de segurança de Eve. — Mesmo com toda essa experiência, acabei tendo o coração roubado por uma tira que resolveu me colocar na linha.

— Só em parte.

— Só em parte — concordou ele, rindo e olhando para fora da janela, observando a cidade de Dublin que se aproximava. — Lá estão o rio Liffey e suas pontes, brilhando ao sol. Dublin é uma grande cidade para passar a noite.

Ele tinha razão, decidiu Eve quando, menos de uma hora depois, os dois estavam no banco de trás de uma limusine, circulando em meio ao tráfego. Eve achava que a cidade seria parecida com Nova York cheia de gente, muito barulhenta e impaciente. Certamente o movimento era intenso, mas havia uma alegria febril por trás do ritmo urbano.

Portões coloridos tornavam os edifícios mais atraentes e as pontes em arco acrescentavam charme à paisagem. Embora eles já estivessem em meados de novembro, havia flores em toda parte.

O hotel era uma grande estrutura de pedra com janelas em arco e um jeito de castelo. Eve só conseguiu olhar de relance o saguão com teto abobadado, mobília majestosa e paredes grossas e escuras, antes de eles serem encaminhados à suíte.

Ninguém esperava que homens como Roarke perdessem tempo com detalhes incômodos, como registros na recepção dos hotéis. Tudo já estava pronto para a sua chegada. Na suíte, imensos vasos com flores recém-colhidas, tigelas com uma colorida abundância de frutas e uma generosa garrafa de uísque irlandês já os esperavam.

E pelas janelas altas dava para apreciar os últimos raios vermelhos do sol que se punha.

— Pedi estes aposentos porque achei que você preferia ficar de frente para a rua, a fim de apreciar a cidade se movimentando.

— E prefiro mesmo. — Eve já estava diante da janela, com as mãos enfiadas nos bolsos de trás. — É lindo! É como... não sei... parece uma pintura animada. Você reparou nas carrocinhas dos ambulantes? Todas elas brilham e os guarda-sóis parecem novos e limpos. Até as sarjetas parecem ter sido limpas ainda agora.

— Na Irlanda existem prêmios para as cidades mais limpas, ainda hoje.

— Cidades mais limpas? — Ela riu com ar divertido diante da ideia, mas a achou comovente.

— Isso é uma questão de orgulho. Qualidade de vida é uma coisa da qual a maioria das pessoas por aqui reluta em abrir mão. Nas cidades do interior, o visitante ainda encontra muros baixos de pedra e campinas em tanta quantidade que chega a espantar. Há casas simples e chalés com telhados cobertos de sapê, lareiras que usam turfa como combustível e flores no jardim. Os irlandeses mantêm as tradições com determinação.

— Por que você foi embora daqui?

— Porque as minhas tradições eram bem menos atraentes e mais fáceis de abandonar. — Arrancando uma linda margarida amarela de um dos arranjos, ele a entregou a Eve. — Vou tomar uma ducha e então mostro tudo a você.

Ela tornou a olhar pela janela, rodando a haste da margarida entre os dedos, com ar distraído. Perguntou-se então quanto mais ela ia descobrir a respeito do homem com quem se casara, antes que aquela noite terminasse.

Havia algumas áreas de Dublin que não eram tão alegres. Ali, os becos espalhavam o odor típico de lixo em decomposição e gatos magros se moviam furtivamente por entre as sombras. Eve reconheceu o lado obscuro que existe em qualquer cidade. Homens caminhando apressados com ombros curvados e olhos agitados que giravam para a direita e para a esquerda. Ouviu uma gargalhada áspera que encobria um ar de desespero e o choro agudo de um bebê faminto.

Viu um grupo de meninos, o mais velho com não mais de dez anos. Caminhavam com ar despreocupado, mas Eve percebeu o brilho calculista em seus olhos. Se estivesse armada, sua mão já estaria sobre o coldre, por instinto.

As ruas eram o território daqueles jovens, e eles sabiam disso.

Um deles esbarrou de leve em Roarke ao passar.

— Desculpe — disse ele, e então começou a praguejar de forma violenta ao sentir que Roarke o agarrara pela nuca.

— Cuidado com a mãozinha aí, garoto. Dentro do meu bolso não quero sentir dedos que não sejam os meus.

— Ei, me solta! — O menino se balançou, tentando dar um soco em Roarke e acertando o ar, pois estava a quase um braço de distância do alvo. — Seu filho da mãe, eu não enfiei a mão no bolso de ninguém!

— Não consegui enfiar porque tem os dedos pesados. Nossa, eu era muito melhor do que você quando tinha seis anos. — Deu uma sacudida forte, provocada mais pela irritação com a falta de jeito do jovem do que pelo ato em si. — Até um turista bêbado vindo do interior ia conseguir sentir seus dedinhos. Foi uma tremenda bandeira! — Olhou para o rosto furioso do menino e balançou a cabeça, ensinando: — Você se daria melhor como o cara que foge com o flagrante do que como o beliscador, garoto.

— Ah, essa é ótima, Roarke! — reagiu Eve. — Por que não lhe dá logo uma aula completa de como ser dedos-leves, aproveitando que estamos aqui?

Ao ouvir as palavras de Eve, os olhos do menino piscaram e se estreitaram. Parou de tentar escapar na mesma hora.

— O pessoal conta histórias de um cara chamado Roarke que costumava trabalhar nesta área. Dizem que ele morava na favela, mas conseguiu ficar rico graças aos seus dedos ágeis e à sua cara de pau.

— Você tem cara de pau, mas não tem dedos ágeis.

— Funciona bem na maioria dos bolsos. — Sentindo-se mais relaxado, o menino lançou um sorriso curto e charmoso para Roarke. — E quando eles não funcionam, eu consigo correr mais rápido do que qualquer tira.

Roarke se abaixou e sussurrou no ouvido do menino:

— Essa é a minha esposa, seu bundão, e ela é tira.

— Ca-ce-te! — exclamou ele.

— E-xa-to! — Colocando a mão no bolso, Roarke pescou um punhado de moedas. — Eu ficaria pianinho a respeito disso, se fosse você. Seus amigos saíram correndo feito ratos. Não lhe deram cobertura e não merecem a partilha dessa grana.

— Eu também não estou a fim de dividir nada com eles. — As moedas desapareceram no seu bolso. — Foi um prazer conhecê-lo. — Desviando o olhar para Eve, o menino a cumprimentou com a cabeça, exibindo um ar de surpreendente dignidade. — Dona... — murmurou ele, antes de sair correndo como um coelho e se misturar com as sombras.

— Quanto você deu para ele?

— O bastante para deixá-lo satisfeito sem arranhar o seu orgulho. — Enlaçando a cintura dela com o braço, voltaram a caminhar.

— Ele o fez se lembrar de alguém?

— Na verdade, não — respondeu Roarke em um tom alegre que ela não esperava. — Eu jamais fui pego assim, com tanta facilidade.

— Não vejo o que há de tão bom nisso para você ficar se gabando... além do mais, seus dedos já não são assim tão leves hoje em dia.

— Você deve estar certa. Um homem perde o toque com a idade. — Sorrindo, balançou na frente dela o distintivo que pegara em seu bolso. — Acho que isto aqui é seu, tenente.

Ela o agarrou de volta com um gesto rápido e tentou não parecer divertida nem impressionada.

— Seu exibido! — disse apenas.

— Não podia permitir que você acabasse com a minha reputação. Veja, chegamos! — Parou, apreciando a fachada do pub. — O Porquinho Rico. Não mudou muito. Parece um pouco mais limpo, apenas.

— Talvez o estejam preparando para o prêmio de limpeza.

Por fora, o lugar era discreto. A janela gradeada exibia um cartaz com um porco branco de olhar manhoso. Não havia flores ali, mas os vidros brilhavam e não havia lixo nas calçadas.

No instante em que Roarke abriu a porta, sentiu uma golfada de calor, o barulho agitado de vozes e música, a névoa de cigarro e o cheiro de cerveja.

O local era estreito e comprido. Homens estavam enfileirados ao longo do bar de madeira. Outros, incluindo mulheres e crianças, sentavam-se em cadeiras, acotovelados junto de mesas baixas onde copos ocupavam todo o espaço. Nos fundos, sobre um tablado acanhado, dois homens estavam sentados. Um tocava violino e o outro manejava uma caixa que emitia uma melodia saltitante.

Na parede, instalada bem alto, havia uma minitela com o som no mínimo. Exibia imagens de um sujeito que tentava andar de bicicleta sobre uma pista esburacada, mas levava tombos engraçados. Ninguém parecia estar assistindo ao programa.

Atrás do bar havia dois homens servindo cervejas e outras bebidas alcoólicas. Várias pessoas olharam para Eve e Roarke no momento em que entraram, mas as conversas não cessaram.

Roarke foi até o fundo do bar. Reconheceu o mais velho dos atendentes, um homem que parecia ter a mesma idade que ele e que, um dia, fora magro como um palito e dono de um senso de humor cruel.

Enquanto esperava ser atendido, colocou a mão sobre o ombro de Eve e acariciou-o de forma descontraída. Sentia-se grato por tê-la ao seu lado naquela curta viagem ao passado.

— Guinness, por favor, uma garrafa e uma caneca.

— É pra já...

— O que vou beber? — quis saber Eve.

— O néctar dos deuses — murmurou Roarke, e observou seu velho amigo servir as bebidas com admirável habilidade. — Isso é um gosto que se adquire com o tempo. Se você não gostar, posso lhe pedir uma Harp.

Eve estreitou os olhos em meio à densa fumaça e perguntou:

— Eles não sabem que é proibido fumar em locais públicos?

— Não, aqui na Irlanda não é proibido. Não nos pubs.

O barman chegou com as bebidas. Eve levou o copo aos lábios enquanto Roarke pegava mais moedas no bolso. Suas sobrancelhas se uniram ao tomar o primeiro gole e ela balançou a cabeça ao tomar o segundo, dizendo:

— Quase dá para mastigar.

Roarke caiu na risada e o barman sorriu, perguntando:

— Você deve ser uma ianque. É a sua primeira Guinness?

— É. — Eve franziu o cenho ao olhar para o copo, girando-o devagar diante dos olhos para examinar o líquido castanho-escuro com colarinho largo.

— Vai ser a sua última também? — quis saber o barman. Eve tornou a experimentar a bebida, mantendo a cerveja na boca por um segundo e então engolindo.

— Não — disse ela. — Acho que gostei.

— Que bom, então. — O barman deu um sorriso largo e empurrou as moedas sobre o balcão de volta para Roarke. — A primeira é por minha conta.

— É muita gentileza sua, Brian. — Roarke viu que o homem, que admirava Eve, desviou o olhar e o encarou.

— Eu o conheço? Você me parece familiar, mas não consigo saber de onde.

— Já faz quinze anos mais ou menos, portanto a sua memória deve estar falhando, mesmo depois de tudo pelo que passamos. Eu o reconheci de imediato, Brian Kelly, embora você tenha engordado um ou dois quilos... talvez três. — Roarke abriu um sorriso generoso e foi o sorriso que o entregou.

— Ora, mas pelos diabos... Tranquem suas mulheres em casa! É Roarke em pessoa que está de volta! — Os lábios de Brian se abriram de satisfação e ele deu um soco na cara de Roarke.

— Caramba! — Foi tudo o que Roarke conseguiu dizer ao sentir a cabeça ser lançada para trás com o golpe. Recuperando o equilíbrio, balançou a cabeça para os lados.

— Soquinho fraaaco... — comentou Eve com ar de desdém, tomando outro gole da cerveja escura. — Que amigos simpáticos você tem, Roarke...

— Você mereceu, meu caro — justificou Brian, balançando um dedo. — Nunca mais voltou com as cem libras que eram a minha parte daquela muamba.

Com ar pensativo, Roarke passou as costas da mão sobre o corte do lábio, para fazer o sangue estancar. Depois de uma pausa quase imperceptível, a música e o barulho de vozes continuou, como se nada tivesse acontecido.

— Voltar teria me custado muito mais do que cem libras, se considerarmos que a polícia estava atrás de mim. — Roarke pegou sua caneca e tomou um gole para ajudar a aliviar a dor no lábio. — Eu achei que tivesse mandado o dinheiro para você.



— *Aqui* que mandou... mas o que são cem libras diante de uma amizade? — Soltando uma gargalhada trovejante, Brian agarrou Roarke pelos ombros, puxou-o por cima do bar e tascou-lhe um beijo na boca que sangrava. — Bem-vindo de volta, seu grandíssimo filho da mãe! Ei, vocês! — berrou para os músicos. — Toquem "O Bandido Selvagem" para o meu velho amigo aqui, pois foi isso o que ele sempre foi. Ouvi dizer que ele está cheio do ouro, o bastante para pagar uma rodada para todos.

Os clientes aplaudiram e a música ficou mais animada.

— Eu pago uma rodada, Brian, mas só se você der alguns minutos do seu tempo para mim e para minha esposa, lá na sala dos fundos.

— Ora... esposa, é?... — Tornou a urrar de alegria e puxou Eve para junto dele, tascando-lhe um beijo igualmente caloroso. — Que a Virgem Maria nos salve a todos! Posso lhe dar até mais do que alguns minutos, pois agora eu sou dono do lugar. Michael O'Toole, venha aqui para trás do balcão para dar uma ajudinha a Johnny. Tenho alguns assuntos para colocar em dia. — Apertou um botão na parte de baixo do balcão e uma porta estreita se abriu na outra ponta.

A sala dos fundos, conforme Eve descobriu, era um aposento privativo bem pequeno, onde havia apenas uma mesa e algumas cadeiras. A luz era fraca, mas o piso brilhava como espelho. Através da porta fechada, dava para ouvir a música do salão.

— Você se casou com este delinquente? — perguntou Brian, suspirando ao se jogar sobre uma das cadeiras, que rangeu sob o seu peso.

— Foi... na verdade, ele implorou para que eu fizesse isso.

— Você conseguiu uma mulher muito bonita, garotão. Comprida e com os olhos da cor do melhor uísque irlandês.

— Um dia desses ela ainda vai se apaixonar por mim. — Roarke pegou cigarros e ofereceu um a Brian.

— Cigarro americano? — Brian fechou os olhos de prazer enquanto Roarke o acendia. — Até hoje é difícil conseguir isso por aqui.

— Pois eu lhe mando um pacote fechado, para compensar as cem libras.

— Um pacote fechado? Se eu colocar à venda esse monte de maços de cigarros americanos vou conseguir dez vezes o valor que você me deve. — Sorriu. — Aceito o presente! Mas o que traz você lá Porquinho Ri-co? Ouvi dizer que você vem a Dublin de vez em quando para resolver seus negócios milionários, mas não costuma passar por aqui.

— Não, não costumo. — Roarke o olhou fixamente. — Fantasmas.

— Ahh... — concordou Brian, compreendendo perfeitamente. — Há um monte deles pelas ruas e becos. Mas você resolveu vir hoje, com sua linda esposa.

— Resolvi. Você deve ter ouvido a respeito de Tommy Brennen e os outros.

— Foram assassinados. — Brian serviu um pouco do uísque que levava com ele, do bar. — Tommy costumava vir aqui, de vez em quando, durante todos esses anos. Não com frequência, mas aparecia às vezes, e sempre conseguíamos que ele cantasse alguma coisa conosco. Eu o vi uma vez com a mulher e os filhos, andando pela rua Grafton. Sei que ele me viu, mas acho que não era o momento certo para parar e conversar com tipos como eu. Sabe como é... Tommy preferia manter seu passado longe da família.

Levantando o copo mais em sinal de resignação do que em brinde, continuou:

— Shawn... Esse eu lhe garanto, era uma figura rara!... Mandava notícias de Nova York, sempre garantindo que estava fazendo fortuna, e que quando acabasse de contar todo o seu dinheiro ia voltar para cá. Grande mentiroso, o Shawn! — Ele bebeu em sua homenagem.

— Trouxe o corpo de Jennie comigo.

— Trouxe? — Com o rosto largo e vermelho subitamente sério, Brian concordou com a cabeça. — Era a coisa certa a fazer. Ela gostaria disso. Tinha um coração de ouro, a Jennie. Espero que a polícia ponha as mãos no canalha que fez aquilo com ela.

— Essa é uma das razões pela qual viemos até aqui. Temos esperança de que você possa nos ajudar.

— Mas como poderia fazer isso, estando a um oceano de distância de onde o crime aconteceu?

— Porque tudo começou aqui, com Marlena. — Roarke pegou a mão de Eve. — Acho que eu não lhe apresentei a minha esposa de forma apropriada, Brian, esta é Eve. Tenente Eve Dallas, do Departamento de Polícia da cidade de Nova York.

Brian engasgou com o uísque e bateu no peito para colocar ar dentro dos pulmões. Seus olhos se encheram d'água com o susto.

— Uma tira? Você se casou com uma mulher que é tira?

— *Eu* me casei com um cara que é criminoso — murmurou Eve —, mas ninguém nunca vê as coisas por esse lado.

— Eu vejo, querida. — Com ar divertido, Roarke beijou-lhe a mão. — Constantemente.

Brian soltou outra daquelas gargalhadas escandalosas e serviu mais uma dose.

— Vamos brindar a vocês dois — propôs ele — e ao Dia de São Nunca, que finalmente chegou.

Ele ia ter que adiar o crime seguinte.

Rezou pedindo paciência. Afinal, já esperara tanto... Aquele, porém, era um sinal de Deus e ele compreendia isto. Ele se desviara do caminho, agira por conta própria ao plantar a bomba no carro dela.

Pecara e precisava rezar para pedir perdão também, além de paciência. Deveria ouvir apenas a força que o guiava. Sabia disso e estava arrependido. Lágrimas embaçaram-lhe a visão quando se ajoelhou, aceitando a penitência e a punição pela sua presunção e arrogância.

Como Moisés, falhara em sua missão e colocara Deus em teste.

O terço balançava em sua mão enquanto ele movia os dedos, de conta em conta, de dezena em dezena, com a mão experiente e uma profunda devoção.

*Ave-maria, cheia de graça...*

Ele não usava almofada alguma para os joelhos, pois aprendera que para receber perdão era necessário sofrer. Sem isso, ele se sentiria ainda impuro. Chamas de velas votivas, brancas para simbolizar a pureza, bruxuleavam e exalavam o cheiro de cera derretida.

Entre as velas a imagem da Virgem olhava para ele em silêncio, com ar de compaixão.

O rosto dele parecia envolto em sombras à luz das velas, mas de vez em quando parecia brilhar com visões da própria salvação.

*... bendita sois vós entre as mulheres...*

A prece para a Virgem Mãe era a sua oração favorita, e não era sacrifício algum recitá-la. Era reconfortante. Completando a quinta das nove dezenas que recebera como penitência, passou para os Mistérios Dolorosos. Limpou sua mente de assuntos mundanos e pensamentos carnavais.

Como Maria, ele também era virgem. Aprendera que a sua inocência e a sua pureza eram o caminho para a glória. Sempre que a luxúria tentava penetrar em seu coração, fazendo seu sangue ferver e deixando-lhe a pele gosmenta, ele lutava com todas as forças contra o demônio que sussurrava em sua cabeça. Tanto seu corpo, bem treinado, quanto sua mente, bem afiada, eram dedicados à sua fé.

E as sementes de sua fé foram plantadas no sangue, criaram raízes na vingança e floresceram através da morte.

## CAPÍTULO Q UINZE

Eve ouviu o murmúrio distante do noticiário internacional que vinha do telão da sala de estar quando acordou. Seu relógio biológico estava confuso. O organismo achava que ainda estava no meio da madrugada, mas um dia chuvoso estava amanhecendo no lugar onde o seu corpo estava.

Deduziu que Roarke não dormira muito, mas já aceitara o fato de que ele precisava de menos horas de sono do que qualquer pessoa que ela conhecia. Ele não estava muito falante depois que voltaram do Porquinho Rico na noite anterior, mas lhe pareceu... faminto.

Fizera amor com ela como um homem desesperado para encontrar algo, ou perder, e ela não tivera outra escolha a não ser aguentar firme e curtir o passeio.

Agora ele já se levantara e estava trabalhando, imaginou. Acompanhando atentamente o noticiário, as ações da bolsa, fazendo ligações, apertando botões. Decidiu que era melhor deixá-lo com seus afazeres até a sua mente clarear um pouco.

Olhou para o boxe do banheiro com ar desconfiado. Tinha três lados revestidos de azulejos brancos, mas o quarto lado era aberto, e deixava o traseiro do usuário à mostra, bem na direção do quarto.

Embora tivesse procurado, não encontrou mecanismo algum que pudesse ser usado para fechar a porta e proteger a sua privacidade.

O boxe tinha quase dois metros de altura e canos desciam do teto com opções para ducha forte ou fraca. Ela escolheu a forte, muito quente, e tentou ignorar a abertura atrás de si enquanto se ensaboava e se enxaguava.

Brian não fora de muita ajuda, refletiu, embora tivesse prometido espalhar as notícias de forma discreta, a fim de tentar reunir informações sobre as famílias dos homens que haviam assassinado Marlena. Brian conhecia vários deles pessoalmente, e descartara a ideia de que alguma daquelas figuras tivesse a capacidade, o cérebro ou o sangue-frio para orquestrar uma série de assassinatos em Nova York.

Eve pretendia dar uma olhada nos registros policiais e pedir a opinião de alguém da polícia local. Tudo o que tinha a fazer era enviar Roarke para um lugar qualquer, a fim de conseguir a manhã livre para a troca de ideias que pretendia realizar com a inspetora Farrell.

Certa de que seria preciso apenas uma manobra rápida para escapar, ordenou à ducha que se fechasse, virou-se para sair do chuveiro e deu um grito assustado.

Roarke estava em pé bem atrás dela, encostado na parede, com as mãos enfiadas nos bolsos de forma casual.

— Que diabos você está fazendo?

— Pegando uma toalha para você. — Sorrindo, pegou uma das toalhas que estavam sobre o balcão aquecido, mas manteve-a fora do alcance de Eve.

— Dormiu bem? — quis saber ele.

— Sim, dormi muito bem.

— Pedi um café da manhã do tipo "irlandês completo" quando ouvi a água do chuveiro. Você vai gostar.

— Certo — concordou ela, tirando as pontas de cabelo molhado da frente dos olhos. — Agora você vai me dar a toalha ou não?

— Estou pensando no assunto. A que horas é o seu encontro com a inspetora?

— Quem? — perguntou ela, esticando a mão para pegar a toalha e puxando-a de volta, desconfiada.

— A polícia, querida Eve. Os tiras de Dublin. Imagino que você tenha marcado para hoje de manhã. A que horas vai ser? Nove?

— Eu não disse que ia me encontrar com alguém da polícia daqui. — Ela se virou de lado e cruzou os braços sobre os seios, mas não adiantou nada. Ao ver que ele se limitou a levantar uma sobrancelha, xingou baixinho. — Sabichões que conhecem tudo e todos são muito irritantes para os meros mortais. Anda, me dá logo essa porcaria de toalha!

— Não conheço tudo, mas conheço você. Marcou com alguém em particular?

— Olhe, não dá para eu ter essa conversa assim, nua...

— Eu gosto de conversar quando você está nua.

— É porque você é um tarado, Roarke. Quer me dar essa toalha?!

— Venha pegá-la — provocou ele, segurando a toalha com as pontas de dois dedos, os olhos brilhando.

— Você está apenas planejando me arrastar de volta para a cama.

— Eu não estava pensando na cama. — Seu sorriso se ampliou ao se mover na direção dela.

— Pode parar! Para trás! Vou acabar machucando você! — avisou ela, tentando desviar dele pela direita.

— Nossa, adoro quando você me ameaça. Fico excitado!

— Pois eu vou lhe dar motivos para excitação — prometeu ela. No instante em que ele atirou a toalha em sua direção, ela avaliou rapidamente as chances de passar por ele e alcançar a porta do banheiro, e as considerou aceitáveis. Ao agarrar a toalha, porém, ele a segurou pela cintura e a colocou com as costas coladas na parede, enquanto ela resolvia se começava a rir ou praguejar.

— Não adianta que eu não vou brigar com você aqui dentro. — Soprou o cabelo molhado. — Qualquer um sabe que é no banheiro que acontece a maioria dos acidentes domésticos com ferimentos graves. Todo banheiro é uma armadilha mortal.

— Vamos ter que arriscar. — Lentamente, levantou as mãos dela sobre a cabeça e arranhou-lhe a garganta com os dentes. — Você está molhada, quentinha e saborosa.

O sangue dela ferveu e os músculos relaxaram. Ora bolas, pensou, afinal ainda havia duas horas livres pela frente. Virando a cabeça, cobriu a boca dele com a dela.

— Você está vestido — murmurou. Em um movimento rápido, balançou o corpo, girou e inverteu as posições. Seus olhos riram ao olhar para os dele. — Deixe que eu acabo com este problema.

Sexo selvagem, feito em pé, era uma ótima maneira de começar bem o dia, reconheceu Eve. Quando era seguido pela imensa quantidade de comida que os irlandeses chamavam de café da manhã, virava o nirvana.

Ovos mexidos com as gemas moles, batatas fritas com molho acebolado, linguiça com bacon e fatias grossas de pão cobertas de manteiga fresca, tudo isso acompanhado por café à vontade.

— Humm!... — conseguiu exclamar ela, sem parar de atacar a comida. — Eles não podem!

— Não podem o quê?

— Os irlandeses não podem comer desse jeito todos os dias. Daqui a pouco o país inteiro vai estar obeso, caminhando que nem pata-choca em direção à morte.

Observá-la comer sempre o deixava satisfeito. Era uma alegria vê-la abastecer aquele corpo esbelto que transformava as calorias em nervos de aço e muita energia.

— Esse tipo de café da manhã é algo eventual por aqui. Só nos fins de semana.

— Uma delícia. Humm... Esse bolo de carne é feito com quê?

Roarke olhou o bolo vermelho que ela comia em generosas garfadas e balançou a cabeça, avisando:

— Você vai me agradecer se eu não contar. Simplesmente coma...

— Tudo bem. — Fez uma pausa para pegar fôlego, olhando de lado para ele e dando um suspiro.

— Vou me encontrar com a inspetora Farrell às nove horas. Acho que deveria ter lhe contado.

— Está me contando agora — observou ele, e olhou para o pulso, a fim de ver as horas. — Se o encontro é só às nove horas, vou ter tempo para resolver alguns assuntos, antes de nós irmos lá.

— Nós? — *Eve* pousou o garfo antes de comer mais e causar um dano permanente à sua silhueta. — A inspetora Farrell vai se encontrar comigo... *euzinha, apenas...* por pura cortesia profissional. E quer saber de uma coisa? Aposto com você que ela não vai levar o marido.

— Essa foi uma tentativa de me colocar no meu devido lugar? — perguntou ele, sorrindo com descontração ao levantar o olhar da agenda eletrônica na qual confirmava compromissos profissionais.

— Acho que você sacou direitinho.

— Tudo bem, então veja se consegue sacar uma coisa também... — Com toda a calma, tornou a encher as duas xícaras de café. — Você pode correr atrás de informações para esta investigação do seu jeito — seus olhos se fixaram nos dela, brilhando —, e eu posso correr atrás também, do meu jeito. Você vai se arriscar a que eu o encontre antes?

Ele sabia ser duro e implacável. Certamente era muito esperto.

— Você tem vinte minutos para resolver seus compromissos antes de sairmos — avisou ela.

— Vou estar pronto.

A inspetora Farrell era uma mulher muito atraente. Tinha em torno de quarenta e cinco anos, e seus cabelos ruivos muito brilhantes, amarrados em um coque frouxo, pendiam meio soltos na parte de trás de um pescoço esguio. Seus olhos eram verde-musgo e sua pele tinha o tom de creme amanteigado. Usava um terninho cinza, feito sob medida e de corte estreito que, apesar do estilo militar, deixava entrever um par de longas e lindas pernas. Ao receber *Eve* e *Roarke* ofereceu a mão a ambos e, em seguida, uma xícara de chá.

— É a sua primeira visita à Irlanda, tenente Dallas?

— Sim.

Embora a sala arrumada de forma impecável fosse equipada com um *AutoChef*, a inspetora serviu o chá em um aparelho de fina porcelana branca. Aquele era um de seus pequenos prazeres. E lhe dava oportunidade de avaliar a policial ianque e o homem que a acompanhava, conhecido apenas pelo nome de *Roarke*.

— Espero que vocês tenham a oportunidade de ver um pouco do nosso país, aproveitando que estão aqui.

— Nessa viagem não será possível.

— Que pena... — Virando-se com as xícaras nas mãos, exibiu um sorriso simpático. Eve era menos e mais do que ela esperava. Menos frágil do que imaginava para uma policial americana... e mais resoluta do que ela esperava, sendo uma mulher que se casara com um homem com a reputação de Roarke. — Você nasceu aqui em Dublin, não é? — perguntou a Roarke.

Ele reconheceu o ar de especulação em seus olhos e viu que ela o conhecia bem. Roarke não tinha nenhuma ficha criminal, oficialmente, mas a sua reputação, na área, era imensa. As lembranças demoravam muito a se apagar.

— Cresci nas favelas, na zona sul de Dublin.

— Uma região conturbada, mesmo hoje em dia — comentou ela, cruzando as pernas espetaculares. — E você ainda tem assuntos... ahn... negócios, por assim dizer, nessa região?

— Vários.

— Isso é muito bom para a economia. Você trouxe o corpo de Jennie O'Leary para ser velado e enterrado.

— Sim, trouxe. Ele vai ser velado esta noite.

A inspetora Farrell assentiu com a cabeça e provou o chá com delicadeza, afirmando:

— Tenho um primo que certa vez se hospedou na pousada que ela administrava, em Wexford. Ele me disse que o lugar é adorável. Já estive lá?

— Não. — Ele inclinou a cabeça, percebendo a pergunta nas entrelinhas. — Não via Jennie há mais de doze anos.

— Mas entrou em contato com ela pouco antes de ela ir para Nova Yorke ser assassinada.

Eve pousou a xícara com força sobre a mesa, fazendo barulho.

— Inspetora Farrell — avisou ela —, este homicídio e os outros relacionados com ele estão sob a minha jurisdição. Você não tem autoridade para interrogar Roarke a respeito deste assunto.

*Durona*, pensou a inspetora. *E cercava bem o seu território. Pois bem, eu também sou assim.*

— As suas três vítimas eram cidadãos irlandeses. Temos um interesse especial na investigação.



— Sua pergunta é fácil de responder — interveio Roarke antes que Eve tivesse chance de explodir novamente. — Entrei em contato com Jenny depois que Shawn Conroy foi assassinado. Estava preocupado com a sua segurança.

— A dela em particular?

— A dela e a de todos os outros de quem fui amigo pessoal no tempo em que morava em Dublin.

— Vamos colocar todas as cartas na mesa — propôs Eve, atraindo a atenção da inspetora de volta para ela, onde pretendia mantê-la. — Eu recebi uma ligação com um sinal cheio de interferências eletrônicas e até agora não rastreado de um indivíduo que afirmava que o seu objetivo era efetuar um ato de vingança autorizado por Deus, e que me escolhera como oponente. Ele me apresentou uma citação da Bíblia, uma charada e, logo em seguida, descobri o corpo mutilado de Thomas Brennen em sua residência nova-iorquina. Em seguida soube que Roarke conhecera Thomas Brennen, da época em que ambos moravam em Dublin.

— Eu conversei pessoalmente com a viúva — informou a inspetora Farrell. — Ela me disse que você foi muito gentil com ela.

Eve levantou as sobrancelhas e informou:

— É que nós deixamos quase por completo de espancar viúvas quando elas vão ao necrotério. Agir daquela forma não pegava bem para a nossa imagem.

Farrell respirou fundo, seguiu com os olhos dois bondes elétricos turísticos pintados de verde e branco que passavam diante da janela e disse:

— Entendi o recado, tenente.

— Ótimo. No dia seguinte, eu recebi outra ligação, outra série de dicas e encontrei o corpo de Shawn Conroy. O padrão e o fato de o segundo assassinato ter acontecido em uma casa para alugar que pertence a Roarke indicavam que havia uma ligação com ele.

— Depois disso, seguindo as dicas de outra ligação, você descobriu o corpo de Jenny O'Leary no quarto de um hotel que também pertence a Roarke.

— Exato, inspetora. Um colega da Divisão de Detecção Eletrônica acompanhou o sinal da ligação e notou que ele ricocheteava em vários pontos, um dos quais indicando que a transmissão se originara de nossa casa. Entretanto esse era apenas um eco que provou ser falso. Nesse momento nós estamos analisando o eco, e continuamos confiantes de que conseguiremos descobrir a origem exata da ligação.

— Nesse momento, pelo que sei, o seu principal suspeito é um empregado de Roarke, um homem que também morou em Dublin no passado. Summerset é o seu nome — continuou a inspetora, sorrindo de leve para Roarke. — Não conseguimos encontrar quase nada a respeito

dele em nossos registros.

— Vocês estão um pouco desatualizados, inspetora — disse Eve, de forma seca. — Depois de investigações mais profundas e testes psicológicos, Summerset não é mais suspeito. Há indicações de que ele está sendo usado para induzir a polícia a erro.

— No entanto tudo aponta para o passado, em Dublin, e esta é a razão de sua viagem.

— Roarke e Summerset cooperaram bastante conosco. Acredito que estes crimes foram motivados pelo estupro e assassinato da filha de Summerset, a menor Marlena, há quase vinte anos. Ela foi sequestrada e mantida em um cativeiro por um grupo de homens que ameaçavam machucá-la se Roarke não atendesse às suas exigências. Entretanto esse acordo foi ignorado e o corpo da menina foi largado sem vida na porta da casa onde Roarke, Summerset e Marlena moravam.

— E isso aconteceu aqui, em Dublin?

— O sangue era e continua a ser derramado, mesmo em suas ruas limpíssimas, inspetora.

Os olhos de Farrell ficaram duros no momento em que ela se virou para o computador, perguntando:

— Quando isso aconteceu?

Foi Roarke quem lhe forneceu o ano, o mês, o dia e a hora exatos.

— Marlena Summerset... — afirmou ela.

— Não. Kolchek. Seu nome era Marlena Kolchek — *Esse era também o nome verdadeiro de Summerset, usado durante aquele período*, pensou Roarke, *embora já não existissem registros de nenhum Basil Kolchek. Summerset fora criado semanas após a morte de Marlena.* — Nem todas as crianças usam o último nome do pai — explicou Roarke, para abreviar o assunto.

Farrell olhou-o com serenidade e então solicitou o arquivo.

— Este caso foi investigado e fechado como morte por fatalidade. O investigador principal foi... — Parou de falar, soltando um suspiro. — Inspetor Maguire. Você o conhecia? — perguntou a Roarke.

— Sim, eu o conhecia.

— Pois eu não... pelo menos não pessoalmente. Sua reputação, porém, é algo de que o departamento não se orgulha. Você conhecia os homens que mataram essa menina?

— Sim, eu os conhecia. Estão mortos.

— Entendo... — Seus olhos piscaram rápido. — Seus nomes, por favor.

Enquanto Roarke lhe fornecia cada um dos nomes, a inspetora foi solicitando ao sistema os arquivos correspondentes, ao mesmo tempo em que os analisava.

— Eles não eram exatamente cidadãos exemplares de nossa comunidade — murmurou. — E morreram de forma cruel. Poderia mesmo dizer... vingativa.

— Poderia dizer — concordou Roarke.

— Homens que escolhem este estilo de vida frequentemente morrem de forma perversa — observou Eve. — Minha impressão é que, devido à ligação de Roarke com Marlena, este assassino resolveu vingar uma ou mais destas mortes por acreditar erroneamente que ele era o responsável por elas. Os que morreram em Nova York também conheciam Marlena e as reais circunstâncias da sua morte. Summerset era seu pai e mantém até hoje um relacionamento pessoal importante com Roarke. Consegui desviar a atenção do assassino por algum tempo, mas temos mais um ou dois dias, no máximo, antes que ele mate o próximo da lista.

— E faz alguma ideia de quem será o próximo? — perguntou a Roarke.

— Já se passaram dezenove anos, inspetora — respondeu ele.

— Entrei em contato com todas as pessoas que pudessem servir de alvo. No entanto nem mesmo isso ajudou Jenny.

— Consigo acessar os dados oficiais sobre as famílias destes homens — explicou Eve —, mas isso não é o bastante. Preciso da análise pessoal de algum profissional da área. Preciso da visão de um tira, um tira que esteja familiarizado com eles, saiba dos seus estilos de vida e conheça as suas mentes. Preciso de uma lista de suspeitos com as quais eu possa trabalhar.

— Tem um perfil psicológico do assassino?

— Tenho.

— Então vamos ao trabalho — concordou Farrell.

— São todos criminosos profissionais — comentou a inspetora, batendo com uma vareta na palma da mão. Eles haviam se transferido para uma sala de reuniões pequena e sem janelas onde havia três telões. Farrell apontou para a primeira imagem. — Ryan, este homem aqui, é da pesada. Grampeei-o pessoalmente, cinco anos atrás, por furto e assalto a mão armada. Ele é um sujeito feroz, mas apenas intimida as pessoas... não é um líder. Saiu da cadeia há seis meses, mas é pouco provável que permaneça longe das grades. Ele não se encaixa no perfil apresentado.

Do outro lado da sala, Eve pregara fotos em um quadro largo. As vítimas estavam em um dos lados, e os possíveis suspeitos, do outro. Aceitando a avaliação da inspetora Farrell, removeu Ryan.

— Vamos agora para Michael O'Malley — indicou a inspetora.

— Ele estava preso na noite em que Conroy foi assassinado. — Eve franziu o cenho ao ler os dados que apareciam ao lado da imagem. — Foi pego dirigindo bêbado.

— Sim. Aparentemente, tem um problema com o álcool — comentou a inspetora, reparando nas dezenas de multas e transgressões por bebida e arruaças, inclusive direção de veículos sob o efeito de drogas pesadas e provocação de distúrbios na ordem pública — ...e também espanca a mulher. Um homem adorável.

— Ele costumava ficar de ovo virado por qualquer motivo e descontava a raiva surrando a namorada — informou Roarke. — Annie... acho que era esse o seu nome.

— Sim. Annie Murphy — confirmou a inspetora, suspirando. — Ela se casou com o namorado e apanha dele, regularmente, até hoje.

— Um anormal pervertido, mas não um assassino — decidiu Eve, retirando sua foto. — Vamos à figura encantadora número três.

— Ora, aqui está uma possibilidade. Já lidei com Jamie Rowan e garanto-lhes que este aqui não é um imbecil qualquer. É esperto, dissimulado. Sua mãe veio de uma família muito rica, e isso lhe proporcionou um nível de educação elevado. Adora viver cercado de luxo e conforto. — E é um filho da mãe muito bonito — comentou Eve. — Realmente é, e sabe muito bem o charme que tem. Viciado em jogo o nosso Jamie, e quando os que perdem para ele não pagam logo o que lhe devem, envia um dos capangas para lhes fazer uma visita. Interrogamos este lindo rapaz no ano passado, por suspeita de cumplicidade em um assassinato. Um de seus homens cometeu o crime sob as suas ordens, isso nós sabemos com certeza, mas não conseguimos provar.

— E ele também ataca os desafetos pessoalmente?

— Não. Pelo menos que tenha sido confirmado.

— Vamos mantê-lo na lista, mas ele me parece frio demais, do tipo que só aperta botões e distribui ordens. Você o conhecia, Roarke?

— O bastante para deixá-lo com um olho sangrando e alguns dentes moles — sorriu Roarke, acendendo um cigarro. — Devíamos ter uns doze anos. Ele tentou me assustar. Não funcionou.

— Estes foram os três últimos de nossa lista de possibilidades. Encurtamos a lista para... deixe ver... — a inspetora contou as fotos rapidamente — ...doze nomes. Destes todos, estou inclinada na direção de Rowan, ou Black Riley, o mais esperto do grupo.

— Então, vamos deixá-los no topo da lista. O problema é que não se trata apenas de cérebro — continuou Eve, andando em volta da mesa de reuniões. — Temos um temperamento forte. Muita paciência. E ego. Além do mais, tudo tem relação com a religião do assassino.

— E a maior probabilidade é a de que ele seja católico, se pertence a uma dessas famílias. A maioria é de praticantes, gente que assiste à missa de forma pia e respeitosa no domingo de manhã, depois de ter aprontado o que bem quis no sábado à noite.

— Não sei muita coisa a respeito de religiões, seja o catolicismo ou qualquer outra, mas uma das ligações que ele me fez mostrava imagens do que identificamos como uma missa católica de corpo presente, e as imagens que deixa nas cenas do crime são de Maria, portanto, essa é a minha aposta. — De forma casual, Eve tocou com a ponta dos dedos o medalhão que estava no fundo do bolso e o puxou para fora. — Isto significa algo para você?

— Sorte — disse a inspetora. — Boa ou má. Temos uma artista local que usa trifólios, mais conhecidos como trevos, à guisa de assinatura, em suas pinturas. — Franziu o cenho ao virar o medalhão. — Há um símbolo cristão do outro lado. O peixe. Bem, o que temos aqui indica que o nosso homem raciocina como um verdadeiro irlandês. Reza a Deus e espera conseguir sorte na vida.

— Quanta sorte acha que poderá ter se convocar estes doze para interrogatório? — quis saber Eve, tornando a guardar o medalhão no bolso.

— Bem, em se tratando desse grupo — Farrell deu uma risada curta —, se eles não forem chamados para interrogatório pelo menos uma vez por mês vão se sentir rejeitados. Se quiserem, podem ir comer alguma coisa. Logo depois do almoço começaremos os interrogatórios.

— Eu lhe agradeço muito. Você me deixaria acompanhá-la enquanto os interroga?

— Pode me acompanhar e observar, tenente, mas não participar.

— Parece-me justo.

— Não posso estender o convite a civis — disse a Roarke —, mas talvez você ache a tarde proveitosa para procurar alguns velhos amigos e convidá-los para tomar um chope.

— Certo. Obrigado pelo seu tempo.

A inspetora apertou a mão que Roarke lhe oferecera e a segurou por um momento, enquanto olhava fixamente para ele.

— Prendi o seu pai certa vez, quando ainda era uma recruta. Ele me pareceu muito indignado por ter sido preso por uma fêmea. Esse foi o termo mais suave que usou para se referir a mim. Eu era inexperiente, e ele conseguiu abrir os meus lábios com um soco antes que eu conseguisse imobilizá-lo.

— Sinto muito por tudo isso. — Os olhos de Roarke pareceram frios e sem expressão ao dizer isso enquanto recolhia a mão.

— Você não estava junto dele, pelo que me lembro — comentou a inspetora com a voz tranquila. — Recrutas geralmente não esquecem seus primeiros erros, por isso eu me lembro tão bem dele. Esperava encontrar alguma coisa do seu pai em você, mas isso não aconteceu. Não há nada dele em você. Tenha um bom dia, Roarke.

— Um bom dia para você também, inspetora.

No momento em que Eve entrou de volta no hotel, já digerira o almoço por completo. A fadiga e a irritação causadas pela diferença de fusos horários deixavam a sua mente turva. A suíte estava vazia, mas havia meia dúzia de fax codificada esperando por ela, pronta para ser impressa. Eve ingeriu um pouco de café, aumentando a quantidade de cafeína em seu organismo já sobrecarregado enquanto analisava os relatórios.

Abriu tanto a boca para bocejar que seu maxilar estalou, e resolveu ligar para o *tele-link* de sua auxiliar.

— Aqui fala Peabody.

— E aqui é Dallas. Acabei de chegar de volta ao hotel. Os peritos já acabaram de examinar a van branca abandonada no centro da cidade?

— Sim, senhora. Pista errada. A van foi usada para um roubo em Nova Jersey e deixada para trás junto do canal. Continuo a seguir esta linha de investigação, mas vai levar ainda muito tempo para eliminar os veículos. O táxi cuja placa foi usada também não deu em nada. O motorista nem havia notado que a sua placa tinha sido roubada.

— E McNab avançou nas averiguações sobre o misturador de sinais?

Peabody fez um muxoxo, mas logo retomou o ar sério, informando:

— Parece que está tendo algum progresso, embora relate as coisas usando uma língua estranha, o eletrôniquês, idioma que eu não domino. Compartilhou grandes momentos com um especialista em eletrônica que trabalha para Roarke. Acho que estão apaixonados um pelo outro.

— Esse seu mau humor já está dando bandeira, Peabody.

— Muito menos do que seria de esperar. Nenhuma outra ligação foi feita para o seu *tele-link*, portanto eu imagino que o nosso rapaz esteja dando um tempo para a sua carnificina. McNab vai passar a noite aqui em sua sala, para o caso de ele ligar. Eu vou ficar também.

— Você e McNab vão ficar em meu escritório a noite inteira?

A boca de Peabody quase fez um biquinho de pirraça ao responder:

— Se ele vai ficar, eu vou ficar também. Além do mais, a comida aqui é excelente.

— Tentem não se matar.

— Estou demonstrando um admirável autocontrole nessa área, senhora.

— Muito bem. Summerset está se comportando direitinho?

— Sim. Foi à aula de pintura, e em seguida saiu para tomar um café com aquela senhora amiga dele. Eu mandei segui-lo. O encontro entre os dois foi muito comportado, de acordo com o que me contaram. Ele voltou para casa há vinte minutos.

— Cuide para que ele permaneça em casa.

— Já providenciei isso. Algum progresso aí?

— Não exatamente. Temos uma lista de criminosos em potencial que caiu pela metade depois dos interrogatórios. Vou dar uma olhada mais cuidadosa nos seis que sobraram — disse, esfregando os olhos cansados. — Um deles está em Nova York e um parece que foi para Boston. Vou localizá-los quando voltar amanhã. Devemos chegar ao meio-dia.

— Vamos manter a lareira acesa.

— Encontre aquela droga de van, Peabody — ordenou ela, desligando e ordenando a si mesma para não se preocupar nem especular sobre o local onde Roarke poderia estar.

Ele tinha coisas mais importantes a fazer do que voltar para o hotel. Era algo tolo e sem resultados, mas irresistível. A favela onde morara mudara muito pouco desde o tempo em que ele era um menino, tentando escapar dali. As casas construídas com material inferior estavam com os telhados caindo aos pedaços e as janelas quebradas. Era raro ver flores no local, mas algumas almas esperançosas cultivaram um jardim minúsculo junto à porta de entrada do prédio de seis andares onde um dia ele morara.

As flores, porém, embora fossem bem coloridas, não conseguiriam resistir por muito tempo ao cheiro de urina e vômito, muito menos diminuir o desespero que tornava o ar tão pesado.

Roarke não sabia por que resolvera ir até ali, mas se viu de repente dentro do escuro saguão de entrada com piso gosmento e tinta descascada. E ali estava o lance de escadas do alto do qual o seu pai um dia o chutara por ele não ter alcançado a cota de carteiras afanadas para aquele dia.

*Ora, mas eu alcancei a cota*, pensava Roarke naquele momento. O que representavam alguns chutes e tombos comparados às libras que ele andava escondendo? O velho vivia bêbado e era burro demais para suspeitar que o seu menino açoitado pudesse guardar para si um pouco da bufunfa.

Roarke sempre fizera isso. Uma libra aqui e outra ali podiam se transformar em uma grande soma nas mãos de um menino determinado a abrir os próprios caminhos e correr os próprios riscos.

— Ele ia me quebrar a cara de qualquer modo — murmurou baixinho, olhando para o alto dos degraus muito gastos.

Ouviu alguém praguejando, e outro alguém choramingando. Era comum ouvir xingamentos e choros em lugares como aquele. O cheiro de repolho cozido era forte e fez o seu estômago revirar, levando-o a voltar correndo para fora em busca de ar puro.

Reparou que um adolescente com calça preta apertada e um tufo de cabelos louros o observava friamente da esquina. Do outro lado da rua, duas meninas riscavam a calçada rachada com giz, preparando-se para pular amarelinha, e também pararam para olhar para ele. Roarke passou pelos jovens, consciente de que havia outros olhos observando com atenção, espiando por janelas e portas entreabertas.

Um estranho usando sapatos caros era algo curioso e ultrajante.

O menino o xingou de algo em idioma celta. Roarke se virou na mesma hora e encarou o olhar de deboche que o garoto lhe lançou.

— Agora eu vou-me embora pelo beco — avisou ele, usando a mesma língua, que lhe saiu dos lábios com mais facilidade do que imaginara. — Se você pretende se arriscar a vir me atacar, saiba que estou muito a fim de ferir alguém seriamente. Pode ser você ou outro qualquer.

— Tem gente que morre ali — replicou o menino. — Pode ser você ou outro qualquer.

— Então vem!... — Roarke sorriu. — Dizem por aí que eu matei o meu pai bem naquele beco quando tinha a metade da sua idade, enfiando uma faca em sua garganta do mesmo jeito que a gente faz para matar um porco.

O menino, que apoiava o peso do corpo sobre uma das pernas, mudou de posição e seus olhos brilharam. O ar de desafio se transformou em respeito.

— Você é Roarke, então.

— Sou. Fique longe de mim e talvez viva o bastante para ver seus filhos.

— Já estou caindo fora! — berrou o menino para ele. — Vou cair fora daqui do mesmo jeito que



você fez, e um dia também vou usar sapatos de bacana que nem os seus. Só que jamais vou voltar a este lugar.

— Foi isso o que *eu* também pensei — suspirou Roarke, entrando pelo beco estreito que ficava entre dois prédios altos.

A máquina de reciclagem de lixo enguiçara. Aliás, já estava quebrada desde que ele se entendia por gente. Lixo e refugos jaziam espalhados, como sempre, sobre o asfalto esburacado. O vento penetrou em seu colarinho e em seus cabelos no instante em que parou, olhando para o chão, no local exato em que seu pai fora encontrado morto.

Não foi ele que enfiara a faca no pai. Ah, como ele sonhara com aquilo: matar o sujeito; toda vez que levava uma surra aplicada por aquelas mãos terríveis pensava em revidar. Mas ele tinha apenas doze anos, ou pouco mais, quando o seu pai encontrara a morte naquela faca, e com essa idade Roarke jamais matara alguém.

Conseguira escapar daquele lugar e daquele buraco. Sobrevivera e triunfara. Naquele momento, talvez pela primeira vez na vida, compreendeu a extensão do quanto ele mudara.

Nunca mais consideraria a imagem que o desafiara na esquina como um reflexo de si mesmo. Ele era um homem que crescera e se transformara no que escolhera. Apreciava a vida que construía para si mesmo, e não só por ela ser o oposto do que ele fora.

Agora ele tinha conhecido o amor, o amor quente por uma mulher, que jamais teria criado raízes em seu coração se ele se mantivesse empedernido.

Após todos aqueles anos descobriu que voltar mexera com os seus fantasmas, mas também os colocara para repousar.

— Foda-se, seu canalha! — murmurou, com um alívio scandalizado. — Você não conseguiu acabar comigo, afinal.

Virando as costas para o que ele fora no passado, seguiu em direção ao que era e ao que poderia vir a ser. Ele caminhou satisfeito através da chuva que começou a cair como lágrimas vertidas pelo céu.

## CAPÍTULO DEZESSEIS

Eve jamais fora a um velório como aquele e ficou surpresa ao ver que, apesar do estilo tão especial que Roarke tinha para fazer as coisas, tivesse escolhido organizar o evento no Porquinho Rico.

O pub fechara para pessoas de fora, mas estava lotado do mesmo jeito. Pelo visto, Jennie deixara para trás um monte de amigos, embora não tivesse família.

Um velório irlandês, conforme Eve ia descobrir, se parecia muito com um pub irlandês. Música e conversas animadas regadas abundantemente a álcool e cerveja.

Aquilo a fez lembrar de um velório ao qual comparecera menos de um mês antes, o qual acabara levando a mais morte e violência. No outro velório, o corpo fora exibido em um caixão com tampo de vidro e o ambiente parecia pesado devido às cortinas vermelhas muito drapeadas e ao cheiro de flores. O clima era de pesar e as vozes, sussurradas.

Ali a morta era lembrada de uma forma diferente.

— Grande garota a Jennie. — Um homem no bar levantou um copo e elevou a voz acima do barulho da multidão. — Ela jamais batizou o uísque que vendia, não era unha de fome ao servi-lo e seu sorriso era tão quente quanto a bebida.

— Brindemos a Jennie, então! — concordaram todos, batendo com os copos e bebendo um grande gole.

Histórias iam sendo contadas, variando das virtudes da falecida, muito benquista, passando por piadinhas relacionadas com alguns dos presentes. Roarke era um dos alvos favoritos.

— Houve uma noite da qual eu me lembro bem — começou Brian — há muitos anos, quando nossa Jennie era ainda mocinha, uma moça e tanto, por sinal. Ela estava servindo cerveja e cuidando da entrada ao mesmo tempo. Foi ainda na época em que Maloney era o dono deste lugar, que Deus guarde a sua alma de ladrão. Eu cuidava do bar e ganhava uma merreca de salário.

Parou, tomou um gole e trouxe com força um dos cigarros que Roarke lhe dera.

— Eu estava de olho na Jennie — continuou ele. — Aliás, que rapaz em sã consciência não estaria? Só que ela não queria nada comigo. Era em Roarke que ela estava de olho. Certa noite, estávamos com a casa cheia e todos os rapazes tinham esperança de receber uma piscadela de Jennie. Eu mesmo lancei para ela os olhares mais melosos. — Colocou uma das mãos sobre o coração, suspirando ruidosamente, de forma que a plateia em volta soltou urros de satisfação, aplaudindo-o.

— Ela não dava a mínima para mim, só tinha olhos para Roarke. E ali estava ele, talvez sentado

na mesma mesa onde está agora. Não estava tão bem-vestido como esta noite, e eu seria capaz de apostar uma ou duas libras como também não cheirava tão bem. Enfim... Jennie esbarrou de propósito nele um monte de vezes e se inclinou para a frente, chegando com o busto tão perto dele que meu coração disparou, disposto a dar tudo o que eu tinha para também obter uma visão espetacular do seu decote, até que finalmente perguntou a Roarke se ele gostaria que ela fosse lá atrás lhe pegar outro drinque.

Nesse momento, Brian fez uma pausa, tornou a suspirar, molhou a garganta e prosseguiu com a história:

— Roarke parecia cego diante dos sinais que ela lhe enviava e surdo aos convites ocultos daquela voz quente. Ali estava ele, sentado diante da garota dos meus sonhos, que lhe oferecia a glória, e o mané continuava anotando valores em um caderninho todo arrebitado, somando e calculando os seus lucros. Sempre foi um homem de negócios... então, Jennie, que era determinada como ninguém quando enfiava alguma coisa na cabeça, resolvera ter Roarke, e pediu a ele para que fosse lhe dar uma mãozinha lá nos fundos, por um momento, pois não conseguia alcançar um objeto que estava em uma prateleira alta. Assim, já que ele era tão alto e forte, queria que pegasse o pacote para ela.

Brian girou os olhos com ar provocante diante dessa afirmação, enquanto uma das mulheres se debruçou sobre a mesa onde Roarke se mantinha sentado ao lado de Eve e, com toda a naturalidade, apertou seu biceps para testá-lo.

— Bem, o rapaz não era mal-educado, apesar de seu jeito de menino pouco comportado — continuou Brian. — Colocou o caderninho no bolso do casaco e foi com ela para os fundos do pub. Podem acreditar... levaram um tempão lá atrás, e eu aqui, com o coração partido, servindo no bar para Maloney. Quando os dois finalmente voltaram, estavam muito despenteados e com as roupas amassadas, além de exibirem um olhar de gato que comeu o canário. Foi nesse momento que eu percebi que perdera Jennie para sempre. Duvido muito que ele tenha ido lá só para pegar o pacote que estava na prateleira alta. No entanto tudo o que fez foi tornar a se sentar com a maior naturalidade. Lançou um sorriso rápido e malicioso para ela e voltou ao seu caderninho para contabilizar os lucros.

— Tínhamos dezesseis anos nós três — terminou Brian. — Ainda sonhávamos com o que a vida poderia nos proporcionar. Agora, o pub de Maloney pertence a mim, os lucros de Roarke são tão grandes que não cabem em um caderninho, e Jennie, a doce Jennie, foi morar com os anjos.

Depois de algumas lágrimas generalizadas diante do fim da história, a conversa recomeçou, em murmúrios. Trazendo o copo, Brian foi até os fundos e se sentou diante de Roarke, perguntando:

— Você se lembra da noite sobre a qual eu falei?

— Lembro. Foram lindas as recordações que você me trouxe de volta.

— Talvez não tenha sido muito adequado da minha parte contar tudo aquilo. Espero que você não se ofenda, Eve.

— Só se eu tivesse um coração de pedra para me ofender com uma história dessas. — Talvez fosse o efeito do ar, ou da música, ou das vozes, mas tudo aquilo a deixou sentimental. — Jennie sabia dos sentimentos que você nutria por ela, Brian?

— Na época, não. — Brian balançou a cabeça e seus olhos brilharam. — Mais tarde, nos tornamos tão amigos que não havia mais espaço para essas coisas. Meu coração sempre teve uma quedinha por ela, mas o sentimento foi se modificando com o passar dos anos. Era a lembrança dela que eu amava. — Pareceu estremecer ao dizer aquilo. Então, bateu com o dedo no copo de Roarke. — Ora, mas você mal está bebendo!... Será que ficou com a cabeça fraca para aguentar um bom uísque irlandês depois de morar no meio daqueles ianques?

— Minha cabeça sempre foi mais forte para bebida do que a sua, não importa onde eu morasse.

— Sim, você tinha cabeça boa para bebida — admitiu Brian. — Mas eu me lembro de uma noite... foi logo depois de você ter vendido um carregamento de Bordeaux francês que contrabandeara de Calais, com a sua licença, tenente querida. Você se lembra do que eu estou falando?

Os lábios de Roarke formaram um sorriso afetado e ele acariciou os cabelos de Eve, dizendo:

— Eu contrabandeei bem mais do que um carregamento de vinho francês na minha carreira.

— Ora, sem dúvida, sem dúvida, mas nessa noite em particular você deixou meia dúzia de garrafas de fora. Estava com um estado de espírito leve e generoso. Montou uma mesa de cartado, um jogo amigável para variar, e nós nos sentamos, jogando e bebendo juntos até a última gota. Você, eu, Jack Bodine e aquele bobalhão do Mick Connelly, que acabou se deixando esfaquear e morreu em Liverpool há alguns anos. Pode acreditar, tenente querida... esse seu marido ficou mais bêbado do que seis marujos juntos, e mesmo assim conseguiu levar todo o dinheiro que tínhamos.

— Mas eu me lembro que acordei com os bolsos bem leves na manhã seguinte — reclamou Roarke, pegando o copo e tomando um gole.

— Ora... — Riu Brian, mostrando todos os dentes. — Quando alguém fica bêbado ao lado de um bando de ladrões, o que pode esperar que aconteça? Mas aquele vinho era muito bom, Roarke. Eta vinho danado de bom!... Vou pedir para eles tocarem uma das nossas velhas canções. Que tal "Fita de Veludo Preto"? Você canta junto conosco?

— Não.

— Cantar? — Eve se aprumou na cadeira. — Ele canta?!

— Não! — repetiu Roarke, com ar decidido, enquanto Brian tornava a rir.

— Incentive-o um pouco, mantenha o seu copo sempre cheio e você vai arrancar uma canção dele.

— Mas ele não canta nem no chuveiro. — Olhou pensativa para Roarke — ...Canta?

— Não — disse ele uma terceira vez, lutando entre a vontade de rir e o embaraço que sentia, enquanto balançava a cabeça com energia e levantava o copo. — ...E não pretendo ficar tão bêbado a ponto de provar que estou mentindo.

— Bem, pelo menos podemos tentar chegar lá. — Brian piscou um olho, levantando-se. — A partir de agora, vou pedir que toquem apenas músicas alegres. Quer dançar comigo, Eve?

— Talvez. — Ficou olhando quando ele se encaminhou até os músicos, decidido a animar o ambiente. — Humm... — Lançou um olhar longo e especulador para o homem com o qual se casara.

— Você bêbado, cantando em pubs e se esfregando com garçonetes nos fundos de um bar... tudo isso é muito interessante.

— Quando você começa a beber, o resto acontece sem querer.

— Bem que eu gostaria de ver você bêbado. — Apertou-lhe a bochecha, feliz por ver que a tristeza desaparecera de seus olhos. O lugar aonde ele fora à tarde continuava em segredo, mas ela ficara satisfeita por ver que aquilo lhe fizera bem.

— Quer que eu me esfregue com você nos fundos do bar? — Ele se inclinou, roçando os lábios dela com os seus. — Veja, começou a sua dança — acrescentou, ao ouvir que a música ficara mais agitada.

Eve olhou para o salão e viu Brian vindo na direção dela, com os pés saltitando.

— Gosto dele — disse ela.

— Eu também. Acho que havia me esquecido disso.

Os raios de sol e os pingos de chuva chegavam ao mesmo tempo e transformaram as luzes da manhã em pérolas. No terreno ao lado da igreja havia cruzeiros de pedra muito antigas, cheias de buracos causados pelo vento e pelos anos. Os mortos repousavam juntos uns dos outros, tornados íntimos pelo destino. O som do mar vinha por trás dos penhascos em um troar constante que provava que o tempo não parava nem mesmo ali.

Não havia uma única bicicleta aérea ou dirigível para perturbar o céu onde as nuvens se

empilhavam em camadas sobre o azul, como cobertores cinzentos. A grama que cobria os montes e crescia apontando para o céu tinha o tom profundo de esmeraldas, típico das esperanças e dos sonhos.

A atmosfera fez Eve pensar em filmes antigos e hologramas artísticos.

O padre usava um manto comprido, muito tradicional, e usava o idioma celta. Enterrar os mortos era um ritual que só os ricos tinham condição de bancar. Aquela era uma visão rara e uma multidão se aglomerava do lado de fora dos portões, em silêncio respeitoso, enquanto o caixão era baixado na cova recém-aberta.

Roarke apoiou o rosto na testa de Eve, parecendo sentir um pouco de conforto ao ver os presentes fazerem o sinal da cruz. Ele estava enterrando mais do que uma amiga e sabia disso. Estava enterrando uma parte de si mesmo, uma parte que já julgava enterrada há muito tempo.

— Preciso trocar algumas palavras com o padre.

— Eu espero aqui — disse Eve, colocando a mão sobre a de Roarke, que continuava em seu ombro.

Quando o viu se afastar de Eve, Brian se aproximou.

— Ele cuidou muito bem de Jennie. Ela vai repousar em paz aqui, sob as sombras frescas durante o verão. — Com as mãos nos quadris, de forma confortável, olhou para além do cemitério. — Eles ainda fazem badalar os sinos no campanário todo domingo de manhã. Não é uma gravação, são sinos de verdade. O som é muito bonito.

— Ele a amava — afirmou Eve.

— Não existe nada tão doce quanto o primeiro amor dos jovens e dos solitários. Você se lembra da sua infância, minha querida?

— Não tive infância, mas eu a compreendo.

— Ele não podia ter escolhido ninguém melhor — afirmou Brian, colocando a mão no ombro de Eve e dando-lhe um aperto carinhoso —, mesmo você tendo cometido o infeliz erro de virar tira. Você é uma boa policial, tenente querida?

— Sou. — Algo no tom de voz dele fez com que ela o olhasse de frente, bem em seus olhos. — Isso é o que eu sei fazer de melhor na vida.

Brian balançou a cabeça e seus pensamentos pareceram voar em outra direção quando ele desviou o olhar, comentando:

— Só Deus sabe a fortuna que Roarke está entregando ao padre naquele envelope.

— Você se sente por isso? Pela quantidade de dinheiro dele?

— Na verdade, não. — Riu um pouco. — Não que eu não desejasse ter tanta grana assim. Mas ele fez por merecer. Roarke era sempre o primeiro a descobrir os novos lances, estava sempre adiante do seu tempo. Tudo o que eu queria na vida era um pub e, já que consegui alcançar o meu sonho, também me considero rico. — Brian olhou para a saia preta do tailleur de Eve e para os seus sapatos simples de salto alto, também pretos. — Você não está vestida para andar junto dos penhascos, mas aceitaria tomar o meu braço e caminhar naquela direção em minha companhia?

— Tudo bem. — Brian estava com alguma coisa na cabeça, pensou Eve, e percebeu que ele queria um pouco de privacidade para conversar.

— Sabe de uma coisa?... Jamais cruzei o mar para ir até a Inglaterra — começou Brian enquanto caminhava lentamente pelo solo irregular. — Nunca tive vontade. Um homem pode ir para qualquer lugar que queira, dentro e fora do planeta, em menos tempo do que leva para planejar a viagem, mas eu jamais saí desta ilha. Consegue ver os barcos lá adiante?

Eve olhou para longe dos penhascos, sobre o mar agitado. Hidrojatos iam de um lado para outro, brilhantes como pedras polidas e mal arranhando a superfície do oceano.

— Gente indo e vindo do trabalho e turistas? — perguntou ela.

— Sim. Correm daqui para a Inglaterra e vêm da Inglaterra para cá, de volta. Dia após dia, ano após ano. A Irlanda ainda é relativamente pobre, comparada com os países vizinhos e, por isso, um trabalhador ambicioso pode arrumar um emprego lá e andar de hidrojato ou ônibus aéreo todo dia para ir e para voltar do trabalho se tiver grana. Isso lhe custa dez por cento do ordenado, esse privilégio de morar em um país e trabalhar em outro, pois os governos sempre arrumam um modo de tirar dinheiro dos trabalhadores. A noite, ele volta para casa. E aonde tudo isso o leva? Para que essa correria toda, para lá e para cá, para a frente e para trás a vida inteira? — Encolheu os ombros. — Eu prefiro me fincar em um lugar e observar esse desfile.

— O que está passando pela sua cabeça, Brian?

— Muitas coisas, tenente querida. Um monte de coisas.

Quando Roarke veio se encaminhando na direção deles, lembrou-se de que conhecera Eve em um cemitério. Era o funeral de outra mulher cuja vida também fora roubada. Fazia frio naquele dia e Eve se esquecera de vestir as luvas. Usava um casacão cinza medonho com um botão solto. Lembrando-se de tudo, Roarke enfiou a mão no bolso e tateou o botão que caíra do casacão horrível de Eve naquele dia e se transformara em seu amuleto.

— Está flertando com a minha mulher, Brian?

— Bem que eu faria isso, se achasse que tinha o mínimo de chance. O fato é que eu tenho

informações que podem interessar a vocês dois. Recebi uma ligação esta manhã, de Summerset.

— Ora, mas por que razão ele ligaria para você? — especulou Roarke.

— Para me dizer que você precisa de mim em Nova York, com urgência. A viagem será feita às suas custas.

— Quando foi que você recebeu esta ligação? — Eve já estava pegando o *tele-link* de mão para entrar em contato com Peabody.

— Às oito da manhã de hoje. Ele me disse que era de suma importância que eu não comentasse sobre a ligação com ninguém, exceto quando chegasse lá e me encontrasse pessoalmente com Roarke. Devo voar ainda hoje e me hospedar no Hotel Central Park Arms, onde uma suíte estará reservada em meu nome. Lá eu devo esperar para ser novamente contatado.

— Como pode saber que era realmente Summerset? — perguntou Roarke.

— Pelo amor de Deus, Roarke, parecia com ele e tinha a mesma voz. Estava um pouco mais duro, um pouco mais velho, mas eu não tenho dúvidas. Ele não quis muito papo e desligou assim que eu comecei a pressioná-lo para explicar melhor.

— Peabody! Levante essa bunda da cama!

— O quê? — Peabody, com os olhos inchados e toda despenteada, apareceu na tela, bocejando.  
— Desculpe, senhora. Sim, senhora, já estou acordada e alerta.

— Chute McNab para fora da cama e mande-o fazer uma varredura nas ligações feitas aí de casa. Preciso saber se alguém daí ligou para a Irlanda... se foi, isso deve ter ocorrido por volta de... deixe ver... qual é mesmo a diferença de fuso horário para Nova York?... Três da manhã.

— Já estou chutando o detetive para fora da cama, tenente.

— Entre em contato comigo no minuto em que tiver a resposta. — Desligou, colocou o *tele-link* no bolso e disse a Brian: — Preciso levar o disco de memória do seu *tele-link* para a polícia daqui. Vamos entregar uma cópia para a inspetora Farrell, mas eu vou precisar da gravação original.

— Bem, eu já imaginava isso. — Brian pegou um pequeno disco no bolso. — Trouxe o original comigo.

— Bem pensado. O que combinou com o homem que ligou para você?

— Bem, eu disse que precisava cuidar dos meus negócios aqui, que não podia largar tudo e ir para o outro lado do Atlântico assim, de uma hora para outra. Tentei cair fora, mandei que ele pedisse a Roarke para vir até aqui. Ele insistiu que eu é que tinha que ir até lá imediatamente, mas



garantiu que Roarke iria me recompensar regamente. — Sorriu de leve. — Foi uma oferta tentadora... Viagem na primeira classe, estadia totalmente paga e vinte mil libras por dia, para cada dia em que eu estivesse longe de casa. Só um louco recusaria.

— Não saia de Dublin! — A voz de Roarke era áspera, cheia de fúria, e ele empurrou Brian para trás.

— Talvez eu resolva ir até Nova York para dar a este canalha assassino uma provinha do poder de Brian Kelly.

— Não saia de Dublin! — repetiu Roarke com os olhos estreitos, frios e os punhos prontos para a luta. — Se tiver que colocar você a nocaute a fim de impedi-lo, eu não me importo.

— Você acha mesmo que consegue me derrubar, é?... — Pronto para a luta, Brian começou a despir o casaco. — Vamos tirar isso a limpo.

— Parem vocês dois, seus idiotas! — berrou Eve, colocando-se entre os dois, já preparada para nocautear ambos, se necessário. — Você deve permanecer aqui em Dublin, Brian, porque a única provinha que esse criminoso cretino vai ter é a minha. Vou mandar bloquear o seu visto de saída, e se você tentar sair do país de forma clandestina, vai passar agradáveis dias no xadrez.

— Que se dane o visto de saída, eu vou...

— Cale a boca! E você! — continuou ela, virando-se na direção de Roarke. — Para trás! Ninguém vai derrubar ninguém aqui, a não ser que seja eu a fazer isso. Bastam dois dias na Irlanda e tudo o que você consegue pensar se resume em socar alguém. Deve ser o clima...

Seu *tele-link* tocou.

— É Peabody — avisou Eve. — Agora lembrem-se bem vocês dois: pessoas que agem como imbecis são tratadas como imbecis também! — Ela se afastou dos dois para atender a chamada. O rosto de Brian se transformou, abrindo um sorriso largo, enquanto dava tapinhas no ombro de Roarke, comentando:

— Isso é que é mulher, hein?!...

— É delicada como uma rosa, a minha Eve. De natureza frágil e sossegada. — Sorriu para si mesmo quando a ouviu xingar ao longe, com palavras ásperas e ferozes. — Sua voz parece uma flauta.

— E você está de quatro, completamente apaixonado por ela.

— Pateticamente apaixonado. — Roarke se manteve calado por um momento, e então falou baixinho: — Fique aqui em Dublin, Brian. Sei que conseguir um visto falso é tão fácil para você quanto atravessar a rua, mas estou lhe pedindo para não fazer isso. Acabei de enterrar Jennie e é

muito cedo para eu me arriscar a perder outro amigo.

— Eu nem estava pensando em ir, até que você veio me dar ordens para eu ficar. — Brian soltou um suspiro.

— O filho da mãe me enviou flores! — Eve estava fumegando ao voltar. — Ei, tira a mão de mim! — reagiu ela, dando tapas nas mãos de Roarke e fazendo uma cara feia quando ele a agarrou pela lapela.

— Explique essa história.

— Acabaram de chegar duas dúzias de rosas com um bilhete onde ele diz que espera que eu me recupere bem depressa, para a próxima partida. Disse que está fazendo uma novena em meu nome, o que quer que isso signifique, para uma recuperação rápida e completa. Peabody chamou o esquadrão anti-bomba para analisar a encomenda, só para garantir, e segurou o rapaz da entrega, que parece inocente. Não houve ligação alguma feita de nossa casa nessa madrugada e McNab vai precisar do disco original de Brian para tentar rastrear o sinal. — Quando as mãos de Roarke, que ainda a seguravam, relaxaram um pouco, Eve as segurou com carinho. — Tenho que voltar para Nova York... agora!

— Sim. Podemos ir direto daqui mesmo. Precisa de uma carona para Dublin, Brian?

— Não, podem ir. Estou de carro. Tome cuidado, Roarke — aconselhou, abraçando-o com força.

— E volte...

— Voltarei.

— E traga a sua adorável esposa. — Enquanto Eve piscava os olhos, surpresa, Brian a agarrou, deu-lhe um abraço muito apertado e a beijou de forma longa e carinhosa. — Vá com Deus, tenente querida, e mantenha esse rapazinho aqui na linha e com rédeas curtas.

— E você cuide bem do seu traseiro e tenha cuidado — gritou Roarke, já se afastando.

— Vou cuidar do resto de mim também — prometeu Brian, e se virou para observar os barcos rápidos que continuavam cruzando as águas.

Era pouco mais de oito horas da manhã, hora local, quando Eve chegou de volta ao seu escritório. Olhou com frieza para o jovem e desajeitado rapaz de entregas, que continuava sentado, pouco à vontade, na cadeira em frente à sua mesa.

— Então você recebe um pedido para entregar rosas em uma residência antes das seis da manhã e não acha isso esquisito, Bobby?

— Bem, dona... senhora... ahn, tenente, isso às vezes acontece. Temos um serviço de entrega vinte e quatro horas por dia, porque as pessoas gostam dessa facilidade. Teve uma vez em que eu fiz entrega de uma samambaia no East Side às três da manhã. O cara havia esquecido o aniversário da namorada, ela tinha ficado injuriada com o sujeito, que resolveu surpreendê-la, e então...

— Tá, tá, já entendi... — Eve deixou os detalhes de lado. — Fale-me novamente a respeito do pedido.

— Certo, tudo bem, ahn... tá legal. — Sua voz aumentava e diminuía de nervoso, subindo e descendo como uma rolha em alto-mar. — Fico de plantão de meia-noite às oito da manhã. Quando alguém liga para a loja, a ligação é transferida automaticamente para o meu bipe. Leio o pedido na tela, vou até a loja, monto a encomenda e a entrego no local determinado.

Tenho um cartão mestre para abrir a loja de flores e consigo entrar na hora em que ela está fechada para o público. Minha tia é a dona da loja, então confia em mim. Como frequento a escola no sistema de aulas apenas três vezes por semana, esse trabalho serve para colocar algumas fichas trocadas no bolso.

— A policial Peabody já pegou o seu bipe?

— Sim, eu o entreguei a ela. Sem reclamações, sem estresse. Vocês querem, eu entrego.

— E foi você que colocou as flores na caixa, pessoalmente?

— Foi, é sopa fazer isso. Basta colocar umas folhagens verdes no fundo da embalagem, depois uma camada de flores daquelas miudinhas, tipo monsenhor, e, por último, as rosas. Minha tia já deixa as caixas, fitas e laços todos prontos para ficar mais rápida a montagem dos arranjos. A policial ali já ligou para a minha tia e confirmou tudo. Vou precisar de um advogado?

— Não, Bobby, você não vai precisar de um advogado. Obrigada por ter esperado que eu chegasse para conversar com você.

— Então eu... já posso ir?

— Sim, pode ir.

— Puxa, eu nunca tinha conversado antes com um tira. — Ele se levantou, abrindo um sorriso. — Até que não é tão mau.

— Hoje em dia, quase não torturamos as testemunhas.

— Isso é uma piada, não é? — perguntou ele, rindo, ligeiramente trêmulo. — ...Não é?

— Pode apostar. Agora caia fora, Bobby.

Eve balançou a cabeça e fez sinal para Peabody entrar, perguntando:

— McNab conseguiu alguma coisa com o bipe?

— O pedido de entrega foi feito a partir de um *tele-link* público da Estação Central. Foi todo digitado, não há sinais vocais e o valor foi pago por transferência eletrônica de dinheiro. A origem da grana é indeterminada, pois o sinal foi adulterado. Não dá para saber quem pagou nem com uma tropa de andróides farejadores.

— Não esperava que ele fosse voltar tão depressa. E a van?

— Nada sólido por enquanto. Estou pesquisando os tênis também. O computador calculou que o tamanho é 39. Pequeno para sapato de homem. Aquele modelo foi lançado há seis meses, é caríssimo, e o mais comprado por garotões que curtem andar na moda e tirar uma onda. Até agora já listei seiscentos pares desse modelo, tamanho 39, que foram vendidos até hoje só no centro.

— Continue pesquisando. E o casaco?

— Descobri trinta vendas do modelo no mesmo período, mas nenhuma delas bate com o comprador dos tênis. E nada também em relação às imagens.

— McNab!?

Em poucos segundos, uma cabeça apareceu no portal.

— Oi!

— Relatório e progresso das suas atribuições.

— Vamos começar com o bastão. — Ele se colocou à vontade, sentando-se sobre a mesa de Eve. — As chances são boas nesse lance. Aquele especialista em eletrônica que trabalha para Roarke sabe muito das coisas. Lá na Companhia Trident de Sistemas de Segurança e Comunicações, que, aliás, pertence a Roarke, eles estão trabalhando há mais de um ano no projeto de um misturador de sinais daquele tipo, com o mesmo estilo, capacidade e alcance. A.V. me contou que eles já conseguiram resolver quase todas as falhas de programação.

— A.V.?...

— Essas são as iniciais do nome do técnico. O cara é fera na área. Ele me disse que o modelo final vai estar pronto em seis meses... quatro, se eles derem sorte. Há boatos de que diversas empresas dessa área estão trabalhando no mesmo tipo de produto. Uma dessas firmas é a de Brennen. A dica do pessoal da área de espionagem industrial é que as Organizações Brennen representam a concorrência mais direta.

— Alguém já conseguiu um protótipo?

— Bem, A.V. me mostrou um. É irado, superavançado, mas não tem uma precisão muito boa a curta distância. O problema de alcance remoto também está trazendo algumas dores de cabeça para os técnicos. E há ainda grandes falhas de flutuação térmica nos cabos de força.

— E como é que o nosso homem conseguiu arrumar um aparelho desses sem falhas?

— Boa pergunta. Acho que ele andou trabalhando na pesquisa e no desenvolvimento deste produto por conta própria.

— Sim, concordo com isso. Vamos conferir os seis suspeitos mais prováveis pela lista da inspetora Farrell, para ver se surge algo a partir daí.

— Será que o bastão-misturador que ele usou era descartável? — propôs McNab.

— Como assim? Um aparelho capaz de fazer uma varredura e mistura de sinais apenas uma vez?

— Eve estreitou os olhos, avaliando a possibilidade. — E o que ele faria com o aparelho depois? Iria recarregá-lo? Jogá-lo fora? Reconfigurar tudo?

— Recarregar ou reconfigurar, talvez. Eu e A.V. estamos trabalhando com essas possibilidades.

— Ótimo, continuem assim... alguma sorte com o eco?

— Não consigo isolá-lo. Estou ficando maluco com isso. Mas já penetrei em algumas camadas do disco que você trouxe da ilha Esmeralda. A imagem de Summerset foi projetada. Um holograma.

— Uma imagem holográfica? Tem certeza?

— E eu tenho cara de quem não tem certeza de alguma coisa? — Fez desaparecer o sorriso convencido quando Eve olhou firme para ele. — Sim, tenente, foi uma imagem holográfica. Muito boa por sinal, mas eu a ampliei e fiz testes de calor e emissão luminosa. A imagem foi realmente projetada.

— Isso é bom. — Aquele era mais um peso na balança, do lado de Summerset. — Algum progresso na análise dos discos de segurança das Torres do Luxo?

— Eles estão meio lerdos lá na Divisão de Detecção Eletrônica, por causa do serviço acumulado. Pedi em seu nome e consegui a promessa de que teremos resultados nas próximas quarenta e oito horas.

*Feeney, pensou Eve, onde diabos está você que não volta?*

— O que mais conseguiu?

— A transmissão recebida na Irlanda tinha o mesmo eco das outras. A frequência bateu com exatidão.

— Melhor ainda... agora eu quero a localização exata. — Ela se levantou. — Está na hora de eu tornar a aparecer em público. Vamos comunicar a esse babaca que eu já estou pronta para o próximo round. Peabody, você vai comigo?

— Claro! Estar ao seu lado é a minha maior alegria.

— Bajulação recebida, policial. — Pegando o *tele-link* portátil enquanto saía de casa, Eve digitou o número de Nadine Furst no Canal 75.

— Oi, Dallas. Você está ótima para uma inválida.

— Anote isso: a tenente Eve Dallas já se recuperou dos ferimentos e está retomando suas funções na central de polícia. Continua encarregada das investigações envolvendo as mortes de Brennen, Conroy e O'Leary, e reafirmou sua confiança de que um novo suspeito será levado sob custódia em breve.

— Ei, espere um instante, deixe-me ligar o gravador.

— É só isso que você vai ter, minha amiga. Ponha no ar. — Desligou enquanto descia correndo as escadas. Na base da escadaria, pendurado na coluna do corrimão, estava um casaco novinho em folha, feito de couro marrom, meio dourado e macio como manteiga. — Ele não deixa passar nada... — murmurou ao pegá-lo.

— Nossa... puxa vida... nossa! — Sem conseguir resistir, Peabody passou a mão de leve sobre a manga do casaco quando Eve o vestiu. — Esse couro é macio como bunda de bebê.

— Deve ter custado dez vezes mais do que aquele outro que eu usava, e o pior é que vai estar detonado em uma semana. Não sei por que ele se dá ao trabalho de... merda, onde está Roarke? — Ela se dirigiu ao computador central da casa, ordenando em voz alta: — Localize Roarke.

*Roarke não se encontra na casa no momento.*

— Ora, mas que droga — resmungou Eve. — Para onde é que ele pode ter ido, assim com tanta pressa? Devia estar comprando algum país por aí, e não metendo o bedelho neste assunto.

— Puxa, ele realmente compra países? — quis saber Peabody, espantada, apressando o passo para acompanhar Eve.

— Sei lá! Como é que eu posso saber? Sempre me mantenho longe dos negócios dele, o que é

muito mais do que ele faz comigo. Nós vamos para o Hotel Central Park Arms. — Praguejou, descobrindo de repente para onde Roarké fora. Então parou, olhando para o espaço vazio na porta de casa. — Estou sem carro — lembrou. — Droga, nós estamos a pé!

— A requisição automática de um novo veículo ainda não foi processada. Você pode fazer o pedido pessoalmente.

— Ah, é, e o processo vai levar só uma ou duas semanas. Merda! — Enfiando as mãos nos bolsos novos forrados com seda, caminhou até os fundos da casa.

O anexo onde ficava a garagem se mesclava arquitetonicamente com o corpo principal da casa. As portas pesadas eram de madeira, com imensos puxadores de latão. As janelas, arqueadas e majestosas, eram em vidro fume, para evitar que a pintura dos veículos guardados ali dentro se queimasse devido aos raios ultravioleta. No interior do anexo, a temperatura se mantinha em agradáveis vinte e dois graus, o ano todo.

Eve digitou um código para abrir as fechaduras e se identificou por comando de voz e impressão palmar. As portas se abriram de forma lenta e graciosa.

— Caramba! — exclamou Peabody, abrindo a boca de forma igualmente lenta e graciosa.

— Isso é um exagero! — comentou Eve, torcendo o nariz. — É ridículo... só podia ser mesmo coisa de homem...

— É mais que demais! — disse Peabody, quase com reverência. Os veículos estavam guardados em baías individuais, instaladas em dois níveis. Havia carros esporte, limusines, motos aéreas, sóbrios sedãs e reluzentes veículos individuais. As cores variavam dos tons berrantes de néon ao preto clássico. Peabody olhou com ar sonhador para uma moto aérea de dois lugares e se imaginou cortando os céus, com o vento nos cabelos, ao lado de algum rapaz lindo e musculoso.

O sonho evaporou quando viu Eve se encaminhando para um carro compacto, discreto, cinza-escuro.

— Dallas, que tal aquele ali? — Com ar esperançoso, Peabody apontou para um fantástico carro esporte em azul-mediterrâneo metálico com rodas de prata que brilhavam muito e uma grade cromada na parte dianteira que era uma verdadeira peça de arte automotiva.

— Peabody, esse carro é do tipo "estou a fim de reparar" e você sabe disso.

— Bem, concordo, mas precisamos de um carro veloz e eficiente. E ele deve estar cheio de acessórios também. — Sorriu com ar de triunfo.

— Tudo aqui deve estar superequipado.

Peabody começou a dançar na frente de Eve ao vê-la apertar o botão para liberar o sedã cinza,

dizendo:

— Ah, qual é, Dallas, curta a vida um pouco!... Não tem vontade de sentir esse motor roncando e ver o quanto ele corre? Além do mais, é uma coisa temporária. Você vai receber uma daquelas carroças oficiais caindo aos pedaços em poucos dias. Dallas, esse carro é um 6000XX! — Sua voz chegou perigosamente próxima de um choramingo. — A maioria das pessoas passa a vida toda sonhando com um carro desses e não consegue sequer tocar em um. Só uma voltinha! Que mal vai fazer?

— Não me venha com esse olhar pidão! — reclamou Eve. — Puxa vida! — Mas acabou cedendo e abaixou o carro esporte azul até o nível do piso principal.

— Uau! Olhe para o interior. Isso é couro de verdade, não é? Couro branco. — Sem conseguir se controlar, Peabody abriu a porta do carro e respirou fundo. — Adoro esse cheirinho! Olhe, olhe, veja os controles do painel! Tem até um calibrador de jato! Dá para chegar a Nova Los Angeles em menos de três horas, pilotando uma beleza dessas!

— Segure a sua onda, Peabody, senão a gente vai de sedã preto.

— De jeito nenhum! — Peabody só faltou mergulhar dentro do carro e se sentou depressa. — Daqui você não me tira nem com guindaste, até eu dar um passeio nele.

— Não imaginei que uma mulher criada por partidários da Família Livre pudesse se mostrar tão superficial e materialista.

— Preciso trabalhar nisso para me tornar uma pessoa melhor, mas até agora não consegui. — Sorriu, satisfeita, quando Eve se sentou ao volante, ao lado dela. — Dallas, este carro arrebenta!... Posso ligar o som?

— Não! Ponha o cinto. Mais tarde a gente tenta encontrar a sua dignidade. — Como o carro parecia exigir velocidade, Eve ligou o motor e decolou como um foguete.

Levou menos de dez minutos para chegar ao Hotel Central Park Arms.

— Viu o jeito suave com que essa beleza faz as curvas? Você fez a última a mais de noventa por hora e o carro nem vibrou. Imagine só o que ele pode fazer no ar. Por que não testamos isso na hora de ir embora?

Nossa, acho que tive um orgasmo quando passamos pela rua 62.

— Poupe-me dos detalhes. — Eve saltou do carro e jogou a chave para o porteiro. Quando exibiu o distintivo, ele retraiu a mão que esticava em busca de uma gorjeta. — Quero que aquele carro fique bem à mão. Não quero esperar mais de trinta segundos por ele quando sair do prédio.

Sem esperar resposta, entrou pela porta automática e atravessou o piso em mosaico formado por



pequenos ladrilhos do saguão, indo em direção ao extenso balcão da recepção.

— Vocês têm uma suíte reservada em nome de Brian Kelly — afirmou ela, exibindo o distintivo.

— Sim, tenente, estamos esperando a sua chegada nesta tarde. Cobertura B do andar panorâmico.

— Quero entrar lá.

— Creio que a suíte está ocupada neste momento. Entretanto se a senhora quiser esperar até eu...

— Quero entrar lá — repetiu ela. — Agora!

— Certamente... o elevador privativo é no fundo do corredor, virando à esquerda. É só seguir as placas. Seu cartão mestre lhe dará acesso ao elevador e às portas dos aposentos, tanto a da sala de estar quanto a do quarto.

— Qualquer ligação, mensagem ou entrega que chegar, mande subir na mesma hora.

— Certamente.

O recepcionista franziu o cenho ao ver Eve sair a passos largos e ligou correndo para a cobertura B.

— Desculpe-me, senhor, mas uma tal de tenente Dallas, acompanhada por uma policial fardada, está a caminho daí. Como?... Ah, sim, senhor, é claro. Vou providenciar isso imediatamente.

Perplexo, o funcionário desligou e em seguida entrou em contato com o serviço de quarto, solicitando café, bolo, chá e frutas frescas para três pessoas.

Do lado de fora da cobertura B, Eve sacou a arma. A um sinal seu, Peabody se posicionou à porta, do outro lado. Eve enfiou o seu cartão mestre, destravou a tranca e balançou a cabeça para a ajudante.

As duas entraram agachadas, ao mesmo tempo e com rapidez.

Eve soprou o ar por entre os dentes ao olhar para Roarke, que sorria de forma descontraída, recostado confortavelmente no sofá estofado em seda pura.

— Não creio que essa arma seja necessária, querida. Já pedi café e o serviço aqui é muito rápido e eficiente.

— Devia dar uma descarga em você com a minha arma de atordoar, só para me divertir um pouco.

— Iria se arrepender disso mais tarde. Olá, Peabody, você está com os cabelos ligeiramente em

desalinho. Ficou muito atraente.

Toda vermelha, ela passou os dedos pelos cabelos pretos e lisos, comentando:

— É que eu abalei geral por alguns instantes dentro do XX.

— Um carrinho muito sexy, não achou? Bem, vamos discutir agora a melhor forma de prepararmos a nossa armadilha ou é melhor esperarmos pelo café?

Resignada, Eve tornou a colocar a arma no coldre.

— É melhor esperarmos pelo café.

## CAPÍTULO DEZESSETE

- Já estamos com quase tudo pronto aqui, comandante. Se ele ligar, estaremos preparados.
- *Se é que ele vai ligar, tenente, e se é que ele vai seguir os mesmos procedimentos que usou para sequestrar Jenny O'Leary.*
- Ele usou o mesmo método para entrar em contato com Brian Kelly hoje de manhã. — Fora do alcance da câmera, balançou a mão com raiva, mandando McNab fechar a matrícula. Nossa, o cara falava sem parar, mais que papagaio. — Temos condições de pegá-lo aqui, comandante. Tudo o que ele tem a fazer é vir em nossa direção.
- É melhor torcer para que ele faça isso, e depressa, Dallas, ou nós dois vamos ficar com o traseiro na reta.
- Já joguei a isca. Ele vai morder.
- Entre em contato no momento em que souber dele.
- O senhor será o primeiro a ser contatado — murmurou quando a tela se apagou. — E vocês, querem calar a boca? Isso aqui não é uma festa!

McNab e dois funcionários da Divisão de Detecção Eletrônica tagarelavam ao mesmo tempo em que instalavam equipamentos no quarto que ia servir de quartel-general provisório. Eve se preocupava com a possibilidade de ter montado aquela força-tarefa muito cedo, mas o tempo era inimigo deles. Havia rastreadores, unidades de atalho eletrônico, três aparelhos de *tele-link* portáteis, todos com fone de ouvido e misturadores de voz, além de gravadores sincronizados para serem ligados quando o primeiro *telelink* tocasse. McNab já havia programado uma interface para que as ligações destinadas à sua sala na central de polícia fossem direcionadas para aquele local.

Trouxera todo o equipamento da central usando uma van de entregas. Se o assassino estivesse com o hotel sob vigilância, tudo o que veria era um veículo comercial como outro qualquer entrando pela porta dos fundos do hotel.

Ninguém uniformizado, nenhuma farda.

Seis tiras estavam de tocaia no saguão, disfarçados de carregadores de malas, porteiros e funcionários da manutenção. Um detetive do esquadrão de Eve assumira o balcão da recepção. Ainda havia dois agentes na cozinha, trabalhando como chefs, e mais dois cobrindo o andar da cobertura como faxineiros.

A quantidade de homens e equipamentos extras ia provocar um rombo no orçamento da polícia. Se algo desse errado, alguém ia comer o pão que o diabo amassou, e esse alguém seria, provavelmente, ela.

Mas Eve não ia permitir que nada saísse errado.

Agitada, movimentava-se pela espaçosa sala de estar. As janelas ali estavam com a tela protetora de privacidade ativada, bem como as do quarto. Apenas Roarke, que era dono do hotel, e o seu gerente geral sabiam que havia policiais infiltrados entre os funcionários. As duas da tarde, uma hora depois de o avião vindo de Dublin ter pousado no Aeroporto Kennedy, outro policial iria se apresentar como Brian Kelly e pegar a chave da suíte reservada para ele.

Tudo ia dar certo. Agora, era só esperar que o criminoso ligasse para o *tele-link* de Eve.

Por que diabos ele não ligava logo?

Roarke entrou, vindo do segundo quarto, e a viu com o cenho franzido diante das janelas protegidas.

— Você já cuidou de todos os detalhes, Eve — confortou ele.

— Já repassei tudo dezenas de vezes. Ele não pode esperar demais para atacar Brian. Não vai querer arriscar que Brian entre em contato com você por conta própria e descubra que foi tudo uma armação. Ao ligar para Jennie ele a fez prometer que não ia entrar em contato com ninguém, nem falar com ninguém, a não ser que fosse uma pessoa enviada por você. Só que Brian não ia se comprometer dessa forma, nem prometeria nada.

— E se o nosso homem o conhece o mínimo que seja, deve saber que Brian faz as coisas do jeito que bem entende.

— Isso mesmo e, portanto, deve estar armando tudo para o encontro ser imediato. Já deve estar com o local do crime preparado e não quer correr riscos. Brian é um sujeito durão, forte e em boa forma. E é malandro... seria um páreo duro de encarar.

— Ele tem que ser pego de surpresa — concordou Roarke. — Precisa ser apanhado com a guarda baixa.

— Exato. Meu palpite é que ele planeja fazer tudo bem aqui. Brian vai ficar à espera de um motorista, um mensageiro, um contato qualquer que o leve até você, e vai abrir a porta. Ele tem que lhe aplicar um tranquilizante bem na hora, sem alarde, de forma rápida e silenciosa.

— Tenente — disse Roarke, levantando a mão e, quando Eve automaticamente colocou a dela sobre a dele, ele sorriu e a apertou. — Se eu tivesse uma pequena seringa na mão, você também ia entrar no mundo dos sonhos assim, desse jeito, bem depressa. Esse equipamento era muito popular em certas áreas conturbadas durante a década de 2020, só que geralmente a seringa estava carregada com estricnina, em vez de tranquilizante. Apertar as mãos virou uma coisa totalmente fora de moda por muitos anos.

— Você é uma fonte interminável no fornecimento de todo tipo de informações preocupantes.

— Isso é maravilhoso para quebrar o gelo em reuniões formais.

— Ele já devia ter ligado... — Eve se afastou de Roarke e voltou a andar de um lado para outro.  
— Em cada novo ataque ele diminui o tempo entre o assassinato e o momento do crime ser descoberto. Quer que eu chegue perto, bem perto. Isso o faz se sentir superior. A corrida é mais emocionante quando ele sabe que eu estou logo atrás e o sangue ainda está fresco.

— Talvez ele esteja planejando ligar daqui mesmo, já que está com o tempo tão apertado para esta rodada.

— Já pensei nisso... mas não importa. Vamos conseguir pegá-lo mesmo assim. Ele vai ter que ligar para este quarto. O colega que está se apresentando como Brian na recepção é bem parecido com ele, tanto na cor da pele quanto no tipo físico. McNab já configurou um simulador vocal para que a voz dele também se pareça com a de Brian quando ele atender o *tele-link*. *Estamos com* tudo armado em vídeo também, mas ele não vai fazer nenhum movimento antes de ligar para mim. Quer ter certeza de que estou pronta.

Olhando para o pequeno aparelho em seu pulso, viu as horas e praguejou:

— Jackson vai entrar no hotel se passando por Brian em menos de quinze minutos. Onde está aquele filho da...

No segundo em que o *tele-link* tocou, ela já estava fervilhando de agitação por dentro.

— Para trás todo mundo — ordenou. — Todos os *tele-links* portáteis para a sala ao lado. Nada de papo! Prepare o holograma que vai aparecer atrás de mim, McNab.

— Preparado! — confirmou ele, e uma imagem tridimensional da sala de Eve na central de polícia apareceu em volta dela. — Tudo em cima, Dallas!

— Consiga rastrear este canalha — ordenou, atendendo: — Aqui é da Divisão de Homicídios, tenente Dallas falando.

— Que bom que está se sentindo melhor, tenente.

— Sentiu saudades de mim? — perguntou Eve. A voz era a mesma, bem como as cores que dançavam na tela. — Enviar flores foi um gesto muito simpático, especialmente depois de você descobrir que me mandar pelos ares não deu muito certo.

— É que você foi tão... indelicada em suas declarações para a mídia. Achei a sua falta de modos uma coisa muito rude.

— Sabe o que eu acho rude, meu chapa? Jogar fora a vida de uma pessoa antes de acabar o prazo de validade. Esse tipo de coisa realmente me deixa pau da vida.

— Bem que nós poderíamos debater a importância das nossas irritações pessoais por algum tempo, mas sei o quanto você deve estar desesperada, tentando rastrear esta ligação com a ajuda dos seus equipamentos inferiores e dos seus técnicos pouco capacitados.

— Eu conheço alguns detetives eletrônicos que iam igualmente considerar essa afirmação muito indelicada.

Sua gargalhada veio pelo alto-falante, transmitindo uma sensação de diversão genuína. Virando a cabeça meio de lado, Eve notou que o riso parecia vir de alguém *jovem*.

— Sabe...? Sob diferentes condições, tenho certeza de que ia apreciá-la muito, tenente. O problema é o seu gosto, que é deplorável. O que viu naquele rato de rua irlandês com quem se casou?

— Ele é muito bom de cama. — Torcendo para que ele a estivesse vendo com toda a clareza, Eve se recostou na cadeira e sorriu. — Consegui um perfil psicológico seu, feito por um especialista fantástico, onde está escrito que você provavelmente é muito pífilo nessa área de atuação. Talvez você devesse experimentar um pouco de Stay-Up para acabar com os seus problemas de ereção. Está à venda nas boas farmácias e drogarias.

— Eu sou puro de coração e de corpo. Sou santificado. — Sua respiração tornou-se ofegante por um instante e isso foi claramente transmitido pelos alto-falantes.

— Santificado... essa é uma forma diferente de falar... impotente?

— Sua piranha! Você não sabe de nada a meu respeito. Acha que eu quero me deitar com você, não é? Talvez eu faça isso quando tudo acabar, talvez Deus exija isso. "É melhor lançar o sêmen na barriga de uma prostituta do que jogá-lo fora."

— Quer dizer que você também tem problemas de ejaculação? Nossa, isso é bravo... talvez, se tentasse tirar a imagem materna de sua cabeça quando está buscando o prazer solitário conseguisse ir até o fim, e isso lhe daria uma personalidade mais alegre.

— Não ouse falar da minha mãe! — Sua voz ficou entrecortada e mais fina, alcançando tons bem agudos.

*Bingo*, pensou Eve. *Mamãe equivale à figura feminina de autoridade.*

— Como ela é? Ainda traz você preso na coleira, filhinho, ou está em casa, cercada de velas acesas e sem ter a mínima noção de como você passa o tempo livre? — Eve se lembrou do ritual que presenciara naquela manhã em uma igreja junto dos penhascos. — Você ainda vai à missa com ela todo domingo? É lá que você vai para encontrar o seu deus vingativo?

— O sangue dos meus inimigos escorre lentamente como vinho tinto, a caminho do inferno. Você vai conhecer esta dor antes de eu matá-la.

— Você já tentou fazer isso uma vez. Deu errado! Por que não chega mais perto? Venha me pegar, cara a cara. Será que você tem colhões para isso?

— Quando a hora chegar, não vou me deixar seduzir pelas palavras de uma meretriz nem me desviar do caminho.

Sua voz ficou trêmula, entrecortada, e Eve virou um pouco a cabeça, tentando pegar a diferença sutil no tom. Será que ele estava chorando?

— O melhor momento para isso é agora — afirmou ela.

— Minha missão ainda não foi completada. Ainda não acabou. Eu digo quando, *eu* determino quando. A quarta alma a caminho da danação vai enfrentar o julgamento de Deus hoje, daqui a duas horas. — Ofegou por alguns momentos. — Duas horas é tudo o que você tem para encontrar o porquinho e salvá-lo da morte. "O homem mau será preso por suas próprias iniquidades, e pelas cordas do seu pecado será amarrado; morrerá por falta de disciplina e se perderá devido à sua grande insensatez."

— Livro dos Provérbios, de novo? Você não varia muito, né?

— Tudo o que é necessário para a nossa vida está na Bíblia. Ele já está vindo para os meus braços; o porquinho já está esperneando na terra dos cãesinhos paparicados e elegantes, e em meio às babás mal remuneradas.

— Essa pista não é muito boa. Será que eu estou chegando perto demais para você se arriscar a jogar limpo?

— O jogo está bem limpo, mas aqui vai mais uma dica: o sol se põe por trás, e antes que a noite caia o próximo Judas vai pagar caro por sua traição. Duas horas. Liguei o cronômetro...

— Escute aqui, eu quero uma notícia boa, McNab — exigiu Eve quando a ligação caiu.

— Eu o localizei! — McNab olhou para cima e seus olhos verdes pareceram sorrir.

— Não brinque comigo, McNab — avisou Eve, levantando-se devagar e desligando ela mesma a imagem holográfica.

— A ligação foi feita do setor D, quadrante 54. Eve foi até o mapa e procurou o lugar.

— Filho da mãe, as Torres do Luxo ficam nesse quadrante. O safado está lá. Está trabalhando no prédio onde cometeu o primeiro crime.

— Devemos ir até lá? — quis saber Peabody.

Eve levantou a mão para fazer parar todas as perguntas enquanto tentava pensar com cuidado.

— Ele disse que eu tinha duas horas, e não costuma fazer seu trabalho às pressas, então pretende passar pelo menos uma dessas duas horas aqui. Vai entrar em contato com este quarto a qualquer minuto. Jackson já chegou?

— Está no quarto ao lado.

— Muito bem, então vamos dar um tempo ao nosso rapaz. Ele já deve estar com todas as suas ferramentas preparadas. Não deixa nada para a última hora. Vai usar o seu meio de transporte e não vai violar nenhuma lei de trânsito até chegar aqui. Tem um cronograma. Precisamos de uma segunda equipe nas Torres do Luxo, mas não quero que eles entrem no prédio. Se ele estiver trabalhando com alguém e os policiais forem atrás dele ao sair, esse alguém poderá contar isto a ele.

Pegando o comunicador, Eve entrou em contato com Whitney, a fim de fazer o relatório inicial e planejar uma estratégia para a próxima etapa. Parecia fria e com a mente clara ao começar a dar ordens.

Parou de falar quando o fax do quarto apitou.

— Ele fez contato, comandante, e eu estou lendo o texto enviado. Ele dá instruções para a vítima se aprontar para receber um motorista uniformizado em quinze minutos. Quer que a vítima espere por ele no quarto. Isso indica que o ataque ocorrerá aqui mesmo, como imaginávamos. A vítima deve liberar o elevador para que o motorista possa subir assim que receber uma ligação da recepção avisando que ele chegou. Três bipes finais, a transmissão do fax foi encerrada. Ele está vindo para cá.

— Uma segunda equipe estará vigiando a parte de fora das Torres do Luxo — ofereceu Whitney. — Posso lhe mandar dois detetives da Divisão de Homicídios e três policiais.

— À paisana, comandante. E preciso também de pelo menos um homem da Divisão de Detecção Eletrônica para fazer um rastreamento.

— Mas você já está com três detetives eletrônicos aí, Dallas. Assim você vai desfalcas as fileiras.

Ela rangeu os dentes, desejando desesperadamente poder estar em dois lugares ao mesmo tempo.

— Então vou enviar McNab para coordenar a ação da segunda equipe.

— E eu vou liberar uma van com os equipamentos necessários. Mantenha esta frequência aberta.

— Sim, senhor. McNab!

— Você vai me dispensar agora, bem na hora da onça beber água? — perguntou ele, com ar de insulto e indignação.



— Preciso que você descubra onde ele é o esconderijo dele.

— Mas ele está vindo para cá!, podemos pegá-lo aqui!

— Preciso que você descubra o esconderijo dele — repetiu —, para o caso de ele nos descobrir e recuar. Que Deus não permita que isso aconteça, mas, se acontecer, descubra onde ele está e bloqueie o seu acesso ao local. Isso é uma ordem, detetive!

Fumegando de raiva, ele agarrou o casaco, reclamando:

— Os oficiais da Divisão de Homicídios acham que todo detetive eletrônico só serve para fazer figuração. Precisam deles quando não encontram respostas, mas quando elas aparecem, os idiotas são mandados de volta para o estúdio.

— Olhe, não estou com tempo para chiques não. Verifique se os outros detetives eletrônicos estão a postos e depois volte para cá. — Passando por ele, foi para a sala de estar da cobertura. — Todo mundo fora daqui, com exceção de Jackson. Tomem as suas posições. Mantenham as armas no modo de atordoamento leve. Precisamos que ele esteja consciente para poder falar. — Levantou as sobrancelhas ao olhar para Roarke. — Os civis vão para a sala ao lado. — Pegou um dos monitores sem fio e o entregou a ele. — Você pode assistir.

— Tenho certeza de que vai ser interessante. Tenente, você acaba de ficar com um detetive eletrônico a menos. Eu assumo a posição. Quebre as regras um pouquinho — sugeriu, antes que ela pudesse fazer alguma objeção. — Vou ser mais útil assim do que ficando aqui, de braços cruzados.

Ela tinha razões para desconfiar que ele era melhor com os equipamentos de ponta que os dois homens que sobraram.

— Vá para o primeiro quarto, então — decidiu. — De qualquer modo, fique em uma posição onde eu possa vê-lo. Jackson, permaneça longe da porta. Quando ele tocar a campainha, não abra antes de eu dar o sinal. Peabody, quero você junto da porta na sala do outro quarto. Use o olho mágico para acompanhar tudo. Fique bem alerta.

Enquanto caminhava em direção à sala de controle, falou no comunicador:

— Equipe A em posição. Equipe B. Equipe C. Está chegando a hora! Observem com atenção, mas não se aproximem nem tentem abordar ninguém com uniforme de motorista. O suspeito vai utilizar um *tele-link* do hotel ou um aparelho portátil assim que chegar e vai direto para o elevador da cobertura. Repito: apenas observem. Ninguém faça um movimento sequer na direção dele. Quando ele estiver engaiolado, eu lhes dou passe livre e o fechamos aqui neste quadrante.

— Adoro quando você usa esse dialeto de tira — murmurou Roarke no ouvido dela.

— Sem papo, civil! — Eve se colocou diante dos monitores, olhando cada um para se certificar de que suas tropas estavam todas em posição. — Ele está chegando — murmurou. — A qualquer momento... Venha, seu babaquinha, venha para os *meus* braços.

Ela viu McNab sair do elevador e seguir pelo saguão. Continuava pau da vida, pensou, reparando na sua cara amarrada e na sua postura rígida. Ele ia ter de aprender o valor do trabalho de equipe. Ela o viu olhar em volta por todo o saguão e fez o mesmo, através dos monitores.

Um androide levava dois cães com orelhas compridas e pelos longos para passear na rua, e vinha pelo saguão andando sobre o piso de lajotas. Uma mulher usando um sóbrio terninho executivo preto estava sentada no banco circular que rodeava a fonte central e esbravejava diante de um *tele-link* portátil. Um carregador de malas dirigia um pequeno veículo elétrico cheio de bagagens e ia em direção às portas principais. Nesse momento uma mulher passou pelas portas trazendo um poodle toy preso a uma coleira de prata. Tanto a dona do cão quanto o próprio estavam muito produzidos, e exibiam idênticas fitas de prata presas à cabeça. Logo atrás dela vinha um androide doméstico, carregando um monte de sacolas e caixas.

Turista rica, imaginou Eve. Deve estar fazendo compras de Natal antecipadas.

Nesse momento ela o viu. Vinha logo atrás do androide, envergando um casacão preto, um quepe de chofer puxado bem para baixo e óculos muito escuros que encobriam por completo os seus olhos.

— Ele entrou. — Ela mal conseguiu respirar. — Possível suspeito entrando pelas portas principais. Homem, um metro e sessenta e cinco, casacão preto, quepe cinza e óculos escuros. Carrega uma valise preta. Líderes de equipe confirmam a entrada?

— Positivo, tenente. Está bem à vista. Nesse instante, o suspeito está pegando um *telelink portátil no bolso* esquerdo do casaco e vai passar à esquerda da fonte.

Então tudo saiu errado. O poodle deu início à confusão. Eve acompanhou tudo com atenção. O cãozinho começou a latir de forma agressiva e histérica, escapou da coleira e atacou a dupla de afghans entre ganidos e rosnados.

Uma violenta batalha aconteceu entre os cães, uma briga cheia de barulho e fúria. Em sua corrida desabalada para salvar o poodle a dona do cão, cheia de laços prateados no cabelo, tropeçou nas lajotas e empurrou a mulher de negócios, que se levantara para assistir à comoção e acabou quase caindo dentro da fonte.

O *tele-link* da executiva voou-lhe da mão e atingiu o policial disfarçado de carregador de malas bem no meio da testa. O rapaz, ao receber o forte e inesperado golpe, caiu como uma árvore cortada.

Então vieram os gritos, xingamentos e um barulho gigantesco no momento em que um dos participantes da confusão acabou sendo empurrado sobre uma mesa onde havia dois vasos de

cristal, que se espatifaram com estardalhaço. Três porteiros correram para ajudar a separar os cães, e o primeiro a chegar ao local foi recebido com uma dentada profunda em agradecimento pelo seu trabalho. Um dos afghans se viu livre da coleira, correu em direção às portas de entrada e desapareceu na calçada.

Em sua corrida frenética, o cão pegou McNab por trás, fazendo-o se desequilibrar e atirando-o de cabeça na porta da qual se aproximava. Do lado de fora, Eve notou o momento exato em que um de seus homens enfiou a mão por dentro do casaco em busca da arma.

— Mantenham suas armas fora de vista! — berrou ela. — Droga, não saquem as armas, é apenas uma briga de cães!

Como continuava com a atenção focada no suspeito durante os trinta segundos que o caos levou para se instalar no saguão, Eve reparou o instante exato em que tudo foi por água abaixo. O *tele-link* que ele segurava foi atirado de volta para o fundo do bolso, sua postura assumiu uma rigidez repentina e ele disparou na direção da porta mais próxima.

— Ele descobriu tudo! O suspeito está tentando sair do prédio a pé, pela entrada sul. Bloqueiem a entrada sul! — ordenou ela enquanto saía correndo da suíte em direção ao elevador. — Repetindo... bloqueiem a entrada sul! O suspeito está em rota de fuga... Lembrem-se de que está armado e é perigoso! — Continuou a gritar no comunicador, entrando no elevador sem olhar para trás e sem reparar que Roarke entrara junto com ela.

— Ele já está alcançando as portas — disse-lhe Roarke, e ela viu então que ele tivera a lembrança de levar com ele um dos minimonitores.

— Ellsworth, ele vai passar por você.

— Já estou vendo, Dallas. Vou pegá-lo!

No instante em que as portas se abriram, ela já estava correndo em direção ao saguão. Ellsworth estava do lado de dentro da entrada sul, caído durinho no chão.

— Ele atingiu Ellsworth com um tranquilizante. — Puxando a arma, ela atravessou a porta e foi para a rua. — Atenção!... O suspeito está fora da área de controle. Um policial foi atingido, está caído junto à porta da entrada sul. O suspeito saiu a pé...

Ela ouviu um grito agudo e correu em direção à esquina. Ele estava arrancando uma mulher de dentro do carro. No momento em que Eve chegou junto do meio-fio, levantou a arma e mirou, ele já jogara a mulher no meio da rua e se instalara atrás do volante.

Girando o corpo, Eve saiu correndo em direção ao carro esporte azul que deixara estacionado na entrada.

— Eu dirijo! — gritou Roarke, chegando junto do carro um passo antes dela. — Conheço este

carro melhor do que você.

Sem tempo para argumentar, ela pulou no banco do carona e comunicou pelo aparelho:

— O suspeito acaba de roubar um veículo e está indo a toda em direção à rua 47 leste. O carro é um minijato branco com licença de Nova York. A placa é C-H-A-R-L-I-E... Carro, hélio, amora, roda, limão, ilha, eco. Aqui fala a tenente Eve Dallas, perseguindo o suspeito. Preciso de apoio em terra e no ar. Ele está com quatro quarteirões de dianteira, aproximando-se agora da avenida Lexington.

Roarke ligou o sistema turbo e acelerou como um foguete.

— Está a três quarteirões agora — murmurou, grudando os olhos à sua frente no momento em que o carro deu uma guinada para a esquerda, desviando de um imenso bonde aéreo e tirando um fino do veículo.

— Ele é esperto, não roubou uma carroça não... — comentou Roarke, ziguezagueando loucamente através do tráfego sem nem mesmo encostar nos freios. — Esses minijatos têm uma boa potência para quem sabe usá-los. Só que ele não vai conseguir ir mais rápido do que nós a essa velocidade.

Ao se aproximar de um sinal vermelho, Roarke calculou o tempo, deu mais potência no motor e passou ventando entre o tráfego que atravessava o cruzamento, deixando atrás de si um rastro de pneus cantando e buzinas indignadas.

— ...Não vai conseguir se nós conseguirmos sobreviver à perseguição. O suspeito está virando na Lexington sul, em direção ao centro! Onde está a porcaria do meu reforço aéreo? — berrou ela no comunicador.

— O reforço aéreo está sendo enviado. — As palavras de Whitney vinham como cacos de vidro. — As unidades de campo estão indo nessa direção, de leste e de oeste, e devem juntar-se a vocês na esquina da avenida Lexington com a rua 45.

— Estamos em um veículo civil, comandante — avisou ela, fornecendo-lhe uma descrição detalhada. — Nossa distância é de dois quarteirões dele, e nos aproximando. O suspeito está cruzando a rua 50 neste instante.

Eve bufou baixinho quando um maxiônibus surgiu, arrastando-se na frente deles. Roarke apertou o modo vertical, lançando o carro em uma decolagem brusca que quase fez o estômago de Eve parar no fundo do carro. Depois de passar por cima do ônibus, tornou a mergulhar em direção à rua.

Apesar da manobra, o ônibus conseguira bloquear sua visão por tempo suficiente para o suspeito desaparecer.

— Ele virou em alguma rua... para onde? — especulou Eve.

— Para a direita — decidiu Roarke. — Ele estava pegando a pista da direita antes daquela droga de ônibus surgir.

— Acreditamos que o suspeito está indo em direção oeste, pela rua 49. Reforços aéreo e terrestre, reajustem a sua direção para continuar a perseguição.

O sinal ficou amarelo quando eles estavam quase na esquina. Roarke acelerou para virar à direita antes de a luz vermelha surgir. Os pedestres, no entanto, como típicos novaiorquinos, invadiram o cruzamento ainda com a luz amarela e, em franco desafio ao bólido azul que se aproximava velozmente, não se abalaram, continuando a atravessar a rua com bravura.

Idiotas... babacas! Eve nem tivera tempo de completar o pensamento e Roarke já tornara a decolar, tirando fino da calçada.

— Não mate ninguém, pelo amor de Deus.

Ele quase arrancou o guarda-sol de uma carrocinha de lanches e aterrorizou três judeus hassídicos que levavam suas pastas tipo executivo cheias de pedras preciosas para comercialização. Uma pera atirada com fúria pelo dono da carrocinha passou ao lado de Eve, voando pela janela.

Ela avistou a traseira em estilo rabo-de-peixe do minijato quando ele se aproximava da curva com a Quinta Avenida. A carrocinha dessa esquina não teve tanta sorte. Eve observou o instante em que o carrinho virou de rodas para cima, atirando o vendedor longe.

— Estamos perdendo terreno. Ele está na Quinta Avenida agora. — Olhando para o céu com atenção, rangeu os dentes ao avistar mini-helicópteros da mídia, em vez dos da polícia. — Comandante, preciso do meu reforço aéreo!

— Houve problemas na saída e o esquadrão sofreu um ligeiro atraso. A liberação se dará em cinco minutos.

— Isso vai ser muito tarde. Tarde demais, aliás! — murmurou e sentiu uma pontada de satisfação ao ouvir o som das sirenes que se aproximavam por trás.

— Vamos fazer uma abordagem cruzada — decidiu Roarke. Seu sorriso era penetrante e mortal como um laser no instante em que ligou o jato, levando o carro esporte a uma decolagem rápida e vertiginosa, em tanta velocidade que Eve sentiu todo o seu sangue ser drenado de repente da cabeça, indo se alojar no macio estofamento de couro do assento.

— Ai, meu Cristo, eu odeio isso!

— Segure firme! Estamos subindo e avançando na diagonal. Vamos cortar a passagem dele ao

tornar a descer.

E seguiram, acima de prédios de vinte andares e a mais de cento e sessenta quilômetros por hora.

As ruas pareceram ficar mais longe enquanto eles alcançavam a altura dos dirigíveis turísticos e bondes aéreos para grandes distâncias. Eve conseguiu uma vista muito próxima de um dirigível gigantesco, uma das joias do Departamento de Turismo da cidade de Nova York. Na verdade, ela o viu mais de perto do que gostaria. A monótona gravação que apregoava as atrações da famosa região de venda de diamantes explodiu em seus ouvidos.

— Lá está! — Ela teve que gritar para ser ouvida em meio ao barulho ensurdecedor e apontou para o oeste. — Um minijato branco. Ele ficou preso em um engarrafamento na Quinta Avenida, entre as ruas 46 e 45. — Nesse momento ela avistou outro, a meio quarteirão do primeiro. — Merda, temos dois deles! Aterrisse o carro, estacione na calçada, se precisar. Atenção todas as unidades: dois minijatos brancos na Quinta Avenida, ambos parados. Um está entre as ruas 46 e 45, e o outro entre as 45 e 44. Bloqueiem o tráfego para o sul na esquina de Quinta Avenida com a rua 43!

Seu estômago foi parar na garganta quando Roarke deu um mergulho enlouquecido com o carro. Nivelou o veículo três metros acima do nível da rua até aterrissar com o mínimo de vibração sobre uma pista exclusiva para maxiônibus, quase ao lado do minijato que estava mais ao norte.

Eve saltou do veículo já com a arma apontada para o motorista.

— Polícia! — berrou ela. — Fora do carro e mantenha as mãos onde eu possa vê-las.

O motorista, um homem de vinte e poucos anos, usava um paletó amarelo-limão fluorescente e uma calça apertada no mesmo tom. Suava em bicas ao sair do carro.

— Não me atordoe, pelo amor de Deus! Eu não vendo drogas, sou apenas um intermediário tentando ganhar a vida.

— Abra as pernas! — ela ordenou, girando o corpo dele e colocando-o de costas. — Mãos sobre a capota do carro!

— Não quero que minha mulher descubra. Exijo um advogado! — impôs ele enquanto Eve o revistava. — Estou trabalhando nisso há menos de seis meses. Dá um tempo! Pegando as algemas no bolso, puxou os braços dele e os prendeu junto às costas. Ao fechar as algemas, já sabia que ele não era o homem que procurava.

— Se você se mover um centímetro que seja, vou atordoá-lo com isso aqui e deixá-lo cair durinho no chão.

Ensaiou uma corrida, mas diminuiu o passo ao ver Roarke, que já voltava do outro carro.

— Tudo o que consegui foi prender um sujeito servindo de avião com algumas drogas — informou ela. — O cara tem cérebro de minhoca.

— O outro carro estava vazio — disse-lhe Roarke. — Ele o abandonou e fugiu a pé. — Com os maxilares apertados, olhou para as ruas lotadas de gente, com um tráfego pesado de pedestres e veículos. As passarelas aéreas que se estendiam ao lado dos prédios e sobre as calçadas, em zigue-zague, apresentavam um engarrafamento de pessoas. A Estação Central estava a apenas um quarteirão dali. — Nós o perdemos.

## CAPÍTULO DEZOITO

Duas horas depois, Eve estava na torre da Secretaria de Segurança, explicando o fracasso da operação ao secretário Tibble.

— Assumo toda a responsabilidade pelo resultado insatisfatório desta operação, senhor. O desempenho dos policiais designados para a força-tarefa não deve ser questionado.

— Que circo, hein? — reagiu Tibble, batendo com o gigantesco punho sobre a mesa. — Brigas de cães, civis feridos e a investigadora principal circulando a toda velocidade sobre a cidade, por terra e por ar, em uma máquina fenomenal, um carro esporte a jato todo equipado. O pessoal da mídia pegou você zunindo pelos ares naquele bólido. Quando a matéria for ao ar, isso vai ficar lindo para a imagem do departamento.

— Desculpe-me, senhor — reagiu Eve, com o corpo rígido. — Minha viatura oficial foi destruída há alguns dias e ainda não foi substituída. Optei por utilizar um veículo particular até minha nova unidade veicular ser liberada. Os estatutos do departamento permitem o uso de carros particulares em situações como essa.

— E por que diabos a sua nova viatura ainda não foi entregue? — perguntou ele, apertando os olhos e parando de esmurrar a mesa.

— A requisição automática ainda não foi processada, por motivos que não sei explicar, secretário Tibble. Minha assistente tornou a enviar um novo formulário hoje, solicitando a substituição, e lhe disseram que o prazo de entrega foi estipulado entre uma semana e nunca.

— Burocratas idiotas! — reclamou ele, soltando um longo suspiro. — Você terá um novo veículo até as oito horas de amanhã, tenente.

— Obrigada, senhor. Não há dúvidas de que a operação de hoje foi insatisfatória. Entretanto o detetive McNab conseguiu especificar as Torres do Luxo como a fonte da ligação que recebi hoje. Gostaria de me juntar à equipe de busca e aos peritos que foram enviados para lá.

— Quantas frentes dessa investigação pretende comandar pessoalmente, tenente?

— Todas, senhor.

— E já lhe passou pela cabeça que a sua objetividade poderá ser questionada nesse caso? Já lhe ocorreu que você possa estar travando uma disputa de egos com o assassino? Está investigando uma série de assassinatos, tenente, ou apenas fazendo o jogo dele?

Eve aceitou a descompostura e concordou que foi merecida, mas não recuou.

— A essa altura do campeonato, senhor, creio que não posso fazer uma coisa sem a outra. Compreendo que a minha atuação neste caso está abaixo do esperado, mas tal situação não vai



continuar.

— Só queria saber como posso lhe passar uma esculhambação quando você mesma é tão exigente consigo. — Afastando-se da mesa, ele se levantou. — Considere-se oficialmente repreendida, tenente. Agora, cá entre nós, e extraoficialmente, devo dizerlhe que não considero a sua atuação nesse caso como abaixo do esperado. Analisei todas as gravações da operação. Você sabe comandar bem, tenente, com autoridade e sem hesitação. Sua estratégia para armar uma cilada para o criminoso foi impecável. Droga de poodle — murmurou entre dentes. — Além disso, você não recebeu reforço aéreo devido a uma falha que não foi sua, mas do controle, falha essa, aliás, que será severamente investigada. Saiba que tem o meu apoio, oficialmente.

"Agora... — levantou um globo de vidro cheio de um líquido azul brilhante e o girou nas mãos, de forma que a água do mar encapsulada bateu de um lado para outro — ...a mídia vai deitar e rolar com os problemas que enfrentou hoje. Vamos tentar tomar esse direito no queixo com o máximo de dignidade. O assassino vai tornar a entrar em contato com você?"

— Sim, pois é incapaz de se segurar. Provavelmente vai dar a si mesmo um período de silêncio. Vai ficar emburrado, vai ter alguns chiques e vai tentar encontrar um modo de me atingir fisicamente. Diria que, na visão dele, eu roubei no jogo, um jogo que é dele. Roubar dessa forma seria um pecado, segundo a sua concepção, e ele vai querer que Deus me puna por isso. Vai ficar apavorado, mas também pau da vida.

Depois de hesitar por alguns segundos, Eve resolveu abrir o jogo.

— Não creio que ele vá voltar para a sua base nas Torres do Luxo. Ele pode ser o que for, secretário, mas burro é algo que não é. Já sabe que se conseguimos chegar tão perto como hoje, provavelmente é porque rastreamos suas ligações. Sacou que estávamos no saguão do hotel hoje; portanto podemos dizer que ele tem instintos aguçados no que se refere a identificar tiras. Ele veio para os nossos braços e nós mesmos estragamos tudo. No entanto, se pudermos encontrar o seu equipamento e o seu esconderijo, vamos pegá-lo.

— Então faça isso, tenente. Encontre o esconderijo dele e prenda-o.

\*\*\*

Eve passou em sua sala para fazer cópias de todos os arquivos em áudio e vídeo relacionados com a operação fracassada. Pretendia avaliar cada segundo de cada disco.

— Eu disse para você ir para casa — reagiu ao ver Roarke esperando por ela em sua cadeira.

Ele se levantou, foi até onde ela estava e passou as costas da mão, com carinho, sobre o seu rosto.

— O secretário Tibble arrancou muitos pedaços de você?

— Mal me arranhou, se considerarmos o tamanho do fiasco.

— Não foi culpa sua.

— A culpa não vem ao caso, o que importa é a responsabilidade. E essa foi minha.

Compreensivo, ele a enlaçou pelo ombro, perguntando:

— Está a fim de sair pela rua chutando todos os poodles que encontrar?

— Talvez mais tarde — disse ela, dando uma risada. — Tenho que copiar alguns arquivos e depois vou direto me juntar aos peritos e à equipe de buscas.

— Você não se alimenta há horas — observou ele.

— Vou passar no QuickMart pelo caminho, a fim de pegar algo para comer. — Com ar de desencanto, passou as mãos pelo rosto. — Droga, Roarke, estávamos tão perto, ele escapou de nós por pouco, muito pouco! Será que ele reparou o instante em que Baxter colocou a mão no bolso do paletó em busca da arma? Será que alguém da equipe o encarou demais durante a operação? Será que ele simplesmente sentiu cheiro de polícia no ar?

— Por que não me deixa dar uma olhada nessas gravações, com a experiência de alguém que consegue sacar tiras a distância há muito tempo?

— Mal não vai fazer... — Virando-se para o computador, ordenou cópias de todos os arquivos da operação. — Acho que temos um monte de imagens dele, de vários ângulos, no saguão. Não aparece muita coisa do seu rosto, mas talvez você consiga sacar algum detalhe que nos ajude. Você deve conhecer esse cara, Roarke.

— Vou fazer todo o possível para descobrir algo.

— Não sei a que horas vou poder voltar para casa — disse e lhe entregou as cópias. — Não me espere acordado.

Ela pegou um folheado de queijo e uma barra de cereais no QuickMart e se contentou com uma lata de Pepsi, em vez do notório e venenoso café. Levou sua minguada refeição com ela até a sala de conferências do segundo andar, onde McNab chefiava a equipe de técnicos em eletrônica.

— Alguma coisa?

— Um monte de registros de ligações e fax a laser. O prédio está cheio de equipamentos

eletrônicos de ponta, em todos os apartamentos.

Estamos verificando andar por andar, mas não há nada na escala de grandeza do equipamento que o nosso rapaz emprega.

Eve largou a sacola do lanche, esticou o braço e virou o rosto de McNab na direção dela, segurando-o com força pelo queixo. Havia um galo em sua testa e um arranhão comprido bem acima do olho direito.

— Já pediu para os paramédicos darem uma olhada nessa sua cara horrível?

— Não... foi só uma pancada. Aquele cachorro doido veio para cima de mim como um zagueirão na pequena área. — Ele se mexeu na cadeira tão rápido que as argolas presas em sua orelha tilintaram. — Gostaria de lhe pedir desculpas pela minha insubordinação durante a operação, tenente.

— Não, não gostaria... você estava pau da vida e continua revoltado. — Pegando a lata de Pepsi, abriu o lacre com um estalido. — Estava errado e continua errado; portanto enfie as desculpas onde quiser. Jamais questione as ordens de uma oficial superior durante uma operação, McNab, ou vai acabar vigiando estripulias sexuais para algum detetive particular, em vez de subir ao pódio dos melhores detetives da Divisão de Detecção Eletrônica.

Apesar de ainda estar fumegando, ele manipulou com todo o cuidado o scanner, reparando que havia um sofisticado centro de comunicações no décimo oitavo andar.

— Tudo bem, tenente, talvez eu estivesse meio injuriado na hora, e talvez reconheça que, no fundo, passei dos limites. O problema é que eu mal saio do meu cubículo na central de polícia, uma vez por mês! Essa foi a maior oportunidade que tive até hoje de participar de algo com ação de verdade, e de repente você me cortou.

Olhando para ele e reparando o seu rosto jovem, liso e ávido por novidades, Eve se sentiu incrivelmente velha e cansada.

— McNab — quis saber ela —, alguma vez na vida você já participou de uma operação tipo *mano a mano*, de verdade, sem ser em treinamento?

— Não, mas...

— Já descarregou sua arma em algo que não fosse um alvo da galeria de tiro?

— Não. — Seus lábios formaram um biquinho de contrariedade. — Você está querendo dizer que eu não sou um soldado?

— Estou querendo dizer que seu talento está bem aqui. — Bateu com a ponta do dedo no scanner, pegando a barra de cereais em seguida. — Você sabe tão bem quanto eu que um monte de caras

que se inscrevem para trabalhar na Divisão de Detecção Eletrônica são dispensados, todos os anos. Lá, eles só aproveitam os melhores entre os melhores. E você é bom... olhe que estou falando isso de cadeira, porque já trabalhei com o melhor de todos — afirmou ela, pensando em Feeney. — É por isso que sei com tanta certeza, e é aqui que eu preciso que você esteja, para conseguirmos pegar este canalha.

Depois, de forma não muito gentil, Eve bateu com a ponta do dedo no galo dolorido que sobressaía na testa do rapaz, garantindo:

— Além do mais, participar direto na frente de batalha machuca muito.

— Os caras do departamento vão me zoar durante semanas. Derrubado em ação por um simples cachorro!

— Mas era um cão de raça e muito grande. — Com ar solidário, Eve pegou o folheado e o entregou a ele. — O bicho tinha dentes enormes e afiados. Lorimar levou uma dentada no tornozelo.

— Foi mesmo?... — Um pouco mais animado, McNab deu uma dentada no salgado, saboreando o recheio de queijo. — Não soube disso não... — Nesse momento, uma série de bipes o fez franzir o cenho ao olhar para o scanner. Olhe só, temos um equipamento gigantesco no décimo nono andar, em um dos apartamentos da ala oeste. — Virando-se para o comunicador, ordenou: — Equipe azul, verifique o apartamento 1923. Pode ser apenas um centro de diversões domésticas de algum garoto rico, mas temos que tirar a prova, porque esse é um sistema da pesada.

— Vou fazer uma pesquisa porta a porta — disse Eve. — Se pintar alguma coisa realmente interessante, passe a informação para mim.

— Você vai ser a primeira, Dallas. Valeu pela comida. Ahn... onde está a policial Peabody?

— Está supervisionando o que houve de errado com o equipamento na cobertura do hotel do Central Park — Levantou a sobrancelha, olhando para trás por sobre o ombro. — Ela não gosta de você, McNab.

— Eu sei. — Abriu um sorriso. — Acho isso superatraente em uma mulher. — E se virou para o equipamento, cantarolando baixinho enquanto se entregava à complicada tarefa de separar os bipes em componentes identificáveis.

— Quando deu meia-noite, ela requisitou uma nova equipe, mandou McNab para casa, a fim de dar-lhe um descanso de oito horas, e se aprontou para sair. Não ficou surpresa ao encontrar Roarke ainda acordado, em seu escritório, degustando um cálice de vinho enquanto analisava as gravações.

— Mandeí a primeira equipe para casa, por esta noite. Eles já estavam batendo cabeça.

— Você também me parece meio grogue, tenente. Quer que eu lhe sirva um cálice de vinho?

— Não, não quero nada. — Ela se aproximou da mesa, reparando que Roarke congelara a cena no ponto em que a testa de McNab se encontrara violentamente com a esquadria da porta principal do saguão do hotel. — Não creio que ele ache essa imagem apropriada para ser emoldurada.

— Ele não teve sorte em suas incursões pelos centros de comunicação instalados no prédio?

— McNab está receoso de que nosso homem tenha fechado a banca.

— Massageou os pontos duros na nuca. — Eu também estou. Ele bem que poderia ter desabilitado todo o equipamento a distância, durante a fuga, ou tenha contatado alguém com quem esteja trabalhando. O perfil da dra. Mira indica que ele precisa de elogios constantes e muita atenção durante os jogos que cria. É possível que ele tenha um cúmplice, provavelmente do sexo feminino, com personalidade forte e figura de autoridade.

— A mãe dele?

— Essa é a minha primeira ideia. Mas um equipamento remoto é tão provável quanto ele estar com a mamãe do lado. O que ele precisa é acreditar que está dirigindo o show. Provavelmente tem um lugar próprio só para ele trabalhar.

Aproximando-se do telão, olhou com atenção para a imagem do homem com casaca e quepe de motorista.

— Essa roupa é como se fosse uma fantasia — murmurou ela. — É mais uma peça do jogo. Ele se veste para desempenhar o seu papel. É uma vestimenta que esconde seu rosto, mas é também... não sei explicar... algo dramático. É como se tudo fosse uma peça de teatro em que ele é o protagonista. Bem aqui, no entanto, dá para ver que nós fizemos algo de diferente em cena, uma coisa que ele não esperava. Observe o choque e o pânico na sua linguagem de corpo. Ficou meio desequilibrado ao dar um passo para trás. Retraiu-se instintivamente. A mão que estava livre se elevou, um gesto de defesa. Aposto que seus olhos estão arregalados com o susto por trás dos óculos.

De repente, algo chamou a atenção de Eve, fazendo-a franzir o cenho e chegar ainda mais perto do monitor.

— Não consigo ver para onde ele está olhando. Não dá para ver onde os olhos dele se focaram, só o ângulo da cabeça. Será que ele está olhando para Baxter, sacando a arma do paletó, ou para McNab, batendo de cara com o portal?

— Desse ângulo dá para ver os dois.

— É... você acha Baxter com cara de tira que está prestes a sacar a arma? Ele poderia passar por um porteiro que se colocou alerta com a confusão e enfiou a mão no bolso para pegar um comunicador.

— Mas eu o veria como tira — disse-lhe Roarke. — Observe só o jeito como ele se movimenta. — Eve ordenou ao aparelho que voltasse a cena para trinta segundos antes e voltasse a passar. A sala se encheu de barulhos repentinos e ela tirou o áudio. — Olhe ali... ele está na posição clássica de tira. Repare no giro do corpo, com os joelhos flexionados e o corpo retraído; veja a sua mão direita voando para dentro do paletó, em busca de algo sob o braço. Porteiros usam comunicadores na lateral do cinto; por isso alguém ligado conseguiria notar que ele elevou a mão demais e imaginaria uma arma.

— Mas tudo aconteceu muito rápido, veja só a velocidade da cena!

— Se o assassino conhece tiras e já lidou com eles em outras ocasiões, isso seria o bastante. McNab não parece policial nem se movimenta como um. O único jeito de alguém sacar que Ian é da polícia é reconhecendo-o ou já sabendo por antecipação que ele é um tira.

— Mas McNab não faz muito trabalho de campo e jamais esteve em ação, como, aliás, reclamou comigo agora à noite. No entanto, como os dois são fissurados em eletrônica, pode ser que tenham se encontrado alguma vez, em algum lugar. Droga, eu devia ter pensado nisso antes de mandar que ele saísse do hotel.

— Você está parecendo um zagueiro depois da derrota, Eve.

— Como assim?

— Vamos ter que trabalhar um pouco nessa sua total falta de interesse em outros esportes que não sejam o beisebol, querida. Não adianta nada achar que poderia ser diferente depois de a coisa sair errada. Eu a observei comandando toda a operação e você desempenhou seu papel com firmeza e sangue-frio.

— De qualquer modo, engoli um frango. — Sorriu com timidez. — Que tal essa observação para quem não entende de esportes?

— A mulher gorda ainda não cantou — disse ele, e riu ao ver o olhar confuso de Eve ao ouvir essa expressão. — Isso quer dizer que o campeonato ainda não acabou. O jogo de hoje é que está encerrado e agora você vai para a cama.

— Quem é que disse? — Ela estava pensando em comentar que ia para a cama antes mesmo de Roarke falar, mas não resistia a uma oportunidade de contrariá-lo.

— O homem com quem você se casou porque é bom de cama.

— Eu só disse aquilo como tentativa de provocar um cara sexualmente reprimido e maníaco

assassino — justificou Eve, passando a língua sobre os dentes e enganchando os polegares nos bolsos da frente da calça.

— Sei... então você não se casou comigo porque eu sou bom de cama, afinal.

— O sexo é apenas um elemento de diversão.

— Um elemento que você deve estar cansada demais, esta noite, para explorar.

— Quem é que disse? — repetiu ela, estreitando os olhos para disfarçar o fato de que eles estavam se fechando de cansaço. Ele teve de rir, enlaçou-a pela cintura e começou a caminhar com ela em direção ao elevador para que ela não precisasse subir as escadas.

— Querida Eve... acho que você seria capaz de discutir até com o próprio capeta em pessoa.

— Achei que estava fazendo exatamente isso. — Bocejando, ela se encostou nele. Ao chegar ao quarto foi tirando a roupa, deixando as peças caírem pelo caminho. — Eles estão fazendo uma varredura completa no carro que ele deixou parado na porta do hotel — murmurou ela, se arrastando sobre a cama. — É um carro de locadora. O veículo foi alugado sob o número do cartão de crédito de Summerset.

— Troquei todos os meus números de conta e cartões de crédito. — Ele se deitou ao lado dela. — Vou providenciar para que isso seja feito também com os de Summerset amanhã de manhã. Nosso homem não vai achar tão fácil acessar nossos dados a partir de agora.

— Os peritos ainda não acharam nada no saguão. Há luvas, alguns fios de cabelo, talvez dele, e algumas fibras de tapete estrangeiro que podem ter vindo dos seus sapatos. Continuam pesquisando tudo.

— Que bom! — comentou ele, acariciando-lhe o cabelo. — Agora, veja se consegue desligar a cabeça.

— Ele vai mudar de alvo. Não consegui os pontos que queria na rodada de hoje. E isso vai acontecer logo. — Quando sua voz ficou meio empastada, Roarke se virou de lado, a fim de que Eve pudesse se enroscar junto dele.

*Vai acontecer logo.* Roarke refletiu sobre isso e viu que ela tinha razão. Mas o alvo não seria a sua mulher, pelo menos não naquela noite. Por ora ela estava segura, curvada de encontro a ele, com o corpo aquecido e adormecida.

Patrick Murray estava mais bêbado do que normalmente. Pelo esquema segundo o qual pautava sua vida, evitava permanecer sóbrio, mas não costumava tropeçar nas coisas nem mijar nas mãos. Naquela noite, porém, quando o Clube das Sereias fechou suas portas às três da manhã, ele

já fizera ambas as coisas, e mais de uma vez. Sua mulher o abandonara... mais uma vez.

Ele amava Loretta com uma paixão rara, mas admitia que muitas vezes o seu amor por uma atraente garrafa de uísque Jamison era maior. Ele conhecera o amor de sua vida cinco anos atrás. Ela estava nua em pelo e nadava como um peixe no show aquático pelo qual o clube era famoso, mas aquilo havia sido, para Patrick, amor à primeira vista.

Lembrou disso naquele instante ao tropeçar em uma cadeira que tentou colocar de pernas para o ar sobre a mesa diante dele. Demasiadas doses de uísque deixavam a sua visão embaçada e o impediam de cumprir bem as suas obrigações de faxineiro. Era sua responsabilidade passar pano molhado no chão, limpar bebidas derramadas e fluidos corpóreos, esfregar as privadas e pias, além de cuidar para que os quartos privativos tomassem um pouco de ar para não ficarem cheirando a orgasmos alheios no dia seguinte.

Fora contratado pelo clube para fazer exatamente aquilo há cinco anos e dois meses, e fora atingido pela flecha de Cupido ao ver Loretta executar uma pirueta aquática dentro do gigantesco aquário onde acontecia o show.

Sua pele, da cor de uísque envelhecido, brilhara com a água. Os caracóis de seus cabelos pretos flutuavam na água tingida de azul forte. Seus olhos por trás de lentes protetoras refulgiam em um tom lavanda.

Patrick empinou as costas e a cadeira que tinha nas mãos antes de voltar a buscar a pequena garrafa de uísque que trazia no bolso. Bebeu todo o resto de uma vez só e, embora balançasse o corpo para a frente e para trás, colocou o frasco vazio, com todo o cuidado, dentro do compartimento de reciclagem instalado na parede.

Patrick tinha vinte e sete anos quando pusera os olhos pela primeira vez na magnífica Loretta. Ele chegara aos Estados Unidos apenas dois dias antes. Fora obrigado a sair da Irlanda às pressas, devido a desentendimentos com a lei e leves desacordos provocados por dívidas de jogos. Finalmente encontrara o seu destino na cidade de Nova York.

Cinco anos depois, continuava esfregando o mesmo chão, limpando substâncias inimagináveis e embolsando trocados largados por clientes muitas vezes mais bêbados do que ele e lamentando, mais uma vez, a perda de sua Loretta.

Era obrigado a reconhecer que Loretta não tinha muita tolerância com um homem que consumia bebida aos litros.

Uma mulher que alguns poderiam chamar de "tamanho GG", com noventa quilos e um metro e sessenta e cinco, Loretta dava quase dois de Patrick Murray. Ele era um homem baixinho que certa vez sonhara em ser jóquei de puros-sangues, mas costumava perder muitos treinos matinais devido à inconveniência de uma cabeça que parecia estar explodindo. Tinha um metro e sessenta, cinquenta e quatro quilos, e esse peso era com as roupas molhadas, depois de cair no



tanque do show aquático.

Seus cabelos eram alaranjados, da cor de cenoura, e seu rosto exibia uma infinidade de sardas no mesmo tom. Loretta lhe disse muitas vezes que foi o tom azul de seus olhos de menino triste que a havia conquistado.

Da primeira vez, naturalmente, ele pagara a ela para fazer sexo. Afinal, aquilo era o seu ganha-pão. Da segunda vez ele também pagara pelo seu tempo, mas dessa vez lhe perguntou se ela gostaria de dividir uma torta com ele e bater papo.

Ela lhe cobrara pelo papo também, e mais duas horas extras, mas ele não se importara. Da terceira vez ele lhe trouxera uma caixa de um quilo de bombons sintéticos que simulavam à perfeição o sabor de chocolate, e ela fizera sexo com ele quase de graça.

Algumas semanas mais tarde, já estavam casados. Patrick se mantivera sóbrio por quase três meses. Então, de repente, o trem desgovernara, ele saíra dos trilhos e ela lhe deu uma esculhambação.

E fora assim desde então, com Patrick entrando e saindo dos trilhos há cinco anos. Por fim, prometeu a ela que ia se curar e se mostrou disposto a enfrentar o suadouro e as injeções da Clínica Antidrogas do East Side. Realmente pretendia ir até lá, mas ficou meio bêbado e tornou a sair dos trilhos.

E continuava a amar os cavalos.

Agora, Loretta andava falando em divórcio e isso o deixava arrasado. Patrick se apoiou no esfregão e suspirou diante dos reflexos que vinham do fundo do tanque.

Loretta apresentara dois shows naquela noite. Era uma mulher disposta a levar a carreira a sério, e ele respeitava isso. A princípio, sentira um certo desconforto quando ela insistiu em manter em dia a sua licença de acompanhante autorizada, mas superara isso. Sexo dava mais dinheiro do que fazer faxina, mais dinheiro até do que ser artista, e eles tinham sonhos de comprar uma casinha em um bairro elegante.

Ela não conversara com ele naquela noite, por mais que ele tivesse insistido em lhe arrancar algumas palavras. Quando o show acabou ela desceu pela escada, vestiu a túnica listrada que ele lhe dera de presente no último aniversário e sumiu, acompanhada pelas outras meninas do aquário.

Ela o deixara de fora do apartamento, fora da sua vida e, seu maior temor, fora do seu coração.

Quando a campainha tocou na entrada de serviço, ele balançou a cabeça, falando sozinho:

— Nossa, nem vi o tempo passar. Já amanheceu?...

Foi cambaleando até os fundos, teve dificuldade em digitar corretamente a senha que destravava o trinco, até que conseguiu abrir a porta em aço reforçado. Ficou ali por um momento, olhando sem entender para a figura encapotada que sorria para ele, desenhada de encontro à luz de segurança dos fundos do estabelecimento.

— Ué... ainda está escuro? — perguntou Patrick

— É sempre mais escuro pouco antes do amanhecer, segundo dizem. — O homem entrou e lhe ofereceu a mão enluvada. — Lembra-se de mim, Pat?

— Eu o conheço? Você é da minha terra? — Patrick aceitou o cumprimento, apertou a mão que lhe era oferecida e nem chegou a sentir a leve picada, pouco antes de tombar para a frente.

— Sim, sou da sua terra, Pat, e é para lá que vou mandá-lo de volta — disse o estranho, deixando o homem desmaiado deslizar para o chão, antes de se virar e tornar a trancar a porta com todo o cuidado.

Era fácil arrastar um homem do tamanho de Patrick da porta dos fundos até o salão principal. Lá chegando, o visitante colocou sua valise sobre uma das mesas e retirou cautelosamente as ferramentas que ia precisar.

Testou o laser, dando uma leve descarga para o teto, e sorriu, aprovando o resultado. As algemas eram de material leve, aprovado pela NASA II. O *tele-link* era mais pesado, pois estava acompanhado por uma bateria de máxima duração e uma interface com misturador de sinais. Ele encontrou uma tomada bem perto, atrás do bar, e rapidamente montou a sua central de comunicações.

Cantarolando baixinho, apertou o botão de escoamento do tanque. O barulho foi o de uma privada ligeiramente entupida, pensou, achando a imagem divertida, e só então voltou para onde Patrick estava, dando-lhe um chute nas costelas.

Nem um movimento, nem um gemido.

Com um suspiro profundo ele se agachou e verificou os sinais vitais do homem caído. Estava completamente bêbado, compreendeu. E ele usara tranquilizante demais. Vagamente irritado pelo erro de cálculo, pegou uma seringa de pressão cheia de anfetaminas e a apertou contra o braço sem energia de Patrick

Houve um leve tremor e um som de quase lamúria.

Sua raiva aumentou e ele sentiu-se estremecer sob a ação dela.

— Acorde, seu filho da mãe! — Recuando ligeiramente, deu uma bofetada no rosto de Patrick, primeiro com as costas da mão e depois com a mão espalmada, diversas vezes. Ele o queria acordado e consciente de tudo o que estava acontecendo. Ao ver que as bofetadas não surti-

feito, usou os punhos, até que o sangue começou a jorrar e empapou suas luvas.

Patrick simplesmente gemeu.

A respiração do visitante ficou entrecortada e seus olhos começavam a pinicar devido às lágrimas não vertidas. Ele tinha só mais duas horas, por Deus! Será que era obrigado a operar milagres? Será que tinha que pensar em tudo?

Será que Deus o abandonara, afinal, por causa de seus erros?

Se não fosse por causa de Dallas ele já teria eliminado aquele porco do Brian Kelly a esta hora, e Pat poderia esperar mais um ou dois dias. Um ou dois dias a mais seria o tempo necessário para observar mais de perto os seus hábitos e padrões de comportamento, e ele não precisaria estar naquela correria para eliminá-lo.

De repente, ouviu o som de vidro se quebrando e piscou, sem expressão. Compreendeu então que atirara uma cadeira por cima do balcão e quebrara o espelho da parede dos fundos.

Muito bem, e daí?... aquilo era apenas um clube nojento dedicado ao sexo em uma cidade suja. Ele bem que gostaria de destruir o lugar, estilhaçar todos os vidros, tocar fogo no local e depois ficar vendo tudo arder em chamas.

O próprio Cristo destruíra as barraquinhas do mercado, não foi? Aquele foi um momento de raiva justa contra os agiotas, as prostitutas e os pecadores.

Mas não havia tempo. Aquela não era a sua missão.

Pat Murray era a sua missão daquela noite.

Resignado, pegou o laser. Precisava apenas remover o olho enquanto Pat ainda estava inconsciente. Não importava, decidiu ele. Pôs mãos à obra. Haveria muita diversão depois disso. Diversão mais do que suficiente.

Ficou satisfeito por ter conseguido remover o olho de forma tão precisa e eficiente. Como um cirurgião. Da primeira vez ele ficara todo sujo, só agora conseguia reconhecer. Sua mão tremera muito e seus nervos estavam à flor da pele. Mesmo assim ele o fizera, não? Exatamente como lhe fora ordenado. Ele terminava tudo o que começava. E terminaria tudo. Acabaria com todos.

Parou por alguns instantes, antes de colocar o órgão em uma vasilha cheia de líquido claro. Teria de deixar aquele órgão no local da ação, é claro. Já aceitara isso. Uma vez que o plano precisava ir em frente daquela forma inesperada, ele não teria oportunidade de acrescentar o olho de Pat Murray à sua coleção.

Já era satisfação bastante tê-lo retirado de sua órbita. "Olho por olho."

Pat começou a gemer novamente quando ele o arrastou na direção do tanque.

— Ora, agora é que você acorda, seu pecador bêbado! — Respirando fundo, levantou Pat, colocou-o sobre o ombro e, com as algemas balançando em cima do braço, subiu a escada.

Ele estava orgulhoso de ser forte o bastante para fazer aquilo, carregar um homem adulto nas costas. Nem sempre ele estivera em tão boa forma. Quando criança fora muito miúdo, fraco e doente. Mas teve motivação para mudar isso. Ouviu o que lhe foi dito e fez o que era necessário. Exercitou o corpo e a mente até estar pronto. Até se tornar perfeito. Até o momento certo chegar.

Já dentro do tanque vazio, colocou Pat no chão e pegou no bolso uma pequena furadeira com ponta de diamante. Cantarolou seu hino favorito enquanto fazia pequenos furos no chão do tanque. Prendeu as algemas com parafusos e as testou, colocando-se em pé e tentando arrancá-las do piso com toda a sua força. Satisfeito ao ver que elas não haviam despregado, virou-se para tirar as roupas de Pat.

— Nus nascemos e nus devemos morrer — disse, com ar alegre, prendendo as algemas em volta dos finos tornozelos de Pat. Analisou o rosto abatido e reparou o leve tremular da pálpebra oca. — A que volume você vai berrar, pedindo misericórdia?

Pegou um medalhão no bolso e o jogou no ar, ouvindo o barulho metálico que o objeto fez ao cair no fundo do tanque. Beijou a imagem da Virgem Mãe com reverência, e então a colocou em pé, de frente para o pecador.

— Lembra-se de mim, Pat?

Presenciou a dor aguda e as cólicas nauseantes que Patrick sentiu no instante em que recobrou a consciência. Ele gemeu um pouco, choramingou e finalmente gritou:

— Ai, meu Deus, meu Deus, o que é isso?!...

— Vingança.

Soluçando, Pat passou a mão no rosto como se tentasse escondê-lo da agonia que sentia. Ao descobrir o que havia sido feito com ele, urrou:

— Meu Deus, meu olho!... perdi meu olho!

— Não perdeu não! — explicou o visitante, rindo, rindo tanto que teve de segurar a barriga. — Está na mesa, bem ali fora.

— O que está acontecendo? O que houve? — Desesperado e totalmente sóbrio, Patrick puxou as algemas com força. A dor o atravessou por dentro como um ácido. — Você quer grana? Eles não deixam dinheiro algum depois de fechar o caixa, e eu não tenho o segredo do cofre. Sou

apenas o zelador.

— Não quero dinheiro.

— O que quer? O que fez comigo? Ai, minha Nossa Senhora, o que quer?

— Não pronuncie o nome Dela! — Novamente enfurecido, ele atingiu Pat no rosto mais uma vez com o punho cerrado. — Não quero ver o nome Dela em sua língua imunda! Se tornar a pronunciá-lo eu a corto de sua boca pecaminosa.

— Não compreendo — choramingou Patrick. O soco o deixara de joelhos. — O que quer de mim?

— Sua vida. Quero tirar a sua vida. Esperei quinze anos por isso e vai ser hoje à noite.

Lágrimas brotaram do olho que ficara intocado, e a dor era excruciante. Mesmo assim, Patrick se balançou e tentou agarrar a perna de seu agressor. Quando agarrou apenas ar, tornou a tentar, xingando agora, ameaçando e choramingando.

— Isso podia ser mais divertido, mas eu tenho hora. — Encaminhando-se para a escada, subiu os degraus de forma lenta, enquanto as súplicas e ameaças de Patrick ecoavam atrás dele. — Vai levar quase uma hora para a água cobrir a sua cabeça, pela velocidade que eu determinei. Uma hora — repetiu, sorrindo para Patrick através do vidro ao descer pelo outro lado. — Quando este momento chegar, você estará quase em estado de insanidade. A água vai subir, centímetro por centímetro. Tornozelos, joelhos, cintura... Você vai continuar tentando se livrar das algemas até a sua pele ficar em carne viva, sangrando e queimando, mas nada disso vai adiantar. Cintura, peito, pescoço...

Ainda sorrindo, ligou o controle que abria as torneiras, ajustando-o para que a água saísse apenas pelos canos laterais.

— Por que está fazendo isso, seu canalha, filho da puta ?

— Você tem apenas uma hora para descobrir. Ajoelhando-se, o visitante fez o sinal da cruz, uniu as mãos e ofereceu uma prece de agradecimento e celebração.

— Você está rezando? Está rezando?! — Lutando para manter o foco, Patrick olhou para a imagem da Virgem enquanto a água começava a subir, encobrindo a borda do seu manto. — Mãe de Deus — sussurrou. — Querida Mãe de Deus... — Rezou também, tão fervorosamente quanto jamais o fizera em toda a sua vida. Se Ela intercedesse por sua salvação, ele jurava por Sua misericórdia que nunca mais levaria uma garrafa de bebida aos lábios.

Por cinco silenciosos minutos a imagem dos dois suplicantes pareceu se refletir. Um dentro do tanque, o outro fora. Então, um deles se levantou e sorriu, afirmando:

— É tarde demais para orações. Você foi amaldiçoado desde o dia em que entregou a vida de uma pessoa a um demônio, em troca de dinheiro.

— Jamais fiz isso! Eu não conheço você. — A água lambia timidamente seus joelhos, levando Patrick a lutar ainda mais. — Você pegou o homem errado!

— Não... você está apenas um pouco adiantado na minha programação. — Como ainda havia tempo suficiente para ele ligar para as pessoas certas, foi para trás do bar e, enquanto Patrick continuava a suplicar aos gritos por misericórdia, serviu-se de um refrigerante. Alcool jamais tocara os seus lábios.

— Espero que se lembre de mim antes de morrer, Pat. Espero que você se lembre de quem eu sou e quem me enviou.

Abriu o lacre da lata e a levou consigo enquanto andava por trás do bar. Cantarolando mais uma vez, colocou a cadeira virada para o tanque e se sentou. Bebendo devagar, apreciou o show

Eram exatamente cinco da manhã quando o toque do *tele-link* a acordou. Eve pulou da cama totalmente desperta e com o coração martelando no peito. Levou apenas um instante para compreender que não foi o som do *tele-link* que fizera seu pulso acelerar, mas o sonho que acabara de ser interrompido. E soube que era ele.

— Bloqueie o sinal de vídeo e rastreie esta ligação! — ordenou ao sistema, estendendo a mão a fim de empurrar Roarke para trás. — Aqui fala a tenente Dallas!

— Você achou que podia ganhar de mim roubando no jogo, mas estava errada. Tudo o que conseguiu foi adiar o destino. Vou matar Brian Kelly, mas em outra hora e em outro lugar.

— Você é que pisou na bola, meu chapa. Deu para ver você suando frio quando sacou que já estávamos esperando por você no saguão do hotel. Sabíamos exatamente o que ia fazer e como planejava tudo.

— Mas não conseguiram me pegar. Não chegaram nem perto...

— Chegamos tão perto que você sentiu nosso bafo em sua nuca.

— Não tão perto... "Para quem são os gemidos? Para quem os lamentos? Para quem as brigas? Para quem as queixas? Para quem as feridas sem motivo? Para quem os olhos vermelhos? São para aqueles que bebem o dia inteiro e vivem procurando bebidas diferentes." Estou observando um homem morrer. Ele está morrendo neste instante. Quer ouvir os seus gemidos e lamentos?

Em um movimento rápido, desligou o filtro de som e deixou o *tele-link* aberto para os ruídos que vinham de fora.

Gritos e soluços explodiram através do alto-falante, fazendo o sangue de Eve gelar nas veias.

— Agora, quem está roubando? — quis saber ela. — Se vai matá-lo, dê-me ao menos uma chance. Desse jeito, foi como na vez que você matou Brennen. Que tipo de jogo é esse, se você não tem coragem de se arriscar?

— Ele ainda não está morto. Acho que você tem tempo suficiente, mas por muito pouco.

— E qual é a dica? — Ela já estava fora da cama, vestindo a roupa.

— Vou fazer essa aqui bem fácil para você. Coma, dance e assista às sereias nuas. Já fechamos, mas pode vir. A água está ótima! Ele já está começando a engasgar. Não demore muito, tenente.

Enjoada só de ouvir a voz dele, modificada eletronicamente, ela mesma desligou.

— É um clube — disse a Roarke, enquanto colocava sua arma no coldre.

— O Clube das Sereias. Dançarinas nuas dentro d'água.

— Essa é nossa única chance — disse ela, entrando no elevador junto com ele. — Essa vítima vai ser afogada. — Olhou para Roarke enquanto pegava o comunicador para dar o alarme. — Você não é o dono do Clube das Sereias, é?

— Não. — Seus olhos ficaram duros. — Mas já fui.

## CAPÍTULO DEZENOVE

O sol estava raiando sobre as margens do East River quando eles passaram voando em direção ao sul, na cidade ainda adormecida. Nuvens encobriam a alvorada, movendo-se preguiçosamente e transformando o céu em um rastilho de pólvora.

Roarke preferiu deixar o carro no modo manual e evitou pegar a Broadway, com sua festa eterna e tráfego hostil. A frustração de Eve era tão presente que quase dava para senti-la como uma terceira passageira no carro.

— Não é possível adivinhar os planos de um louco, Eve.

— Ele tem um padrão, mas isto está se desfazendo. Não consigo reunir as pontas. — *Pense, pense, pense*, ordenou-se ela enquanto voavam baixo pelo tráfego do centro da cidade, que começava a aumentar. — Você conhece o novo dono do Clube das Sereias?

— Pessoalmente, não. Lidei com este clube há muitos anos. Foi uma das minhas primeiras propriedades no centro. Na verdade, eu o ganhei num jogo de dados, mantiveo comigo por uns dois anos e então vendi, com gordos lucros. — Avistando um maxiônibus lotado que se arrastava no cruzamento da Sétima Avenida, desviou para oeste e continuou atravessando a cidade.

— A vítima deve ser o dono do lugar, ou alguém que trabalha lá. — Eve pegou seu *palm computer*. Mordeu o lábio inferior por causa de um solavanco quando Roarke passou por um dos muitos buracos deixados pela Secretaria de Obras da cidade. — Silas Tikinika? Esse nome lhe diz alguma coisa?

— Não.

— Então ele provavelmente está dormindo tranquilamente em sua cama. Vou pesquisar os empregados.

— Estamos quase lá — disse Roarke. — Vamos descobrir logo, logo...

O luminoso em animação virtual com a imagem de uma sereia nua da cintura para cima, exibindo uma longa cauda verde e cintilante estava apagado, atrás do portão gradeado. Roarke estacionou junto ao meio-fio e notou que não havia outros carros na área. Era raro para alguém daquela decadente parte da cidade ter transporte próprio. Roarke ligou o sistema de alarme e segurança do veículo antes de saltar, pois sabia que, sem isso, o carro não estaria mais ali quando ele voltasse.

Notou de relance dois fantasmas de rua encostados em um portal dois prédios adiante. Eles mostraram a cara em meio às luzes ainda esmaecidas da alvorada, e então voltaram a se esconder nas sombras ao ouvirem o som de sirenes se aproximando.

— Não vou esperar pelo reforço — disse Eve a Roarke, sacando a arma e seu cartão mestre.



Então, abaixou-se e pegou uma pequena pistola de atordoar que usava na bota. — Pegue esta arma aqui e certifique-se de escondê-la quando os policiais chegarem. — Seus olhos se fixaram nos dele por um rápido instante. — Vá pela esquerda.

Luzes frenéticas e música selvagem os recepcionaram com estardalhaço no instante em que entraram pela porta da frente. Eve se lançou para a direita, agachada. De repente, pulou para a frente, dando um grito de advertência para o homem agarrado à escada, ao lado do tanque onde acontecia o show:

— Pare! Mantenha as mãos onde eu possa vê-las!

— Tenho que tirá-lo dali! — respondeu Summerset, arranhando os dedos nas bordas de metal enquanto descia mais um degrau. — Ele está se afogando!

— Saia da minha frente! — Eve o puxou para fora da escada e o lançou na direção de Roarke, pedindo: — Encontre o controle de drenagem do tanque, pelo amor de Deus. Rápido! — Nesse ponto, deu impulso com o corpo e mergulhou no imenso aquário.

Filetes de sangue nadavam na água como peixes exóticos. O homem preso no piso do tanque já estava com os lábios azuis e seu único olho estava aberto e arregalado. Ela notou que seus dedos e os tornozelos estavam em carne viva de lutar contra as algemas. Agarrando o seu rosto abatido, colocou a boca de encontro à dele e forçou ar para dentro de seu peito.

Com os pulmões ardendo, ela o largou, lutou para voltar à superfície e inspirou mais ar com força. Sem perder tempo com palavras, tornou a mergulhar. Seus olhos piscaram de leve ao notar o rosto da Virgem e seus olhos esculpidos em mármore que observavam a morte sob tortura com absoluta serenidade.

Eve sentiu um calafrio e então lutou para salvar aquela vida.

Em sua terceira volta à tona, o caminho lhe pareceu mais curto; ao tornar a mergulhar, virou a cabeça e viu a imagem de Roarke subindo pela escada, pelo lado de fora.

Ele tivera tempo de tirar o paletó e os sapatos. Ao alcançar o fundo do tanque, ele a agarrou pelo braço e sacudiu o polegar para cima, mandando-a subir. Então os dois trabalharam em dupla, um sugando o ar e o outro liberando-o na boca da vítima, enquanto o nível da água baixava lentamente.

Quando conseguiu ficar em pé, com a cabeça fora d'água, Eve começou a tossir violentamente.

— Summerset! — conseguiu falar.

— Ele não vai a parte alguma. Pelo amor de Deus, Eve!

— Agora não tenho tempo de discutir sobre isso. Consegue abrir o fecho das algemas?

Pingando, respirando fundo em busca de ar, ele olhou para ela. Então, enfiou a mão no bolso em busca do canivete, avisando:

— Seus colegas estão chegando.

— Eu cuido deles. Veja o que consegue fazer lá embaixo. — Tirando os cabelos que haviam ficado grudados em seu rosto, viu o momento em que quatro policiais irromperam pela porta. — Sou a tenente Eve Dallas! Tragam alguns paramédicos para cá, depressa, com equipamento para ressuscitação! Temos uma vítima de afogamento. Não sei por quanto tempo ele já estava lá embaixo e não há pulsação. E alguém, por favor, desligue esta música infernal. Coloquem as luvas. Quero a cena do crime tão preservada quanto possível.

A água já estava à altura dos joelhos e o ar-condicionado a fazia tremer dentro das roupas molhadas. Seus músculos doíam devido ao esforço de estar amparando o peso da vítima. Nesse momento, viu Roarke abrir a primeira algema e virar-se de lado para trabalhar na outra.

No instante em que a segunda algema se abriu, ela colocou o corpo deitado sobre os poucos centímetros de água que ainda restavam no fundo do tanque e, subindo com as pernas abertas sobre ele, começou a socar-lhe o peito.

— Quero um aparelho de ressuscitação cardiopulmonar, aqui, e alguns cobertores. — A última palavra ecoou enquanto a música parou de forma abrupta. Seus ouvidos zumbiam. — Vamos lá... vamos lá... volte para nós! — pediu, ofegante, tornando a se debruçar sobre a vítima e inflando-lhe os pulmões com mais ar.

— Deixe que eu faço isso — disse Roarke, ajoelhando-se ao lado dela. — Você tem a cena de um crime para proteger.

— Os paramédicos — disse ela, contando de cabeça, compassadamente, os golpes que dava no peito da vítima. — Eles vão chegar a qualquer momento. Você não pode parar de tentar ressuscitá-lo até eles chegarem aqui.

— Não vou parar.

No instante certo, marcado por um aceno de cabeça, Roarke colocou as mãos no lugar das de Eve e continuou golpeando no ritmo dela.

— Quem é ele, Roarke?

— Não sei. — Ele olhou de relance para Eve, que já se colocava de pé. — Simplesmente não sei.

Era muito mais difícil subir a escada para sair do tanque do que para entrar, reparou Eve. Sentiu-se tonta no momento em que alcançou a borda. Levou um momento para respirar fundo e encher os pulmões que pareciam queimados e arranhados. Então, lançou a perna por sobre a borda e desceu.

Peabody já estava à sua espera quando atingiu o último degrau e informou:

— Os paramédicos estão bem atrás de mim, Dallas.

— Ele está muito mal. Não sei se vão conseguir trazê-lo de volta. — Olhou pelo vidro e viu Roarke trabalhando sem parar. — Organize os policiais em duas equipes e façam uma busca. Não vamos encontrá-lo, mas precisamos olhar mesmo assim. Bloqueie todas as saídas e ligue os gravadores.

Peabody olhou por cima dos ombros de Eve para o lugar onde Summerset estava, com as mãos ao longo do corpo, observando Roarke do outro lado do tanque.

— O que vai fazer, Dallas?

— O meu trabalho. Você faça o seu. Quero que proteja este local e chame os peritos. Você tem um estojo de serviço com você?

— Bem, não tenho um daqueles kits completos de detetive. Só o meu equipamento de rua e alguns sacos para lacrar provas.

— Vou usá-los. — Pegou um dos sacos que Peabody lhe ofereceu. — Vamos cair dentro! — ordenou, sinalizando para a equipe médica que entrou. — A vítima está dentro do tanque. Caso de afogamento, sem pulsação. Manobras de ressuscitação cardiopulmonar em curso há aproximadamente dez minutos.

Virando-se para o outro lado, Eve sabia que não poderia fazer mais nada ali. Com a água guinchando dentro das botas, deixou os pingos escorrerem por seus cabelos e seu rosto enquanto se aproximava de Summerset. Como seu casaco de couro molhado parecia pesar uma tonelada, ela o despiu, jogando-o sobre uma das mesas.

— Droga, Summerset... você está preso por suspeita de tentativa de assassinato. Você tem o direito de permanecer...

— Ele ainda estava vivo quando eu cheguei. Tenho quase certeza de que ainda estava vivo. — Sua voz parecia débil e pensativa. Eve reconheceu os sintomas de choque em suas palavras e nos olhos vidrados. — Acho que cheguei a vê-lo se mover.

— Seria mais inteligente esperar até eu acabar de recitar todos os seus direitos e deveres antes de fazer qualquer declaração — disse ela, baixinho. — Fique frio e não dê uma palavra, nem uma palavrinha, até Roarke acionar um daqueles advogados bambambã dele. Seja esperto e fique de bico calado!

Summerset, porém, recusou os advogados que lhe foram oferecidos. Quando Eve entrou na sala

de interrogatório, onde ele estava sendo vigiado por um guarda, Summerset continuou sentado, com a coluna ereta e olhando firme para a frente.

— Não vou precisar de você — avisou ao guarda. Deu a volta na mesa e se sentou diante dele no instante em que o guarda deixou a sala. Ela tivera algum tempo para trocar de roupa e se esquentar por dentro com um pouco de café; verificara junto à equipe da emergência e fora informada que o homem identificado como Patrick Murray voltara à vida, e os médicos estavam lutando para mantê-lo assim.

— Continuamos com um caso de tentativa de assassinato — disse ela para Summerset em tom de conversa. — Conseguiram trazer Murray de volta dos mortos, mas ele está em coma. Se conseguir escapar, talvez fique com danos cerebrais.

— Murray?

— Patrick Murray, mais um rapaz de Dublin.

— Não me lembro de nenhum Patrick Murray. — Seus dedos ossudos passaram pelo cabelo em desalinho. Os olhos vagavam sem expressão pela sala. — Eu gostaria... gostaria de um pouco d'água.

— Certo, claro. — Eve se levantou para pegar uma jarra. — Por que não deixou Roarke convocar seus advogados?

— Isso não é problema dele. E eu não tenho nada a esconder.

— Você é um idiota! — reagiu ela, pousando a jarra com força sobre a mesa. — Você não faz ideia de como a coisa pode ficar feia depois que eu ligar o gravador e começar a forçar a barra. Você foi encontrado na cena de uma tentativa de assassinato, pego em flagrante pela investigadora principal do caso enquanto tentava sair de um tanque onde...

— Entrar! — reagiu ele, em um tom de voz que ajudou a espalhar a névoa que continuava cobrindo sua mente. — Eu tentava *entrar* no tanque.

— Vai ter que provar isso, e eu sou a primeira que você vai ter que convencer. — Eve passou as duas mãos pelos cabelos, em um gesto de fadiga e frustração que fez Summerset franzir o cenho com ar de estranheza. Os olhos dela, ele reparou, ainda estavam vermelhos da água e com grandes olheiras.

— Não vou poder aliviar a sua barra dessa vez — avisou ela.

— Não espero nada da senhora.

— Ótimo! Estamos quites. Ligando o gravador! Interrogatório com o suspeito Lawrence Charles Summerset, a respeito da tentativa de assassinato de Patrick Murray, na data de hoje. Entrevista

realizada pela investigadora principal do caso, tenente Eve Dallas. Início do interrogatório às oito e dezoito da manhã. O suspeito já foi informado de seus direitos e obrigações legais, e abriu mão de representação legal neste momento. Isto está correto?

— Sim, está correto.

— O que fazia no Clube das Sereias às seis e trinta da manhã de hoje?

— Recebi uma ligação por volta de seis e quinze. A pessoa que ligou não se identificou. Orientou-me a ir até lá imediatamente, e sozinho.

— E você costuma ir a clubes de sexo quando algum desconhecido liga ao amanhecer ordenando-lhe isso?

Summerset fez um ar murcho, de embaraço, o que a alegrou um pouco; mas ele ainda não estava pronto para ser derrubado.

— O homem que ligou informou-me que uma amiga minha estava presa lá e que ela sairia ferida se eu não obedecesse às instruções.

— Que amiga?

— Audrey Morrell. — Ele se serviu de um pouco d'água e bebeu um gole.

— Sei... aquela que serviu de álibi para você no assassinato de Brennen. Aquela história não funcionou muito bem da última vez. Tem certeza de que quer usá-la novamente?

— Não há necessidade de sarcasmo, tenente. A ligação foi real. Deve estar registrada no sistema.

— E pode ter certeza de que vamos verificar isto. Então o tal sujeito anônimo mandou que você fosse ao Clube das Sereias. Você sabia onde ficava o local?

— Não, não sabia. Não tenho o hábito de frequentar estabelecimentos deste tipo. — Empertigou-se de tal forma que Eve teve de fazer força para prender o riso. — Ele me forneceu o endereço.

— Tremenda consideração por parte dele. Então ele disse que você deveria ir até lá ou a sua namorada iria se ver em sérios apuros.

— Ele disse... insinuou que ia fazer com ela o que havia sido feito com Marlena.

Uma físgada de pena, solidariedade e remorso a trespassou, mas Eve não podia demonstrar nada.

— Muito bem... quer dizer, então, que você tem uma policial dentro de casa, mas nem se deu ao trabalho de comunicar a essa policial um caso de possível sequestro ou ataque.

Seus olhos se tornaram sombrios e frios ao olhar para ela, mas Eve notou que havia um pouco de medo por trás do orgulho quando ele afirmou:

— Não costumo depender do departamento de polícia para nada.

— Se você tivesse a ficha limpa, não estaria sentado aí. — Os olhos dos dois se encontraram e permaneceram fixos um no outro.

— Você sabe muito bem que já aconteceram três assassinatos e que você é suspeito desses crimes. Embora as provas sejam circunstanciais e o resultado dos seus testes psicológicos seja negativo, você não está exatamente em um banco de praça.

Eve sentiu vontade de sacudi-lo com força por ser idiota, por odiá-la com tanta intensidade que não pedira por ajuda nem mesmo em uma condição como aquela, em que ela não teria outra escolha senão socorrê-lo.

— Agora você alega que recebeu uma ligação anônima — continuou ela. — Acabou sendo encontrado pela polícia na cena de uma tentativa de assassinato.

— Não é uma alegação, é um fato. Não poderia me arriscar a ver alguém de quem gosto ser ferida. — Aquilo era tudo que ele se permitia oferecer, uma leve citação do que acontecera com sua filha. — Jamais me arriscaria a isso. Quando desliguei, agi exatamente de acordo com as instruções.

Teria sido mais fácil, para Eve, se ela não compreendesse a situação dele. Recostandose novamente na cadeira, disse a Summerset:

— A cena e o método utilizado nesta tentativa de assassinato seguem o mesmo padrão dos outros três crimes.

Enfiando a mão na bolsa ela pegou um pequeno frasco de vidro, vedado. Era o olho de Patrick Murray que flutuava no líquido dentro do frasco. Na verdade, não era o órgão verdadeiro, pois os cirurgiões estavam trabalhando naquele momento com o olho real, em uma tentativa de reimplantá-lo, mas a prótese causou o mesmo impacto.

Observou a forma como Summerset olhou para o pequeno órgão flutuante e então virou o rosto para o outro lado.

— Você acredita na expressão "olho por olho"?

— Achava que sim. — Sua voz tremeu e então ele esticou as costas. — Já não sei mais no que acredito.

Sem dizer nada, Eve se inclinou para baixo e pegou a imagem da Virgem.

— A Virgem... — exclamou ela. — Marlena era inocente. Era pura.

— Tinha apenas quatorze anos. Quatorze!... — Lágrimas dançaram em seus olhos, causando dor tanto nele quanto em Eve. — Preciso acreditar que ela está em paz. Tenho que acreditar nisso para conseguir sobreviver. Acha que eu seria capaz de fazer o que testemunhei naquele lugar, e fazer tudo aquilo em nome dela? — Fechando os olhos, lutou desesperadamente para manter o controle. — Ela era uma menina boa, sem mácula. Não vou mais responder a pergunta alguma a respeito dela. Não para a senhora...

Eve concordou com a cabeça e se levantou. Antes de ela se virar, porém, Summerset notou as sombras e a dor profunda nos olhos dela. Ele abriu a boca sem ter ideia do que ia dizer em seguida, mas ela falou antes:

— Você sabia que os conhecimentos de eletrônica desempenham um papel fundamental nestes crimes e que, diante disso, o registro da ligação que você recebeu em casa não tem valor algum?

Ele abriu a boca, mas tornou a fechá-la sem dar uma palavra. Que tipo de mulher era aquela, ponderou, que conseguia ir da compaixão profunda ao açoite repentino em um piscar de olhos? Dessa vez, bebeu um gole maior, antes de afirmar:

— A ligação foi recebida, exatamente como eu afirmei. Sentindo-se firme novamente, Eve voltou e tornou a se sentar, afastando com firmeza a imagem de Marlena de sua mente.

— Você tentou entrar em contato com Audrey Morrell para confirmar a informação que recebeu?

— Não, eu...

— Como foi até o Clube das Sereias?

— Fui em meu veículo particular e, de acordo com as instruções recebidas, estacionei o carro junto da entrada lateral do clube, na rua 15.

— Como entrou lá?

— A porta lateral estava destrancada.

— E o que aconteceu?

— Chamei em voz alta. Ninguém respondeu, mas a música estava muito alta. Todas as luzes estavam acesas. Fui até o salão principal. Vi o rapaz de imediato, dentro do tanque. Ele... acho que estava se movendo. Pensei ver seus lábios se mexendo. Seu olho... seu olho desaparecera e seu rosto havia sido espancado. — Começou a perder a cor enquanto continuava o relato, à medida que as imagens voltavam à sua cabeça. — A água continuava a inundar o tanque. Eu não sabia como fechar as torneiras. Comecei a subir a escada, pensando em puxá-lo para fora. Então

você entraram.

— Como achou que ia conseguir puxá-lo para fora se ele estava preso por algemas ao fundo do tanque?

— Não vi isto. Não reparei. Vi apenas o seu rosto.

— Você conhecia Patrick Murray, em Dublin?

— Conheci muita gente lá. Não me lembro de nenhum Patrick Murray.

— Muito bem. Vamos começar tudo novamente.

Eve trabalhou com ele por duas horas, interrogando-o com determinação. A história dele não mudou nada. Quando saiu da sala de interrogatório, fez um sinal para Peabody, pedindo:

— Vá verificar se meu carro novo já chegou e em que vaga posso encontrá-lo. Avise-me e depois vá para o lugar onde ele está. Chegarei lá em cinco minutos.

— Sim, senhora. Ele aguentou firme — comentou. — Se eu tivesse sido atacada por perguntas daquela forma, sem cessar, em um interrogatório desse tipo, provavelmente confessaria qualquer coisa só para conseguir um pouco de paz.

Sim, ele aguentara firme, pensou ela, mas parecia dez anos mais velho quando ela terminou. Velho, doente e frágil. O estômago de Eve se contorceu de culpa.

— A única coisa que ele conseguiu nesta manhã foi ganhar um prêmio por burrice — resmungou Eve, enquanto seguia em frente pelo corredor.

Encontrou Roarke à sua espera, como já imaginava, sentado em sua sala.

— Vou lhe dar dez minutos para conversar com ele. Tente convencê-lo a arrumar um advogado. Não me importo com os meios que vai usar para conseguir isso.

— O que aconteceu? O que ele estava fazendo lá?

— Não tenho tempo para lhe contar tudo agora. Ele mesmo lhe dirá. Tenho que sair para um trabalho de campo, mas não devo levar mais de uma hora. Depois vou para casa, com Peabody. Temos que fazer uma busca. Tecnicamente, não preciso de um mandado para entrar nos aposentos dele, pois fazem parte da sua casa. Apesar disso, você poderia complicar as coisas, se quisesse.

— Não tenho intenção alguma de complicar as coisas. Quero tudo isso esclarecido de uma vez tanto quanto você.



— Então faça um favor a nós dois: fique longe de casa e certifique-se de que ele também fique longe, depois que seus advogados conseguirem libertá-lo sob fiança. Mantenha-o longe dali pelo menos até as três da tarde.

— Certo. Vocês já conseguiram identificar a vítima?

— Ele está vivo, ou quase vivo, e seu nome é Patrick Murray. Era o faxineiro do clube. Preciso entrar em contato com a sua esposa.

— Pat Murray. Meu Deus! Eu nem o reconheci.

— Então... você o conhecia.

— Mais em nível profissional do que pessoal. Ele gostava de jogar, e eu fornecia o jogo. — As lembranças de Roarke eram vagas e enevoadas. — Ele me deu uma dica, certa vez, de onde eu poderia encontrar Rory McNee. Deve ter se gabado disso com alguém. Eu certamente não contei a ninguém, e nós nem éramos amigos. O fato é que, de vez em quando, ele fazia pequenos trabalhos e servia de anotador para O'Malley e os outros. Jamais pensaria nele como possível vítima. — Levantou a mão, deixando-a cair novamente. — A dica não deu em nada, de modo que eu jamais poderia me lembrar dele.

— Pois alguém lembrou. Não importa se a dica era furada ou não. Ele entregou a você o paradeiro de alguém e isso o torna um traidor... e um alvo. — Seu comunicador apitou. — Aqui fala a tenente Dallas!

— Recebi o seu veículo, tenente. Estou na garagem, setor D, nível três, vaga 101.

— Estou indo... agora tenho que ir embora — disse a Roarke. — Chame os advogados.

— Já fiz isso há uma hora. — Ele conseguiu dar um sorriso. — Neste instante, eles devem estar convencendo o juiz a expedir um mandado de soltura sob fiança para Summerset.

Como estava com pressa, Eve pegou a passarela rolante para o setor D, mas só conseguiu ir até o setor C, pois o motor parou. Saltou da passarela e nem se deu ao trabalho de xingar a máquina, seguindo até o nível seguinte quase correndo. Localizou a vaga 101 e encontrou Peabody boquiaberta diante de um Sunsport último tipo, com frente rebaixada, teto solar e abas de deflexão na frente e atrás.

— Achei que você tinha dito vaga 101 — reclamou com Peabody.

— E disse mesmo.

— E onde está o carro que mandaram para substituir o velho?

— É esta vaga mesmo — confirmou Peabody, com os olhos arregalados. — O carro é esta

beleza aqui!

— Ninguém na Divisão de Homicídios consegue um carrão desses — debochou Eve. — Nem mesmo quem já é capitão.

— Pois a placa confere. Verifique também a senha para abrir a porta. — Entregou a Eve um pequeno sensor metálico que poderia também ser usado no caso de o motorista ter esquecido o código.

— Tudo funciona direitinho. Pensei em ligar para o Departamento de Requisição de Veículos para confirmar se o carro era esse mesmo, mas então achei que não valia a pena fazer papel de idiota.

— Bem... — Eve fez um bico com os lábios e assobiou baixinho. A cor podia ser horrível, um verde forte, com tom de ervilha, mas todo o resto era de primeira classe. — Uau! Alguém deve ter liberado o carro errado, mas a gente deve aproveitar para curtir enquanto pode. Entre.

— Nem precisa mandar! — Peabody se agachou para passar sob a porta que se elevou para o alto como uma asa e se remexeu no banco até sentir que o traseiro estava confortavelmente instalado. — Banco legal! E você pode programar o sistema para ligar o motor por comando de voz.

— Vamos brincar com essas coisas mais tarde. — Eve ligou o motor manualmente e levantou uma sobancelha, aprovando o ronco suave da máquina. — Nenhum soluço nem engasgo. Isso pode significar o início de uma bela parceria. Espero que o escudo de segurança e o equipamento antifurto sejam de última geração e estejam funcionando bem.

— Algum motivo em particular?

— Sim. — Eve deu ré, fez a curva e começou a se dirigir para os andares inferiores. — Vamos voltar ao Clube das Sereias, a fim de procurar duas aparições que saquei na área hoje de manhã. Um carro como este, com placa da polícia ou não, certamente vai atrair algum ladrão.

— Ele veio equipado com escudos completos, defletores e um desencorajador de ladrões com choques elétricos progressivos.

— Talvez isso funcione — refletiu Eve. Quando pegou o *tele-link* para fazer uma ligação, Peabody balançou a cabeça.

— Para ativar esse modelo não precisa usar as mãos. É só apertar o segundo botão na alavanca embaixo do volante.

— Adoro tecnologia. — Após fazer o que Peabody lhe dissera, Eve observou a tela do *tele-link* ficar azul e ordenou: — Audrey Morrell, Torres do Luxo, Nova York. Buscar o número e fazer a ligação.

*Pesquisando... O número solicitado não está na lista. Entrando em contato...*

Dois bipes depois, de forma eficiente, o rosto de Audrey apareceu na tela. Havia uma mancha de tinta a óleo amarela na sua bochecha direita e um ar de distração em seus olhos.

— Aqui é a tenente Dallas, srta. Morrell.

— Oh, sim... tenente Dallas... — Audrey levantou uma das mãos, que estava toda salpicada de tinta azul-celeste, e ajeitou o cabelo. — Em que posso ajudá-la, tenente?

— Poderia me dizer onde a senhora estava entre cinco e sete horas da manhã de hoje?

— Estava aqui mesmo, em meu apartamento. Só me levantei depois das sete e estou trabalhando desde então. Por que pergunta?

— Questão de rotina. Gostaria de marcar uma conversa com a senhora para amanhã de manhã, em sua casa, se o horário lhe for conveniente.

— Ora, sim, imagino que sim. Poderíamos marcar para as nove horas, se o assunto não levar mais de uma hora. Tenho uma aluna particular com aula marcada para as dez e meia.

— Nove horas está ótimo. Obrigada. Fim da ligação. — Eve se colocou no fim de uma fila de carros que aguardavam o sinal abrir. — Quem quer que tenha ligado para Summerset esta madrugada, sabia que ele tem um interesse romântico pela srta. Audrey Pincel, por mais que seja difícil imaginar aquele graveto ressecado sentindo alguma coisa por alguém.

— Andei pensando a esse respeito.

— E descobriu o quê?

— Tudo isso não pode estar sendo feito por uma pessoa só, pelo menos se continuarmos seguindo a teoria de que Summerset é inocente. Não se trata apenas dos assassinatos, mas de arquitetar todos os planos. O assassino deve conhecer a rotina de Summerset, e deve saber que ele jamais muda os seus hábitos. Deve haver alguém de tocaia, seguindo-o, enquanto o assassino age. E o assassino, de acordo com o seu perfil psicológico, precisa de elogios, atenção e recompensas. Alguém deve estar por trás, fornecendo tudo isso a ele.

— Muito bem, Peabody!

Peabody ficou calada por um instante e então soltou um suspiro, dizendo:

— Mas você já sabia de tudo isso.

— Não importa, as deduções foram muito boas. Metade do trabalho de um detetive é seguir um raciocínio lógico, e você fez isso.

— Qual é a outra metade?

— Seguir um raciocínio ilógico. — Eve estacionou na porta do Clube das Sereias e reparou que o lacre eletrônico da polícia continuava no local, piscando uma luz vermelha, e as grades das vitrines ainda estavam abaixadas e trancadas.

— Os fantasmas de rua que você mencionou não gostam muito de andar à luz do dia — comentou Peabody.

— Este carro vai atraí-los. — Eve saltou do veículo pelo lado da rua e esperou até Peabody estar fora do carro, na calçada, antes de ordenar: — Ligar todos os defletores e equipamentos de segurança.

Os trincos mal haviam acabado de ser acionados e Eve percebeu um movimento leve ao lado do portal, do outro lado da rua.

— Tenho cinquenta fichas de crédito para entregar em troca de informações — disse, sem se dar ao trabalho de elevar a voz. Sabia que as sombras da rua ouvem tudo o que querem. — Se eu conseguir essa informação, vai ser muito bom, porque então minha auxiliar e eu não vamos precisar dar uma batida para confirmar a denúncia que recebemos de drogas ilegais rolando aqui na área.

— São vinte créditos só para perguntar... mais trinta pela resposta — informou uma voz.

— Parece justo. — Enfiando a mão no bolso, pegou uma ficha de vinte créditos.

A figura que se aproximou delas era toda cinza. Pele, cabelos, olhos, tudo tinha o mesmo tom de poeira, bem como o casacão comprido que usava, com as pontas arrastando no chão. Sua voz era pouco mais que um sussurro e os dedos que pegaram a ficha na mão de Eve fizeram isso sem sequer encostar nela.

— Você conhece Patrick Murray, o faxineiro?

— Já o vi. Já o ouvi. Não o conheço. Morreu.

— Não, ainda não está exatamente morto. — *Como você*, pensou, *está em uma espécie de limbo*. Patrick, no entanto, ainda tinha chance de voltar inteiro. — Você viu alguém entrar no clube de madrugada, depois de fechar?

— Eu o vi... — Os lábios da figura desbotada se abriram sobre os dentes cinzentos, formando um esgar horrível à guisa de sorriso. — Também o ouvi. Não o conheço.

— A que horas ele apareceu?

— A hora não existe, só o dia e a noite. Um veio quando ainda era mais noite do que dia. O outro veio quando já era mais dia do que noite.

— Dois? — Seus olhos se aguçaram. — Você viu duas pessoas diferentes entrarem aqui, em momentos diferentes?

— O primeiro tocou a campainha, o segundo não.

— E como era a aparência do primeiro?

— Uma cabeça, dois braços, duas pernas. Todo mundo parece igual para mim. Casaco legal. Pesado e preto.

— Ele ainda estava lá dentro quando o segundo homem chegou?

— Passaram como fantasmas. — Sorriu. — Um saiu, o outro entrou. Então você chegou.

— Seu caixão fica lá em cima? — perguntou Eve, apontando para o prédio.

— Já devia estar deitado nele. Está claro demais aqui fora.

— Então pode ir e fique por lá — recomendou ela, entregando-lhe os trinta créditos restantes. — Se eu voltar aqui e precisar conversar novamente com você, trago mais cinquenta.

— Grana fácil — disse ele, desaparecendo.

— Descubra o nome dele, Peabody. E pesquise se no prédio há outros moradores.

— Sim, senhora. — Entrou no carro para fazer a busca. — Dois homens. Isso confirma a história de Summerset.

— Nosso assassino não conhece essas sombras fantasmagóricas que andam pelas ruas e não cobriu seu rastro. Tudo o que tinha a fazer era lhes dar alguma grana e prometer mais.

— Esses caras me causam arrepios. — Peabody digitou o pedido e esperou enquanto o *palm computer* pesquisava os dados. — Até parece que eles conseguem atravessar paredes, pelo seu jeito.

— Se você se viciar em Tranquility por alguns anos, vai ficar parecendo igual. Pesquise todos os nomes dos moradores, para o caso de o nosso fantasma levantar acampamento e resolver transferir o caixão para outro cemitério. Depois, entre em contato com McNab e mande-o se encontrar conosco lá em casa.

— McNab?

— Deixe de implicar com ele! — ordenou Eve, ligando os limpadores de pára-brisa ao ver que uma neve fina e úmida começava a cair. — Preciso que todas as ligações recebidas por Summerset sejam rastreadas. — Ligando o *tele-link* do carro, entrou em contato com o hospital mais uma vez, para saber de Murray.

— Ele vai escapar — informou, confiante, enquanto entrava pelos portões de sua casa. — Já há um pouco mais de atividade cerebral e ele respondeu a estímulos de realidade virtual. A esposa está com ele.

Ela mal estacionara o carro quando reparou que outro veículo vinha entrando pela alameda, atrás dela. O ar de aborrecimento diante da visita inesperada desapareceu ao reconhecer o carro que chegava.

— Feeney!

Ele saiu do carro com o rosto rosado devido ao sol mexicano, as roupas amarrotadas e os espetados cabelos ruivos enfeitados por um chapéu de palha incrivelmente ridículo.

— Oi, garota! — Pegando uma caixa no colo e tirando-a para fora do carro, ele quase perdeu o equilíbrio com o peso, mas conseguiu endireitar o corpo e foi caminhando na direção de Eve. — Acabei de chegar de viagem e minha mulher quis que eu lhes trouxesse um pequeno agrado, como agradecimento por vocês terem nos emprestado a casa. E que casa!...

— Peabody, você precisa conhecer aquele lugar... — continuou ele, girando os olhos. — É um tremendo palácio mexicano encarapitado no alto de um rochedo. Você pode se manter confortavelmente instalada em sua cama, esticar a mão para fora da janela e pegar uma manga direto do pé! Lá tem uma piscina que parece um lago, de tão grande, e um androide doméstico que faz tudo para você, com exceção de fechar o zíper da calça, de manhã. E então, você vai me deixar entrar em sua casa ou não?... Esse troço pesa quase trinta quilos.

— Claro. Eu pensei que você só ia voltar na... — parou de falar ao chegar à porta e perceber que aquele era o dia marcado para a volta de Feeney. — Nossa, perdi a noção dos dias!

— E então, garota, quais são as novidades? — quis saber ele, colocando a caixa no chão do saguão e flexionando os ombros.

— Nada de mais. Estou com três homicídios e uma tentativa de assassinato, todos conectados. Mutilações. O cara entrou em contato comigo pessoalmente e armou um jogo com características religiosas. A última vítima está em coma, mas provavelmente vai escapar. Roarke conhecia todas as vítimas do tempo em que morava em Dublin, e Summerset acaba de voltar para o topo da lista de suspeitos.

— Então está tudo na mesma... — reagiu Feeney, balançando a cabeça. — Quer saber? Não liguei o telão para nada nessas duas semanas, exceto para os programas esportivos, e... — Parou de falar e seus olhos de cachorrinho dócil se arregalaram. — Summerset?!...

— Vou explicar tudo enquanto fazemos uma busca no apartamento dele. McNab já deve estar chegando.

— McNab! — reagiu Feeney, parecendo dançar de alegria atrás dela, deixando de lado o chapéu de palha e o clima de férias enquanto caminhavam. — A Divisão de Detecção Eletrônica está trabalhando com você nesse caso?

— O nosso amigo assassino é fera em eletrônica e sistemas de comunicação. Entre os brinquedinhos dele há um misturador de sinais de alta tecnologia. McNab está cortando um dobrado, tentando decifrar tudo, mas conseguiu rastrear e localizar a fonte das ligações. Só que, até agora, não encontramos o seu esconderijo.

— McNab... esse garoto é bom! Estou orientando o trabalho dele.

— Vocês vão poder bater altos papos técnicos quando ele chegar. Nesse momento, temos uma busca para realizar e alguns registros de *tele-link* para verificar. — Eve parou na porta de entrada dos aposentos de Summerset. — Vai se juntar a nós ou prefere recuar para ir procurar o seu chapéu de palha que ficou lá atrás?

— Vou só ligar para casa. Preciso avisar a minha mulher de que não vou voltar para jantar.

— Senti saudades, Feeney. — Eve sorriu. — Juro que senti!

— Minha mulher gravou mais de seis horas de vídeo. — Sorriu ele, com um jeito perverso. — Ela quer que você e Roarke venham jantar conosco um dia da semana que vem, para assistirem a tudo. — Levantando as sobrancelhas, virou-se para Peabody, convidando: — Você também está convidada.

— Puxa... bem, capitão, eu não quero incomodar e...

— Pode parar, Peabody! — interrompeu Eve. — Você vai lá para assistir às gravações. Se eu tenho que aturar, você atura também. Essa é a cadeia de comando.

— Espero que isso sirva de incentivo para uma possível promoção — decidiu Peabody. — Obrigada, tenente.

— De nada. Gravador ligado! Aqui fala a tenente Eve Dallas. Estão comigo o capitão Ryan Feeney e a policial Delia Peabody, entrando nos aposentos de Lawrence Charles Summerset, a fim de efetuar uma operação-padrão para busca de provas.

Eve jamais estivera nos domínios particulares de Summerset. Teve mais uma surpresa. Esperava um ambiente espartano, sem adornos, bem prático, com móveis em linhas retas e pouco estilo, mas encontrou uma adorável sala de estar em tons suaves de verde e azul, lindos enfeites em mesas de madeira clara, almofadões grandes, convidativos, e um ar de boas-vindas.

— Quem diria, hein?... — Eve balançou a cabeça para os lados.

— Olhando para este ambiente a gente imagina um cara que adora a vida e até tem amigos. Feeney, vá verificar o centro de comunicações, sim? Peabody... deve ser McNab chegando — disse ao ouvir a campainha soar no monitor de segurança embutido na parede sul.

— Deixe-o entrar, Peabody, e depois comece a vasculhar esta sala. Vou inspecionar o quarto.

Quatro aposentos saíam da sala de estar, em ângulos retos, como as pás de um ventilador. O primeiro deles era uma mistura de escritório com centro de controle, e foi ali que Feeney mergulhou no trabalho, esfregando as mãos de contentamento. Do lado oposto ficava uma cozinha igualmente equipada e eficiente, que Eve resolveu ignorar, por ora.

Dois quartos ficavam de frente um para o outro, mas um deles funcionava como ateliê de pintura. Eve apertou os lábios e analisou a aquarela inacabada sobre o cavalete. Sabia que ela retratava frutas, porque viu sobre a mesa embaixo da janela uma imensa fruteira transbordando de cachos de uvas e maçãs vermelhas muito brilhantes. Na tela, porém, as frutas pareciam estar sofrendo terríveis condições climáticas.

— Não largue seu emprego diurno, Summerset — murmurou ela, virando-se em direção ao quarto dele.

A cama era grande, com uma cabeceira em bronze trabalhado na forma de parreiras e folhas prateadas. O edredom era pesado e fora colocado com capricho, cobrindo o colchão sem um vinco sequer. O closet exibia duas dúzias de ternos, todos pretos e tão parecidos que pareciam ter sido clonados a partir de uma única peça. Os sapatos, também pretos, estavam guardados em caixas protetoras de acrílico, todos furiosamente engraxados e brilhantes.

Foi por ali que ela começou, verificando os bolsos e buscando qualquer coisa que pudesse indicar uma parede falsa.

Ao sair do closet e voltar para o quarto, quinze minutos depois, ouviu Feeney e McNab tagarelando alegremente no escritório a respeito de sistemas centrais, capacitores e níveis de sinal. Examinou as gavetas da cômoda, uma por uma, e tentou evitar os calafrios assustadores que a assaltaram no momento em que apalpour as cuecas de Summerset.

Eve já estava lá dentro há uma hora e pensou em chamar Peabody para ajudá-la a virar o colchão quando reparou na aquarela simples que estava acima de uma mesa enfeitada com rosas colhidas na estufa.

Estranho, pensou. O mordomo tinha quase uma galeria de arte em seu apartamento, mas todos os outros quadros estavam agrupados nas paredes. Aquele ali estava em um local de destaque, sozinho. Devia ser um bom trabalho, supôs, aproximando-se mais para estudar as pinceladas suaves e as cores oníricas. Um menino era a figura retratada, com o rosto angelical aberto em sorrisos e as mãos envolvendo uma braçada de flores. Flores do campo, que transbordavam do



ramalhete e se espalhavam pelo chão à sua volta.

O que há de tão familiar nesse menino?, perguntou a si mesma. Era algo em seus olhos. Movendo-se um pouco mais para perto, observou o rosto pintado em tons suaves. *Quem é você?*, especulou em silêncio. *O que faz pendurado na parede do quarto de Summerset?*

Aquele quadro não poderia ter sido pintado por Summerset, não depois da aquarela inacabada que ela vira no estúdio. Não... aquele artista tinha talento e estilo. E conhecia a criança. Eve tinha quase certeza disso.

Para conseguir olhar melhor, tirou a pintura da parede e a levou até a janela. No cantinho da tela, conseguiu ver uma assinatura discreta. *Audrey*.

A namorada, refletiu. Provavelmente era por isso que ele o colocara em lugar de destaque, complementando-o com rosas recém-colhidas. Nossa, o cara devia estar realmente apaixonado!

Voltou com o quadro para recolocá-lo na parede. Em vez disso, porém, pôs-o sobre a cama. *Tem alguma coisa a respeito desse menino*, tornou a pensar, e seu coração se acelerou. *Onde foi que eu o vi? Por que deveria conhecê-lo? Os olhos, talvez?... Droga!*

Sentindo-se frustrada, virou o quadro de costas e começou a apalpar a moldura dourada, por trás.

— Encontrou algo, Dallas? — perguntou Peabody da porta do quarto.

— Não. Quer dizer, não sei... tem alguma coisa nesse quadro aqui. Esse menino. Audrey. Quero ver se há algum título para essa obra, um nome qualquer na parte de trás da tela. Que droga! — Irritada, se preparou para rasgar a fita crepe traseira que protegia a tela.

— Espere um instante, eu tenho um canivete. — Peabody o entregou rapidamente. — Se você soltar a parte de trás com cuidado, vai poder tornar a fechar direitinho depois. Essa tela foi muito bem emoldurada, é um trabalho de profissional. — Enfiando a ponta do canivete sob a fita crepe larga, levantou-a com cuidado. — Eu costumava fazer molduras para a minha prima. Ela sabia pintar, mas não conseguia prender uma tela na moldura nem com a parafusadeira a laser. Posso consertar direitinho depois que...

— Pare! — Eve segurou o pulso de Peabody ao avistar o fino disquinho de metal sob a fita crepe. — Vá chamar Feeney e McNab. Instalaram um grampo nesse quadro.

Sozinha, Eve conseguiu soltar a tela com cuidado e olhou abaixo da assinatura, no canto oculto pela moldura. Embaixo do nome de Audrey havia a figura de um trevo verde.

## CAPÍTULO VINTE

— Eles podiam ficar de olho nele até nos seus períodos de folga — disse Eve, dirigindo o carro a toda a velocidade, em direção às Torres do Luxo. — E há grandes probabilidades de Feeney e McNab encontrarem outras pinturas cheias de grampos por lá, com gravadores e transmissores ocultos.

— Por que será que os técnicos antigrampos de Roarke não conseguiram descobrir esses quadros?

— Feeney vai descobrir como é que fizeram para os quadros não serem detectados. Conseguiu alguma ligação com ela?

— Não, senhora. Tudo o que achei nas pesquisas é que ela tem quarenta e sete anos, nasceu em Connecticut, estudou na Julliard, fez três anos na Sorbonne, em Paris, e outros dois na oficina de arte da estação espacial Rembrandt. Dá aulas particulares e também ministra aulas de graça no Centro de Intercâmbio Cultural. Mora em Nova York há quatro anos.

— Ela tem ligação com este caso. E o nosso assassino deve ter trocado os dados dela no sistema. Juro que como com garfo e faca o medonho chapéu de palha de Feeney se ela for de Connecticut.

Pesquise todas as mulheres da conexão irlandesa. Todas as que têm parentesco com os seis homens que mataram Marlena. Coloque as fotos no monitor, para eu poder ver.

— Espere um instante. — Peabody abriu a caixa de arquivos de Eve, achou um disco etiquetado e o inseriu na máquina. — Mostrar apenas as mulheres, com dados completos!

Eve já estava a um quarteirão das Torres do Luxo quando os rostos começaram a aparecer.

— Não — balançou a cabeça, fazendo sinal para Peabody passar para a foto seguinte, e depois a próxima e a próxima. Xingou baixinho ao ver a carrocinha de lanches que se elevava acima da calçada, apregoando suas ofertas. — Não, droga, não é nenhuma dessas, mas ela está aí, sei que está! Espere, pare aí... volte uma foto!

— Mary Patrícia Calhoun — leu Peabody. — Nome de solteira: McNally, viúva de Liam Calhoun. Reside em Doolin, na Irlanda. Artista. Sua declaração de rendimentos está atualizada. Quarenta e seis anos e um filho, também com o nome de Liam, que é estudante.

— Acho que são os olhos. Eles se parecem muito com os do menino do quadro. Ela mudou a cor dos cabelos, de castanhos para louros, e passou por algum tratamento facial. Está com o nariz um pouco mais comprido e mais fino, as maçãs do rosto salientes, o queixo menor, mas é ela. Divida a tela em duas e mostre-me a imagem de Liam Calhoun, filho.

A foto apareceu, mostrando os rostos de mãe e filho, um ao lado do outro.

— É ele, o menino do quadro! — Olhou com raiva para o rosto, mais velho, porém não menos angelical, com os brilhantes e expressivos olhos verdes. — Peguei você, canalha — murmurou, e voltou a se concentrar no tráfego.

O porteiro, que era o mesmo da primeira visita, empalideceu ao vê-las. Eve fez apenas um gesto com o polegar e ele saiu de lado.

— Devem ter planejado isto durante anos, começando por ela. — Eve entrou no elevador com paredes de vidro e se colocou no centro da cabine. — O menino tinha uns cinco anos quando o pai morreu.

— Não chegara ainda à idade da razão — comentou Peabody.

— Certo. E foi ela que lhe deu uma razão de vida. Ela deu a ele uma missão, um propósito. Transformou-o em assassino. Seu único filho. Talvez a índole já estivesse ali, através de padrões genéticos, mas ela os explorou, ela as usou. Ela o dominou. Foi exatamente isso o que Mira descobriu. Uma figura feminina de autoridade e muito dominadora. Misture um pouco de religião, tempere a mistura com vingança, acrescente um bom cérebro para eletrônica, faça um treinamento dirigido e você conseguirá criar um monstro.

Eve tocou a campainha e colocou a mão no cabo da arma. Audrey abriu a porta e exibiu um sorriso inseguro.

— Tenente?!... Achei que havíamos combinado o encontro para amanhã de manhã. Será que fiz confusão com os horários novamente?

— Não, houve uma mudança de planos. — Entrando no apartamento, Eve se colocou diante da porta enquanto analisava a sala de estar. — Temos algumas perguntas para lhe fazer, viúva Calhoun.

Os olhos de Audrey piscaram, surpresos, e em seguida se mostraram frios e controlados, mas a voz permaneceu suave:

— Como disse, tenente?

— Dessa vez quem dá as cartas sou eu. Descobrimos tudo sobre você e o seu único filho.

— O que fez com Liam? — Audrey curvou as mãos, formando garras com os dedos, e pulou sobre Eve, mirando direto nos olhos. Eve se abaixou, girou o corpo e deu uma gravata em Audrey, segurando-a com força pelo pescoço. Ela tinha metade da altura de Eve e não foi difícil subjugá-la.

— O sotaque irlandês dela está em dia, você reparou, Peabody? Connecticut uma ova!... — Com a mão livre, Eve pegou as algemas no bolso de trás. — Reparou como este sotaque tem uma musicalidade única?

— É o meu sotaque favorito — concordou Peabody, segurando Audrey pelo braço depois de Eve ter fechado as algemas.

— Vamos ter uma longa conversa, Mary Pat, a respeito de morte, mutilação e maternidade. Os velhos três "emes", sacou?

— Se você tocar em um fio de cabelo do meu menino, arranco seu coração e faço uma refeição com ele.

— Se eu tocar nele? — Eve levantou as sobrancelhas e, por baixo delas, seus olhos estavam gélidos. — *Você o condenou* desde o primeiro dia em que o colocou na cama, o protegeu sob as cobertas e contou a ele uma historinha de vingança.

Enojada, ela se virou, pegou o comunicador e disse:

— Comandante, houve uma reviravolta no caso. Solicito um mandado de busca e apreensão para o domicílio e os artigos pessoais de Audrey Morrell — fez uma pausa — , também conhecida como Mary Patricia Calhoun.

Elas descobriram o esconderijo de Liam por trás da parede falsa de uma despensa. Junto com o equipamento estava uma mesa coberta com uma toalha feita de renda irlandesa. Havia velas sobre a mesa, em volta de uma imagem da Mãe de Deus maravilhosamente esculpida em mármore. Acima dela o seu Filho pendia em uma cruz dourada.

Era assim que ela queria que Liam visse a eles mesmos, mãe e filho?, perguntou Eve a si mesma. Como santos e sofredores? Como mãe divina e filho santificado? Audrey no papel de alguém pura, intocável, sábia, escolhida?...

— Aposto que ela trazia para ele uma xícara quentinha de chá e um sanduíche de pão de forma sem casca enquanto ele preparava seu material aqui dentro. Depois devia rezar um pouco com ele, antes de enviá-lo para matar alguém.

Feeney mal ouviu o comentário de Eve, pois estava passando as mãos, com visível admiração, sobre o equipamento.

— Você já viu máquinas como estas, Ian McNab? Já viu este oscilador? Que coisa linda! E o transmissor cruzado com opções multitarefas? Não há nada desse tipo no mercado.

— Vai haver, daqui a alguns meses — disse-lhe McNab. — Vi um aparelho igualzinho a esse na Divisão de Pesquisa e Desenvolvimento das Indústrias Roarke. Mais da metade desses componentes veio das fábricas dele, e muitos ainda nem foram lançados comercialmente.

— Com quem você conversou na fábrica de Roarke? — perguntou Eve, agarrando-o pelo braço.

— Com quem você trabalhou lá? Quero todos os nomes, McNab.

— Tive contato com três técnicos apenas. Roarke mantinha tudo sob uma capa de discrição. Não queria que o departamento inteiro soubesse que havia um policial xeretando os novos projetos. Eis os nomes deles: Suwan-Lee, Billings Nibb e A.V. Dillard.

— Suwan... esse nome é de mulher?

— Sim, uma gracinha de oriental. Ela era...

— E esse Nibb?

— Técnico das antigas. Saca tudo o sujeito... o pessoal da equipe brincava, dizendo que ele era tão velho que testemunhou a primeira ligação telefônica entre Graham Bell e Watson.

— E esse Dillard?

— Muito esperto. Eu lhe falei a respeito dele. Tem mãos fantásticas!

— Louro, de olhos verdes, vinte anos, um metro e sessenta e cinco, uns setenta quilos?

— Isso mesmo! Como é que você...

— Caramba! E Roarke ainda vem pagando um salário para esse filho da puta ! Feeney, você consegue ligar esse equipamento, entrar nos arquivos e analisar tudo?

— Claro que sim.

— Vamos, Peabody.

— Vamos interrogar Mary Calhoun?

— Logo, logo... nesse instante, estamos indo entregar o bilhete azul para A.V. Dillard.

A.V. faltara ao trabalho. Era a primeira vez que isso acontecia, conforme Nibb, o chefe do departamento, informou a Eve. A.V. era um funcionário padrão. Sempre preparado, eficiente, criativo e com espírito de equipe.

— Preciso examinar todas as pastas dele, arquivos pessoais, trabalhos realizados aqui na empresa, projetos em execução, relatórios, tudo que houver disponível — informou Eve.

Nibb, que não era tão velho assim a ponto de ter conhecido Alexander Graham Bell, apesar de já ter completado cem anos no último verão, cruzou os braços, pensativo. Por trás do hirsuto bigode branco, seus lábios ficaram rígidos.

— Muitos destes registros incluem material confidencial, tenente. A área de pesquisas e desenvolvimento de novos produtos, especialmente no campo da eletrônica, é altamente competitiva, uma guerra sem lei. Uma única informação que vaze pode provocar...

— Trata-se de uma investigação de assassinato, Nibb. Além do mais, é pouco provável que eu saia por aí vendendo informações sigilosas para os concorrentes do meu marido.

— Mesmo assim, tenente, não posso lhe entregar os relatórios dos trabalhos em fase de execução sem uma autorização pessoal do chefe.

— Pois já a tem — disse Roarke, que entrava na sala naquele exato momento.

— O que veio fazer aqui? — quis saber Eve.

— Estava seguindo meu faro. Aliás, farejei certo, pelo que estou vendo. Nibb, entregue à tenente tudo que ela solicitou — acrescentou, puxando Eve para o lado. — Estive revendo a gravação da confusão que aconteceu no saguão do Central Park Arms e resolvi analisar as imagens utilizando um programa que estamos desenvolvendo aqui. Para evitar o jargão técnico, posso resumir dizendo que esse programa analisa ângulos, distâncias e assim por diante. A probabilidade de que o assassino fixou o olhar em McNab, e não no policial que estava do lado de fora da porta foi muito elevada.

— Então você se perguntou quem, entre as pessoas que tinham ligação com você, poderia saber de antemão que McNab era tira.

— E a resposta foi essa: alguém aqui deste departamento. Acabei de pesquisar nos arquivos dos funcionários. A.V. é quem mais se encaixa na descrição do assassino.

— Até que você daria um policial mais ou menos decente...

— Não vejo motivos para ser insultado. Acabara de descobrir o endereço de A.V. quando ouvi rumores de que havia tiras farejando algo por aqui. Acho que nossos narizes sentiram o mesmo cheiro.

— Qual é o endereço? Vou mandar alguns guardas até lá para prendê-lo.

— O endereço que temos é da catedral de Saint Patrick, na Quinta Avenida. Acho pouco provável que você vá encontrá-lo lá, almoçando tranquilamente.

— Que furo do seu departamento de pessoal, hein, Roarke?

— Pode acreditar que eles serão repreendidos. — Seu sorriso não era nada divertido. — E você, o que conseguiu?

— Ele é Liam Calhoun, o filho. E descobri quem é a sua rainha, Roarke. Achei sua mamãezinha.

— Eve contou-lhe tudo, observando seus olhos, que começaram a ficar sombrios e frios. — Feeney e McNab estão trabalhando no equipamento que encontramos no apartamento de Audrey. E eles vão analisar os aparelhos de escuta e gravação que foram instalados nos aposentos de Summerset. Por falar nisso, onde Summerset está neste momento?

— Em casa. A fiança determinada pelo juiz já foi paga. — Enrijeceu o maxilar. — Colocaram um bracelete de localização nele.

— As acusações vão ser retiradas, e com elas o bracelete. Vou cuidar pessoalmente disso assim que chegar à central. Whitney está indo para lá, para se encontrar comigo e acompanhar o interrogatório da mãe.

— Creio que você vai descobrir que nós mesmos fabricamos o equipamento que o assassino usava, e estamos testando um novo escudo que serve para evitar que ligações sejam detectadas pelos scanners que estão atualmente no mercado. Eu mesmo estava bancando o jogo dele, o tempo todo. Isso é incrivelmente irônico.

— Já o cercamos, Roarke. Mesmo que ele tenha recebido a dica de alguém e esteja fugindo, vamos pegá-lo. Estamos com a sua mãe. Todas as indicações apontam para o fato de que ele não consegue e não vai funcionar sem ela. Vai ficar perto. Vou levar todos os dados daqui para a central e guardá-los sob uma senha secreta que só vai ser conhecida por mim e por Feeney. Você tem direito a essa proteção contra espionagem industrial, por lei. — Eve expirou com força. — Vou daqui direto para a sala de interrogatório e, pelo jeito, temos um longo caminho pela frente. Vou chegar em casa bem tarde.

— Obviamente eu também tenho um bocado de trabalho por aqui. Provavelmente vou chegar mais tarde que você. Conversei com o chefe da equipe médica que está cuidando de Patrick Murray. Ele já voltou à consciência. Nesse momento, ainda não consegue falar nem mover as pernas, mas eles acham que, com o tratamento adequado, ele vai se recuperar de todo.

Eve sabia que Roarke ia pagar por aquele tratamento adequado e tocou o seu braço de leve, dizendo:

— Coloquei dois guardas de plantão na porta do quarto dele. Vou visitá-lo amanhã.

— Nós dois vamos visitá-lo. — Roarke avistou Nibb que voltava trazendo uma caixa cheia de discos. — Boa caçada, tenente.

Depois de cinco horas de interrogatório com Audrey, Eve trocou o café pela água. A cafeína artificial que a cafeteria da polícia fornecia tinha a alarmante tendência de corroer o revestimento do estômago com o uso continuado.

Audrey insistia em beber litros de chá, e, embora mantivesse a maior pose, bebendo

delicadamente hora após hora, seu ar de polidez estava começando a se desmanchar. Seus cabelos estavam perdendo a forma e começavam a tombar para o lado. Os fios estavam úmidos e grudados nas têmporas, por efeito do suor. Sua maquiagem estava derretendo, deixando a pele demasiadamente pálida e a boca fina e rígida, sem o tom suave do batom. O branco dos olhos estava começando a se avermelhar.

— Vamos resumir o que temos até agora — propôs Eve, olhando para a interrogada. — Quando o seu marido morreu...

— Foi assassinado — interrompeu Audrey. — Assassinado a sangue-frio por ordem daquele rato de rua canalha chamado Roark. Foi morto por uma prostituta contratada, que me deixou viúva e fez meu filho crescer sem a presença do pai.

— Então era nisso que você queria que o seu filho acreditasse. Você o alimentou com esta história, dia após dia, ano após ano, distorcendo a sua mente e escurecendo o seu coração. Ele estava destinado a ser a sua arma para obter vingança.

— Não lhe contei nada além da verdade de Deus, desde o dia em que ele nasceu. Eu estava destinada a me tornar freira, devia ter passado a vida toda sem conhecer um homem. Mas Liam Calhoun me foi enviado pelo céu. Um anjo me levou até ele, nos deitamos juntos e concebi um filho.

— Um anjo a levou... — repetiu Eve, recostando-se na cadeira.

— Uma luz fulgurante — disse ela, com os olhos brilhando. — Uma luz dourada. Então, eu me casei com o homem que era apenas um instrumento para gerar o menino. E ele foi assassinado. Sua vida foi tomada, e eu compreendi o propósito de seu filho. Ele não nascera para morrer pelo pecados de ninguém, mas para vingá-los.

— Você lhe ensinou isso: que o seu propósito na vida era matar.

— Tomar de volta o que lhe foi arrancado. Equilibrar a balança. Ele foi um menino muito doentinho. Sofreu muito para se purificar para essa missão. Dediquei toda a minha vida a ele, para orientá-lo. — Seus lábios formaram um sorriso. — E fiz isso muito bem. Você jamais vai encontrá-lo. Ele é muito esperto. Uma cabeça ótima o meu menino tem... é um gênio. Com uma alma tão pura quanto neve que acabou de cair. Nós dois estamos além do seu alcance — terminou ela, com um sorriso de arrepiar.

— Seu filho é um assassino, um sociopata com complexo de Deus. Você simplesmente se certificou de dar a ele uma boa educação na área que decidiu que seria mais útil.

— A mente dele foi sua espada.

*E quanto à sua alma?*, perguntou Eve a si mesma. *Se essas coisas realmente existiam, o que ia ser de sua alma?*



— Você levou quase quinze anos para treiná-lo e moldá-lo, antes de largá-lo no mundo. Você também é uma mulher esperta, Mary Pat.

— Audrey! Meu nome agora é Audrey. É isso que está escrito em todos os registros oficiais.

— Ele também ajudou isso. Criou Audrey para você. Havia grana, você tinha dinheiro suficiente para investir neste projeto. E tinha paciência, o bastante para esperar, planejar, fazer a sintonia fina dos detalhes. Ele não tem toda essa paciência, Audrey. O que acha que ele vai fazer agora, sem ter você para orientá-lo?

— Ele vai ficar bem. Terminará o que começou. Nasceu para isso.

— Você acha que o programou assim tão bem? Espero que esteja certa, porque quando ele voltar a atacar eu vou desmontá-lo. Ele tem outros equipamentos escondidos, não tem? Não muito longe daqui, não é?

— Você jamais vai encontrá-lo em sua cidade gigantesca, sua cidade imunda... sua Sodoma e Gomorra. — Audrey sorriu com suavidade e tomou um pouco de chá. — Ele, no entanto, saberá onde você está. Você e o seu amante de mãos ensanguentadas. Eu fiz a minha parte e Deus é testemunha disso. Sacrifiquei tudo, ofereci tudo o que podia ao deixar aquele tolo de Summerset me tocar. Na verdade, ele praticamente não me tocou, pois Audrey é uma mulher séria e honrada, e eu queria que ele continuasse voltando a mim. Ele me desejava, ah, sim, como me desejava!... Foram noites tranquilas em seus aposentos, ouvindo música e pintando.

— ...E você instalando câmeras e microfones.

— Com facilidade, diga-se de passagem. Ele era cego no que dizia respeito a mim. Comentei que o quadro que eu lhe dei merecia ficar na parede do quarto e ele o prendeu lá. Podíamos vê-lo, saber tudo o que ele fazia e quando fazia. Ele se transformou em um simples peão de xadrez para o meu Liam.

— E foi você quem mandou Liam colocar a bomba no meu carro? — Eve sorriu ao notar que os lábios de Audrey se apertaram. — Creio que não... você é sutil demais para atos como aquele e não queria me ver fora do jogo tão cedo. Ele fez aquilo por conta própria. Tem um pavio curto e explode à toa se você não estiver por perto para controlá-lo. Como não está por perto, agora.

— Ele cumpriu penitência por aquele ato. Não vai tornar a se desviar do caminho que traçamos.

— Será que não?... Ou será que ele vai estragar tudo, vindo direto para os meus braços? A coisa pode ficar feia, Audrey. Ele pode até morrer. Você pode perdê-lo. Se me disser onde ele está, posso trazê-lo vivo. Prometo que ele não será machucado.

— E você acha que eu quero que ele passe o resto da vida em uma cela ou em um hospício? — Levantando-se da cadeira e se inclinando para a frente, continuou: — Prefiro vê-lo morrer como um homem, como um mártir, com o coração vingado de forma justa e o sangue do seu pai

finalmente em paz. Honra o teu pai e a tua mãe. Este é o mais sábio dos mandamentos, pois o pai e a mãe trazem a vida para nós. Ele jamais vai se esquecer disso. Jamais se esquecerá, isso eu lhe garanto. Ele vai estar pensando nisso quando terminar o que começou.

— Ela está irredutível — disse Eve a Whitney quando Audrey foi encaminhada para uma cela.  
— Ela não o entregará nem mesmo para salvá-lo e vai vibrar de alegria se ele acabar morrendo ao tentar terminar o que começou.

— Essa senhora vai passar por uma avaliação psiquiátrica e provavelmente vai passar o resto da vida em uma instituição para deficientes mentais com tendências violentas — comentou Whitney.

— Ela não é assim tão louca quanto quer fazer parecer, nem de perto, comandante. O garoto poderia ter tido uma chance. Nunca se sabe, mas ele poderia ter se tornado algo melhor sem a criação horrível que recebeu.

— Não há como modificar o passado. Vá para casa, Dallas. Você já fez tudo o que podia esta noite.

— Vou só dar uma olhada no trabalho de Feeney antes.

— Não há necessidade. Ele e McNab estão com tudo sob controle. Se conseguirem decodificar e localizar o outro equipamento de transmissão dele, certamente entrarão em contato com você. Vá para casa, tenente — repetiu ele, antes que ela tivesse a chance de dar alguma desculpa. — Seu organismo já deve estar quase sem combustível a essa altura. Vá descansar, vá se reabastecer para continuar amanhã de manhã.

— Sim, senhor. — De qualquer modo, já passava das nove da noite, pensou, enquanto se encaminhava para a garagem. Ela ia para casa comer alguma coisa e tomar conhecimento do que Roark descobrira em suas investigações. Talvez, se eles repassassem todos os nomes usando o equipamento dele, aparecesse alguma possível localização para o esconderijo.

Nova York era uma cidade muito grande para alguém que estivesse a fim de se esconder. E se ele ainda não soubesse que sua mãe estava presa... Eve ligou o *tele-link* e ordenou:

— Entrar em contato com Nadine Furst, no Canal 75.

— Aqui é Nadine Furst. No momento não posso atender. Por favor, deixe uma mensagem ou entre em contato comigo por e-mail ou fax.

— Transferir a ligação para a residência dela! Droga, Nadine, isso lá é noite para tirar folga?

— Olá, aqui é Nadine. Não estou em casa no momento. Se desejar, deixe uma mensagem...

— Merda! Nadine, se você está ouvindo esta mensagem, atenda à ligação. Tenho um furo de

reportagem para você!

— Por que não disse logo? — perguntou Nadine, aparecendo na tela, entre sorrisos. — Trabalhando até tarde, Dallas?

— Mais tarde que você.

— Ora, os seres humanos normais ocasionalmente tiram uma folga.

— Estou falando de repórteres, não de seres humanos. Você vai querer jogar isso no ar ainda hoje... a polícia acaba de efetuar a prisão de uma pessoa ligada à recente série de homicídios. Seu nome é Mary Patrícia Calhoun, também conhecida como Audrey Morrell. Ela está sob custódia, acusada de cúmplice nos assassinatos de Thomas X. Brennen, Shawn Conroy e Jennie O'Leary. Também foi acusada de cumplicidade na tentativa de assassinato de Patrick Murray.

— Ei, ei, espere um instante!... Ainda nem consegui ligar o gravador!

— Primeira e última chance — disse Eve, sem dar muita colher de chá. — As autoridades estão à procura do filho dela, Liam Calhoun, também ligado aos crimes. Ligue para o Departamento de Relações Públicas da central de polícia se quiser fotos dos possíveis assassinos.

— É o que vou fazer. E quero uma entrevista exclusiva com a mãe, ainda hoje.

— Continue acreditando em milagres, Nadine, porque isso é lindo.

— Dallas...

Eve desligou na cara dela e ficou sorrindo no escuro. Conhecendo Nadine, sabia que a matéria ia ao ar em trinta minutos.

No momento em que passou pelos portões e foi seguindo em direção à casa, sentiu que seus olhos ardiam de cansaço, mas sua cabeça permanecia ligada. Dava para trabalhar ainda umas duas horas, pesquisando novos dados, decidiu. Precisava apenas de um pouco de comida, talvez uma ducha rápida e um cochilo de, no máximo, meia hora.

Deixou o carro parado bem na porta de casa e, mexendo os ombros e o pescoço para aliviar a tensão muscular, foi subindo os degraus. No saguão, tirou o casaco de couro e o pendurou na coluna do corrimão, junto do primeiro degrau. E suspirou. Preferia evitar o encontro com Summerset, mas ele merecia saber que escapara por completo das acusações. Normalmente, ele já teria se materializado do nada, com a sua costumeira cara de bunda.

— Deve estar emburrado em algum canto por aí — murmurou em voz alta e se virou para o localizador doméstico. — Informe-me onde está Summerset.

*Summerset está na sala de estar principal.*

— Com cara de emburrado, sem dúvida. — Soltou o ar com força. — Sei que você me ouviu chegando, seu bunda-magra. Embora prefira a sua usual rodada de reclamações, eu... — começou a falar enquanto entrava a passos largos na sala de estar.

Então parou. A mão que pensou em levar à arma se elevou devagar, junto com a outra, as duas espalmadas para fora.

— Ora, não precisou nem eu mandar levantar os braços. Obrigado. — Liam sorria atrás da cadeira onde Summerset estava amarrado por uma corda. — Você sabe o que é isto? — perguntou ele, movendo de leve o instrumento pontudo, de prata, que segurava a um milímetro do olho direito de Summerset.

— Não exatamente, mas parece eficiente.

— É um bisturi a laser. Um dos mais refinados instrumentos médicos atualmente em uso. Preciso apenas ligá-lo para destruir este olho. E no caso do dono do olho, um cafetão, pretendo deixá-lo ligado até que o raio lhe atravesse todo o cérebro.

— Não sei se isso vai funcionar, Liam, porque o cérebro dele é muito pequeno. Talvez você não acerte o alvo.

— Ora, mas você nem mesmo gosta dele... — Seu sorriso se alargou enquanto Summerset simplesmente fechou os olhos. Por um instante, Liam pareceu um rapaz muito jovem e atraente, com olhos brilhantes e um sorriso charmoso e promissor. — Essa foi a parte que eu mais gostei. Você trabalhou tanto para defendê-lo e, no entanto, o odeia tanto quanto eu.

— Ahn, não é bem assim... eu me sinto meio dividida com relação a ele. Por que não afasta um pouco esse laser? A não ser que você curta robôs, bons empregados são algo difícil de encontrar, hoje em dia.

— Antes, preciso que pegue a sua arma, tenente, usando apenas o polegar e o indicador. Coloque-a no chão, com movimentos lentos, e depois a chute na minha direção. — Fez uma pausa. — Estou vendo que você parece hesitar — acrescentou. — Devo avisá-la de que ajustei este instrumento, ampliando o seu alcance. — Com ar divertido, girou o bisturi, apontando-o para a cabeça de Eve. — Dá para atingi-la daqui, eu lhe garanto, e então é o seu cérebro que vai ser atravessado.

— Detesto médicos. — Ela tirou a arma devagar, mas ao se agachar, antes de largá-la no chão, agarrou-a com força. Um raio brilhante saiu do bisturi e fez um risco fumegante ao longo do seu biceps. Seus dedos ficaram dormentes e a arma de atordoar caiu no chão, fazendo barulho.

— Receio que antevi o que ia fazer. Eu a conheço muito bem. — Foi caminhando devagar na direção dela enquanto falava e pegou a arma que caíra no chão enquanto Eve lutava para se levantar, brigando com a dor e tentando se manter focada. — Ouvi dizer que a dor provocada por um bisturi a laser é terrível. Sempre recomendamos o uso de anestesia. — Ele riu, recuando. — Mas você vai sobreviver. Talvez queira enfaixar esse braço. Está espalhando sangue pelo chão todo. — Com jeito de quem quer ajudar, ele se inclinou junto dela e rasgou a manga de sua blusa, jogando-a no colo de Eve. — Tente isso aqui.

Ficou observando enquanto ela enrolava a tira de pano em volta do braço, de forma desajeitada. Em seguida, ouviu sua respiração ofegante no momento em que tentou amarrar a atadura com apenas uma das mãos e os dentes.

— Você é uma oponente obstinada, tenente, e muito esperta. Só que se deu mal. Estava destinada a se dar mal desde o início. Só os justos triunfam.

— Poupe-me de suas abobrinhas religiosas, Liam. Por baixo de todo esse papo de missão sagrada, isso é apenas um jogo para você.

— Pois demonstre júbilo, tenente. Apreciar o trabalho de Deus é um tributo a seus poderes, e não um pecado.

— E você curtiu tudo.

— Muito. Cada passo que você deu, cada movimento que fez serviu para nos juntar todos aqui esta noite, como estava destinado a acontecer por vontade de Deus.

— Esse seu deus é um idiota.

— Não ouse blasfemar! — Esbofeteou Eve com as costas da mão. — Não faça pouco de Deus na minha presença, sua piranha! — Deixando-a encolhida no chão, pegou o cálice de vinho que servira para si mesmo enquanto a esperava. — Jesus também bebeu o fruto da vinha sentado entre seus inimigos. — Provou um gole e pareceu mais calmo. — Quando Roarke chegar, o círculo vai ficar completo. Tenho o poder do Senhor em minhas mãos — sorriu, olhando para as duas armas — ...e tecnologia de ponta.

— Ele não vai chegar. — A voz de Summerset estava meio engrolada por ação das drogas que Liam lhe aplicara. — Já lhe disse que ele não vem para casa hoje.

— Ele vem sim... não consegue ficar longe desta meretriz.

Eve tentou aguentar a dor e conseguiu se colocar de joelhos. Ao olhar para o rosto de Liam, percebeu que, para ele, já era tarde demais. A loucura que sua mãe plantara na criança criara raízes no adulto.

— Como é que você foi dar a mancada de deixar esse maluco devorador de bíblias entrar em

nossa casa? — perguntou Eve a Summerset.

— Quer que eu a machuque mais uma vez? — intrometeu-se Liam. — Quer mais dor?

— Não estou falando com você.

— Eu achei que ele era da polícia — explicou Summerset com a voz cansada. — Chegou dirigindo uma radiopatrulha e usava farda. Disse que a senhora o enviara.

— Não consegui desativar o sistema de segurança desta casa, não foi, Liam? Ele era sofisticado demais para a sua cabeça.

— Com um pouco de tempo eu conseguiria. — Fez uma cara de mau humor, como uma criança a quem negaram o doce predileto. — Não há nada que eu não consiga fazer! Mas já estou cansado de esperar.

— Você errou nas duas últimas vezes, não foi? — provocou Eve, forçando-se a ficar em pé e cerrando os dentes com força ao sentir a dor que a percorria. — Você não conseguiu pegar Brian e não acabou com Patrick Murray. Ele vai se recuperar de todo e vai apontar o dedo para você no tribunal, no dia do seu julgamento.

— Essas falhas aconteceram apenas para testar o meu compromisso. Deus sempre testa os Seus discípulos. — Colocou os dedos sobre os lábios, esfregando-os ali, com ar pensativo. — Mas agora já estamos quase acabando. Essa é a última rodada e você perdeu. — Com os olhos muito brilhantes, colocou a cabeça meio de lado. — Talvez queira se sentar, tenente. Você perdeu sangue e me parece muito pálida.

— Prefiro ficar em pé. E agora, você não vai me contar dos seus planos? É assim que a coisa funciona. Qual é a graça de acabar com tudo sem se gabar um pouco antes?

— Não considero isso ficar me gabando. Estou honrando a memória de meu pai, vingando sua morte a sangue, ponto por ponto. Quando acabar aqui, vou voltar para pegar Brian Kelly e Patrick Murray, e mais um. Um será morto por asfixia, outro por afogamento, e o terceiro por veneno. Seis assassinados pelos seis homens que foram martirizados, e mais três aqui para completar a novena. Depois disso, meu pai repousará em paz.

Abaixando a arma a laser, passou as pontas dos dedos pelo véu da imagem da Virgem Mãe que colocara sobre uma das mesas.

— A ordem das mortes foi modificada, mas Deus compreenderá. Esta noite, Roarke vai entrar em seu inferno particular. Seu velho companheiro, seu amigo leal, morto. Sua prostituta pessoal, sua tira vadia, morta. Tudo vai parecer como se um tivesse matado o outro. Uma luta terrível travada aqui mesmo, em sua própria casa, uma luta de vida e morte. Por um instante, apenas por um instante, ele acreditará nisso.

Sorriu para Eve, continuando:

— Nesse momento, eu entrarei em cena e ele descobrirá a verdade. A dor vai ser ainda maior, então... insuportável. Ele vai descobrir o que é perder, o que é ver tudo o que lhe importa na vida ser tirado dele. Saberá que, por meio do seu próprio mal, ele trouxe o anjo da morte para esta casa. A espada da vingança.

— Anjo?... Anjo Vingador. — Eve precisava arriscar, ganhando tempo enquanto manipulava a sua loucura. — A.V.? Foi por causa disso que você escolheu essas iniciais? Sabemos de tudo sobre você. Tudo! Sabemos como você fez para se infiltrar na empresa de Roarke, com o intuito de trabalhar com o seu equipamento. Sabemos como você fez para roubá-lo.

— Eve foi chegando mais perto, com os olhos fixos nos dele. — Sabemos de onde você veio e onde esteve. Já achamos o seu esconderijo. Sua foto está no noticiário neste exato momento, ao lado da foto da sua mãe.

— Você está mentindo. Sua piranha mentirosa!

— E como acha que eu sei quem você é? Como acha que eu sei a respeito de A.V.? Como acha que eu sei tudo sobre o seu quartinho secreto no apartamento de sua mãe, onde você guarda os seus aparelhinhos? E sobre o outro local também, no centro da cidade. — *O segundo esconderijo tinha que ser no centro*, disse Eve para si mesma. — Como acha que eu descobri tudo a respeito dos aparelhos de escuta que a sua mãe instalou nos aposentos de Summerset? Nós acompanhamos o seu jogo o tempo todo, Liam, e derrotamos você. As coisas que ainda não havíamos descoberto, Audrey nos entregou... pouco antes de eu trancafiá-la atrás das grades.

— Você está mentindo! — gritou ele, investindo furiosamente contra Eve.

Pronta e com os pés firmes, ela encarou o ataque usando seu braço bom para bloquear o golpe, enfiando o cotovelo em seu estômago. Dando-lhe uma rasteira, Eve jogou todo o peso do corpo nesse movimento, fazendo com que os dois caíssem no chão. Ignorou a dor terrível que sentiu ao cair sobre o braço ferido e, levantando o punho com força, sentiu o impacto de seu queixo. Só que ela calculara mal a força que um acesso de raiva poderia lhe fornecer.

Foi ela que gritou quando os dedos dele se enterraram em seu ferimento e a sala toda pareceu desaparecer na escuridão. Quando sua visão voltou a clarear, ele estava com a arma de atordoar junto de sua garganta, a uma distância de onde, mesmo com a arma preparada para força mínima, o golpe seria fatal.

— Sua puta mentirosa! Vou arrancar a sua língua para acabar com essas mentiras.

— Então ligue o telão! — Eve queria se encolher, queria se esconder da agonia e da dor que sentia no braço. — Comprove por si mesmo. Vá em frente, Liam, ligue o telão no Canal 75.

Quando ele diminuiu a força da mão que lhe apertava o braço como um torno, Eve se viu

obrigada a engolir o soluço de alívio. Ele se afastou dela e foi correndo para o telão embutido, gritando:

— Ela está mentindo, mentindo! Ela não sabe de nada! — repetiu para si mesmo várias vezes, como uma cantiga de ninar, enquanto sintonizava o aparelho no canal que ela indicara. — Ave-maria, cheia de graça... ela vai morrer. Todos eles vão morrer. Este é o vale da sombra da morte e eles vão ter medo. Deus vai destruí-los, todos eles, através de mim. Através de mim!

— A senhora precisa parar com isto — gemeu Summerset, remexendo o corpo para se livrar das cordas. — Vá embora daqui. Ele é louco! Dá para a senhora escapar enquanto ele está envolvido com o telão. Ele já nem sabe mais onde está. Dá para a senhora escapar. Ele vai matá-la se a senhora não sair daqui agora!

— Eu jamais conseguiria chegar à porta. — O ferimento de Eve voltara a sangrar, empapando a atadura improvisada. — Preciso mantê-lo focado em mim. Enquanto ele estiver comigo, não vai ficar interessado em você. Tenho que mantê-lo ocupado, distraído, e talvez assim ele não escute a hora em que Roarke chegar. — Ela se forçou a ficar de joelhos. — Se ele não ouvir a porta, Roarke vai ter uma chance de atacá-lo.

— Audrey é a mãe dele?

— Sim. — Eve conseguiu se colocar em pé. — Ela é a responsável por tudo isso. — Olhou para o outro lado da sala, enquanto Liam gritava diante das imagens que estavam sendo transmitidas. — Ela é a culpada por tudo. Por ele. — Tentou se firmar, inclinando-se para a frente, quando os joelhos fraquejaram. — Liam!... Eu posso levar você até onde ela está. Você quer ver a sua mãe, não quer? Eu o levo até ela...

— Você a machucou? — Lágrimas começaram a escorrer de seus olhos.

— Não, claro que não. — Eve deu um passo à frente, meio trêmula. — Ela está bem. Está à sua espera. Ela poderá dizer a você o que fazer agora. Ela sempre lhe diz o que fazer, não é?

— Ela sabe tudo. Deus fala através dela. — Começou a abaixar a arma, com ar distraído. — Ela é abençoada — sussurrou. — E eu sou o seu único filho. Eu sou a sua luz.

— Ela quer ver você, agora. — *Mais um passo*, pensou Eve. *Só mais um passo*. Tudo o que precisava fazer era afastar a arma de atordoar de perto dele.

— Ela me disse quais são os planos de Deus. — A arma se firmou de novo na mão dele e Eve congelou. — Devo matar vocês! Deus exige este sacrifício. Primeiro ele! — afirmou, com um sorriso manhoso, enquanto apontava a arma para Summerset.

— Espere! — Por instinto, Eve se lançou na frente do raio e recebeu o golpe em cheio. O choque em seu corpo foi tão forte ao percorrer o seu sistema nervoso que ela caiu no chão como um trapo. Seu corpo se esqueceu de como respirar e seus olhos se esqueceram de como ver. Toda a



dor se fora. Ela nem mesmo sentiu o momento em que ele chutou suas costelas, enquanto praguejava, gritava e corria pela sala.

— Você sempre tem que estragar tudo. Tudo! — reclamou de forma bombástica, empurrando uma das mesas de pernas para o ar junto com um lindo e antiquíssimo vaso Ming. — Trapaceira! Puta! Pecadora! Até mesmo sua arma é de qualidade inferior. Olhe só para isso... é patético! Você tem que aumentar a potência da arma de forma manual. Tudo bem, tudo bem... para que matá-la logo de uma vez?

— Ela precisa de um médico! — disse Summerset. Sua respiração falhava e seus braços e pulsos estavam feridos e trêmulos pela luta contra as cordas. — Ela precisa de cuidados médicos!

— Eu poderia ter sido médico, como meu tio queria, mas não foram esses os planos de Deus. Minha mãe sabia disso. Ela sabia disso. Meu pai me amou, ele me deu tudo. Então, foi tomado de nós. A vingança é minha, diz o Senhor. Eu sou Sua vingança.

Estremecendo de tanta dor, Eve se virou de lado. Se ia morrer, pelo menos queria ter a última palavra.

— Você é apenas uma ferramenta defeituosa e patética usada por uma mulher que se importava mais consigo mesma do que com o próprio filho. Agora vocês dois vão passar o resto de suas vidas atrás das grades.

— Deus vai me indicar um rumo, vai direcionar meu caminho... — Liam caminhou até onde Eve estava e parou em pé ao seu lado, com a arma apontada para ela, preparada para força máxima — ...assim que eu enviar você para o inferno.

Eve manteve os olhos abertos e deu um chute para o alto com o resto de forças que lhe restavam. O chute o atingiu na altura do joelho, fazendo-o dar um passo para trás, meio desequilibrado. Ao mesmo tempo, ela aproveitou a oportunidade e se impulsionou para cima, com a esperança de conseguir agarrar a arma de sua mão. Mas o ruído agudo de um raio atordoador veio da porta da sala, lançando Liam contra a parede.

Seu corpo começou a se sacudir convulsivamente, executando uma dança que ela já vira antes. Seu sistema nervoso entrou em colapso e ele continuou balançando como um fantoche descontrolado, até se desligar de todo.

Escorregou lentamente para o chão, e Roarke entrou correndo na sala.

— Fim de jogo — disse Eve, com a voz sem expressão. — Amém.

— Ah, meu Deus, Eve, olhe só para você... você está um desastre!

Pequenos círculos de luz dançavam em torno de seu campo de visão, de modo que ela mal conseguiu ver o rosto de Roarke quando ele se lançou ao seu lado.

— Eu quase o peguei!

— Claro. — No instante em que ele a ajudou a se levantar e a embalou nos braços, ela desmaiou.

— Claro que sim.

Ao voltar a si, já estava sobre o sofá, com Summerset ao lado; ele tratava do ferimento em seu braço com muita eficiência.

— Ei, sai de perto de mim! — reagiu ela ao vê-lo.

— Isso precisa de cuidados. A senhora sofreu um ferimento muito grave, mas Roarke parece acreditar que a senhora vai cooperar mais se ficar aqui do que se for a um centro médico.

— Tenho que dar o alarme do que aconteceu aqui.

— Mais alguns minutos não farão a mínima diferença. O rapaz não vai ficar menos morto do que está.

Eve fechou os olhos, cansada e abatida demais para brigar. O lado do seu corpo parecia gritar de agonia, e o que quer que Summerset estivesse fazendo com o seu braço parecia apenas aumentar ainda mais a tortura.

Suas mãos eram tão gentis como as de uma mãe que cuida do filho, mas ele sabia que ela sentia dor.

— A senhora salvou a minha vida. Pulou na frente do raio que estava destinado a mim. Por quê?

— Esse é o meu trabalho, não leve para o pessoal. De qualquer modo, a arma nem estava ligada em força máxima. Ai, merda!... — Um gemido lhe escapou pelos dentes cerrados. — Sou tira há dez anos. É a primeira vez que recebo uma descarga de raio atordoante no corpo. Puxa, isso dói à beça, em toda parte e ao mesmo tempo. Onde está Roarke?

— Ele já vem. — De forma instintiva, ele afastou as pontas dos cabelos de Eve que estavam grudados em sua testa. — Não fique se contorcendo, pois isso só vai lhe trazer mais desconforto.

— Isso é impossível. — Abrindo os olhos novamente, olhou para ele. — Fui eu que apertei o gatilho da arma que matou Liam Calhoun. Atirei antes de Roarke entrar na sala. Você compreendeu bem?

Summerset olhou para ela, analisando-a por algum tempo. A dor estava impressa em seus olhos, e devia estar atravessando-a por dentro, atingindo todo o seu organismo, mas ela só pensava em Roarke.

— Sim, tenente, compreendi.

— Não, não foi você quem o matou — corrigiu Roarke. — Summerset, espero que você faça

uma declaração clara e precisa de tudo o que viu. Não quero que você seja obrigada a enfrentar uma bateria de testes psicológicos, Eve. Não por causa disso. Vamos lá... agora você precisa se sentar para beber um pouco disso.

— Você nem mesmo devia estar portando essa arma. Isso só vai complicar as coisas. Onde conseguiu a arma, afinal?

— Você a entregou para mim. — Sorriu enquanto a ajeitava no encosto, com o braço amparando-lhe o pescoço. — Foi a sua arma extra. Eu não a devolvi.

— Havia me esquecido dela.

— Não creio que as autoridades venham me causar problemas por causa disso. Agora beba.

— O que é isso? Eu não quero.

— Não seja criança... é só um relaxante. Leve, eu garanto. Vai ajudar a acalmar a dor.

— Não, eu... — Ela engasgou um pouco quando Roarke simplesmente forçou um pouco do líquido para dentro de sua boca. — Preciso dar o alarme sobre o que aconteceu.

— Summerset... — Suspirou Roarke. — Será que você poderia entrar em contato com o comandante Whitney para lhe contar tudo o que aconteceu aqui esta noite?

— Sim. — Depois de hesitar um pouco, pegou o pano ensopado de sangue e agradeceu: — Sou muito grato à senhora pelo que fez, tenente, e sinto profundamente que tenha sido atingida no cumprimento do dever.

— Acho que preciso ser atingida assim em cheio mais vezes — cochichou ela depois que Summerset saiu. — Ele nem fez aquela cara de desdém.

— Ele me contou tudo o que aconteceu, e disse que você é a mulher mais corajosa e tola que ele jamais conheceu. No momento, concordo com ele.

— É... bem, todos escapamos com vida. Vou tomar o restinho desse calmante agora que ele foi embora. O braço já começou a melhorar, mas o lado do corpo é que está me matando...

— É que você levou um chute nas costelas. — Com carinho, ele a levantou mais um pouco e a empurrou para o lado, a fim de poder sentar ao seu lado e recostá-la de encontro a ele. — Minha corajosa e tola tira. Eu amo você.

— Eu sei. Ele só tinha dezenove anos, Roarke.

— O Mal não é território exclusivo dos adultos.

— Não. — Fechou os olhos ao sentir que a dor ia sumindo em meio a um embotamento completo

dos sentidos. — Eu queria pegá-lo vivo. Você o queria morto. Ele mesmo fez a maré virar a favor de você. — Ela virou a cabeça. — De qualquer modo, você o teria matado.

— Quer que eu negue essa afirmação? — Ele baixou os lábios e os fez repousar em cima da sobrançelha dela. — A justiça é fraca e tênue sem o suporte do castigo.

Ela suspirou e deixou a cabeça repousar, tornando a fechar os olhos.

— O que diabo nós dois estamos fazendo juntos, afinal, hein?

— Compartilhando vidas que, de vez em quando, nos oferecem momentos muito interessantes. Minha querida Eve, eu não modificaria um só desses momentos.

Ela olhou para a área devastada em que se transformara a linda sala de estar e observou o rapaz no chão, com a vida desperdiçada. Sentiu então os lábios de Roarke roçando em seus cabelos e concordou com ele.

— Nem eu.